



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

ALEX JUNIOR DOS SANTOS NARDELLI

**ESTUDO SOCIOESTILÍSTICO DA ALTERNÂNCIA PRONOMINAL
ENTRE *NÓS* E A *GENTE* NO PORTUGUÊS FALADO NO NOROESTE
PAULISTA**

São José do Rio Preto
2021

ALEX JUNIOR DOS SANTOS NARDELLI

**ESTUDO SOCIOESTILÍSTICO DA ALTERNÂNCIA PRONOMINAL
ENTRE *NÓS* E A *GENTE* NO PORTUGUÊS FALADO NO NOROESTE
PAULISTA**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Processo n. 88882.180776/2018-01

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite
Gonçalves

São José do Rio Preto
2021

N223e

Nardelli, Alex Junior dos Santos

Estudo socioestilístico da alternância pronominal entre nós e a gente no português falado no noroeste paulista / Alex Junior dos Santos Nardelli. -- São José do Rio Preto, 2021

170 f. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves

1. Variação linguística. 2. Interior Paulista. 3. Estilo. 4. Alternância pronominal. 5. Primeira pessoa do plural. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ALEX JUNIOR DOS SANTOS NARDELLI

**ESTUDO SOCIOESTILÍSTICO DA ALTERNÂNCIA PRONOMINAL
ENTRE *NÓS* E A *GENTE* NO PORTUGUÊS FALADO NO NOROESTE
PAULISTA**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Processo n. 88882.180776/2018-01

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves – Orientador
UNESP – Universidade Estadual Paulista

Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli – Titular
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio – Titular
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira - Suplente
UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Anna Flora Brunelli – Suplente
UNESP – Universidade Estadual Paulista

São José do Rio Preto
28 de maio de 2021

Pelo amor incondicional, dedico meu trabalho:

A meu pai *Joaquim Luiz Nardelli*.

A minha mãe *Bernadete de Fátima Nardelli*.

A minha irmã *Raissa Cristina dos Santos Nardelli*.

E a meu irmão *Guilherme Gustavo dos Santos Nardelli*.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Yemonjá, pela vida.

A meus pais, Joaquim Luiz Nardelli e Bernadete de Fátima Nardelli, pelo amor, pelo carinho e pelo apoio absoluto. Seus esforços criaram não apenas um bom filho, mas, também, um bom profissional.

A meus irmãos, Gustavo Nardelli e Raissa Nardelli, por me ensinarem o valor da irmandade e do respeito.

À Unesp e ao Ibilce, por terem me proporcionado momentos inesquecíveis.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL).

Ao Professor Doutor Sebastião Carlos Leite Gonçalves, meus mais sinceros e respeitosos agradecimentos. Mesmo diante de muitas dificuldades, durante a execução deste trabalho, jamais me abandonou; pelo contrário, motivado por um anseio profissional e acadêmico, sempre me incentivou a continuar e acreditou no meu potencial, mesmo quando a esperança para mim não passava de um conjunto de letras sem significado.

Ao Professor Doutor Cassio Rubio e à Professora Doutora Caroline Biazolli, agradeço pela disponibilidade e pela atenta leitura e avaliação deste trabalho. Suas contribuições acrescem, substancialmente, a conclusão dessa pesquisa.

Aos professores Edson Rosa, Araguaia Roque, Patrícia Bedran, Vivian Orsi, Marta Kfourri, Roberto Camacho, Júlio Cesar Torres, Anna Flora, Paula Tavares, Cláudia Nigro e Lívia Oushiro, por todo apoio e conhecimento compartilhado em diversos momentos da minha trajetória acadêmica dentro e fora da sala de aula.

Aos meus grandes amigos: Augusto Teixeira, Breno Blundi, Dayane Boracini, Everaldo Souza, Flávio Silva, Gabriel Brito, Giovanni Ventura, Isaque Correia, Jéssica Camila, Joice Lopes, Júnior Albuquerque, Leon Luth, Ricardo Oliveira, Shilton Valentin, Val, Vanessa Freitas, Verônica Rossafa, Viviane Freitas e Thiago Baltazar por todas as conversas, conselhos e momentos em que estivemos juntos. Em especial, agradeço à Marta Cruz, uma grande (mesmo sendo tão pequena) e inesquecível amiga, que, ainda tão distante, sempre esteve tão próxima, e a Gustavo Andrade, por todo apoio acadêmico e pessoal. Nossas conversas e seus conselhos nunca serão esquecidos e, certamente, contribuiram com a conclusão desta dissertação.

À Capes, pelo auxílio concedido. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*Todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser
Todo verbo é livre para ser direto e indireto
Nenhum predicado será prejudicado
Nem tão pouco a frase, nem a crase, nem a vírgula e ponto final!
Afinal, a má gramática da vida nos põe entre pausas, entre vírgulas
E estar entre vírgulas pode ser apostrofo
E eu apostrofo o oposto
Que vou cativar a todos
Sendo apenas um sujeito simples
Um sujeito e sua oração, sua pressa, sua prece.*

(Sintaxe à vontade – Teatro Mágico)

RESUMO

Com base nas fundamentações da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), nos estudos sobre variação estilística/discursiva (HORA, 2014; GÖRSKI et. al., 2014; FREITAG, 2009) e estilo (LABOV, 1972; ECKERT, 1989; 2012; 2005), este trabalho apresenta resultados da análise da alternância pronominal (AP) de 1ª pessoa do plural (1PP) no português falado no interior paulista, considerando-se os dois tipos de amostra que compõem o banco de dados Iboruna do Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista: *Amostra Censo* (AC), gravada com o consentimento prévio dos informantes e, portanto, com maior grau de monitoramento da fala, e *Amostra de Interação* (AI), gravada secretamente, com consentimento posterior dos informantes e, portanto, com menor grau de monitoramento da fala. A análise do fenômeno variável feita com base na avaliação dos desempenhos individuais dos informantes de AC e AI busca averiguar quanto o grau de monitoramento da fala que emerge das diferenças estilísticas das amostras de fala coletadas e dos diferentes perfis sociais dos informantes influenciam na aplicação da regra variável. Procedemos à análise da AP entre *nós* e *a gente*, partindo do pareamento dos mesmos perfis sociais dos informantes de AI e de AC, de modo a verificar o quanto, de fato, o monitoramento da fala interfere no desempenho/estilo linguístico individual dos informantes. A hipótese, não comprovada, parte do princípio de que em estilos de fala menos monitorados, como é o caso de AI, certos perfis sociais manifestariam mais emprego da variante inovadora *a gente* quando comparados aos mesmos perfis sociais de AC, que preservariam mais o uso da variante conservadora *nós*. Partindo da concepção de que os resultados da análise de um fenômeno variável para uma comunidade de fala generalizam e minimizam o desempenho individual dos informantes, o presente estudo aponta resultados sociolinguísticos diferentes dos encontrados para a análise da comunidade de fala, uma vez que, na análise dos diferentes estilos individuais dos perfis sociais de AI, o emprego da variante *nós* predomina sobre o de *a gente*, com acentuada diferença em relação aos mesmos perfis sociais de AC. Esse resultado geral inova diante da consideração de variáveis discursivas/estilísticas na análise da AP de 1PP e permite concluir que (i) a variante inovadora *a gente* está completamente encaixada no sistema linguístico e social da variedade falada no interior paulista, tendo em vista que resultados para as variáveis formais não diferem daqueles alcançados para o estudo de comunidade de fala (RUBIO, 2012); (ii) a variante inovadora frente à conservadora não pode ser considerada um indexador social; (iii) não é mais possível sustentar que haja diferença de *status* entre as variantes *nós* e *a gente* e (iv) para uma abordagem socioestilística do fenômeno, variáveis discursivas são mais relevantes do que variáveis estruturais.

Palavras-chave: *Variação Linguística; Interior Paulista; Estilo; Alternância pronominal; Primeira pessoa do plural.*

ABSTRACT

Based on the foundations of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), on the studies on stylistic/discursive variation (HORA, 2014; GÖRSKI et. al., 2014; FREITAG, 2009) and style (LABOV, 1972; ECKERT, 1989; 2012; 2005), this work presents the results of the analysis of the first-person plural (1PP) pronominal alternation (AP) in Portuguese spoken in São Paulo, considering the two types of sample that make up the Iboruna database of the ALIP Project - Linguistic Sample of São Paulo State: Census Sample (AC), recorded with the prior consent of the informants and, therefore, with a higher degree of speech monitoring, and Interaction Sample (AI), secretly recorded, with the subsequent consent of the informants and, therefore, with a lower degree of speech monitoring. The analysis of the variable phenomenon made based on the evaluation of the individual performances of AC and AI informants seeks to ascertain how much the degree of speech monitoring that emerges from the stylistic differences of the collected speech samples and the different social profiles of informants influence the application of the variable rule. We analyzed the AP between “nós” and “a gente”, starting from the pairing of the same social profiles of AI and AC informants, in order to verify how much, in fact, speech monitoring interferes with the performance/linguistic style of individual informants. The unproven hypothesis assumes that in less monitored speech styles, such as AI, certain social profiles would show more use of the innovative variant to “a gente” when compared to the same social profiles of AC, that would further preserve the use of the conservative variant to “nós”. Based on the concept that the results of the analysis of a variable phenomenon for a speech community generalize and minimize the individual performance of informants, the present study points out sociolinguistic results different from those found for the analysis of the speech community, since, in the analysis of the different individual styles of the social profiles of AI, the use of the variant “nós” predominate over that of “a gente”, with marked difference in relation to the same social profiles of AC. This general result innovates due to the consideration of discursive/stylistic variables in the analysis of the AP of 1PP and allows to conclude that (i) the innovative variant “a gente” are completely embedded in the linguistic and social system of the variety spoken in the interior of São Paulo, taking into account that results for formal variables do not differ from those achieved for the speech community study (RUBIO, 2012); (ii) the innovative variant compared to the conservative variant cannot be considered a social indexer; (iii) it is no longer possible to maintain that there is a difference in status between the nodes and people variants and (iv) for a sociostylistic approach to the phenomenon, discursive variables are more relevant than structural variables.

Keywords: *Linguistic Variation; Interior Paulista; Style; Pronominal alternation; First person plural.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELAS

	Página
Tabela 1 - Porcentagem de (r-1) total por loja nas quatro posições de /r/	25
Tabela 2 - Distribuição de /r/ por idade estimada	25
Tabela 3 - O fator faixa etária sobre o uso de <i>a gente</i> (OMENA, 2003)	41
Tabela 4 - O uso de <i>a gente</i> segundo a faixa etária (OMENA, 2003)	42
Tabela 5 - Saliência fônica e uso de <i>a gente</i> vs. <i>nós</i> (OMENA, 2003)	43
Tabela 6 - Uso de <i>a gente</i> vs. <i>nós</i> e tempo verbal (OMENA, 2003)	43
Tabela 7 - Paralelismo e uso de <i>a gente</i> vs. <i>nós</i> (OMENA, 2003)	44
Tabela 8 - Frequência de <i>a gente</i> e <i>nós</i> em duas cidades mineiras (MAIA, 2003)	46
Tabela 9 - Fatores sociais relevantes no uso de <i>a gente</i> em Goiás (MATTOS, 2013)	48
Tabela 10 - Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> no Interior Paulista (RUBIO, 2012)	50
Tabela 11 - Frequência da variável <i>saliência fônica</i> em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)	51
Tabela 12 - Frequência da variável <i>grau de determinação do sujeito</i> em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)	52
Tabela 13 - Frequência da variável <i>tempo-modo verbal</i> em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)	52
Tabela 14 - Frequência da variável <i>faixa etária</i> em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)	53
Tabela 15 - Frequência da variável <i>escolaridade</i> em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)	54
Tabela 16 - Frequência da variável <i>gênero/sexo</i> em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)	54
Tabela 17 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nos perfis sociais pareados de AI e AC	79
Tabela 18 - Perfis sociais selecionados de AC e AI cujos informantes apresentam AP de 1PP	79
Tabela 19 - Comparação da frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	102
Tabela 20 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>sexo/gênero</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	105
Tabela 21 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>faixa etária</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	108
Tabela 22 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>escolaridade</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	109
Tabela 23 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>paralelismo linguístico</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	111
Tabela 24 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>saliência fônica verbal</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	113
Tabela 25 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>tempo/modo verbal</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	116

Tabela 26 -	Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>função sintática do pronome</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	121
Tabela 27 -	Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>grau de determinação do referente pronominal</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	123
Tabela 28 -	Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>sequência discursiva</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	128
Tabela 29 -	Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>tópico discursivo</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	143
Tabela 30 -	Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>relação entre informantes</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	148
Tabela 31 -	Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para a variável <i>controle linguístico</i> nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI	153

QUADROS

	Página	
Quadro 1 -	Caracterização das lojas de departamento de Nova York	24
Quadro 2 -	Caracterização dos indivíduos segundo a teoria “Audience Desing”	33
Quadro 3 -	Comparação entre os dois padrões dos pronomes pessoais + CV no PB	38
Quadro 4 -	Distribuição e identificação dos informantes de AC por variáveis sociais	60
Quadro 5 -	Distribuição dos perfis sociais de AC proporcionais à densidade populacional das cidades da região de São José do Rio Preto	61
Quadro 6 -	Distribuição dos perfis sociais da Amostra Censo por cidade da Região	61
Quadro 7 -	Informações sobre as interações dialógicas de AI	63
Quadro 8 -	Identificação dos perfis sociais de informantes de AI	66
Quadro 9 -	Perfis sociais dos 28 informantes das 11 interações dialógicas da AI	70
Quadro 10 -	Perfis sociais selecionados de AC	71
Quadro 11 -	Pareamento dos perfis sociais e dos informantes de AC e de AI	72
Quadro 12 -	Convenção de normas de transcrição do Projeto ALIP: <i>grafia de palavras</i>	75
Quadro 13 -	Convenção de normas de transcrição do Projeto ALIP: <i>aspectos morfofonológicos</i>	76
Quadro 14 -	Convenção de normas de transcrição do Projeto ALIP: <i>elementos prosódicos</i>	76
Quadro 15 -	Convenção de normas de transcrição do Projeto ALIP: <i>aspectos da interação</i>	77
Quadro 16 -	Convenção de normas de transcrição do Projeto ALIP: <i>comentários do transcritor</i>	78
Quadro 17 -	Envelope de variação da AP entre <i>nós</i> x <i>a gente</i> em AC e AI	83
Quadro 18 -	Distribuição dos informantes de AC e de AI por sexo/gênero	85
Quadro 19 -	Distribuição dos informantes de AC e de AI por faixa etária	85
Quadro 20 -	Distribuição dos informantes de AC e de AI por nível de escolaridade	86

Quadro 21 -	Comparativo dos resultados de AP de 1PP no estudo de comunidade e no de estilo para a variável <i>sexo/gênero</i>	107
Quadro 22 -	Comparativo dos resultados de AP de 1PP no estudo de comunidade e no de estilo para a variável <i>faixa etária</i>	108
Quadro 23 -	Comparativo dos resultados de AP de 1PP no estudo de comunidade e no de estilo para a variável <i>escolaridade</i>	110
Quadro 24 -	Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 001	149
Quadro 25 -	Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 002	150
Quadro 26 -	Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 003	151
Quadro 27 -	Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 004	155
Quadro 28 -	Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 005	156
Quadro 29 -	Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 006	157

FIGURAS

	Página	
Figura 1 -	Mapa de Martha's Vineyard de 1961	21
Figura 2 -	Região de abrangência das amostras do banco de dados Iboruna	59
Figura 3 -	Localização dos informantes de AC na região noroeste de SP	73
Figura 4 -	Localização dos informantes de AI da região noroeste de SP e de outras localidades	74

GRÁFICOS

	Página	
Gráfico 1 -	Alternância entre <i>nós</i> e <i>a gente</i> em variedades do PB (em %)	39

LISTA DE SIGLAS

1PP	- Primeira pessoa do plural
3PP	- Terceira pessoa do plural
AC	- Amostra Censo
AI	- Amostra de Interação
AP	- Alternância pronominal
BDI	- Banco de dados Iboruna
CV	- Concordância verbal
DE	- Relato de descrição
NE	- Narrativa de experiência pessoal
NR	- Narrativa recontada
PB	- Português Brasileiro
RO	- Relato de opinião
RP	- Relato de procedimento
WLH	- Weinreich, Labov e Herzog

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1. O PROGRAMA DE PESQUISA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	18
2.1.1. Trabalhos pioneiros de Labov: Martha's Vineyard e lojas de departamento de Nova York	20
2.1.2. Os fundamentos empíricos da variação e da mudança e o enfrentamento de dois problemas no estudo da alternância pronominal	26
2.2. A CONCEPÇÃO DE ESTILO NOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS	31
3. CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO	37
3.1. USO VARIÁVEL DA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO NO PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	37
3.2. PADRÕES DE ALTERNÂNCIA PRONOMINAL ENVOLVENDO PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	40
3.2.1. Fenômeno da alternância pronominal envolvendo primeira pessoa do plural no português brasileiro	40
3.2.2. Fenômeno da alternância pronominal envolvendo primeira pessoa do plural no português do interior paulista	50
4. METODOLOGIA DA PESQUISA	58
4.1. PROJETO ALIP – AMOSTRA LINGUÍSTICA DO INTERIOR PAULISTA	58
4.1.1. Banco de dados Iboruna: Amostra Censo (AC) e Amostra de Interação (AI)	59
4.1.1.1. Amostra Censo (AC)	60
4.1.1.2. Amostra de Interação (AI)	62
4.1.2. Diferença estilística entre AC e AI	64
4.1.2.1. A quantidade de gravações e de informantes de cada amostra	65
4.1.2.2. Tipo de gravação e o controle dos tópicos discursivos	67
4.1.2.3. Local de gravação	68
4.1.2.4. A atenção dos falantes e seus desempenhos linguísticos	68
4.2. CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES E PAREAMENTO DOS PERFIS SOCIAIS SELECIONADOS DA AMOSTRA CENSO E DA AMOSTRA DE INTERAÇÃO	69
4.2.1. Os perfis sociais e os informantes selecionados em AC e AI	70
4.3. O SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO DO PROJETO ALIP.....	74
4.4. CONTEXTOS INVESTIGADOS: SELEÇÃO DE INFORMANTES E DESCRIÇÃO	78
4.4.1. Seleção dos perfis sociais para a alternância pronominal entre <i>nós</i> e <i>a gente</i>	78
4.4.2. Contextos considerados para análise da alternância pronominal de 1PP	80
4.4.3. Contextos descartados na análise da da AP de 1PP	81
4.5. FATORES INVESTIGADOS PARA A EXPRESSÃO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	82

4.5.1. <i>Variáveis sociais</i>	83
4.5.2. <i>Variáveis linguísticas formais</i>	86
4.5.2.1. Paralelismo linguístico	87
4.5.2.2. Saliência fônica verbal	88
4.5.2.3. Tempo e modo verbal	89
4.5.3. <i>Variáveis linguísticas discursivas</i>	90
4.5.3.1. Grau de determinação do referente pronominal	91
4.5.3.2. Sequência discursiva	92
4.5.3.3. Tópico discursivo	95
4.5.3.4. Relação de proximidade entre os interlocutores	96
4.5.3.5. Grau de formalidade do contexto discursivo	97
5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DO DADOS	101
5.1. PADRÕES DE ALTERNÂNCIA PRONOMINAL DE 1º PESSOA DO PLURAL: ANÁLISE DAS INFLUÊNCIAS DOS ESTILOS DISCURSIVOS NOS DESEMPENHOS LINGUÍSTICOS INDIVIDUAIS DE AC E AI	101
5.1.1. Frequência da AP envolvendo 1PP entre os informantes de AC e AI	101
5.1.2. <i>Variáveis sociais</i>	104
5.1.2.1. Sexo/gênero	105
5.1.2.2. Faixa etária	107
5.1.2.3. Escolaridade	109
5.1.3. <i>Variáveis linguísticas formais</i>	110
5.1.3.1. Paralelismo linguístico	111
5.1.3.2. Saliência fônica verbal	112
5.1.3.3. Tempo e modo-verbal	115
5.1.3.4. Função sintática do pronome	120
5.1.4. <i>Variáveis linguísticas discursivas</i>	122
5.1.4.1. Grau de determinação do referente pronominal	122
5.1.4.2. Sequência discursiva	127
5.1.4.3. Tópico discursivo	142
5.1.4.4. Relação de proximidade entre os interlocutores	147
5.1.4.5. Grau de formalidade do contexto discursivo	151
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS	164

1. INTRODUÇÃO

Considerando a história da pesquisa Sociolinguística no Brasil, os estudos variacionistas têm avançado fortemente na análise e na descrição das mais diferentes variedades do português brasileiro (PB). Mesmo com o notório avanço da área, a Sociolinguística caminha ainda a passos vagarosos, no que diz respeito à descrição das variedades paulistas, estando, portanto, em dívida com a composição de um retrato sociolinguístico mais amplo do PB falado no interior de São Paulo (GONÇALVES, 2012).

Em um balanço crítico das pesquisas variacionistas realizadas no estado de São Paulo, Gonçalves (2012) apresenta um panorama dos projetos e dos grupos ativos nas universidades públicas que, com suas especificidades, colaboram de forma significativa para uma descrição mais ampla do português falado no interior do estado. O Projeto ALIP se instituiu na Unesp, Câmpus de São José do Rio Preto, com a composição do Banco de dados Iboruna (BDI), para o qual foram coletadas amostras de fala do português falado no noroeste paulista. Essas amostras organizam-se em dois tipos diferentes: (i) Amostra Censo (AC) e (ii) Amostra de Interação (AI). O primeiro tipo de amostra, AC, é proveniente de um censo sociolinguístico realizado na região de São José do Rio Preto, que registra diferentes tipos de textos orais: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de opinião (RO), relato de procedimento (RP) e descrição (DE). Por sua vez, a AI registra interações dialógicas entre dois ou mais informantes, gravadas secretamente em contextos livres, sem o controle de variáveis sociais (GONÇALVES, 2007).

Na literatura sociolinguística dos fenômenos variáveis estudados no interior paulista, há uma maior tendência de uso da AC; dentre os fenômenos variáveis já investigados (SANTOS, 2005; RUBIO, 2008; 2012; FERREIRA, 2010; SALOMÃO, 2010, para citar apenas alguns), a Alternância Pronominal (AP) entre *nós* e *a gente*, tema desta dissertação, já foi estudada na variedade paulista, considerando apenas as amostras de fala socialmente estratificadas em AC (RUBIO, 2012). Em (1), seguem ocorrências exemplificativas do fenômeno da AP entre *nós* e *a gente*.

(1) Alternância pronominal entre *nós* e *a gente* em AC ((1a), (1b)) e AI ((1c), (1d))

(a) ai na:: quinta-feira eu tava passando na:: frente na casa dela... ela me viu me chamô(u)... aí nós ficamo(s) lá na rua conversan(d)o... aí ela tava me contan(d)o tal que

eles tinham termina::do que ela tava muito tris::te... eu tam(b)ém fiquei triste eu falei –
 “ah porque eu gosto dela... num quero vê(r)... ela sofren::do né?” –
 (AC-022; NR; L.235-240)

(b) mas... ela ainda tem muita esperança em:: em voltá(r) com ele assim... mas num sei
 né? se isso vai acontecê(r) porque eu acredito que eles num::... num tem mais volta mas
 tudo bem eu tava conversando com ela... que ela tá muito tris::te... pensan(d)o muita
 bobe::(i)ra falan(d)o muita bobe::(i)ra então acho que nessa hora a gente tem que
 ajudá(r) né? tá conversan(d)o sempre com ela... sei lá foi o último fato que...
 (AC-022; NR; L.239-245)

(c) Inf.2: aí no conselho tutelar eu fui... e::/ fui lá no conselho tutelar e eles foram lá...
 aí ela falô(u) pra mim óh ela falô(u) –“óia como:: a menina tá assim”–... tava recém
 operada ela ⁴⁹[tava] ⁴⁹[Inf.1: aham ((concordando))].... tinha acabado de sair do Hospital
 de Base... [Inf.1: sei] aí eles falô(u) pra mim –“então nós vai mandá(r) uma intimação
 pra ele... pa vê(r) que que ele acha porque num é justo ele ficá(r) na casa e a senhora
 saí(r)... praticamente sem ⁵⁰[tê(r)] pra onde í(r)”–
 (AI 009; Inf. 2; 233-239)

(d) Inf.2: faz uma semana que eu tô... com nan/... minha mãe TEM dois cômodo só e tá
 eu e os três menino e minha mãe
 Inf.1: na casa
 Inf.2: na casa da minha mãe
 Inf.1: e você num fez o boletim de ocorrência quando ele chegô(u) lá nada?
 Inf.2: não porque a gente faz o boletim de ocorrência é a mesma coisa de num fazê(r)
 da o(u)tra vez ele quase me matô(u)
 (AI 009; Inf. 2; 21-29)

No contexto das pesquisas que investigam o mesmo fenômeno da AP, é nítida a ausência de investigação em amostras de fala como as de AI, com menor grau de monitoramento da fala por parte de participantes engajados em interações dialógicas espontâneas. Assumindo, então, a AP de primeira pessoa do plural na fala do noroeste paulista como objeto de estudo desta pesquisa, pretendemos focar, especificamente, o desempenho de perfis sociais individuais, comparando-os a partir das amostras disponíveis em AC e AI, o que nos permitirá analisar como diferentes contextos discursivos interferem na aplicação dessa regra variável. Assumindo esse como objetivo principal, devemos salientar, então, que o foco de nossa pesquisa é analisar os diferentes padrões variáveis da AP com primeira pessoa do plural, considerando o modo de desenvolvimento da interação e o grau de monitoramento que emerge desses diferentes contextos discursivos, uma vez que esse é o principal fator que diferencia as duas amostras do BDI. Enquanto na constituição de AC, as entrevistas sociolinguísticas foram coletadas com o consentimento prévio do informante, e, por isso, pode não representar fielmente a língua falada diariamente pelo fato de o informante dispensar maior grau de atenção a sua fala, na constituição de AI, ao contrário, as gravações das interações dialógicas foram feitas

secretamente, com consentimento posterior dos participantes, e, por isso, registram desempenhos linguísticos mais próximos da fala cotidiana, com menor grau de monitoramento.

Labov (2008)¹ afirma que a atenção prestada à fala estaria no cerne do tratamento do estilo, uma vez que o falante altera seu modo de falar em decorrência do ambiente de interação (estilos informais, de cuidado, de leitura, de afetividade etc.). Assim, avaliar o estilo discursivo é tentar investigar os diferentes aspectos que interferem na realização do discurso, tais como, o grau de monitoramento da fala, a orientação a uma audiência, os fatores identitários, dentre outros aspectos. Nesta pesquisa, assumimos a noção de que o estilo é um fator identitário dos falantes e pode ser compreendido como os diferentes modos e novos modos de falar (ECKERT, 2005), tratando-se, portanto, de um processo criativo, uma conjunção de traços linguísticos e discursivos, influenciados pelo ambiente de interação e condutores da construção de uma personalidade em um determinado contexto dialógico.

Diante do objetivo estabelecido para a pesquisa, nossa hipótese é a de que os diferentes graus de monitoramento da fala em AC e AI podem interferir no desempenho dos perfis sociais individuais. Em outras palavras, tomamos como ponto de partida a ideia de que em estilos de fala menos monitorados, como é o caso de AI, certos perfis sociais manifestariam mais emprego da variante inovadora *a gente* quando comparados aos mesmos perfis sociais de AC, que preservariam mais o uso da variante conservadora *nós*. Essa hipótese se fundamenta na percepção de que os resultados da análise de um fenômeno variável para uma comunidade de fala generalizam e minimizam o desempenho individual dos informantes, o que poderia apontar resultados sociolinguísticos diferentes dos encontrados para a análise do estilo individual.

A hipótese formulada para a pesquisa requer um entendimento do que se pode assumir como norma *padrão*, *culta* e *popular*. Em concordância com Araujo (2008), a norma padrão, definida por regras prescritivas não necessariamente coincide com o que se deve considerar como norma culta, uma vez que essa, embora associada à fala de grupo social, que, segundo Coelho et. al. (2010), faz parte das camadas mais altas da pirâmide social, sofre menos influência das prescrições gramaticais, justamente por estar mais associada à modalidade oral, ponto que a aproxima de uma norma popular, também desvinculada dos padrões normativos estabelecidos para a língua, mas de uso de segmentos sociais das camadas mais baixas da pirâmide social.

Ainda nessa distinção entre padrão, culto e popular, deve-se considerar, ainda segundo Araujo (2008, p. 6), que “[...] alguns usos inovadores encontrados na modalidade culta oral não

¹ Nesta dissertação, será utilizada a tradução de *Sociolinguistic patterns*, de Labov (1972), publicada em 2008.

são encontrados nas modalidades escrita literária e escrita formal.”, o que nos motiva também a considerar que, mesmo sendo considerada padrão, a forma *nós* não ocorre, obrigatoriamente, no desempenho de informantes de maior escolaridade. Assim, consideramos que tanto o pronome *nós* como *a gente* podem ocorrer na variedade culta oral, demonstrando que o valor de presítgio ou estigma social em relação a seu uso se alterou e, atualmente, ocorrem em contextos diversos. Contudo, devemos ressaltar que, mesmo desprovido de certa valorização positiva ou negativa, o emprego de uma ou outra forma é condicionado por fatores de ordem contextual, já que certos contextos discursivos, como, por exemplo, a sequência discursiva, o tópico discursivo, a relação entre os interactantes, podem orientar a escolha de uma ou de outra variante, correlações que esperamos deixar evidenciadas neste trabalho.

Situado o fenômeno e justificada nossa abordagem teórica, este trabalho estrutura-se em 5 capítulos. No primeiro, apresentamos os postulados sociolinguísticos básicos, recorrendo aos trabalhos pioneiros de William Labov (LABOV, 1966, 1972) e aos fundamentos empíricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), e a concepção de estilo nos estudos sociolinguísticos (ECKERT, 1989, 2005, 2012; GÖRSKI et al., 2014).

O segundo capítulo caracteriza o fenômeno em análise nesta dissertação, à luz dos trabalhos sociolinguísticos sobre outras variedades do PB (FERNANDES, 2004; LOPES, 1993; MAIA, 2003; MATTOS, 2013; MENDES, 2007; MENDONÇA, 2010; MUNIZ, 2007; OMENA, 1986, 1996, 2003; SEARA, 2000; VIANNA; LOPES, 2012; VITÓRIO, 2017) e sobre a variedade falada no noroeste paulista (RUBIO, 2012).

Os métodos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa são apresentados no capítulo 3 e dizem respeito: (i) ao refinamento das características estilísticas que definem e diferenciam AC e AI; (ii) ao pareamento dos perfis sociais selecionados de AC e AI que demonstram comportamento variável para o fenômeno investigado; (iii) às variáveis controladas, para as análises qualitativa e quantitativa dos dados.

Apresentamos, no quarto capítulo, os resultados de nossas análises dos dados. Discutimos, inicialmente, os dados quantitativos (a fim de discutir a relação entre as amostras) e, em seguida, os dados qualitativos, para justificar a abordagem socioestilística. Seguem, ao final, nossas considerações finais e as referências utilizadas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo trata de postulados básicos da Sociolinguística e está dividido da seguinte maneira: a seção 1.1., “O programa de pesquisa da Sociolinguística Variacionista”, versa sobre a proposta inicial de Willian Labov, tomando-se por base as principais ideias contidas em seus trabalhos pioneiros realizados na ilha de Martha’s Vineyard e nas lojas de departamentos na cidade de Nova York (seção 1.1.1.) e no trabalho seminal dos *Fundamentos empíricos da variação e da mudança*, para deste, serem extraídos dois dos problemas a serem enfrentados no estudo da alternância pronominal de primeira pessoa do plural. Por fim, a seção 1.2, “A concepção de estilo nos estudos sociolinguísticos”, trata da noção de estilo proposta em Sociolinguística e de como ela vem sendo tratada nos estudos variacionistas, tomando-se por base trabalhos já realizados, como, por exemplo, os de Penelope Eckert, Allan Bell e Willian Labov.

2.1. O PROGRAMA DE PESQUISA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística surgiu na década de 1960, com o objetivo de direcionar os estudos sobre o funcionamento da língua para um campo de investigação científico até então não considerado por outras áreas da Linguística. Em uma entrevista concedida à Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL), Labov dá o seguinte depoimento:

Quando eu comecei na Linguística, eu tinha em mente uma mudança para um campo mais científico, baseado na maneira como as pessoas usavam a linguagem na vida cotidiana. Quando eu comecei a entrevistar pessoas e gravar suas falas, descobri que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo com que a teoria padrão não estava preparada para lidar. As ferramentas para estudar a variação e a mudança sincrônica surgiram dessa situação. Mais tarde, o estudo da variação linguística forneceu respostas claras para muitos dos problemas que não eram resolvidos por uma visão discreta da estrutura linguística. (LABOV, 2007, p. 1).

Baseadas na ideia de Labov e contrárias às correntes teóricas antecedentes, as pesquisas sociolinguísticas contemplam em suas investigações os fatores sociais que impulsionam os processos de variação e de mudança existentes na língua.

À vista disso, a idealização desse novo campo de pesquisa se apresenta tendo como proposta analisar os processos de variação e de mudança a partir da consideração de fatores sociais que possam explicitar a relação entre língua e sociedade e a evolução da língua em um contexto comunicativo, pois:

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p.21).

Assim, o conceito de *variação* proposto por Labov designa um processo no qual duas ou mais formas linguísticas disputam o mesmo contexto de ocorrência, mantendo o mesmo valor referencial de significação. Segundo Labov (2008), a variação linguística é reflexo da própria estratificação social, que revela o modo como os grupos se constituem socialmente (por classe econômica e social, por sexo/gênero, por distribuição espacial, por profissão, por nível de escolaridade etc.). Dito isso, pode-se constatar que a variabilidade é um efeito inerente ao sistema e observável em todos os níveis linguísticos, sobre os quais atuam forças internas (linguísticas) e externas (sociais) ao sistema, que podem direcionar o processo de variação ou mudança.

Formas linguísticas que se alternam em um contexto específico são chamadas *variantes linguísticas*, e o conjunto dessas variantes define o que se considera como *variável linguística* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 97-100). Tomando como exemplo a expressão pronominal de primeira pessoa do plural no PB, as formas *nós* e *a gente* são consideradas variantes de uma mesma variável, porque são utilizadas de modo alternante em diferentes contextos, mas mantendo, em princípio, o mesmo significado referencial.

Quando tratamos de um processo de variação, o valor social das formas variantes se torna relevante, assim, os atributos avaliativos direcionados às formas variantes são provenientes da avaliação dos membros da comunidade e não do sistema linguístico em si (BAGNO, 2002). Por esse motivo, o uso de uma forma linguística está sempre em julgamento, mesmo que inconsciente, por parte dos usuários da língua, pois:

[a] comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas partilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de compartilhamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. (LABOV, 2008, p.150).

A avaliação das formas variantes pode ser verificada a partir da atuação dos fatores internos ou externos ao sistema linguístico. De um ponto de vista operacional, essas variáveis podem ser classificadas como *dependentes* ou *independentes*. No caso da AP de IPP investigada neste trabalho, as *dependentes* dizem respeito às formas *nós* e *a gente* (pronomes

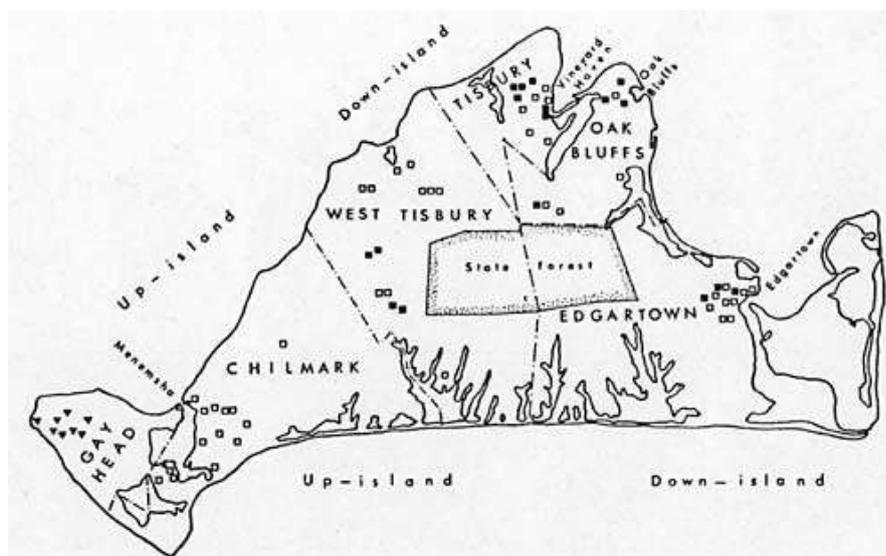
de IPP do português brasileiro), e as *independentes* como as interferências dos fatores linguísticos ou sociais na realização de uma dada regra variável, como os que propomos investigar: *sexo/gênero*, *escolaridade* e *faixa etária*, como fatores sociais; *paralelismo linguístico*; *tempo e modo verbal*; *saliência fônica verbal* e *grau de referência do sujeito*, como fatores linguísticos formais; e *sequência discursiva*; *relação entre informantes*; *tópico discursivo* e *grau de monitoramento da interação*, como fatores linguísticos discursivos a serem verificados a partir das condições que orientam a composição de cada amostra selecionada.

Como veremos na próxima seção, os fatores condicionantes são peças fundamentais para a análise sociolinguística. A exemplo dos trabalhos sociolinguísticos de Labov na ilha de Martha's Vineyard e nas lojas de departamento de Nova York, a verificação das variáveis independentes eleitas na nossa investigação da AP de IPP oferece condições para a descrição do fenômeno, de modo a ampliar o conhecimento linguístico sobre o desempenho dessa regra variável do PB e sobre os diferentes modos de interação que emergem dos contextos dialógicos.

2.1.1. Trabalhos pioneiros de Labov: Martha's Vineyard e lojas de departamento de Nova York

Com o estudo na ilha de Martha's Vineyard, Labov (1963) apresenta a Sociolinguística como novo campo de investigação linguística, porque seu objetivo era investigar as motivações internas e externas que condicionavam fenômenos variáveis na variedade vineyardense, que se afastava significativamente da variedade inglesa falada no continente.

Distante 5 km do continente, a ilha, na época possuía cerca de 6 mil habitantes distribuídos em 33 km² e dividia-se, como visto na figura 1, em duas regiões: a *up-island*, região de caráter rural e mais tradicional localizada na parte alta da ilha, e a *down-island*, região mais baixa e próxima ao porto.

Figura 1 - Mapa de Martha's Vineyard de 1961

Fonte: Labov (1963, p. 22).

À época da pesquisa, a ilha era composta basicamente por descendentes de ingleses e portugueses migrados para os Estados Unidos durante os séculos XVII e XVIII e por descendentes de indígenas, irlandeses, alemães, poloneses e franco-canadenses². Segundo Labov (1963), além de socialmente complexa, a ilha possuía algumas peculiaridades linguísticas, como a conservação de traços fonéticos do inglês americano representados pela presença do /r/ em final de sílaba e pela centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, como em: *right, out, time, cow*. Assim, o objetivo de Labov era investigar quais as possíveis forças linguísticas ou extralinguísticas condicionavam esses fenômenos variáveis.

Por ser uma região muito frequentada por veranistas, na ilha existia uma mescla de variedades linguísticas que, em determinados momentos, chegava a dificultar a identificação da variedade nativa da região. Para avaliar a variedade do inglês falado por nativos da ilha, Labov realizou um roteiro de coleta de dados que favorecesse um número real e representativo de ocorrências. As 69 entrevistas que coletou foram distribuídas em: (i) fala espontânea, (ii) fala emocionalmente carregada, (iii) fala monitorada e (iv) estilo de leitura. A coleta foi realizada entre agosto de 1961 e janeiro de 1962 e resultou em 3.500 ocorrências de /ay/ e 1.500 ocorrências de /aw/, representativas de mais de 1% da população da ilha³.

² Labov (1963) não considerou os cerca de 42.000 veranistas que ocupavam a ilha em altas temporadas.

³ De modo geral, a coleta envolveu 40 moradores da parte alta da ilha e 29 da parte baixa, divididos em diferentes subgrupos: (a) por ocupação: pescadores, agricultores, trabalhadores da construção e de serviços gerais, profissionais liberais, donas de casa e estudantes; (b) por etnia: descendentes de ingleses, descendentes de portugueses e de indígenas.

O primeiro passo da metodologia de pesquisa de Labov (1963) foi a elaboração de uma escala de medição de ditongos em seis pontos de alturas para verificar, de modo instrumental, o desempenho prosódico dos falantes. Com a avaliação estatística dessa escala, pôde ser verificado que, diferentemente dos habitantes do sul dos Estados Unidos, os de Martha's Vineyard mostraram uma complexa distribuição na centralização dos ditongos.

Alguns fatores foram pertinentes na ocorrência dessa variável, dentre os quais destacam-se o ambiente segmental, a tonicidade, a influência estilística e o item lexical. Sobre o primeiro fator, segundo o linguista, segmentos obstruentes, orais, consoantes surdas, apicais e oclusivas, favorecem a centralização do ditongo, enquanto frações líquidas, nasais, sonoras, velares e fricativas desfavorecem.

A influência estilística mostrou que os vineyardenses são indivíduos de um estilo característico de fala daquela região, ainda que as configurações discursivas pudessem alterar ligeiramente o estilo da fala e atuar sobre o item lexical, como é o caso de palavras cujos ditongos foram mais acentuadamente centrais onde normalmente não seriam, como *sliding* que, por confusão com sua forma alternativa *sledding*, poderia influenciar maior centralização do ditongo.

Na consideração dos fatores sociais, Labov pôde constatar que a centralização do ditongo variava conforme a idade do informante: as taxas de centralização aumentam de modo regular em faixas etárias sucessivas, atingindo o ápice na faixa de 31 a 45 anos, com índice de centralização acima dos 80%. A análise de outros fatores extralinguísticos revelou que falantes da parte alta da ilha (área rural) favorecem a centralização, enquanto os da parte baixa (vilarejos) não. Além disso, a ocupação profissional dos moradores da ilha influencia a centralização dos ditongos, pois níveis maiores de centralização correlacionam-se com pescadores e níveis menores, com fazendeiros, enquanto os demais grupos ficaram em níveis intermediários.

Essa primeira pesquisa de Labov permitiu a ele mapear socialmente o processo de centralização de ditongo na ilha de Martha's Vineyard, para depois correlacioná-lo a aspectos históricos e econômicos. A princípio, ele evidenciou que, embora o cenário econômico não fosse favorável aos moradores da ilha, o caminho para a ascensão econômica individual foi o turismo. O fluxo de pessoas, principalmente no verão, foi um fator que impulsionou os habitantes dos vilarejos da ilha a utilizarem suas residências como hotéis improvisados e até mesmo a venderem suas terras (principalmente as da região costeira) para os interessados do continente. Esse contexto social e econômico dominado pelo turismo agradava aos

vineyardenses da parte baixa da ilha, pois, como os vilarejos eram próximos ao porto, o fluxo de pessoas e dinheiro era maior. Por outro lado, os habitantes da parte alta não pensavam da mesma maneira: o turismo exagerado fazia com que as famílias mais tradicionais daquela região sentissem sua independência ameaçada, pois as trocas econômicas eram ligadas quase que obrigatoriamente ao turismo e a anseios de terceiros. À vista disso, Labov conclui que:

Essa transição gradual da dependência em relação aos veranistas para a submissão total a eles tem produzido reações que variam desde um desprezo ferozmente defensivo até os planos entusiastas de incrementar a economia turística. O estudo dos dados mostra que a alta centralização de (ay) e (aw) está intimamente correlacionada a expressões de grande resistência às incursões dos veranistas. (LABOV, 2008, p. 48).

O fator de resistência registrado na pesquisa era mais nítido na fala dos habitantes da parte alta, em especial na fala dos indivíduos da região de Chilmark (ver figura 1), pois foram eles os que apresentaram níveis elevados de centralização. Avaliando todo o possível conjunto de variantes, Labov registrou aproximadamente quatorze variantes fonológicas além das já investigadas. Contudo, apenas as variantes (ay) e (aw) centralizadas eram características da variedade falada pelos habitantes do alto da ilha, enquanto as variantes não centralizadas eram verificadas na fala dos habitantes dos vilarejos, principalmente na fala de jovens que não gostariam de permanecer na ilha após a escola fundamental.

Os padrões de centralização investigados na ilha estão intimamente relacionados aos diferentes status de nativo, isto é, o grau de identificação do indivíduo com sua origem foi fator importante para a presença ou ausência da centralização em alguns ditongos. Assim, podemos considerar que o trabalho de Labov na ilha de Martha's Vineyard foi um marco para o tratamento dos processos de variação e mudança linguística, pois as técnicas de investigação aplicadas demonstraram que era possível analisar as variantes além do nível puramente linguístico. Nesse caso, o tratamento dos fatores sociais deu pistas que indicaram os caminhos pelos quais Labov deveria percorrer: considerar também a história social da comunidade nas escolhas metodológicas dos estudos sociolinguísticos.

Esse estudo sociolinguístico na ilha Martha's Vineyard serviu de base para os posteriores trabalhos de Labov. Sua segunda pesquisa (LABOV, 1966) foi realizada no subúrbio de Nova York com o objetivo de investigar em que medida as diferenças sociais influenciavam o uso da consoante /r/ em posição pós-vocálica na variedade inglesa falada pelos nova-iorquinos.

Labov menciona que, no início de seus trabalhos, enfrentou algumas dificuldades metodológicas, principalmente sobre a coleta de material, pois ainda era incerto o modo de gravação e havia fatores que poderiam interferir na análise dos dados, tal como o discurso monitorado por parte dos falantes. Para resolver esse problema, a solução encontrada pelo linguista foi verificar o desempenho dos falantes em um contexto de comunicação mais próximo do cotidiano, valorizando dados linguísticos produzidos com menor cuidado e menor atenção do falante, por serem considerados dados mais fiéis ao vernáculo.

Para superar esse obstáculo, Labov (1966) definiu como contexto da pesquisa três lojas de departamento da cidade de Nova York: *Saks Fifth Avenue*, *Macy's* e *S. Klein*, caracterizadas, como segue no quadro abaixo.

Quadro 1- Caracterização das lojas de departamento de Nova York

Loja	Status	Localização
Saks Fifth Avenue	Superior	Localizada na esquina da rua 50 com a 5ª avenida, em zona comercial mais sofisticada, com lojas de alto luxo.
Macy's	Médio	Localizada na Herald Square, esquina da rua 34 com a 6ª avenida, zona das confecções, junto a lojas de preços e prestígio medianos.
S. Klein	Baixo	Union Square, rua 14 cm Broadway, não muito longe do Lower East Side.

Fonte: Adaptado de Labov (2008, p.66).

Nessa pesquisa, o método aplicado para coleta de dados foi o de *eventos de fala*, técnica que visa à observação de curtos desempenhos linguísticos, casuais e anônimos, registrados a partir da aproximação rápida e momentânea de um entrevistador. O pesquisador se aproximava dos funcionários da loja passando-se por cliente e pedia uma informação referente ao quarto andar da loja (*fourth floor*), escolha que oferecia um contexto fonético-fonológico propício para o aparecimento do /r/ em posição pós-vocálica. A pergunta feita pelo entrevistador era: “Por favor, onde ficam os [mercadoria presente no quarto andar]?”. A resposta esperada era: “*fourth floor*” (quarto andar). Após o primeiro contato, o entrevistador se inclinava para frente e dizia: “como?”, ao que, novamente, o funcionário respondia “*fourth floor*” (quarto andar), porém, desta vez, com mais ênfase. Os dados coletados eram registrados fora do alcance do informante e o processo era repetido quantas vezes fossem necessárias em cada andar; a pergunta ao informante tomava outra direção apenas no quarto andar, onde o entrevistador perguntava “por favor, que andar é este?”, e, novamente, a resposta esperada era “*fourth floor*”. Ao final da pesquisa, foram coletadas 68 entrevistas na Saks, 125 na Macy's e 71 na Klein, totalizando 264 dados. Os dados mostram que há uma diferença marcante entre Klein e Macy's nas quatro

realizações do /r/, mas uma pequena diferença entre Macy's e Saks para as mesmas posições, conforme tabela 1, transcrita do trabalho do autor.

Tabela 1 - Porcentagem de (r-1) total por loja nas quatro posições de /r/

Posição da variável /r/ pós-vocálico	1º contato (casual)		2º contato (enfático)	
	Fourth	Floor	Fourth	Floor
Saks	30%	63%	44%	64%
Macy's	27%	44%	22%	61%
Klein	5%	8%	13%	18%

Fonte: Adaptado de Labov (2008 p.73).

Labov verificou que existe uma proximidade entre a pronúncia dos funcionários das duas primeiras lojas, o que pode justificar a pronúncia do /r/ como marca de identificação dos indivíduos que trabalham na Saks, a qual os trabalhadores da Macy's desejam alcançar. O fator identidade, marcado pelos diferentes usos de /r/ pós-vocálico, está relacionado a outros dois fatores também evidenciados na pesquisa. Sobre o primeiro, a raça, o linguista americano verificou que quanto maior o status de uma loja, menor era a quantidade de funcionários negros trabalhando nela. Dessa maneira, associando raça ao emprego do /r/, o autor pôde observar que os trabalhadores negros da Macy's apagavam menos /r/ do que os trabalhadores brancos, e os informantes negros da Klein tendem simplesmente a não usá-lo.

O segundo fator relevante nesse estudo de Labov foi a faixa etária. Embora o autor aponte que a realização do /r/ seja característica de um novo padrão de prestígio da fala no maior grupo, sendo, portanto, mais frequente nas faixas etárias mais baixas, a sua distribuição (representada na tabela 2) mostra que não há indícios de um processo de mudança, pois o percentual das ocorrências entre as três faixas etárias não apresenta diferenças significativas.

Tabela 2 - Distribuição de /r/ por idade estimada

/r/	Faixas etárias		
	15-30	35-50	55-70
% de (r-1) total	24	20	20
% de (r-1) parcial	21	28	22
% de (r-1) ausente	55	52	58

Fonte: Labov (2008, p.79).

Entretanto, “[...] à luz de outras comprovações [o] uso de (r-1) como variante de prestígio está aumentando entre as pessoas mais jovens de Nova York.” (LABOV, 2008 [1972], p.79), pois, ao verificar a distribuição das lojas de maneira individual, esses dados quase uniformes desaparecem e fica nítida uma inversão da idade entre Saks e Macy's: os falantes

mais jovens da *Saks* retém o /r/ com maior frequência, enquanto, na *Macy's*, quem retém mais são os mais velhos.

Por fim, com o intuito de explicar com maior exatidão a relação entre a realização do /r/ e a estratificação social de Nova York, Labov (2008) dividiu as lojas em três diferentes níveis sociais: Saks – classe média alta; Macy's – classe média baixa; e Klein – classe operária. A partir dessa divisão, o autor constata que:

[...] a classe média alta desenvolve o uso de (r-1) cedo na vida – como uma expressão variável de formalidade relativa a ser encontrada em níveis estilísticos. Para os outros grupos na cidade de Nova York, não existe base sólida para (r-1) no estilo vernacular da fala casual; para eles, (r-1) é uma forma que requer alguma atenção ao modo de falar, se for usada. Tal como em tantas outras marcas formais de alternância de estilo, a classe média baixa exagera o processo de correção. Esse é um processo que se aprende tarde na vida [...] (LABOV, 2008, p. 85).

Em síntese, o padrão utilizado pelos informantes das lojas de departamentos é reflexo de uma insegurança linguística da classe média baixa, pois é possível perceber uma adequação dos falantes mais velhos aos padrões variáveis utilizados pelos falantes de gerações mais novas. Isso reflete, nas palavras de Labov (2008, p. 86), um “processo de socialização linguística”, que pode ser mais rápido para os falantes que frequentaram a escola secundária e a universidade e mais lento para os falantes mais velhos, que não tiveram contato com o ambiente escolar.

Como apresentados nesta seção, esses dois trabalhos de Labov são pertinentes para a presente pesquisa, porque questões referentes à análise dos fatores condicionantes, ao monitoramento linguístico e à identidade e atitudes linguísticas nos servirão de aparato teórico-metodológico, como será explicado detalhadamente nos capítulos 3 e 4.

2.1.2. Os fundamentos empíricos da variação e da mudança e o enfrentamento de dois problemas no estudo da alternância pronominal

Alguns anos depois dos trabalhos pioneiros de Labov (1963, 1966), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968])⁴ estabelecem os fundamentos empíricos da *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (doravante, TVML) com intuito de subsidiar trabalhos dedicados ao estudo da língua inserida no contexto social, o que possibilitaria resultados científicos ainda

⁴ Nesta dissertação, será utilizada a tradução organizada por Marcos Bagno, publicada em 2006.

mais fiéis às estruturas usadas diariamente, uma vez que, nessas circunstâncias, a diversidade social e linguística de uma comunidade se tornaria mais evidente.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126) assumem que, mesmo o sistema linguístico sendo um produto complexo, heterogêneo e variável, “[n]em toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Admitem, os autores, que, apesar de ser um sistema heterogêneo com regras variáveis, a língua comporta também regras categóricas, sendo as regras variáveis condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Tarallo (1991, p. 5) ilustra esse postulado teórico por meio da metáfora do campo de batalha: a variação “[...] basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa se enfrentam em um duelo de contemporização [...]”. São esses contextos variáveis que a TVML busca investigar durante a análise da evolução e do movimento dos processos de variação.

Evidenciando o fato de que a mudança não interfere nas funções do sistema, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) discutem como ocorre um processo de variação: para os linguistas, há um momento temporal em que dois ou mais elementos da língua estão em conflito. Nesse período, a variação passa por algumas etapas: na primeira etapa, a variante inovadora começa a se restringir ao discurso de um pequeno número de falantes (como, por exemplo, classe baixa ou média); posteriormente, a nova forma pode se propagar e passar a ser utilizada por membros de outros grupos sociais e, caso não seja, o elemento cai em desuso e o processo de variação se encerra; por fim, após um período (longo ou curto) de alternância, o elemento se fixa no sistema e começa a ser utilizado por um grupo significativo de falantes em diferentes contextos.

Em suma, podemos considerar que a mudança é um processo lento e gradual. Em uma perspectiva diacrônica, a mudança começaria devagar (no discurso de alguns falantes como uma forma inovadora), em seguida progrediria de forma relativamente rápida à medida que os indivíduos comessem a usar a estrutura nova e desacelerariam o processo conforme a morte de uma determinada geração.

Com base na evolução dos processos de variação, podemos considerar que o efeito de propagação não se dá aleatoriamente. Pelo contrário, para que um novo elemento possa fazer parte do sistema linguístico de uma comunidade, é necessário o reconhecimento por parte de seus membros. Nesse sentido, grosso modo, os falantes contribuirão impulsionando ou freando um processo de variação, pois teriam a função de, mesmo inconscientemente, avaliar

as vantagens e desvantagens ou os problemas que a adoção de uma variante poderia trazer à língua usada na comunidade. Com base nisso, o fato é que, somente a partir da avaliação dos falantes, os elementos existem ou não na língua. Esta concepção nos permite entender que não é o sistema linguístico em si que define ou decide o que é aceitável ou não, mas os próprios falantes que classificam esses novos elementos segundo rótulos gramaticais ou sociais. Assim, os novos elementos podem ser classificados como conservadores, de prestígio ou padrão, quando avaliados positivamente, ou estigmatizados, inovadores ou não-padrão, quando avaliados negativamente. Em outras palavras, há uma tendência de valores positivos atribuídos a variantes próximas das normas gramaticais, e valores negativos, a variantes que se distanciam desse padrão em algum grau. Portanto, pelo fato de que todos os processos de variação sofrem interferências de atitudes avaliativas, “[...] a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, [...], como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade.” (TARALLO, 1991, p. 14).

Para o pesquisador alcançar respostas satisfatórias na investigação de fenômenos variáveis, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) propuseram o enfrentamento de cinco problemas, com vistas à sistematização dos padrões de variação: (i) *o problema dos fatores de restrição* ou *fatores condicionantes*, por meio do qual o pesquisador deve investigar o conjunto de condições favoráveis ou não as mudanças linguísticas; (ii) *o problema do encaixamento*, que se refere ao modo como a variação e a mudança estão encaixadas no sistema linguístico e social de uma comunidade; (iii) *o problema da transição*, que se refere ao período de coexistência e competição de formas variantes; (iv) *o problema da avaliação*, que procura observar como as mudanças são e podem ser avaliadas em termos de efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a eficiência comunicativa; e (v) *o problema da implementação*, que se refere ao modo pelo qual uma variante se implementa na língua e ocorre em determinados contextos linguísticos.

Para responder ao *problema dos fatores condicionantes*, o pesquisador deve investigar e detalhar os padrões variáveis presentes na língua e descobrir quais são as condições favoráveis ou não a sua ocorrência. Em outras palavras, é necessária a realização de um levantamento detalhado dos fatores internos e externos que podem estar condicionando uma regra em variação. É no enfrentamento desse problema que o pesquisador propõe, como hipóteses a serem investigadas, variáveis linguísticas independentes (linguísticas e sociais) que podem estar correlacionadas à variável dependente que identifica o fenômeno variável.

O segundo problema, *problema da transição*, diz respeito ao fato de que a mudança não ocorre de forma abrupta, ou seja, as formas antigas simplesmente não são substituídas pelas

novas, mas há um período durante o qual elas coexistem e competem entre si, diminuindo ou aumentando a frequência com que ocorrem até que a mudança se complete ou se mantenha estável⁵. Desse modo, um dos grandes problemas, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), é descobrir como a mudança passa de um estado (ou geração) a outro sem prejudicar, por exemplo, a comunicação entre os membros da comunidade ou a funcionalidade dos elementos linguísticos. Como uma generalização possível, os autores hipotetizam que a mudança pode ocorrer (i) na medida em que um falante aprende uma forma alternativa; (ii) durante o tempo em que as duas formas coexistem no sistema; ou (iii) quando uma das formas se torna obsoleta ao longo das gerações.

O *problema do encaixamento* diz respeito ao modo como a variação e a mudança se encaixam no sistema linguístico e social da comunidade. No entendimento da configuração da matriz linguística, o pesquisador deve averiguar que partes do sistema da língua um dado fenômeno variável afeta e que possíveis mudanças ele pode desencadear no sistema como um todo, porque uma dada regra da língua deve sempre ser considerada parte do sistema como um todo. Na matriz social, procura-se verificar como determinados segmentos sociais se comportam linguisticamente no uso das formas alternantes, procurando-se identificar padrões sociolinguísticos empiricamente atestados. Assim, na investigação desse problema, o pesquisador verifica quais contextos linguísticos, estilísticos e/ou sociais condicionam a escolha de uma ou outra variante e quais efeitos são mais salientes em determinadas ocorrências.

O *problema da avaliação* tem por objetivo observar como as mudanças ocorrem e se configuram em termos de efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a eficiência comunicativa dos falantes. Por isso, podemos constatar que há certas condições que favorecem ou desfavorecem a mudança: por exemplo, a receptividade de uma variável pelos falantes de uma comunidade refletirá em seu significado/valor social, ou seja, caso seja aceita, receberá prestígio. Do contrário, será estigmatizada e rejeitada.

O *problema da implementação* se refere ao modo como uma variante se implementa na língua resolvendo ou não o período de variação. A implementação da mudança pode ser detectada pelo pesquisador em função da análise dos fatores condicionadores, obtendo, assim, um retrato mais detalhado da estrutura linguística e dos padrões aí presentes. Desse modo, cabe ao pesquisador identificar quais as razões e os possíveis efeitos que levam à ocorrência de um

⁵ Conforme Biazolli (2010, p. 32), alguns autores admitem que, apenas em tese, a mudança no sistema de uma língua poderia ocorrer de forma abrupta, provocando uma alteração “[...] simultânea de gramática por parte de um grande número de falantes”, mas reconhecem a grande “[...] improbabilidade desse acontecimento –, [pois] a maioria das investigações mostra que [as mudanças] se dão de forma lenta e gradual”.

processo de variação ou mudança em uma determinada época ou comunidade. Para isso, é dever do linguista investigar esses traços e verificar se eles são indícios relevantes para uma possível implementação da mudança. Assim, respondendo ao problema da implementação, obtemos resultados mais coerentes e precisos, pois ao passo que identificamos as restrições de um processo de variação, conseguimos também desvendar quais as possíveis causas que o desencadearam, uma vez que os resultados são obtidos *a posteriori*, isto é, apenas quando o processo de variação se estabilizou ou deu-se por concluído.

Em face do fenômeno variável da AP entre *nós* e *a gente* e dos objetivos e hipóteses por nós apresentados, interessam ao nosso trabalho lançar um olhar mais atento a três dos cinco problemas propostos por Weinreich, Labov e Herzog (1968): *o problema do encaixamento*, *o problema da avaliação* e *o problema dos fatores condicionantes*. Adiantamos, aqui, uma parte de nossas expectativas, como forma de encarecer os postulados de Weinreich, Labov e Herzog (1968), em especial, os problemas por eles propostos.

Vários trabalhos mostraram que a variante *a gente* está implementada na gramática do PB como forma pronominal resultante de um processo de gramaticalização que a colocou em competição com a forma *nós*, obedecendo, principalmente, a dois dos princípios propostos por Hopper (1991), o *princípio da estratificação*, por configurar um caso de variação, e o *princípio da especialização*, por passar a ser forma mais utilizada para codificação de primeira pessoa do discurso do plural (OMENA, 1986, 1996, 2003; ZILLES, MAYA E SILVA, 2000; ZILLES, 2004, 2007; dentre outros.). Assim, é claro o encaixamento na matriz linguística, porque o resultado dessa mudança afeta outros subsistemas da língua, como o paradigma pronominal, a regra de concordância verbal, pela redução das desinências verbais, que se alinham à flexão de 3^a. pessoa, e o próprio preenchimento da posição de sujeito, que deixa de ser facultativo. Na matriz social, os trabalhos mostram que a forma *a gente* está presente em todos os estratos sociais, portanto, com menor probabilidade de estigma social (OMENA e BRAGA, 1996; MENON, 1996; LOPES, 1999, 2003; RUBIO, 2012; ZILLES, 2005). Apesar dessas constatações, questões relacionadas a estilo não aparecem evocadas como um fator possivelmente interveniente nesse processo de mudança, objetivo que tentamos alcançar neste trabalho.

O *problema do encaixamento* é importante, porque permitirá explicar como a alternância entre *nós* e *a gente* se encontra encaixada na matriz linguística e social dos falantes do noroeste do estado de São Paulo. Neste trabalho, apreenderemos se padrões sociolinguísticos já provados relevantes para o fenômeno no PB são validados para a comunidade de fala em dois

contextos estilísticos diferentes, sob a hipótese de que, a depender do contexto, o padrão de uso pode mudar. Ao mesmo tempo, procuraremos compreender como os padrões da comunidade se refletem nas escolhas individuais, considerando contextos de maior ou menor atenção à fala. A expectativa nesse caso é que os usos individuais podem se aproximar ou divergir dos usos da comunidade.

Por fim, o *problema da avaliação* será também considerado na pesquisa, à medida que procuraremos comparar resultados da alternância pronominal de 1PP em dois estilos diferentes, um com maior grau de atenção (AC) e outro com menor grau de atenção à fala (AI). Esperamos que, com a correlação dos padrões de uso dos pronomes e esses diferentes estilos, possamos obter resultados que possivelmente reflitam a avaliação positiva ou negativa por parte do falante e as diferentes motivações estruturais e discursivas que condicionam e influenciam os diferentes desempenhos individuais. A análise dessas correlações permitirá uma reflexão sobre a importância das variáveis discursivas como fatores condicionantes de um fenômeno variável, questão pouco explorada na sociolinguística.

No capítulo 4, diante dos resultados, voltaremos a tratar com mais profundidade desses problemas. Por ora, cabe-nos apenas reforçar que a variação entre *nós* e *a gente* é livre na maioria das comunidades de fala, não havendo regras prescritivas que orientem o “bom” uso de uma e de outra. Logo, o uso de uma forma em detrimento de outra é resultado mais de escolhas discursivas e estilísticas dos falantes do que fatores estruturais. Portanto, argumentamos que não há valorização ou desvalorização de alguma das formas, uma vez que, como apontam Rubio (2012) e Gonçalves e Rubio (2010), o uso de *nós* ou *a gente* está presente em todas as camadas sociais, o que implica dizer que são formas variáveis já implementadas na matriz linguística e social da variedade do noroeste paulista e isentas, mas não totalmente, de avaliação negativa.

2.2. A CONCEPÇÃO DE ESTILO NOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Foi por volta da segunda metade do século XX que a Estilística se tornou popular e reconhecida como um promissor campo de estudos e pesquisas para área da linguagem. Os estudos estilísticos tinham como interesse analisar todas as formas de textos falados ou escritos, verificando de que modo o enunciador adaptava seu discurso considerando fatores internos ou externos à língua, sendo o estilo discursivo o tema principal desses estudos (HORA, 2014).

Labov, a partir de seus primeiros trabalhos, assume que os estudos estilísticos contribuem para a análise dos processos de variação e reconhece as dificuldades metodológicas de operar com variáveis estilísticas. São palavras do autor:

Os linguistas sempre tiveram consciência dos problemas de variação estilística. A prática normal é pôr essas variantes de lado - não porque sejam consideradas menos importantes, mas porque as técnicas da linguística são tidas como inadequadas e insuficientes para lidar com elas. A análise estrutural é normalmente a abstração daquelas unidades funcionais invariantes da língua cuja ocorrência pode ser predita por uma regra. Uma vez que a influência do condicionamento estilístico sobre comportamento linguístico é considerada meramente estatística, ela leva a afirmação de probabilidade mais do que de regra e é, portanto, desinteressante para muitos linguistas. (LABOV, 2008, p. 91-92)

No que concerne à teoria variacionista, para Labov (2008), a atenção prestada à fala está no centro das propostas para a análise do estilo, pois, segundo ele, o falante varia seu modo de falar conforme a situação em que está inserido, podendo configurar seu desempenho em estilos informais, de cuidado, de leitura etc. Entretanto, não devemos restringir a concepção de estilo de Labov apenas aos contextos de maior ou menor grau de atenção. Segundo Severo (2004, p. 136), o próprio linguista amplia sua noção de estilo passando a considerar as “[...] (i) relações entre os interlocutores, particularmente as relações de poder e solidariedade entre eles; (ii) o contexto social mais amplo - escola, trabalho, vizinhança; e (iii) o tópico”.

É pertinente evidenciarmos que a concepção de *estilo* na Sociolinguística variacionista é comumente relacionada à ideia de comportamento, atitude ou modo de expressão, pois em todos esses aspectos existe uma relação intrínseca com o indivíduo e sua subjetividade. Essa característica observada na concepção de *estilo* para a Sociolinguística é uma estratégia de reconhecimento social e se manifesta na língua assim como se manifesta no vestuário, nos estilos de música, de maquiagem, de cabelo etc. Em resumo, são traços identitários que marcam de alguma maneira o falante.

Dada a evolução do conceito de *estilo* nos estudos sociolinguísticos, atualmente é possível considerá-lo com base em três diferentes concepções: a primeira sobre o *estilo* como atenção prestada à fala, a segunda sobre o *estilo* orientado pela audiência do falante e a última sobre *estilo* como demarcador de caráter identitário. Vale ressaltar que essas concepções não são excludentes, mas cada uma reflete o tipo de pesquisa que está sendo realizada.

De modo mais detalhado, a primeira concepção de estilo foi apresentada por Labov no trabalho sobre a variedade inglesa falada na cidade de Nova York (1966): neste trabalho, o autor trata do estilo como “atenção à fala”, pois a mudança ou a alternância de *estilo* pode ser verificada a partir do grau de monitoramento que um falante dedica ao seu desempenho

linguístico. Quanto maior o nível de atenção, maior será o grau de monitoramento e quanto menor o nível de atenção, menor o grau de monitoramento.

A segunda concepção de *estilo* foi proposta por Allan Bell (1984) sobre a fala de locutores de uma rádio da Nova Zelândia, em 1977. Avaliando o desempenho linguístico dos apresentadores da rádio, Bell percebeu que existiam padrões que não eram detectados em outros contextos discursivos e, ao analisar o contexto de produção, o linguista pôde atestar que a possível justificativa para a existências desses padrões era a audiência dos programas da rádio: a emissora contava com os mesmos locutores que anunciavam as mesmas notícias (ou semelhantes), porém para públicos distintos. Nessa perspectiva, o *estilo* se configura pelo contexto enunciativo e a variação estilística ocorreria durante a interação entre os falantes. Assim, o autor considera “o estilo [...] uma resposta do falante a sua audiência” (BELL, 1984, p. 145).

Baseado na ideia de audiência, Bell propõe um modelo teórico chamado *audience design*, para explicar como o falante molda seu desempenho linguístico com base nas relações enunciativas do discurso, principalmente na relação com seu destinatário, sendo, portanto, a variação estilística reflexo do meio social (MACHADO, 2012). Com base nisso, segundo Fernández (1998, p. 99 *apud* MACHADO, 2012, p. 5), os destinatários podem ser classificados em diferentes papéis sociais, conforme apresentado no quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Caracterização dos indivíduos segundo a teoria “Audience Design”

	Conhecido	Ratificado	Interpelado
Interlocutor	+	+	+
Ouvinte formal	+	+	-
Ouvinte casual	+	-	-
Curioso	-	-	-

Fonte: Fernández (1988).

Conforme o quadro apresentado acima, os informantes averiguados na pesquisa de Allan Bell foram classificados em 4 grupos, dependendo de sua relação com o locutor, pois, na análise das variáveis investigadas, o linguista observou que a alternância de estilo era motivada pelo público e que nem todos os informantes de cada grupo possuía a mesma importância em relação ao contexto de audiência e por isso foram classificados de acordo com a relação entre eles. Conforme Hora (2014, p. 24), os informantes foram classificados: (i) como *interlocutor (addressee)*, ouvintes conhecidos, ratificados e interpelados; (ii) como *ouvinte formal (auditor)*, ouvintes não diretamente interpelados, mas que são conhecidos e ratificados; (iii) como *ouvinte casual (overhearer)*, ouvintes não ratificados, mas que o locutor tem consciência sobre eles; e

(iv) como *curioso (eavesdropper)*, ouvintes não ratificados e que o locutor não tem consciência sobre eles.

Considerando a proposta de Allan Bell, podemos destacar que seus trabalhos trouxeram contribuições para a concepção de *estilo*, como a ampliação do conceito associando-o a atitudes dos grupos sociais: o *estilo* orientado pelo papel social do destinatário e o *estilo* como marca de expressão e significação associado a traços de grupos sociais específicos. Portanto, o reconhecimento do *estilo*, conforme apresentado por Bell, oferece um amplo desdobramento para tratar dessa variável nos trabalhos sociolinguísticos, uma vez que a proposta da teoria *audience design* ofereceu não apenas uma nova visão sobre a mudança e a variação relacionada ao *estilo*, mas novos caminhos para respondermos a questões relacionadas aos processos de variação.

Por fim, a terceira concepção de *estilo* está relacionada ao caráter identitário dos falantes e foi proposta por Penelope Eckert, em sua palestra intitulada *Variation, convention and social meaning*, realizada em 2005, durante o encontro da Sociedade Linguística da América, em Oakland, California. Em seu texto, Eckert (2005) aponta que os estudos sociolinguísticos quantitativos tratavam a variação de diferentes maneiras, principalmente no que se refere a metodologias, técnicas e práticas de análise. Nas palavras da autora, o estudo sociolinguístico deve ser um recurso para entender a construção do significado social da variação “[...] um sistema mais amplo do qual a mudança faz parte” (ECKERT, 2005, p. 1).⁶

Esses novos olhares para o tratamento do estilo em Sociolinguística, como os trabalhos de Allan Bell e de Penelope Eckert, tentaram relacionar as ocorrências quantitativas de um fenômeno variável com fatores a que estariam condicionadas, mas que ultrapassam o nível puramente estrutural. Essa ampliação ocorreu a partir do reconhecimento de forças funcionais que atuam e influenciam a enunciação (GONÇALVES, 2017), provenientes do nível estilístico, semântico ou pragmático e até mesmo do meio discursivo, como, por exemplo, dos objetivos dos falantes, da presença de um determinado falante, dos tipos de discurso, do contexto histórico, político e social.

Com base nesse ponto de vista e avaliando os estudos variacionistas desde o início, Eckert (2005) propôs uma segmentação temporal da Sociolinguística marcada por três momentos ou “ondas”⁷. Os estudos de primeira onda buscam capturar o vernáculo e focalizam

⁶ No original: a wider system in which changes participate (ECKERT, 2005, p. 1).

⁷ O termo “onda”, de Eckert, identifica três momentos (ou ondas) estabelecidos do modo de pensar a variação e uma prática metodológica que surgiu a partir das descobertas do estágio anterior; vale ressaltar também que as ondas não são excludentes, mas se sobrepõem.

comunidades geograficamente definidas, correlacionando os processos de variação com a estratificação social dos informantes. Nessa perspectiva os marcadores de categorias sociais são definidos em “mais prestigiado” e “mais estigmatizado”, sendo o *estilo* verificado a partir do grau de atenção à fala. A segunda onda é fortemente marcada pelos estudos etnográficos que investigam as variedades linguísticas em comunidades menores por períodos relativamente longos. Essas pesquisas tentam descobrir categorias sociais mais salientes, promovendo uma visão mais abrangente de como as variedades podem ser caracterizadas por significados sociais. Por fim, a terceira onda considera a linguagem como prática social e assume a ideia de que existe uma conexão entre o falante e o meio em que é estabelecida, a partir das diferentes experiências cotidianas. Grande parte das pesquisas de terceira onda focaliza comunidades de prática ou análise do desempenho linguístico individual. Eckert assim define comunidade de prática:

[...] é um agregado de pessoas que se reúnem regularmente para se envolver em algum empreendimento (por extenso). A família, a aula de linguística, a banda da garagem, os colegas de quarto, a equipe esportiva e até uma pequena vila. No curso de seu engajamento, a comunidade de práticas desenvolve maneiras de fazer as coisas - práticas. E essas práticas envolvem a construção de uma orientação compartilhada para o mundo ao seu redor - uma definição tácita de si mesmas em relação uma à outra e em relação a outras comunidades de prática.(ECKERT, 2005, p. 16 [tradução nossa])⁸.

Assim, o falante é um indivíduo sempre inserido em uma matriz social por meio de formas estruturadas de engajamento e, por isso, a prática estilística envolve uma série de recursos para a construção dos significados sociais, sendo o *estilo* um fator dinâmico consolidado a partir de uma prática e uma atividade com a qual os falantes criam significados sociais e identidade(s) subjetiva(s).

A fim de concluir este primeiro capítulo relacionando as teorias sobre *estilo* ao nosso trabalho, vale deixar esclarecido que esta pesquisa não se classifica como de terceira onda. Porém, adotamos a noção de estilo como matriz identitária da terceira onda (uma vez que também engloba traços da primeira e da segunda onda, como o grau de atenção e audiência), pois, segundo Eckert (2005, p. 17), o *estilo* deve deixar de ser visto como o ajuste que o

⁸ No original: A community of practice is an aggregate of people who come together on a regular basis to engage in some enterprise (writ large). The family, the linguistics class, the garage band, roommates, the sports tea, even a small village. In the course of their engagement, the community of practice develops ways of doing things practices. And these practices involve the construction of a shared orientation to the world around them a tacit definition of themselves in relation to each other, and in relation to other communities of practice (ECKERT, 2005.p. 16).

indivíduo faz com relação ao uso de determinadas variáveis em dadas situações sociais e passar a ser compreendido como as maneiras como os falantes combinam as variáveis para criar modos distintivos de falar.

Portanto, se antes o *estilo* era classificado em um contínuo, como propõe Labov, nessa última perspectiva o *estilo* passa a ser considerado como um processo criativo, "[...] um processo de bricolagem, uma apropriação de recursos linguísticos locais e extra-locais articulados de modo a construir-se uma *persona*" (NOGUEIRA, 2010, p. 21). Por essa razão, a ideia de *estilo* será avaliada a partir do contraste dos resultados do uso das formas pronominais em duas amostras com diferentes graus de atenção (Amostra Censo e Amostra de Interação); pelo controle da manifestação das formas pronominais nas falas de perfis sociais individuais (frequência de *nós* e *a gente*) e pelo controle de variáveis: (i) formais: paralelismo linguístico; saliência fônica verbal e tempo/modo verbal; função sintática do pronome; (ii) discursivas: grau de determinação do pronome; sequência discursiva; tópico discursivo; relação entre informantes e grau de controle da formalidade do discurso; (iii) sociais: sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

3. CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO

O objetivo deste capítulo é apresentar uma descrição do fenômeno de AP de 1PP que ocorre no português brasileiro e na variedade falada no interior do estado de São Paulo. Embora a maioria dos trabalhos aqui resenhados esteja fundamentada na perspectiva mais tradicional da sociolinguística quantitativa, a metodologia diferente escolhida para nossa pesquisa e a exposição dos resultados decorrentes dessa metodologia contribuem, de modo mais amplo, para a caracterização da AP de 1PP em diferentes variedades brasileiras. Para isso, a discussão será apresentada da seguinte maneira: na seção 2.1. “*Uso variável da expressão de primeira pessoa do discurso no plural: alternância pronominal entre nós e a gente no português brasileiro*”, discutiremos brevemente a inserção dos novos pronomes pessoais no paradigma pronominal do PB e apresentaremos alguns dados retirados de trabalhos como o de Gonçalves e Rubio (2012) para subsidiar uma primeira proposta de caracterização do fenômeno investigado. Na seção 2.2. “*Padrões de alternância pronominal envolvendo primeira pessoa do plural*”, abordaremos os principais resultados de trabalhos variacionistas sobre a AP de 1PP no português brasileiro e na variedade falada no interior paulista, com o objetivo de oferecer um panorama das ocorrências desse fenômeno em amostras sociolinguisticamente controladas (RUBIO, 2012) e não controladas (NARDELLI, 2017).

3.1. USO VARIÁVEL DA EXPRESSÃO DE PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO NO PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A alternância pronominal (AP) de primeira pessoa do plural (1PP) é um fenômeno linguístico já investigado por diversos autores em muitas variedades do português brasileiro, como, por exemplo, Rubio e Gonçalves (2010), Rubio (2012), Omena (1996; 2003), Scherre, Naro e Yacovenco (2018) e Vianna e Lopes (2012), dentre outros. Com base nesses trabalhos, é possível destacar que, entre os diversos processos de variação presentes no sistema linguístico do PB, a mudança no paradigma pronominal talvez seja um dos mais interessantes, pois a emergência dos novos pronomes (2PS: *você* / 1PP: *a gente* / 2PP: *vocês*) causou uma significativa alteração nos padrões de uso dos pronomes pessoais, além de terem influenciado outros padrões linguísticos, a título de exemplo, o da concordância verbal, conforme demonstra o quadro 3, abaixo.

Quadro 3 - Comparação entre os dois padrões dos pronomes pessoais + CV no PB

	Pronomes no PB – Paradigma padrão	Pronomes no PB – Novo paradigma pronominal	Padrão de concordância verbal
1ª PS	Eu (ex.: <i>eu falo</i>)	Eu (ex.: <i>eu falo</i>)	Pron.+ V 1PS
2ª PS	Tu (ex.: <i>tu falas</i>)	Tu (ex.: <i>tu fala/ tu falas</i> ⁹) Você (ex.: <i>você fala</i>)	Pron.+ V 2PS Pron.+ V 3PS
3ª PS	Ele/Ela (ex.: <i>ele/ela fala</i>)	Ele/Ela (ex.: <i>ele/ela fala</i>)	Pron.+ V 3PS
1ª PP	Nós (ex.: <i>nós falamos</i>)	Nós (ex.: <i>nós fala/falamos</i>) A gente (ex.: <i>a gente fala/falamos</i>)	Pron. + V 3PS/1PP Pron. + V 3PS/1PP
2ª PP	Vós (ex.: <i>vós falais</i>)	Vós (ex.: <i>vós falais</i> ¹⁰) Vocês (ex.: <i>vocês fala/falam</i>)	Pron. + V2PP Pron. + V 3PS/3PP
3ª PP	Eles/Elas (ex.: <i>eles/elas falam</i>)	Eles/Elas (ex.: <i>eles/elas fala/falam</i>)	Pron. + V 3PS/3PP

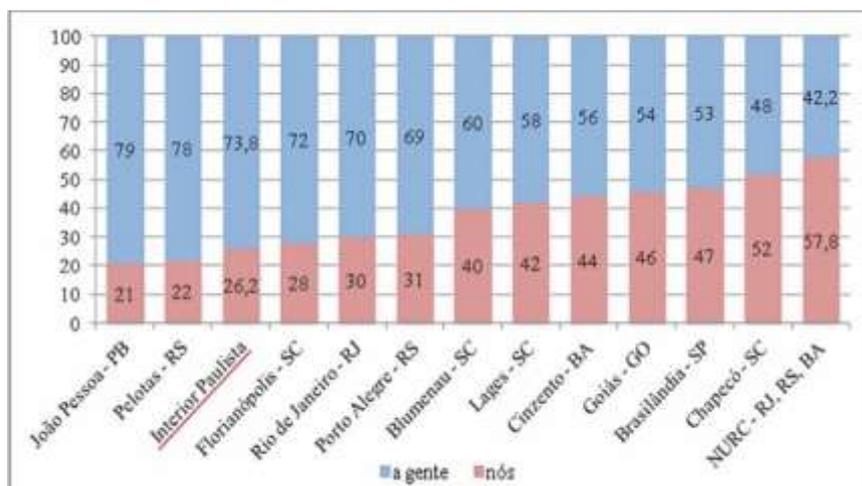
Fonte: elaborado pelo autor.

Scherre (2015) constata que a AP está presente em praticamente todas as variedades do PB, embora com frequência de uso diferente em cada região do país. De modo geral, os resultados apontam que, nas regiões mais centrais, o uso da forma *você* é predominante, embora haja alguns casos específicos de variação com a forma pronominal *tu* em contextos de formalidade; nas regiões norte, nordeste e sul a variação entre *você* e *tu* / *nós* e *a gente* é significativamente maior (SCHERRE *et. al.*, 2015, p. 142).

No gráfico 1, retirado de Rubio e Gonçalves (2012), é apresentada uma síntese de resultados de pesquisas já realizadas por outros linguistas em todo o Brasil. Os dados do gráfico oferecem um panorama da alternância pronominal entre *nós* e *a gente* nas variedades do português de João Pessoa (PB), de Pelotas (RS), de Florianópolis (SC), do Rio de Janeiro (RJ), de Porto Alegre (RS), de Blumenau (SC), Lages (SC), Cinzento (BA), Goiás (GO), Brasilândia (SP), Chapecó (SC), nos dados retirados do NURC (RJ, RS e BA), bem como no interior paulista, em destaque no gráfico.

⁹ Reconhecemos a inexistência ou a improbabilidade desse tipo de ocorrência em contextos de fala cotidiana; no entanto, não descartamos a hipótese de uso dessa construção em contextos direcionados para determinados fins, como no discurso religioso ou político, uma vez que se trata de uma estrutura marcada e, por isso, mais evidente na fala de um número cada vez mais restrito de pessoas.

¹⁰ Idem à nota anterior.

Gráfico 1 - Alternância entre *nós* e *a gente* em variedades do PB (em %)

Fonte: Rubio e Gonçalves (2012, p.1016).

Em síntese, podemos observar que esse fenômeno variável ocorre em várias regiões do Brasil, com maior ou menor frequência de uso das variantes, a depender da comunidade de fala, o que não se explica pela contiguidade espacial das variedades como era de se esperar, mas pela natureza própria da constituição das amostras sociolinguísticas, que acabam por recortar variáveis sociais diferentes em suas composições, como explicam Rubio e Gonçalves (2012). É o que, segundo os autores, explicam as seguintes aproximações e distanciamentos da frequência de uso das variantes pronominais:

(i) regiões distantes geograficamente, mas com frequência de uso próximas, caso de João Pessoa (PB) e Pelotas (RS), onde prevalece o uso de *a gente* (bem próximo da casa dos 80%);

(ii) regiões distantes geograficamente com frequência de uso díspar, caso do Interior Paulista, onde prevalece o uso de *a gente* (73,8%), e Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador (NURC), onde predomina o uso de *nós* (57,8%);

(iii) regiões próximas geograficamente com frequência de uso próximas, caso de Blumenau e Lages (SC), onde prevalece o uso de *a gente* (próximo de 60%);

(iv) regiões próximas geograficamente, mas com frequência de uso díspar, caso de Florianópolis (SC), onde prevalece o uso de *a gente* (72%), e Chapécó (SC), onde predomina o uso de *nós* (52%).

3.2. PADRÕES DE ALTERNÂNCIA PRONOMINAL ENVOLVENDO PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Embora a AP de 1PP seja um fenômeno investigado sob diferentes perspectivas, as análises apresentadas na maioria dos trabalhos variacionistas são resultantes de pesquisas quantitativas cujas amostras são sociolinguisticamente controladas, razão pela qual é possível questionar em que medida os dados analisados representam a língua em seu contexto mais próximo ao cotidiano e natural, justamente por se tratarem de amostras orientadas para determinadas finalidades. Por outro lado, apesar de esse questionamento ser plausível, não restam dúvidas sobre as contribuições que os trabalhos realizados até o momento trouxeram para a descrição do PB. Por essa razão, serão apresentados, nesta seção, resultados dos seguintes trabalhos: o de Vianna e Lopes (2012) sobre um panorama geral da AP de 1PP no PB; os resultados de Omena (1986, 1996 e 2003) e Lopes (1993) para a variedade carioca; as constatações de Maia (2003) sobre a variedade mineira; Mendonça (2010) sobre a fala capixaba; Muniz (2007) e Mattos (2013) sobre a variedade centro-sul; de Seara (2000) sobre fenômenos observados em algumas cidades de Santa Catarina; de Vitória (2017) sobre a variedade de Maceió; e, por fim, os trabalhos de Mendes (2007) e Fernandes (2004) sobre algumas variedades da região Nordeste¹¹. Sobre o noroeste paulista serão apresentados os resultados dos trabalhos de Rubio (2012) e Nardelli (2017).

3.2.1. Fenômeno da alternância pronominal envolvendo primeira pessoa do plural no português brasileiro

O trabalho de Vianna e Lopes (2015) apresenta um panorama sobre a variação entre *nós* e *a gente* no PB. O estudo destaca resultados de outras pesquisas já realizadas sobre a AP, de modo a oferecer uma visão mais ampla da ocorrência do fenômeno nas diversas variedades brasileiras. De modo inicial, as autoras se atentam para o fato de que grande parte das pesquisas já realizadas apontam que a variação pronominal de 1PP é um processo de mudança, pois é possível observar que a forma *a gente* veio gradativamente ocupando os espaços da forma conservadora *nós*, pelos seguintes motivos: (i) propagação na fala dos mais jovens; (ii) aceitação social do uso da forma *a gente* na modalidade oral; (iii) maior uso da forma

¹¹ Como destacamos anteriormente, esses trabalhos apenas servem de ilustração das diferentes ocorrências da AP de 1PP nas variedades do PB.

pronominal *a gente* em posição de sujeito da oração (LOPES, 1993; ZILLES 2007 *apud* VIANNA e LOPES, 2015).

Em vista disso, a variação entre *nós* e *a gente* é mais produtiva nessa função. Os primeiros registros de pesquisas variacionistas sobre a AP com 1PP na função de sujeito datam da década de 1980, quando Omena apresentou “A referência variável da primeira pessoa do discurso” (1986). Neste trabalho, a autora investigou o desempenho linguístico de falantes cariocas não cultos com base em amostras do Projeto Censo (*Censo da Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro*). Foram avaliados 2.701 casos, dos quais 1.979 (73%) apresentaram ocorrência de *a gente* em posição de sujeito na variedade carioca.

Em um segundo trabalho publicado em 1996, Omena reafirma a ideia de que as ocorrências de *a gente* em posição de sujeito são mais frequentes quando há, em contexto anterior, a mesma construção pronominal. Os dados mostram que a frequência do paralelismo em adultos foi de 93%, e em crianças, de 94%, com peso relativo (PR.) de 0.81 e 0.78, respectivamente. Por outro lado, quanto ao uso de *nós*, pôde-se observar que ele ocorre preferencialmente em contextos em que o pronome é usado anteriormente com o mesmo referente (PR. 0.86 para adultos e PR. 0.75 para crianças). Omena (1996) também destaca que as formas verbais oferecem indícios para diferentes padrões de AP: estruturas verbais menos marcadas, como o presente do indicativo, favorecem o uso de *a gente* (PR. 0.55), enquanto formas mais marcadas, como o futuro, propiciam o uso de *nós*.

Em seu trabalho, a autora mostra que a variável social faixa etária é a mais relevante, já que os diferentes estágios de idade impulsionam ou freiam o uso de uma determinada forma pronominal: falantes mais jovens (faixa etária entre 7 e 14 anos e entre 15 e 25 anos) utilizam o pronome *a gente* com maior frequência, enquanto falantes mais velhos (faixa etária entre 26 e 49 anos e acima de 50 anos) optam pelo uso de *nós*, como mostram os resultados da tabela 3, abaixo, reproduzida da autora.

Tabela 3 - O fator faixa etária sobre o uso de *a gente* (OMENA, 2003)

Grupo	Faixa etária	Frequência	PR.
Crianças	4 – 14 anos	254/276 = 90%	0.74
Jovens	15 – 25 anos	660/751 = 87%	0.67
Adultos	26 – 49 anos	501/744 = 67%	0.36
Idosos	50 anos ou mais	293/568 = 51%	0.22

Fonte: Omena (1996, p. 313).

Posteriormente, Omena (2003) procurou reavaliar o processo de AP de 1PP na variedade culta da cidade do Rio de Janeiro, investigando aspectos de natureza linguística e

extralinguística em um estudo de tempo real de curta duração, com o objetivo de verificar se se trata de um processo estável ou instável de mudança. Os resultados, obtidos a partir da avaliação do desempenho de 32 informantes da cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1980 e 2000¹² mostram que a comunidade não mudou o percentual de uso do pronome *a gente*, que se manteve em torno de 78% e 79%. Entretanto, relacionando esses dados com a variável faixa etária, a autora observa que, embora o uso de *a gente* seja mais frequente na comunidade, com o passar dos anos os falantes começaram a usar com maior frequência a forma *a gente*, com os mais novos favorecendo ainda mais essa variante do que os mais velhos, conforme se observa na tabela 4, abaixo. Sobre a variável gênero, a autora aponta que não há padrões que oferecem indícios de mudança. Os resultados da pesquisa apenas revelam uma pequena preferência pelo uso de *a gente* entre as mulheres.

Tabela 4 - O uso de *a gente* segundo a faixa etária (OMENA, 2003)

Faixa etária	Amostra 80		Amostra 00	
	Frequência	PR.	Frequência	PR.
7 – 14 anos	103/116=89%	0.79	99/105=94%	0.84
15 – 25 anos	473/543=87%	0.70	211/227=93%	0.84
26 – 49 anos	271/369=73%	0.34	208/251=83%	0.43
50 anos ou +	154/267=58%	0.20	250/385=65%	0.22

Fonte: Omena (2003, p.66).

No que se refere ao grau de determinação do sujeito, a autora observa que o fator desencadeador de variação entre as formas pronominais foram as características semânticas de IPP mantidas mesmo após o processo de gramaticalização, principalmente quanto ao número e a indeterminação dos referentes. Nos dados da década de 80, Omena (2003) verificou que o traço de coletividade preservado através do uso do substantivo *gente* foi um forte indício para a escolha desse pronome. Os resultados mostram que os entrevistados optaram pelo uso da forma *a gente* quando se referiam a um número grande de indivíduos (88%/PR. .65), ao passo que, ao identificarem grupos menores, diminuía seu uso (69% / PR..38).

¹² No interior do PEUL (Programa de Estudos sobre Usos da Língua), há três tipos de amostras sociolinguísticas que atendem à metodologia sociolinguística para o estudo da mudança linguística: *Amostra Censo*, com entrevistas de 64 informantes coletadas no início dos anos 1980, *Amostra Tendência*, com 32 entrevistas coletadas no início dos anos 2000, mantendo-se o mesmo perfil de informantes da Amostra Censo, e *Amostra Recontato*, com 16 entrevistas também coletadas no início dos anos 2000, por meio do recontato de informantes da Amostra Censo. A comparação entre essas amostras permite investigar a mudança em tempo real de curta duração, seja mudança na comunidade seja no indivíduo. A comparação entre a Amostra Censo e Amostra Tendência, caso do trabalho de Omena (2003), propicia o que se denomina em Sociolinguística de *estudo de tendência* e entre Amostra Censo e a Amostra Recontato, o que se denomina *estudo de painel* (LABOV, 1994).

A autora aponta também que as variáveis linguísticas saliência fônica verbal, tempo/modo verbal, aspecto verbal e paralelismo foram relevantes para o estudo da AP de 1PP na variedade do Rio de Janeiro. Sobre a saliência fônica, Omena (2003) defende que a distância fonética entre forma singular e plural dos verbos (*cantava* x *cantávamos*, por exemplo) influencia a escolha entre *nós* e *a gente*, pois o simples acréscimo de uma sílaba alterava a escolha dos pronomes, conforme os dados da tabela 5, a seguir.

Tabela 5 - Saliência fônica e uso de *a gente* vs. *nós* (OMENA, 2003)

Saliência fônica	Amostra 80 (C)		Amostra 00 (C)	
	Frequência	PR.	Frequência	PR.
Falando ¹³	100%	-	100%	-
Falava/Falávamos	71%	.72	81%	.72
Fala/Falamos	90%	.59	87%	.55
Falar/Falamos	93%	.49	98%	.85
Saiu/Saímos	60%	.39	75%	.48
Faz/Fazemos	76%	.35	74%	.31
É/Somos	42%	.22	29%	.04

Fonte: Omena (2003, p.69).

Ainda sobre a saliência fônica, a autora percebe que o tipo discursivo, o tempo e o aspecto verbal também influenciam a escolha do falante. Cruzando essas variáveis, foi possível observar certos padrões, como, por exemplo, o fato de que, em tipos discursivos mais narrativos, a presença de verbos no passado com aspecto perfectivo era mais frequente. Por outro lado, em um tipo discursivo mais dissertativo eram mais frequentes verbos no presente com aspecto imperfectivo. Os resultados da autora expostos na tabela 6 reafirmam a ideia de que tempos verbais mais marcados (passado e o futuro) tendem a frear a mudança, enquanto os menos marcados (presente) a aceleram.

Tabela 6 - Uso de *a gente* vs. *nós* e tempo verbal (OMENA, 2003)

Tempo verbal	Amostra 80 (C)		Amostra 00 (C)	
	Frequência	PR.	Frequência	PR.
Formas nominais	96%	.87	96%	.72
Presente	59%	.56	74%	.59
Futuro	67%	.23	71%	.38
Passado	59%	.30	74%	.31

Fonte: Omena (2003, p.70)

¹³ Os dados de gerúndio não apresentam variação; nesse contexto, os falantes da variedade do Rio de Janeiro optam por cancelar o sujeito ou usar a forma *a gente*. Para os outros fatores, a autora aponta que quanto menor a diferença fônica entre a forma de 3PS e 1PP, maior é o uso de *a gente* em relação a *nós*.

Por fim, o princípio do paralelismo discursivo talvez tenha sido o fator mais relevante apresentado por Omena (2003). Como destacado pela autora, esse princípio diz respeito ao fato de que o uso de um elemento provoca o emprego dessa mesma forma em contextos posteriores se referindo a um mesmo referente.

A partir dos dados, a autora constata que a escolha de um pronome é influenciada diretamente pelos elementos antecedentes: se um falante utiliza *nós* em contexto anterior, é muito provável que esse uso permaneça no contexto posterior desde que não mude o referente. O mesmo ocorre com o pronome *a gente*. Entretanto, o paralelismo é freado quando ocorre mudança de referente: se o falante opta pelo uso de *a gente* para especificar um determinado referente, a mudança referencial possibilitará o uso de ambas as formas (OMENA, 2003). Os dados obtidos podem ser observados na tabela 7, abaixo:

Tabela 7 - Paralelismo e uso de *a gente* vs. *nós* (OMENA, 2003)

Paralelismo	Amostra 80 (C)		Amostra 00 (C)	
	Frequência	PR.	Frequência	PR.
A gente ref. Igual	91%	.69	91%	.64
0 + V 3.p.s ref. Igual	83%	.50	100%	-
Nós ref. dif.	69%	.48	46%	.32
A gente ref. dif.	84%	.52	76%	.26
0 + V 1.p.p. ref. dif.	58%	.45	0%	-
Início	75%	.39	88%	.60
0 + V 3. p.s. ref. dif.	75%	.29	100%	-
0 + V 1. p.p. ref. igual	52%	.38	56%	.36
Nós ref. igual	36%	.17	33%	.12

Fonte: Omena (2003, p.72).

Em outro trabalho sobre a variedade carioca, Lopes (1993 *apud* VIANNA, LOPES, 2015), baseada em dados do NURC¹⁴, volta a discutir os resultados de Omena (1986; 1996) para verificar se de fato os contextos linguísticos encontrados nessa variedade também podem ser observados em outras capitais brasileiras. Em resumo, os resultados obtidos pela autora levaram em conta três variáveis sociais: a faixa etária, o sexo e a cidade do informante.

Sobre a faixa etária, assim como em Omena (1986, 1996), os resultados de Lopes apontaram que há um certo favorecimento de uso da forma *nós* por informantes mais velhos (55 anos ou mais) e de *a gente* por falantes mais jovens. Quanto ao sexo, Lopes (1993) também não verificou diferenças significativas: o uso de *nós* ou *a gente* entre informantes masculinos e

¹⁴ O projeto Nurc/Brasil conta com amostras do tipo dialógica entre informante e documentador, coletadas por volta de 1970 em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre com informantes do sexo masculino e feminino de nível superior, da faixa etária entre 25 e 55 anos. Disponível em: <http://www.nurcj.letas.ufrj.br>. Acesso em 09 abr. 2020.

femininos eram semelhantes, salvo uma preferência pelo uso *nós* por informantes masculinos (PR. 0.61). E, por último, sobre a cidade dos informantes, os resultados mostraram que, nos dados de Salvador e Porto Alegre, os falantes ainda optam pelo uso da forma pronominal mais conservadora, enquanto os falantes do Rio de Janeiro mostraram preferência pela forma inovadora em seu desempenho linguístico. Portanto, é possível verificar que os resultados de Lopes (1993) confirmam os de Omena (1986; 1996), pois ambos os resultados são muito semelhantes e apontam os mesmos contextos condicionantes tanto no nível linguístico como no nível social.

Ainda sobre as variedades do PB faladas no Sudeste, Vianna e Lopes (2015) também apresentam os trabalhos de Maia (2003) e Mendonça (2010), sobre a fala mineira e capixaba, respectivamente. A princípio, o trabalho de Maia (2003 *apud* VIANNA; LOPES, 2015) é o primeiro do qual se tem registro sobre a descrição da AP de 1PP na variedade mineira. Seguindo os padrões metodológicos da sociolinguística laboviana, a pesquisadora investigou dados de língua oral provenientes de 12 entrevistas coletadas na região de Pombal, área rural do município de Mariana (MG), e uma outra amostra com dados de informantes de Belo Horizonte. Em ambas as amostras, o perfil escolar dos informantes era baixo ou analfabeto. Deve-se registrar que a escolha das amostras foi uma opção metodológica feita pela linguista, pois seu objetivo era comparar os dados obtidos em cada comunidade e verificar se o desempenho observado na variedade rural (Pombal) era o mesmo da variedade urbana (Belo Horizonte).

Em um panorama geral, Maia (2003) obteve 672 ocorrências pronominais, sendo 359 de *a gente* (53%) e 313 (46%) de *nós*. O ponto a ser destacado da pesquisa de Maia foi a origem geográfica dos informantes. Como presumia a autora, falantes da zona rural seriam mais propícios a frearem o processo de mudança do que falantes urbanos, talvez por viverem em regiões mais isoladas e de pouco acesso à escolarização. Em um trabalho posterior, Maia (2009) aponta que a realização fonológica da desinência de número e pessoa parece ser relevante para o emprego de *nós* e *a gente* na variedade mineira. A quantificação dos dados proporcionou a verificação da hipótese de que a mudança estaria ocorrendo da seguinte forma:

(2) *nós* V + -mos > *nós* V + -moØ > *nós* V+ -ão > *nós* V+ Ø > *a gente* V + Ø

Segundo a autora, nesse processo de mudança, a desinência de 1PP sofre alterações de forma lenta e gradual, inicialmente com a perda de -s e, posteriormente, com a perda de -mo, mantendo a mesma pessoa verbal, mas com diferenças fonológicas. Com base nesses

argumentos, Maia (2009) considera como não-padrão a ocorrência extraída do corpús de Pombal, apresentada em (3), abaixo:

(3) Nóis vão lanchá num lugá lá.

(R. A., 20, F1,Pb)

Segundo a linguista, essa forma parece ser uma variação fonética da forma padrão e, por isso, é considerada como mais um estágio do processo de implementação e não como forma verbal de 3ª p.p. Assim, podemos destacar que, embora a forma padrão *nós* seja mais frequente na variedade rural, isso ocorre porque o paradigma morfológico, afetado por variações fonológicas, favoreceu a aplicação da variante considerada padrão pela gramática normativa. Sobre esse processo, Maia declara que:

“[...] com o morfema padrão *-mos*, há 100% das ocorrências com a variante *nós* e 0% com a variante *a gente*; indicando que essa terminação favorece o *nós*. Com o morfema *-moØ*, há 96% das ocorrências com a variante *nós* e apenas 3% com a variante *a gente*. A terminação *-ão* mostrou favorecimento categórico em relação à forma *nós* (100%). Mesmo quando a desinência é zero, a porcentagem de *nós* é de (38%)! Desse modo, os resultados evidenciam que a desinência se desfaz bem lentamente e que um vestígio mínimo de 1a.PP é o bastante para favorecer a ocorrência do pronome *nós*.” (MAIA, 2009, p. 55 e 56).

Com base nos dados da tabela 8, podemos verificar que essa hipótese se confirmou, uma vez que os dados mostram que o uso de *a gente* (35%) foi menor em relação ao de *nós* (64%) na região de Pombal, enquanto, na região de Belo Horizonte, os falantes urbanos optam pelo uso da variante inovadora (70%), em detrimento do uso da forma conservadora (29%). Em vista disso, na visão da autora, esse contexto ocorre porque “as comunidades rurais apresentam ritmo de tempo mais lento” na incorporação de um processo de mudança na matriz linguística de seus falantes (MAIA, 2003, p. 53 *apud* VIANNA, LOPES, 2015, p.117).

Tabela 8 – Frequência de *a gente* e *nós* em duas cidades mineiras (MAIA, 2003)

CIDADE	A GENTE		NÓS	
	Frequência	PR.	Frequência	PR.
Zona Urbana (Belo Horizonte)	240/340=70%	0.67	100/340=29%	0.32
Zona Rural (Pombal)	119/332=35%	0.32	213/332=64%	0.67
TOTAL	359/672=53%		313/672=46%	

Fonte: Vianna e Lopes (2015) adaptado de Maia (2003, p.53).

Sobre a variedade capixaba, Mendonça (2010 *apud* VIANNA; LOPES, 2015) recolheu da amostra PortVix 1.745 ocorrências de expressão pronominal de 1PP e verificou que falantes nascidos em Vitória tendem ao uso da forma *a gente* (71%) em relação a *nós* (29%). Avaliando

os fatores condicionantes, algumas variantes se mostraram mais evidentes. A variável sujeito implícito ou explícito apontou que *a gente* é comumente utilizado em casos de sujeito explícito, pois a forma implícita se constituiu como uma restrição à aplicação do pronome.

Sobre a variável paralelismo formal e semântico, os dados apontaram que *a gente* tem maior probabilidade de uso em casos de ocorrência de formas implícitas (PR. 0.96) ou explícita (PR. 0.71) em contexto anterior. A referência do sujeito também propiciou o uso de *a gente* em casos de referência ao próprio falante (PR. 0.70) ou genérica (PR. 0.53).

Por fim, o pesquisador também ressalta que seus resultados não diferem dos de outros autores para outras regiões. Em relação aos fatores sociais, a faixa etária indica um processo de mudança na variedade do Espírito Santo. Os dados apontam que falantes de faixas etárias mais jovens, como as que vão de 7 a 14 anos (PR. 0.75) e de 15 a 25 anos (PR. 0.70), são mais propícios ao uso da variante menos conservadora, ao passo que os mais velhos começam a utilizar a variante padrão ao longo de suas vidas.

Partindo para a variedade do centro-oeste brasileiro, Vianna e Lopes (2015, p. 121) destacam que são poucos os trabalhos de cunho sociolinguístico sobre a referência de primeira pessoa do plural nessa região. De modo ilustrativo, são apresentadas as pesquisas de Muniz (2007) e Mattos (2013) que focalizam diferentes regiões de Goiás: Jaguará e Goiânia, respectivamente.

No trabalho de Muniz (2007 *apud* VIANNA; LOPES, 2015), é realizada uma comparação entre a variedade rural de Jaguará e a variedade urbana de Goiânia. Foram observados 21 informantes e os dados extraídos mostram que falantes urbanos mantêm preferência pelo uso da forma inovadora, registrando-se 69% de ocorrência de *a gente* contra 31% de *nós*. Em Jaguará, o uso de *a gente* foi registrado em cerca de 43% das ocorrências, demonstrando uma probabilidade menor de uso entre os falantes do meio rural.

Em outra perspectiva, Mattos (2013 *apud* VIANNA; LOPES, 2015), avaliando amostras de fala de 55 informantes¹⁵ de diferentes regiões de Goiás (entre elas a capital, Goiânia, e as cidades de Anápolis, Ceres, Cromínia, Piracanjuba, Formosa e Pirenópolis), aponta que seus resultados não foram diferentes de outros já registrados nas diferentes variedades regionais do PB. Os dados mostram que o uso de *a gente* é consideravelmente maior, com 77% de frequência, contra 23% de *nós*. Conforme os dados da autora, apresentados na tabela 9 para a variável faixa etária, os mais jovens são mais propícios ao uso da forma *a gente*, ao passo que,

¹⁵ Os dados são referentes a 28 falantes femininos e 27 falantes masculinos, divididos em três faixas etárias (16 a 24 anos; 25 a 40 anos e 41 a 86 anos) de dois níveis de escolarização (ensino médio e universitário).

entre os mais velhos, embora haja uma porcentagem de 61%, o peso relativo não é significativo (PR. 0.23).

Tabela 9 - Fatores sociais relevantes no uso de *a gente* em Goiás (MATTOS, 2013)

Variável Social	Fatores	Frequência	PR.
Faixa etária	16 - 24 anos	602/690 = 87%	0.70
	25 - 40 anos	715/933 = 77%	0.49
	41 - 86 anos	296/439 = 61%	0.23
Nível de escolarização	Ensino médio	703/812 = 87%	0.69
	Ensino superior	883/1.250 = 71%	0.37
Gênero	Feminino	782/984 = 80%	0.60
	Masculino	804/1.078 = 75%	0.41
TOTAL		1.586/2.062 = 77%	

Fonte: Adaptado de Mattos (2013, p.11-112 *apud* VIANNA; LOPES, p.122).

Referente ao nível de escolarização, falantes concluintes do ensino médio favorecem o uso de *a gente* (87%), ao contrário dos universitários, que favorecem o uso de *nós*. O uso da forma padrão pode estar associado ao contexto universitário no qual o falante esteve engajado. Por fim, sobre a variável gênero, Mattos (2013) verifica que as mulheres utilizam com maior frequência *a gente* (80%), enquanto homens ainda freiam o processo de variação em sua fala, utilizando mais o pronome pessoal *nós*.

Para a região Nordeste, Vitório (2017), Mendes (2007) e Fernandes (2004) investigaram a AP de 1PP em diversas cidades e capitais da região.

No trabalho sobre a variedade de Maceió, Vitório (2017) obteve um total de 642 ocorrências pronominais de referência de 1PP em posição de sujeito, com 100 ocorrências de *nós* (16%) e 524 de *a gente* (84%), resultado que contribui com a ideia de que, de modo geral, no PB o uso de *a gente* ainda é maior, uma vez que os padrões alcançados por Vitório (2017) também podem ser observados em outras pesquisas, como a de Lopes (1998), Seara (2002), Omena (2003), Maia (2009).

Avaliando o português falado do interior do estado da Bahia, Mendes (2007) analisou 24 entrevistas de informantes da zona urbana e da zona rural do município de Santo Antônio de Jesus, no recôncavo baiano. O objetivo da pesquisadora era investigar as restrições linguísticas e sociais que atuam na AP com 1PP nas duas regiões e se, de fato, o processo de variação era estável ou de mudança em curso. Das 1.970 ocorrências pronominais, 93% foram de *a gente*, contra apenas 7% de *nós*. Os fatores sociais avaliados mais pertinentes foram a faixa etária e a localização do informante. Para a variável faixa etária, os dados mostraram maior índice do uso de *a gente* na fala de informantes mais novos, principalmente entre adolescentes e jovens. Sobre

as diferentes localidades, os resultados foram os esperados: falantes da região urbana utilizam a forma *a gente*, enquanto os do meio rural optavam pelo uso de *nós*, talvez pelo maior isolamento. Em suma, Mendes (2007) conclui que o uso de *a gente* é mais frequente na variedade do interior da Bahia e que o fenômeno de AP pode ser considerado uma mudança em curso, motivada, principalmente, pelo grande fluxo de falantes que vão e voltam de grandes centros urbanos e pelo desempenho linguístico de pessoas que são mais expostas aos meios de comunicação ou a contextos de maior contato linguístico.

O último trabalho que descreve a AP com 1PP no PB nesta seção é o de Fernandes (2004 *apud* VIANNA; LOPES, 2015) sobre a variedade falada em João Pessoa. O trabalho analisa 60 entrevistas¹⁶ extraídas do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB). Dentre as 2.739 ocorrências, 79% são casos de *a gente* e 21% de *nós*. Com base nos dados, principalmente da variável escolaridade, Fernandes (2004) aponta que em todos os níveis de escolarização o uso de *a gente* é superior, com significativo aumento na fala de informantes menos escolarizados, com 90% de uso e PR. de 0.67. Nos demais níveis de escolarização, os dados revelam que os desempenhos linguísticos não aceleram ou freiam a mudança: o que se observa é que o uso da forma inovadora ainda é mais o comum, pois falantes de primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental apresentam probabilidades de uso bem semelhantes (PR. 0.50 e 0.51, respectivamente), e falantes escolarizados de nível médio ou superior favorecem o uso de *a gente* (PR. de 0.61 e 0.57, nessa ordem). Pode-se considerar que a variável faixa etária não demonstra indícios de que o processo de AP com 1PP esteja em mudança nessa variedade.

Com base nos trabalhos apresentados nesta seção, pode-se considerar que o fenômeno de AP entre *nós* e *a gente* está presente em muitas variedades do PB, com destaque da variável faixa etária como a mais proeminente entre as variáveis sociais averiguadas, o que nos leva a considerar que o fenômeno se enquadra no modelo laboviano de mudança geracional, pois “os indivíduos no geral, ao se tornarem mais velhos, mantiveram-se estáveis levando seu comportamento para a faixa etária seguinte”, enquanto a comunidade apresentava um comportamento mais instável em faixas etárias mais jovens (LABOV, 1994 *apud* VIANNA; LOPES, 2015, p. 130). Segundo Vianna e Lopes (2015), isso ocorre justamente pelo fato de que não há diferença no valor social no emprego das formas *nós* e *a gente*, e, por isso, ambas as formas são utilizadas pelos falantes, com maior tendência de uso da forma *a gente* em diferentes contextos, como o de sujeito referencial.

¹⁶ Os informantes eram distribuídos em “[...] três faixas etárias – 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais – e três níveis de escolarização, a saber: ensino fundamental, ensino médio e nível superior.” (FERNANDES, 2007, *apud* VIANNA; LOPES, 2015, p.120).

3.2.2. Fenômeno da alternância pronominal envolvendo primeira pessoa do plural no português do interior paulista

Sobre a variedade falada no noroeste do estado de São Paulo, Rubio (2012) investigou a AP entre *nós* e *a gente* em amostras provenientes do banco de dados Iboruna. Os dados avaliados foram extraídos da Amostra Censo, amostra de fala sociolinguisticamente controlada em que as entrevistas realizadas foram orientadas pelo documentador, guiado por modelos de trocas conversacionais dirigidas para a obtenção de tipos textuais específicos. Com base nisso, vale retomar a ideia exposta no início da seção anterior: dados provenientes de entrevistas semiestruturadas podem apresentar divergência entre os resultados expostos e o uso da língua, pois, pautados na ideia de que o estilo do desempenho linguístico é configurado por várias condições internas e externas à língua (o gravador, o documentador e a sensação de o informante saber que está sendo gravado), o falante pode alterar em maior ou menor grau sua performance linguística no momento da entrevista, mesmo havendo estratégias que tentem minimizar esse efeito.

Embora seja válida a argumentação anterior, os trabalhos de Gonçalves e Rubio (2010; 2011) e Rubio (2012) contribuem com a descrição do PB falado no interior paulista, principalmente porque ampliam a descrição do fenômeno de AP sob a perspectiva variacionista. Para a AP de 1PP, os resultados gerais de Rubio (2012) são os apresentados na tabela 10.¹⁷

Tabela 10 - Frequência de uso de *nós* e *a gente* no Interior Paulista (RUBIO, 2012)

Nós		A gente		Total
26,2% (570)		73,8% (1603)		100% (2.173)
Explícito 83,7% (477)	Implícito 16,3% (93)	Explícito 88,1% (1.413)	Implícito 11,9% (190)	

Fonte: Rubio (2012, p. 223).

Como se observa, Rubio (2012) constata que a forma pronominal *a gente* tem maior índice de ocorrência sobre o pronome *nós*. Para justificar esses valores, os resultados das variáveis serão apresentados na ordem em que se mostraram mais relevantes¹⁸: variáveis linguísticas - saliência fônica, grau de determinação do sujeito e tempo e modo verbal; variáveis sociais - faixa etária, escolaridade e gênero.

¹⁷ Nesta seção, as tabelas reproduzidas do trabalho de Rubio (2012) são apresentadas, porque seus resultados têm implicação direta para nossos resultados. Todas as tabelas do autor são aqui renumeradas.

¹⁸ Também nesta seção, as ocorrências exemplificativas dos fatores de análises são reproduzidas de Rubio (2012).

Para a variável saliência fônica, os resultados de Rubio (2012) apontam que os níveis de saliências esdrúxula e mínima favorecem o uso de *a gente* (4) e saliência média e máxima, o uso de *nós* (5), como é possível observar nos PR. destacados na tabela 11.

(4) Uso de *a gente* em contextos de saliência esdrúxula ou mínima

(a) saliência esdrúxula

[...] ele conversava comigo *a gente tinha* [tínhamos] diá::logo... *a gente era* [éramos] completamente feliz só que não deu certo... uma porque:: eu era casada [...]

[BDI-068, l. 40]

(b) saliência mínima

[...] minhas filhas nasceram perfei::tas... *a gente sabe* [sabemos] até de casos de de::... criANças o quê::?... catorze treze anos é criança né?

[BDI-064, l. 185]

(5) Uso de *nós* em contextos de saliência média ou máxima

(a) saliência média

[...] eu tava aqui na faculdade ele passô(u) me pegô(u) nove e meia da noite... *nós fomos* [foi] pro apartamento e num tinha nada... só tinha a cama a gelade::(i)ra as coisas tavam tudo compradas né?

[BDI-082-55]

(b) saliência máxima

[...] que a gente tem notícia... de quem vem lá de fora... e:: infelizmente alguns países... *nós:: não somos* [é] bem recebidos porque::... *nós somos* [é] o terce(i)ro mundo

[BDI-073-165]

Tabela 11 - Frequência da variável *saliência fônica* em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)

Saliência fônica	<i>Nós</i>		<i>A gente</i>	
	Frequência	PR.	Frequência	PR.
Esdrúxula	24,2% (98/405)	0,481	75,8% (307/405)	0,509
Mínima	11,2% (95/849)	0,311	88,8% (754/849)	0,689
Média	40,9% (326/797)	0,668	59,1% (471/794)	0,332
Máxima	41,8% (51/122)	0,696	58,2% (71/122)	0,304

Fonte: Rubio (2012, p. 239).

Sobre o grau de determinação do sujeito, o autor confirma a hipótese de que o pronome *nós* é mais retido quando a referência é definida (25,3% - genérica e definida / 31,1% específica e definida) (6), enquanto *a gente* ocorre com maior frequência nos casos de sujeitos de referência mais genérica indefinida (86,5%) (7), conforme os dados da tabela 12.

(6) **Uso de *nós* em contexto de referência [+ definida]**(a) **Sujeitos do tipo *genérico e definido***

[...] porque há, há, há participações que **nós** temos que, que é de arrepiar: o próprio indivíduo diz que, ostensivamente, que não respeitou o sinal de stop que existia, ia se... ia numa curva fora de mão, hã? mas isto constantemente, com frequência se vê...

[CRPC-612-40]

(b) **sujeitos do tipo *específico e definido***

[...] o meu marido que hoje é meu esposo o A.... **nós** se conhecemo(s) no ano de:: mil novecentos e setenta que nós trabalhávamos juntos num supermercado... naquela época a gente era apenas amigo

[BDI-092-10]

(7) **Uso de *a gente* em contexto de referência [+ genérica]**(a) **sujeitos do tipo *genérico e indefinido***

[...] é um horário abençoado por Deus... eu acho que **a gente** tem que comê(r) certinho... não podemos derrubá(r) comida na mesa derrubá(r) no chão fazê(r) aquela porqui::ce aquela noje::(i)ra... que aí a gente vai tê(r) que limpá(r) depois... eu acho assim...

[BDI-068, 1. 45]

Tabela 12 - Frequência da variável *grau de determinação do sujeito* em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)

Grau de det. do suj.	<i>Nós</i>		<i>A gente</i>	
	Frequência	PR.	Frequência	PR.
Genérico e indefinido	13,5% (26/193)	0,431	86,5% (167/193)	0,569
Genérico e definido	25,3% (315/1244)	0,503	74,7% (929/1244)	0,497
Específico e definido	31,1% (229/736)	0,615	68,9% (507/736)	0,385

Fonte: Rubio (2012, p. 242).

Sobre a variável tempo e modo verbal os resultados mostram que alguns tempo e modos verbais se mostraram mais favoráveis à restrição de uma variante em relação à outra, como mostram os resultados da tabela . 13

Tabela 13 - Frequência da variável *tempo-modo verbal* em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)

Tempo-modo verbal	<i>Nós</i>		<i>A gente</i>	
	Frequência	PR.	Frequência	PR.
Pres. Ind. + pres. Subj.	16,3% (158/968)	0,449	83,7% (810/968)	0,551
Pret. imp. ind. + pret. imp. subj.	24,7% (94/381)	0,464	75,3% (287/381)	0,536
Pret. Perf. ind.	43,6% (309/708)	0,636	56,4% (399/708)	0,364
Formas fut. + outros	7,8% (9/116)	0,227	92,2% (107/116)	0,773

Fonte: Rubio (2012, p. 245).

Conforme os PR. da tabela 13, o pretérito perfeito do indicativo tem correlação mais estreita com a forma *nós* (8), enquanto o presente do indicativo e do subjuntivo e formas que expressam futuro são mais favoráveis à ocorrência de *a gente* (9).

(8) Uso de *nós* com verbos no pretérito perfeito do indicativo

[...] eu e meu marido quando **nós** nos casamo(s) ele era uma pessoa que num era quase de de participá(r)... da igreja... e eu com o meu testemunho

[BDI-092, l. 240]

(9) Uso de *a gente* com verbos no presente do indicativo (a) e subjuntivo (b)

(a) [...] cê sabe que tem uma hora que **a gente** fica na seca... e de repente a gente tava dançan(d)o eu e meus amigos lá e de repente vejo um moço moreno alto lindo né?

[BDI-074, l. 70]

(b) [...] se **a gente** fosse treiná(r) a gente que... arrumasse o(u)tro lugar... treinasse na rua teve uma/ uma vez que a gente teve que treiná(r) na rua

[BDI-074-400]

Sobre a variável social faixa etária, os estudos de Rubio (2012) apontam que usos tanto de *nós* como de *a gente* não são indicativos de mudança na comunidade, mas confirmam a hipótese de que a forma inovadora está associada ao desempenho de falantes mais jovens, como os que se encontram entre os 16 e 25 anos de idade. Para as demais faixas etárias, o comportamento não foge às expectativas: o uso de *a gente* se mantém elevado, podendo ainda ser observada uma neutralidade de uso na faixa etária mais de 55 anos (PR. 0,502) É o que mostram os PR. da tabela 14.

Tabela 14 - Frequência da variável *faixa etária* em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)

Faixa etária	<i>Nós</i>	PR.	<i>A gente</i>	PR.
16 a 25 anos	14% (74/530)	0,392	86% (456/530)	0,608
26 a 35 anos	22,4% (118/527)	0,440	77,6% (409/527)	0,560
36 a 55 anos	40,7% (257/632)	0,640	59,3% (375/632)	0,360
mais de 55 anos	25% (121/484)	0,498	75% (363/484)	0,502

Fonte: Rubio (2012, p. 255).

Conforme tabela 15, com resultados da variável escolaridade, os dados evidenciam que a ocorrência de *nós* é muito evidente entre falantes com mínima escolarização e com máxima escolarização (PR. 0,574 e 0,600, respectivamente). Esse resultado talvez se justifique pelo fato de que, em ambas as faixas, os falantes estejam em contato com ambientes escolares mais impositivos do uso formal da língua. Para a variante *a gente*, o uso é mais evidente entre os falantes do 2º ciclo do Ensino Fundamental e falantes do Ensino Médio (PR. 0,621 e 0,559).

Tabela 15 - Frequência da variável *escolaridade* em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)

Escolaridade	<i>Nós</i>	PR.	<i>A gente</i>	PR.
1º ciclo Ens. Fund.	38,5% (175/455)	0,574	61,5% (280/455)	0,426
2º ciclo Ens. Fund.	15,6% (84/539)	0,379	84,4% (455/539)	0,621
Ensino Médio	18,4% (99/539)	0,441	81,6% (440/539)	0,559
Ensino Superior	33,1% (212/640)	0,600	66,9% (428/640)	0,400

Fonte: Rubio (2012, p. 252).

Por fim, a última variável considerada no trabalho de Rubio (2012) é sexo/gênero. Para esta variável, conforme os dados do autor, podemos considerar que o uso dos pronomes *nós* e *a gente* foram muito semelhantes entre os dois grupos (72,6% para homens e 74,7% para mulheres de *a gente*, e 27,4% para homens e 25,3% para mulheres de *nós*), conforme resultados da tabela 16. Esses dados apontam que a forma inovadora *a gente*, quando utilizada com um maior percentual pelos falantes do sexo feminino, demonstra que esse pronome possui pouca avaliação negativa, pois segundo a premissa laboviana, informantes femininos tendem a utilizar a forma inovadora somente quando essa não é socialmente estigmatizada.

Tabela 16 - Frequência da variável *gênero/sexo* em relação às ocorrências do fenômeno de AP de 1PP (RUBIO, 2012)

Sexo/Gênero	<i>Nós</i>	PR.	<i>A gente</i>	PR.
Masculino	27,4% (263/960)	-	72,6% (679/960)	-
Feminino	25,3% (307/1213)	-	74,7% (906/1213)	-

Fonte: Rubio (2012, p. 259).

Os resultados de Gonçalves e Rubio (2010; 2011) e Rubio (2012) demonstram que a AP de 1PP no PB falado no interior paulista está encaixado na matriz da comunidade. Esse contexto mostra que a avaliação social por parte dos membros da sociedade não aponta graus extremos de estigmatização, pois a diferença entre o uso de *nós* ou *a gente* na comunidade, embora significativamente diferente (*nós* 26,2% e *a gente* 73,8%), não demonstrou ser um fator pertinente na análise dos fatores internos e externos, pois os resultados alcançados pelos autores apontaram dois efeitos: (i) observando a ocorrência da AP de 1PP na comunidade, o uso de *a gente* é predominante; e (ii) avaliando as estratificações sociais (como sexo e escolaridade), a diferença de uso entre as formas pronominais é de certa forma equilibrada.

Os trabalhos de Gonçalves e Rubio (2011), Rubio e Gonçalves (2010, 2012) e Rubio (2012) para a variedade do interior paulista apontam que os resultados da variação entre *nós* e *a gente* não diferem dos encontrados em outras variedades. Como já mencionado, os dados dos autores foram extraídos da Amostra Censo (AC) do banco de dados Iboruna, um tipo de amostra

sociolinguisticamente controlada, no que se refere tanto ao perfil social dos informantes quanto ao conteúdo das entrevistas.

Em trabalho de iniciação científica, Nardelli (2017), baseado em Rubio (2012), propôs avaliar o mesmo fenômeno da AP de IPP, mas recorrendo a amostras não controladas sociolinguisticamente do mesmo banco de dados, como é o caso da Amostra de Interação (AI). O trabalho partiu da hipótese de que as diferenças estilísticas entre as duas amostras do BDI poderiam apontar, para AI, diferentes aplicações da regra variável, dado que as diferenças entre os inquiridos de AC e AI, principalmente no que diz respeito ao controle do documentador e ao grau de atenção prestada a fala pelo informante, poderiam apontar índice ainda maior da variante inovadora *a gente* do que o verificado por Rubio (2012) em AC.

Embora a investigação de Nardelli (2017) não tenha seguido as mesmas metodologias de Rubio (2012), os resultados de ambos contribuem para a composição de um retrato do PB falado no interior paulista em dois diferentes contextos estilísticos/discursivos: um mais monitorado – Rubio (2012) em AC – e outro menos monitorado – Nardelli (2017) em AI.

Ao contrário de Rubio (2012), Nardelli (2017) apresenta apenas os resultados quantitativos referentes às ocorrências de *nós* ou *a gente* explícitos¹⁹, a exemplo de (10), nos inquiridos que compõem AI. Dos 123 dados pronominais de IPP, 69 (56,1%) eram de *nós* e 54 (43,9%) de *a gente*. Surpreendentemente, os resultados mostraram maior índice de uso do pronome *nós* em contextos de fala menos monitorados.

(10) Uso de *nós* e *a gente* explícitos em AI

(a) Inf.2.: então aí EU ouVI que falô(U) [Inf. 1: uhm...] e liguei aqui na dona F. e a V. atendeu a V. atendeu [Inf. 1: sei] eu falei V./ ela falô(u) –“ah dona I. *nós* _tamo(s) assistindo nós vimo(s) também”

(AI-002- L.30-32)

(b) Inf. 1:mas *a gente* lava a igreja todo fim de semana né?

(AI-002- L.209)

(c) Inf.1: [na hora] que ele fô(r) embora *nós* vamo(s) sentá(r) lá fora um po(u)co...[tá lo(u)co]

(AI-007-L. 4 – 5)

(d) Inf.1.: [vê coisa] coisa que *a gente* nem sonha que vê né?

(AI-007-L. 80)

¹⁹ Neste trabalho o autor não considera as formas de sujeito desinencial de IPP (-mos).

Os resultados da investigação sobre a AP com 1PP em AI surpreendem, ao mostrar que a forma conservadora *nós* apresenta resultados de maior aplicação por se tratar de uma amostra sem controle pelo documentador e menos monitorada pelo falante. Portanto, a hipótese de que haveria frequência maior da variante *a gente* não se confirmou, fato que pode estar relacionado: (i) à diferença na quantidade de dados provenientes de AC (570 de *nós* e 1603 de *a gente* = 2,173 (RUBIO, 2012)) e AI (69 de *nós* e 54 de *a gente* = 123 (NARDELLI, 2017)); (ii) ao número de participantes em uma mesma AI, o que reduz a possibilidade de contribuição efetiva nos contextos conversacionais; e (iii) à forma *a gente* ser considerada forma inovadora, sem estigma social e, portanto, mais atinente ao estilo do indivíduo e não ao tipo de amostra.

Pode-se inferir desses resultados de Nardelli (2017) e de Rubio (2012) que o uso mais frequente de *a gente* em contextos de fala monitorados, como é o caso de AC, representa uma estratégia do falante de evitar desvios de regras gramaticais, como a concordância verbal com *nós*, enquanto em contexto de interação social livre de monitoramento da fala, como é o caso de AI, o falante use com maior frequência *nós*, e, por isso, incorre mais em desvio da regra de concordância verbal (*nós vamos x nós vai*).

Em síntese, praticamente todas as pesquisas sociolinguísticas levam em consideração a análise de um fenômeno variável a partir da verificação de sua ocorrência na comunidade de fala e não no estilo do indivíduo. Labov (2008), ao trabalhar com a noção de comunidade de fala, destaca que, ainda que o fenômeno variável seja verificado na comunidade como um todo, o papel do indivíduo não é e não deve ser ignorado, pois uma das funções da comunidade de fala é moderar uma relação entre o idioleto (âmbito individual) e a língua (âmbito social). Isso significa que estudos de comunidade de fala podem levar ao apagamento de diferenças individuais de uso dentro da mesma comunidade.

A ideia de comunidade de fala atribui ao indivíduo um conhecimento sobre os valores, regras e normas comuns entre os participantes de um mesmo agrupamento. Assim, quando esta pesquisa propõe um direcionamento da análise para o indivíduo, faz um recorte metodológico fundamentado na concepção de que a noção de comunidade, na qual todos, involuntariamente estão inseridos, oferece ao indivíduo a liberdade de utilizar diferentes formas variáveis disponíveis no sistema linguístico do grupo, mas não diferentes normas (LABOV, 2008). A título de exemplo, ainda que a comunidade, de modo geral, utilize *nós* em função de sujeito, é possível que, na análise individual de cada amostra, determinados falantes com determinados

perfis sociais tenham utilizado mais uma variante do que outra²⁰, o que reclama atenção para o desempenho linguístico individual e para o desempenho linguístico do indivíduo frente ao grupo.

No caso específico de AI, a ocorrência de uma das variantes, por ser pontual e esporádica, pode não influenciar o resultado quantitativo do todo, mas aponta diferentes desempenhos estilísticos que não são possíveis de se verificar quando não é realizada uma análise minuciosa dos contextos específicos de interação. Logo, na continuação da pesquisa de Nardelli (2017), a pesquisa empreendida nesta dissertação também se pauta na comprovação de que fenômenos analisados com base na comunidade de fala podem camuflar o real desempenho e uso de uma forma variável. Por isso, partindo da concepção de que a análise de um fenômeno variável dentro de uma comunidade de fala generaliza e minimiza os efeitos da variação, a verificação de contextos de uso dos informantes, tomados individualmente, principalmente quando comparados e pareados os perfis sociais de AI aos de AC, poderá apontar resultados sociolinguísticos diferentes. É o que pretendemos investigar nesta dissertação, a partir da metodologia exposta no capítulo seguinte.

²⁰ Ainda que possamos considerar esse fato como possíveis tendências de uso, as novas pesquisas que surgem na sociolinguística, em relação interdisciplinar com outras áreas, como a estilística, a semântica, a antropologia, etc., procuram verificar as diferentes motivações que atuam na aplicação de uma determinada regra variável, principalmente as que ultrapassam os níveis mais tradicionalmente estudados, como o sexo/gênero, a faixa etária, o paralelismo linguístico, a saliência fônica, etc.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos que orientaram a investigação da AP de 1PP na variedade do PB falado no interior do estado de São Paulo. A seção 3.1. trata do projeto ALIP (Amostra linguística do Interior Paulista) e do banco de dados Iboruna, com destaque para a discussão das diferenças entre suas duas amostras, Amostra Censo (AC) e Amostra de Interação (AI). Na seção 3.2, são apresentados os passos metodológicos que orientam a caracterização e o pareamento dos informantes das duas amostras selecionados na pesquisa. Na seção 3.3., são descritos os casos considerados e os excluídos da análise, pois, em virtude da natureza das variantes investigadas. Por fim, na seção 3.4. serão expostas as variáveis investigadas para o fenômeno de AP de 1PP, com destaque para a metodologia da análise qualitativa das variáveis discursivas/estilísticas; a consideração das variáveis linguísticas e sociais servem de base para a comparação dos resultados de AP de 1PP em AC e AI, com foco mais voltado os resultado de AI, por se tratar de uma amostragem de dados ainda não considerada nos estudos sociolinguísticos, principalmente nos referentes à variedade do interior paulista, que dispõe desse tipo de amostra.

4.1. PROJETO ALIP – AMOSTRA LINGUÍSTICA DO INTERIOR PAULISTA

A variedade paulista, embora tenha sido objeto de estudos em outras áreas da linguística, sob o viés sociolinguístico ainda foi pouco explorada. No contexto dos trabalhos sociolinguísticos, projetos como o ALIP contribuíram diretamente para o desenvolvimento de estudos nessa área fornecendo material de investigação que contribuiu para um maior conhecimento da variedade interioriana do PB falado no estado de São Paulo.

O projeto ALIP²¹ foi criado a partir dos propósitos do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) da Universidade Estadual Paulista, em São José do Rio Preto (doravante UNESP). Assumindo maior preocupação com a composição do banco de dados, os membros do projeto ALIP tentaram captar o dinamismo linguístico do português falado na região noroeste do estado de São Paulo. As amostras do banco de dados Iboruna, como foi nomeado²²,

²¹ Informações disponíveis em <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>.

²² “O nome Iboruna (= Rio Preto) tem motivação histórica; é um topônimo de origem tupi-guarani que se pretendeu atribuir à cidade de São José do Rio Preto por ocasião da comemoração do seu cinquentenário. A contundente intervenção do episcopado riopretense não só impediu a mudança como conquistou de maneira definitiva a

representam a variedade do PB falado no noroeste paulista, que abrange a cidade de São José do Rio Preto e seis outras cidades circunvizinhas, Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol e Onda Verde, conforme figura 2.

Figura 2 - Região de abrangência das amostras do banco de dados Iboruna



Fonte: Wikipédia²³.

4.1.1. Banco de dados Iboruna: Amostra Censo (AC) e Amostra de Interação (AI)

O banco de dados Iboruna é constituído por dois tipos de amostras de fala com características diferentes. As entrevistas que compõem o primeiro tipo, tecnicamente denominado *Amostra Censo* (AC), foram coletadas a partir de critérios sociolinguísticos previamente estabelecidos, que respeitam as postulações da Sociolinguística laboviana (LABOV, 1972). Já o segundo tipo, tecnicamente denominado *Amostra de Interação* (AI), compõe-se de amostras de interações dialógicas coletadas secretamente, com consentimento posterior do falante, e em contextos de interação livre, sem controle de qualquer variável social.

denominação primitiva, São José do Rio Preto, reduzida a Rio Preto de 1906 a 1944". Disponível em: www.iboruna.ibilce.unesp.br. Acesso em 26 jun. 2018.

²³ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:S%C3%A3o_Jos%C3%A9_do_Rio_Preto_e_munic%C3%ADpios_lim%C3%ADtrofes.svg. Acesso em 10 abr. 2020.

4.1.1.1. Amostra Censo (AC)

Na elaboração de AC, a coleta das entrevistas sociolinguísticas obedeceu a um controle rígido das variáveis sociais relevantes para os estudos sociolinguísticos, conforme postula Labov (2008), a saber: *sexo/gênero* (masculino/feminino); *faixa etária* (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos); *escolaridade* (1º e 2º ciclo do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior); e *renda familiar* (até 5 salários mínimos, 6 a 10 salários mínimos, 11 a 25 salários mínimos e mais de 25 salários mínimos). Do cruzamento das variantes das variáveis sociais, resulta um total de 160 perfis sociais a serem representados na amostragem de AC. Por razões óbvias, a variante *Ensino superior* não se encontra representada para informantes de 7 a 15 anos, o que leva à exclusão natural de oito perfis sociais, resultando ao final, na amostragem, 152 perfis sociais, conforme mostra o Quadro 4, dado a seguir.

Quadro 4 - Distribuição e identificação dos informantes de AC por variáveis sociais

RENDA / GÊNERO FAIXA ETÁRIA / ESCOLARIDADE		+ 25 SM		11 A 24 SM		6 A 10 SM		ATE 5 SM		SUB- TOTAL DE INF.	TOTAL DE INF.
		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM		
7 A 15 ANOS	1o.C.EF	001	002	003	004	005	006	007	008	8	24
	2o.C.EF	009	010	011	012	013	014	015	016	8	
	ENSINO M	017	018	019	020	021	022	023	024	8	
16 A 25 ANOS	1o.C.EF	025	026	027	028	029	030	031	032	8	32
	2o.C.EF	033	034	035	036	037	038	039	040	8	
	ENSINO M	041	042	043	044	045	046	047	048	8	
	SUPERIOR	049	050	051	052	053	054	055	056	8	
26 A 35 ANOS	1o.C.EF	057	058	059	060	061	062	063	064	8	32
	2o.C.EF	065	066	067	068	069	070	071	072	8	
	ENSINO M	073	074	075	076	077	078	079	080	8	
	SUPERIOR	081	082	083	084	085	086	087	088	8	
36 A 55 ANOS	1o.C.EF	089	090	091	092	093	094	095	096	8	32
	2o.C.EF	097	098	099	100	101	102	103	104	8	
	ENSINO M	105	106	107	108	109	110	111	112	8	
	SUPERIOR	113	114	115	116	117	118	119	120	8	
+55 ANOS	1o.C.EF	121	122	123	124	125	126	127	128	8	32
	2o.C.EF	129	130	131	132	133	134	135	136	8	
	ENSINO M	137	138	139	140	141	142	143	144	8	
	SUPERIOR	145	146	147	148	149	150	151	152	8	
SUB- TOTAL DE INF.	1o.C.EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	152
	2o.C.EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	ENSINO M	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	SUPERIOR	4	4	4	4	4	4	4	4	32	
TOTAL DE INFORMANTES		19	19	19	19	19	19	19	19		
		38		38		38		38			
		76				76					

*O número em cada uma das células identifica o perfil social do informante, resultante do cruzamento das variantes sociais

Fonte: Rubio (2012).

Conforme descrito por Gonçalves (2008), a definição dos perfis sociais dos informantes por cidades da região seguiu o método da distribuição aleatória por área geográfica pautada nos seguintes passos: (i) inicialmente distribuiu-se a quantidade de

informantes proporcionalmente à quantidade de habitantes de cada uma das cidades da região, conforme quadro 5, dado a seguir; (ii) posteriormente, os dados dos perfis sociais e o registro das cidades pesquisadas foram colocados em duas urnas distintas e, de maneira simultânea, foram selecionados da primeira urna, um perfil social e da outra, uma cidade. Em seguida, devolvia-se a cédula com o nome da cidade para a urna e repetia-se o processo de combinação até que todos os perfis sociais estivessem atribuídos a uma cidade, permitindo assegurar a probabilidade de qualquer perfil social ser candidato potencial a pertencer a qualquer cidade. Aplicado o método, a distribuição resultante é a mostrada no quadro 6.

Quadro 5 - Distribuição dos perfis sociais de AC proporcionais à densidade populacional das cidades da região de São José do Rio Preto²⁴

Cidades da Região de São José do Rio Preto	Distância de SJRP	População
1. Bady Bassitt	12 km, ao sul	11.475
2. Cedral	14 km, ao sul	6.690
3. Guapiaçu	16 km, ao leste	14.049
4. Ipiquã	18 km, ao norte	3.461
5. Mirassol	14 km, a oeste	48.233
6. Onda Verde	25 km, ao norte	5.407
7. São José do Rio Preto	-	357.705
Total da população representada		447.020

Fonte: Gonçalves (2008).

Quadro 6 - Distribuição dos perfis sociais da Amostra Censo por cidade da Região

Renda / Gênero		+ DE 25 SM		DE 11 A 24 SM		DE 6 A 10 SM		ATÉ 5 SM	
Idade/ Escolaridade		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM
7 A 15 ANOS	1º.C EF	001	002	003	004	005	006	007	008
	2º.C EF	009	010	011	012	013	014	015	016
	ENSINO M SUPERIOR	017	018	019	020	021	022	023	024
		-	-	-	-	-	-	-	-
16 A 25 ANOS	1º.C EF	025	026	027	028	029	030	031	032
	2º.C EF	033	034	035	036	037	038	039	040
	ENSINO M SUPERIOR	041	042	043	044	045	046	047	048
		049	050	051	052	053	054	055	056
26 A 35 ANOS	1º.C EF	057	058	059	060	061	062	063	064
	2º.C EF	065	066	067	068	069	070	071	072
	ENSINO M SUPERIOR	073	074	075	076	077	078	079	080
		081	082	083	084	085	086	087	088
36 A 55 ANOS	1º.C EF	089	090	091	092	093	094	095	096
	2º.C EF	097	098	099	100	101	102	103	104
	ENSINO M SUPERIOR	105	106	107	108	109	110	111	112
		113	114	115	116	117	118	119	120
+ DE 55 ANOS	1º.C EF	121	122	123	124	125	126	127	128
	2º.C EF	129	130	131	132	133	134	135	136
	ENSINO M SUPERIOR	137	138	139	140	141	142	143	144
		145	146	147	148	149	150	151	152

Legenda:

 Bady Bassitt	 Onda Verde	 Ipiquã
 Cedral	 Mirassol	 São José do Rio Preto
 Guapiaçu		

Fonte: Gonçalves (2008)

Distribuídos os perfis sociais por cidades da região, a localização do informante na comunidade ficou sob a responsabilidade da equipe técnica do projeto, devidamente treinada

²⁴ Fonte: IBGE – Censo 2000. Disponível em: www.ibge.com.br. Acesso em: 10 abr. 2020.

para o contato com informantes nativos das cidades ou nelas residentes desde ao menos cinco anos de idade, sem ausência significativa. Atendido esse critério, a coleta das entrevistas seguiu um roteiro rígido, de modo a se obterem cinco tipos textuais definidos pelas perguntas dirigidas ao informante (GASPARINI-BASTOS; GONÇALVES, 2004): narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de descrição (RE), relato de opinião (RO) e relato de procedimento (RP), conforme metodologia apresentada por Votre e Oliveira (1995).

Desta maneira, pode-se observar que as 152 amostras correspondem de maneira equivalente a 152 perfis sociais, garantindo a representatividade da fala da região noroeste paulista. Essa representatividade, além de oferecer um panorama da língua falada na região, também proporciona a manifestação de diversos fenômenos linguísticos passíveis de análises.

4.1.1.2. Amostra de Interação (AI)

Os diálogos de AI, de modo particular, foram coletados secretamente sem que os informantes soubessem que estavam sendo gravados e, para que isso acontecesse, a metodologia de coleta pautou-se em algumas instruções que os documentadores deveriam seguir para conseguirem adentrar ou se aproximar dos contextos conversacionais sem que a gravação fosse detectada pelos informantes.

As instruções de coleta baseavam-se nas orientações de Gasparini-Bastos e Gonçalves (2004), que postulam: (i) que as gravações deveriam ser secretas e em interações livres, ou seja, o documentador não poderia interferir no desempenho dos outros informantes e sua participação deveria ser mínima, apenas quando evocado por algum dos participantes do diálogo; (ii) a necessidade de obtenção do consentimento posterior para uso das amostras coletadas: após a coleta, o documentador deveria informar que fez a gravação e, caso algum dos informantes não autorizasse sua utilização na pesquisa, a gravação deveria ser apagada imediatamente; e (iii) que a realização das gravações deveriam ser feitas em ambiente propício, livre de interferências externas, ruídos ou outros fatores que pudessem interferir negativamente nos dados.

Os documentadores tinham total liberdade para fazer as gravações, garantindo apenas que houvesse uma troca conversacional entre duas ou mais pessoas, em local com boa acústica e abordagens de temas que não comprometessem a imagem pública dos participantes. A aproximação dos documentadores dos contextos onde ocorriam as interações não obedecia a uma técnica específica pré-estabelecida, pelo contrário, cada documentador agia conforme

fosse viável. Para esclarecer como ocorriam as coletas de AI, apresentamos, em (11), trecho de um diário de campo, no qual o documentador explica como realizou a coleta:

- (11) Ao chegar a casa de sua namorada, o documentador percebeu que haviam alguns parentes da mesma e que estes estavam dialogando há algum tempo, aproximou-se então e ligou o gravador, deixando que todos participassem espontaneamente. [...] A gravação foi feita na varanda da casa, porém há qualidade na gravação, já que o documentador se colocou muito próximo de todos os informantes, carregando o gravador em sua mão, sendo este confundido com um aparelho celular. Após a gravação, todos foram avisados da gravação e permitiram que suas falas fossem incluídas no banco de dados.
(AI-001, Diário de campo)

Embora não tenha ocorrido nenhuma indisponibilidade da fala de algum dos informantes, todos registraram total ciência da disponibilidade de suas falas para trabalhos da área, sendo assegurado pelo próprio projeto que suas identidades não seriam reveladas. No quadro 7 seguem informações sobre as interações dialógicas de AI.

Quadro 7 - Informações sobre as interações dialógicas de AI

CONTEXTO DE INTERAÇÃO – INFORMANTES ENVOLVIDOS	
AI-001	Diálogo entre 2 homens e 3 mulheres de diferentes idades e escolaridades em ambiente familiar.
AI-002	Diálogo entre 2 amigas vizinhas de perfil social semelhante, no portão da casa de uma delas.
AI-003	Diálogo entre tia e sobrinha, de diferentes idades e escolaridades, em ambiente familiar.
AI-004	Diálogo entre 2 irmãs, de mesma faixa de idade e diferentes escolaridades, em ambiente familiar.
AI-005	Diálogo entre 2 estudantes de mesmo perfil social, em ambiente universitário.
AI-006	Conversa entre 4 mulheres de perfis sociais diferentes, em ambiente familiar.
AI-007	Diálogo entre marido e esposa de mesma faixa etária e de níveis de escolaridade diferentes, em ambiente familiar.
AI-008	Conversa entre 3 estudantes do sexo masculino de mesmos perfis sociais, em ambiente universitário.
AI-009	Diálogo entre advogado e cliente, de perfis sociais diferentes, em escritório de advocacia.
AI-010	Discussão de peça jurídica entre 2 advogados de mesmo perfil social, em escritório de advocacia.
AI-011	Diálogo entre casal de namorados universitários de mesma faixa etária, em ambiente familiar.
	Total de informantes: 28 informantes

Fonte: adaptado de Gonçalves (2008).

Nas coletas de AI, conforme quadro 7, não houve restrição para a seleção dos perfis sociais, já que, por se tratar de uma interação livre, os perfis eram consequência desses contextos. A falta de controle de perfis sociais pode, de fato, ser um problema para a representatividade do corpúsculo em uma pesquisa sociolinguística. No entanto, esse problema pode ser superado dependendo da natureza do trabalho: se for quantitativo, AI realmente pode restringir contextos para uma investigação sociolinguística, mas, se for qualitativo, o posicionamento do pesquisador requer outras decisões metodológicas, como, por exemplo, dispor de critérios de análise que busquem contemplar o contexto discursivo das ocorrências.

4.1.2. Diferença estilística entre AC e AI

Como exposto anteriormente, o banco de dados Iboruna possui dois tipos de amostras que se diferenciam por alguns aspectos referentes à coleta das gravações. AC, por ser socialmente controlada, é uma amostra sociolinguística típica, enquanto AI, visando constituir padrões de interação mais próximos da fala cotidiana, se diferencia de AC e conseqüentemente da maior parte das amostras linguísticas que registram o português falado no Brasil, que são, em sua grande maioria, configuradas como entrevistas sociolinguísticas semiestruturadas.

A diferença entre AC e AI, no que se refere à coleta das ocorrências, conduz a uma reflexão sobre as características das duas amostras e de como foram elaboradas. Inicialmente, as características que diferenciam AC e AI são: (i) quantidade de gravações e de participantes em cada amostra; (ii) perfil social dos participantes das amostras: previamente definidos ou resultante de situação de interação propícia; (iii) modo de gravação: consentida ou secreta; (iv) controle dos tópicos discursivos das entrevistas: guiado ou livre; (v) o roteiro para coleta das amostras: estruturado ou livre; (vi) local da gravação: combinado entre documentador e informante ou de escolha do documentador; e (vii) monitoramento do desempenho linguístico por partes dos informantes: maior ou menor.

Retomando questões sobre estilo, torna-se evidente que o desempenho linguístico dos falantes está sujeito à maneira como eles falam, que se modifica conforme a situação comunicativa na qual estão inseridos e as relações interpessoais, independentemente do contexto de interação. Esse efeito pode ser verificado na teoria de Bell (1984), que defende a ideia de que o desempenho linguístico de um falante é um efeito produzido a partir das relações entre eles. Tavares (2014) também argumenta que os falantes possuem consciência e capacidade de identificar graus distintos de formalidade decorrentes de contextos e papéis sociais diferentes. Por exemplo, a interação entre as díades mãe-filha, patroa-empregada, professor-aluno, em contextos sociais diferentes, pode preservar ou não a característica da formalidade decorrente da posição hierárquica que é estabelecida socialmente entre os interactantes, conforme mostram Podesva et al. (2002) com a análise do desempenho linguístico de um mesmo informante médico na interação com seus pacientes, em uma clínica médica, e na interação com seus amigos, em um churrasco, mostrando que o papel social dos informantes é fator importante que influencia, em alguma medida, o desempenho linguístico do falante a partir de uma relação socialmente pré-estabelecida (médico e paciente / médico e amigos). Esse contexto ilustra bem a ideia de que nenhum fator estilístico ou discursivo deve ser excluído de uma análise sociolinguística: o que deve ocorrer é uma sobreposição de fatores e suas inter-

relações, sendo responsabilidade do pesquisador averiguar qual se mostra mais evidente em uma circunstância.

A discussão sobre o comportamento linguístico dos falantes em diferentes contextos de interação verbal ressalta a ideia de que o desempenho dos informantes do banco de dados Iboruna também foi influenciado pelo modo como a entrevista foi conduzida. Metodologias mais clássicas, nas quais o entrevistador conversa previamente com o entrevistado, podem produzir uma gravação com maior formalidade, diferentemente de gravações realizadas de modo secreto, que podem garantir maior representatividade da língua falada no dia a dia dos informantes (vernáculo) (TARALLO, 1991).

Deste modo, o refinamento das características estilísticas²⁵ das amostras do Iboruna conduz a uma reflexão de ao menos cinco fatores que as diferenciam. Cada um desses fatores evidencia uma especificidade de AI ou AC, particularizando-as e valorizando aspectos que conciliam os fatores estruturais com questões relacionadas ao estilo.

4.1.2.1. A quantidade de gravações e de informantes de cada amostra

A primeira diferença entre AC e AI se refere à quantidade de gravações e a quantidade de informantes de cada amostra, dois aspectos que as particularizam.

Cada entrevista de AC conta com um único informante por gravação e reúne 151²⁶ entrevistas, correspondentes a perfis sociais distintos. Para as gravações de AI, ao contrário de AC, não houve preocupação com o número de entrevistados, sendo coletadas 11 gravações que reuniram no total 28 informantes²⁷ de diferentes perfis sociais em que não havia nenhum pré-requisito que determinasse a escolha do informante. Essa característica é relevante porque permite relacionar questões sobre quantidade e representatividade de um *córpus* linguístico.

Sobre a representatividade de AC e AI, há um princípio de que um *córpus* deve ser representativo de uma variedade, e sua extensão é uma característica importante (SARDINHA, 2000); por esse motivo, pode-se considerar que AC é mais representativa que AI, dado que suas

²⁵ Entende-se por característica estilística todas as configurações constitutivas das amostras que as particularizam em razão da metodologia de coleta realizada e seu produto. Em determinadas configurações, assim como em metodologias mais clássicas (estilo AC, por exemplo), algumas características podem fazer com que as entrevistas tomem rumos específicos: em uma coleta ao estilo AC há um controle consciente e rígido dos tipos textuais que não é registrado de maneira consciente em interações verbais livres (estilo AI, por exemplo).

²⁶ Importante mencionar que, na época da coleta das entrevistas, um perfil social não foi localizado na comunidade; trata-se do informante número 60 (sexo feminino, 26 35 anos, 1º. ciclo do ensino fundamental, com renda de 11 a 24 salários-mínimos).

²⁷ É importante que se observe, neste momento, que em duas amostras de AI, os documentadores eram interlocutores ativo da interação dialógica e, por isso, se incluíram como informantes e não como documentador.

amostras abrangem um número maior de informantes e ilustram uma diferença mais ampla dos perfis sociais, quando comparados o quadro 6 com o quadro 8, dado a seguir, com os 28 informantes de AI.

Quadro 8 - Identificação dos perfis sociais de informantes de AI

RENDA / SEXO		+ 25 SM		11 A 24 SM		6 A 10 SM		ATE 5 SM		SUB-TOTAL	TOTAL
FAIXA ETÁRIA / ESCOLARIDADE		MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM		
16 a 25 anos	1CEF										6
	2CEF										
	EM			01		02, 03				3	
	SUP.						04, 05, 06			3	
26 a 35 anos	ANALF.										7
	1CEF							07, 08		2	
	2CEF										
	EM										
SUP.	09, 10					11, 12, 13				5	
36 a 55 anos	ANALF.										5
	1CEF							14		1	
	2CEF		15							1	
	EM						16			1	
SUP.				17	18					2	
+ 55 anos	ANALF.								19	1	10
	1CEF						20, 21	22, 23, 24, 25		6	
	2CEF		26							1	
	EM					27		28		2	
SUP.											
TOTAL DE INFORMANTES		2	2	1	1	7	6		9	28	
		4		2		13		9			
		6				22					

Fonte: elaboração do autor.

A partir dos quadros 7 e 8, pode-se observar que em AI não houve necessidade de preenchimento de perfis sociais mais específicos, apenas do registro de um contexto de interação livre, com os perfis sociais dos informantes sendo verificados somente após a gravação. Em AC, pelo contrário, era necessária a coleta de entrevistas de entrevistas com informantes de perfis sociais pré-definidos, tendo um único falante por interação verbal, proporcionando gravação de maior duração de um mesmo desempenho linguístico.

Desta maneira, embora haja divergência entre AC e AI, neste trabalho a abrangência ou o tamanho do corpus não é relevante. Sendo o objetivo de AI fornecer dados para o estudo da língua em seu contexto de uso cotidiano (dimensão observada em menor grau em AC), a representatividade da estratificação social da comunidade não se faz necessária, pois o interesse desta dissertação é analisar o desempenho de perfis sociais individualizados em determinados contextos estilísticos e não no contexto da comunidade.

4.1.2.2. Tipo de gravação e o controle dos tópicos discursivos

As diferenças entre AC e AI assumem um papel importante quando se estuda um fenômeno linguístico sob determinada perspectiva, pois, na coleta de AC, a presença do gravador e do próprio documentador poderia ser um fator de interferência no estilo casual de fala do informante, o que não se verifica na coleta de AI. Em vista disso, a presença do documentador realçou outras questões, como o controle dos tópicos das entrevistas. Em (12), é possível observar como eram realizadas as entrevistas de AC: inicialmente, o entrevistador fazia uma pergunta, direcionando o entrevistado a realizar um tipo textual específico, no caso ilustrado, um relato de opinião.

(12) Exemplo de perguntas dirigidas aos informantes de AC

Doc.: é e do presidente a senhora tá contente... com ele?

Inf.: eu num votei ne::le... mas quando ele ganhô(u) eu fiquei até emocionada com todo aquele barulho né? que fizeram [Doc.: ((risos))] só que eu (num) esperei muita coisa dele... vamos vê(r) né? dizem que tá mexen(d)o né? mas a gente ainda num viu resultado

Doc.: a senhora acha que mudô(u)?

Inf.: ah eu acho que:: tá mudan::do... num é assim na matéria de:: de::... é de situação finance(i)ra assim num tá mudan::do... o país continua pobre né?... continua pobre... mas eu num sei se ainda falta a gente vê(r) muita co::isa... né?... parece que em matéria de empre::go assim:: o pesso::oal ele tá mexen::do né?

(AC-144; RO: L. 682-692)

O contrário ocorreu com as amostras de AI, pois, neste tipo de amostra, são os próprios informantes que conduzem os tópicos discursivos que emanam naturalmente da interação. Em AI, por se tratar de amostras de fala coletadas secretamente, o documentador não podia interferir no desenvolvimento da interação, a não ser que fosse incluído por algum dos informantes ou se colocasse como participante ativo da interação, mas procurando dar mais autonomia aos participantes. O trecho em (13) retrata a participação livre de três dos cinco participantes da amostra AI-001.

(13) Exemplo de interação livre entre informantes de AI

Inf.3: mas pegô(u) o chefão?

Inf.1: pegô(u) o chefão... é mas os o(u)tros tá (inint.) né?... aí passô(u) os trezentos mi/pau... e foram tenTARAM pa vê(r) se negocia::va se... pra eles vim buscá(r) o(u)tro cento e cinqüenta... mas se mandô(u) né?... sumiram

Inf.3.: éh mas nem voltaram?

Inf.2.: mas J... QUANdo o o o diretor do *Hopi Hari* foi seqüestrado porque ele tam(b)ém... o O. que trabalhava junto... o ele e o O. fazia tratamento c'uma psicóloga em São Paulo... o o:: M. saIU... e entrô(u) na caminhonete... com aquelas

caminhoneTOna sabe?... e o O.... eu/ mai/ falaram um OI po outro e o O. entRÔ(U)... E
o M. saiu na porta que ele saiu o O. num viu o cara foi seqüestra::do... aLI na porta...
(AI-001; L.28-35)

A metodologia de coleta de AI garante mais autonomia discursiva dos informantes, ao contrário da metodologia de AC, cuja entrevista dirigida pelo documentados é estruturada por tópicos discursivos delimitados visando à obtenção de tipos de textos orais específicos. Com isso, dois fatores são evidenciados: (i) em AI, em raríssimas amostras, a cooperação do documentador na interação dialógica é praticamente nula; e (ii) a liberdade dos participantes de AI em instaurar tópicos discursivos garante uma amostragem com maior aproximação de contextos comunicativos cotidianos, pois permite que, das amostras, surjam tipos textuais não delimitados por fronteiras dentro do texto oral, o que reforça a ideia de que os falantes pouca atenção dispensam a seus próprios atos de fala.

4.1.2.3. Local de gravação

A interferência do local das gravações é outro aspecto que permite caracterizar AC e AI: na primeira, a escolha do local era feita pelo próprio informante, enquanto, na segunda, a escolha era feita pelo documentador. Essa diferença ressalta o fato de que, em AC, o local de gravação também poderia alterar a maneira de falar dos informantes, pois as gravações foram feitas em escolas, na universidade e na casa das pessoas, entre outros lugares que, por consequência de suas especificidades, poderiam influenciar no modo de fala.

Em AI, os lugares eram escolhidos pelos próprios documentadores, a partir de um conjunto de orientações para a coleta das interações dialógicas. Assim, tendo em vista que os informantes não tinham consciência da gravação, a presença de outros informantes dentro da própria gravação ou de terceiros não influenciaria significativamente o desempenho linguístico dos participantes. Em um contexto de entrevista como em AC, a presença constante ou repentina de terceiros poderia ter influenciado o desempenho linguístico dos entrevistados, fazendo com que alterassem, mesmo que momentaneamente, seu modo de fala.

4.1.2.4. A atenção dos falantes e seus desempenhos linguísticos

Como apresentado até aqui, o objeto de estudo da Sociolinguística é o vernáculo. Para que os pesquisadores tenham acesso a esse vernáculo, documentadores devem coletar amostras de falas que se aproximem tanto quanto possível da realidade comunicativa do cotidiano.

Toda coleta de dados de fala para estudos sociolinguísticos procura minimizar o *paradoxo do observador* (LABOV, 1976, p.116-117 e p.289-290). Ou seja, é preciso minimizar os efeitos negativos causados pela presença do documentador e dos objetos de gravação, que podem, em alguma medida, influenciar a naturalidade da fala. Nas amostras do banco de dados Iboruna, os entrevistados de representados em AC conferem mais atenção a sua fala do que os participantes representados em AI, mesmo diante da adoção de técnicas distratoras da atenção à fala adotadas pelos documentadores de AC, como, por exemplo, a narrativa de experiência pessoal envolvendo risco de vida. Em AI, pelo contrário, justamente pelos participantes não saberem que estavam sendo gravados, o nível de atenção à fala por parte deles é baixo. Portanto, o monitoramento da fala por parte dos informantes seria resultado de todas as características mencionadas até o momento, pois esse é o fator estilístico que mais evidentemente marca a diferença entre AC e AI. Desse modo, AI é constituída por método de coleta que favorece pesquisas interessadas nas relações dialógicas com baixa ou nula atenção por parte dos participantes da interação. Essa dimensão evidencia o pressuposto de que o falante só altera seu modo de falar conforme decisões decorrentes da própria interação verbal em que está engajado.

4.2. CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES E PAREAMENTO DOS PERFIS SOCIAIS SELECIONADOS DA AMOSTRA CENSO E DA AMOSTRA DE INTERAÇÃO

Trabalhos variacionistas – alguns dos quais já mencionados nesta dissertação – levaram em consideração o uso coletivo dos padrões linguísticos de um fenômeno variável. No entanto, essa escolha metodológica provoca um apagamento de elementos contextuais que podem proporcionar informações relevantes sobre determinados usos da língua que requerem ser analisados separadamente. Por este motivo, nesta pesquisa, analisamos as ocorrências de fala dos informantes de AC e de AI com características que os agrupam em diferentes perfis sociais, como sexo/gênero, faixa etária, classe econômica etc. Assim, as seguintes decisões metodológicas foram tomadas na escolha dos informantes das duas amostras:

- (i) os perfis sociais de AI serão organizados com base nos perfis sociais representados em AC, resultantes do cruzamento das variantes das variáveis sociais sexo/gênero, faixa etária, nível de escolaridade e nível de renda em salários-mínimos;
- (ii) serão selecionados de AC somente os perfis sociais que apresentem correspondência com os de AI;

(iii) o pareamento dos informantes de AC e AI será realizado com base em perfis sociais iguais.

4.2.1. Os perfis sociais e os informantes selecionados em AC e AI

Foram levantados todos os perfis sociais de todos os 28 informantes de AI, o que resultou 17 perfis sociais diferentes, como apresentado no quadro 8, repetido abaixo como 9.

Quadro 9 - Perfis sociais dos 28 informantes das 11 interações dialógicas da AI

RENDA / SEXO FAIXA ETÁRIA / ESCOLARIDADE		+ 25 SM		11 A 24 SM		6 A 10 SM		ATE 5 SM		SUB-TOTAL	TOTAL
		MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM		
16 a 25 anos	ICEF										6
	2CEF										
	EM			01		02, 03				3	
	SUP.						04, 05, 06			3	
26 a 35 anos	ANALF.										7
	ICEF							07, 08		2	
	2CEF										
	SUP.	09, 10				11, 12, 13				5	
36 a 55 anos	ANALF.								14	1	5
	ICEF									1	
	2CEF		15							1	
	SUP.				17	18				2	
+ 55 anos	ANALF.								19	1	10
	ICEF						20, 21	22, 23, 24, 25		6	
	2CEF		26							1	
	SUP.					27		28		2	
TOTAL DE INFORMANTES		2	2	1	1	7	6		9	28	
		4		2		13		9			
		6				22					

* Os informantes de AI recebem numeração própria neste quadro.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos perfis sociais representados no quadro 9, a informante 19 não tem perfil social correspondente em AC, pelo fato de ser analfabeta. Com a exclusão desse perfil social, foram considerados, então, os 16 perfis sociais de AI, que guiaram a busca dos mesmos perfis sociais de informantes de AC, conforme quadro 10 a seguir.

Quadro 10 - Perfis sociais selecionados de AC

RENDA / SEXO FAIXA ETÁRIA / ESCOLARIDADE		+ 25 SM		11 A 24 SM		6 A 10 SM		ATÉ 5 SM		SUB-TOTAL	TOTAL
		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM		
7 a 15 anos	EM			043		045				2	3
	SUP.						054			1	
26 a 35 anos	ICEF								064	1	3
	SUP.	081				085				2	
36 a 55 anos	ICEF								096	1	5
	2CEF		098							1	
	EM						110			1	
	SUP.				116	117				2	
+ 55 anos	ICEF						126		128	2	5
	2CEF		130							1	
	EM					141			144	2	
TOTAL		1	2	1	1	4	3		4	16	
		3		2		7		4			

Fonte: elaborado pelo autor.

O pareamento dos perfis sociais é um fator importante para esta pesquisa, pois, sendo possível verificar o modo como falantes com as mesmas características sociais alternam seu discurso nos diferentes contextos, possibilitará a análise da AP de 1PP em contextos equivalentes. As características dissonantes entre as duas amostras, principalmente sobre a quantidade de informantes, impelem à tomada desse posicionamento metodológico para uma posterior comparação. Logo, é somente nessa circunstância, após o pareamento dos perfis, que a amostra final proporcionará ao fenômeno os mesmos contextos de ocorrências, pois, do contrário, a quantidade de dados coletada em AC seria muito maior que a dos coletados em AI, não sendo possível afirmar com exatidão a resposta para as hipóteses investigadas.

Em vista disso, em AC, diferentemente de AI, cada perfil social equivale a um único falante. Desse modo, em AI serão avaliados os desempenhos dos 28 informantes (salvo as restrições que serão apresentadas posteriormente), enquanto em AC serão verificados apenas os desempenhos dos 16 selecionados, já que, nesta última, um falante é equivalente a um único perfil social.

Essa diferença entre os números de informantes de AI e AC não interfere no pareamento e na análise das ocorrências; pelo contrário, quanto mais informantes de AI em um mesmo perfil social, maiores são as chances de ocorrência do fenômeno investigado, pois as durações das entrevistas de AI são menores do que as de AC. Em AI, pela falta de controle do documentador, a probabilidade de um participante da interação falar é igual, o que tornam menores as chances de ocorrência de uma variante, além do fato de que nem todos os participantes dos perfis sociais pareados de AI e AC apresentam usos alternantes de *nós* e *a*

gente, fato que nos levou à decisão de selecionar apenas os perfis sociais de informantes cujo desempenho linguístico é variável nas duas amostras.

O quadro 11, a seguir, apresenta detalhadamente o pareamento dos informantes de AC e AI, sendo possível observar os 16 perfis sociais selecionados e a divisão de informantes para cada um desses perfis. Em consequência, presume-se que a exposição desse quadro talvez possa instigar questões relativas a, por exemplo, (i) a representatividade e proveniência dos informantes do Banco de dados Iboruna e (ii) o refinamento dos dados.

Quadro 11 - Pareamento dos perfis sociais e dos informantes de AC e de AI

Id. do perfil social	Perfis sociais				Identificação das Amostras		
	Faixa etária	Escolaridade	Sexo	Renda (em SM)	AC	AI	
					Amostras/ Informantes	Amostra	Informante (nova numeração)
1	16 a 25	Ensino Médio	MAS	11 a 24	AC-043	AI-008	Inf.1 (01)
2	16 a 25	Ensino Médio	MAS	6 a 10	AC-045	AI-008 AI -008	Inf.2 (02) Inf.3 (03)
3	16 a 25	Superior	FEM	6 a 10	AC-054	AI-005 AI-005 AI-011	Inf.1 (04) Inf.2 (05) Inf.1 (06)
4	26 a 35	1º Ciclo E.F.	FEM	Até 5	AC-072	AI-006 AI-009	Inf.4 (07) Inf.2 (08)
5	26 a 35	Superior	MAS	+ 25	AC-081	AI-009 AI-010	Inf.1 (09) Inf.2 (10)
6	26 a 35	Superior	MAS	6 a 10	AC-085	AI-001 AI-010	Inf.4 (11) Inf.1 (12) Inf.2/Doc (13)
7	36 a 55	1º Ciclo E.F.	FEM	Até 5	AC-096	AI-003	Inf.1 (14)
8	36 a 55	2º Ciclo E.F.	FEM	+ 25	AC-098	AI-006	Inf.1 (15)
9	36 a 55	Ensino Médio	FEM	6 a 10	AC-110	AI-001	Inf.3 (16)
10	36 a 55	Superior	FEM	11 a 24	AC-116	AI-001	Inf.2 (17)
11	36 a 55	Superior	MAS	6 a 10	AC-117	AI-001	Inf.5 (18)
12	55 ou +	1º Ciclo E.F.	FEM	6 a 10	AC-126	AI-002 AI-007	Inf.1 (20) Inf.1 (21)
13	55 ou +	1º Ciclo E.F.	FEM	Até 5	AC-128	AI-002 AI-004 AI-006 AI-006	Inf.2 (22) Inf.1 (23) Inf.2 (24) Inf.3 (25)
14	55 ou +	2º Ciclo E.F.	FEM	+ 25	AC-130	AI-001	Inf.1 (26)
15	55 ou +	Ensino Médio	MAS	6 a 10	AC-141	AI-007	Inf.2 (27)
16	55 ou +	Ensino Médio	FEM	Até 5	AC-144	AI-004	Inf.2 (28)
TOTAL					16	11	28

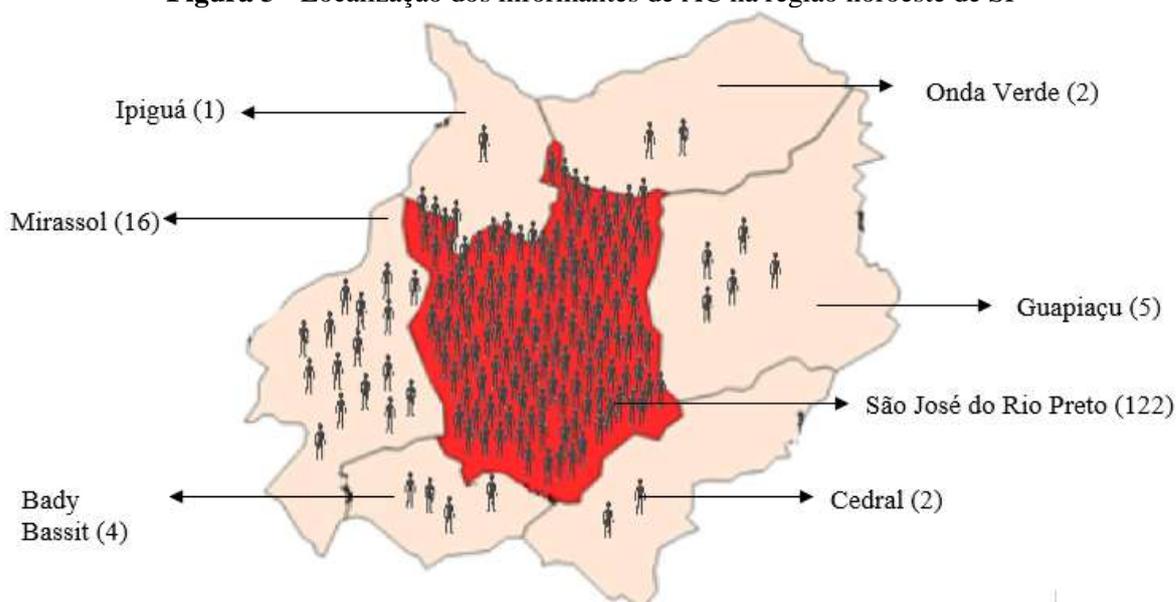
Fonte: elaborado pelo autor.

Como se pode observar, sete perfis sociais de AI concentram mais de um informante por célula social (perfis 2, 3, 4, 5, 6, 13 e 14); os outros nove, apenas um informante por célula social. Não é demais lembrar, nesse passo, que o agrupamento dos informantes por perfil social não necessariamente corresponde ao contexto interacional em que eles estiveram engajados, como é possível perceber pela informação da penúltima coluna, onde se registra a identificação

da interação dialógica propriamente dita (de AI-001 a AI-011). Embora restrinja a quantidade de informantes, o pareamento dos informantes de AC e AI não representa um problema metodológico para esta pesquisa, pois, além do objeto da análise se concentrar no desempenho individual dos perfis sociais e no exame mais qualitativo das ocorrências, o refinamento dos dados e a menor quantidade de amostras possibilitará uma observação mais minuciosa dos fatores estilísticos e discursivos, uma vez que, já verificada a quantidade de ocorrências de AP de 1PP nas duas amostras inteiras, os resultados de AI ofereceram caminhos metodológicos favoráveis para uma análise mais acurada das variantes.

De modo geral, pode-se considerar que as amostras linguísticas do BDI é representativa da região noroeste (figura 3), pois AC guarda preocupação com a distribuição proporcional dos 152 informantes pelas cidades da região, conforme ilustra a figura 3.

Figura 3 - Localização dos informantes de AC na região noroeste de SP

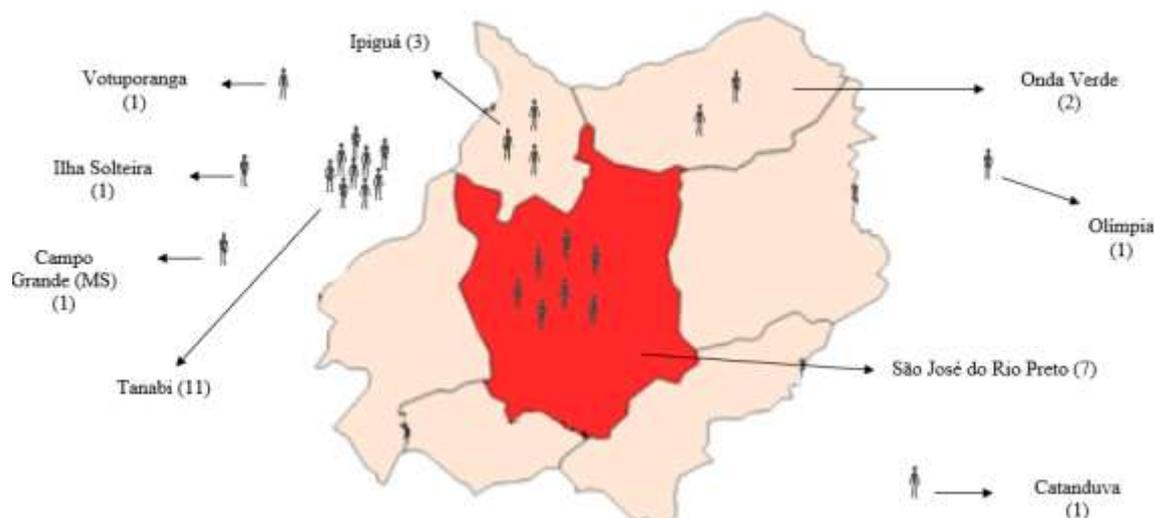


Fonte: elaborado pelo autor, com adaptação do Wikipédia²⁸.

Na constituição de AI, como não havia preocupação com o preenchimento de células sociais, mas com a coleta secreta de material vernacular, a metodologia não obrigava o documentador a selecionar pessoas residente ou natural de uma determinada cidade da região. Mesmo não havendo essa pré-seleção, espontaneamente as 11 amostras contemplam um número maior de falantes representativos da região noroeste de São Paulo, e, de forma esporádica, informantes de localidades fora da região, como se pode observar na figura 4.

²⁸**FONTE:** https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:S%C3%A3o_Jos%C3%A9_do_Rio_Preto_e_munic%C3%ADpios_lim%C3%ADtrofes.svg

Figura 4 - Localização dos informantes de AI da região noroeste de SP e de outras localidades



Fonte: elaborado pelo autor, com adaptação do Wikipédia²⁹.

Conforme destacado nas duas figuras apresentadas acima, consideramos que o banco de dados Ibouna é representativo da fala do noroeste paulista, pois o resultado do processo de coleta das amostras de AC e AI contemplam, de modo majoritário, a região de São José do Rio Preto e suas cidades circunvizinhas, assim como outras localidades da região: Olímpia, Votuporanga e Catanduva, as quais, embora não esteja nas fronteiras de São José do Rio Preto, compartilham, de modo geral, os mesmos traços linguísticos.

Nas próximas seções, apresentamos os contextos linguísticos investigados a partir da extração das ocorrências do BDI e os informantes selecionados de AI e AC com base na comparação da atuação variável de AP com 1PP.

4.3. O SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO DO PROJETO ALIP

Com base em Gonçalves e Tenani (2008), as ocorrências do banco de dados Iboruna foram transcritas seguindo um sistema de convenção elaborado a partir da comparação com o sistema de transcrição adotado por outros projetos, como o NURC (CASTILHO, 1990), o PEUL (PAIVA, 2003), o VARSUL (Vandressen, 1995) e o “Discurso & Gramática” (VOTRE; OLIVEIRA, 1995). Na comparação com as convenções adotadas por esses outros projetos, as normas de transcrição do Projeto ALIP foram aprimoradas e adequadas com o intuito de

²⁹**FONTE:** https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:S%C3%A3o_Jos%C3%A9_do_Rio_Preto_e_munic%C3%ADpios_lim%C3%ADtrofes.svg

categorizar e deixar registrados alguns aspectos típicos da fala, de modo a facilitar a tarefa da equipe de transcrição.

Segundo os autores, foram adotadas as convenções categorizadas nos quadros de 12 a 16:

Quadro 12: Convenção de normas de transcrição do Projeto ALIP: *grafia de palavras*

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
• Nomes próprios em geral.	Iniciais maiúsculas.	... O filme do Almodóvar ... (Não usar maiúsculas após os sinais "...", "e" e "?")
• Nomes próprios que identificam o informante ou pessoa do relacionamento do informante.	Apenas as iniciais maiúsculas. ⁵	Doc: Dona M., a senhora falou que o J., seu marido...
• Nomes de obras (livros, revistas, jornais) e palavras estrangeiras.	Em itálico, seguindo grafia da língua de origem.	... adorava ouvir <i>Purple Rain</i> gostei de ler <i>A viníhha</i> ...
• Marcadores discursivos.	Ocorrência seguida do ponto "?", quando for o caso.	... é pra deixar aqui né?... ... então acho que aí é o ponto...
• Interjeições dicionarizadas.	Ocorrência seguida do ponto "!"	ah! ... que alívio... Vixe!, ixé!, pô!,
• Numerais e letras.	Grafia por extenso.	... marquei com um xix a alternativa bê da questão dois...
• Siglas e abreviaturas.	Se pronunciada letra a letra, grafia em caixa alta, separando-se as letras por ponto.	B.O., I.N.S.S., I.N.P.S., U.F.R.J., R.G., C.P.F.
	Se pronunciada como palavra, grafia prevista pela ortografia, em caixa alta e sem pontos entre as letras.	USP, IAMSP, TAM, SUS, UFSCAR, CIC.
• Redução de palavras.	Grafia da forma reduzida.	... Fiquei deprê com essa história.
• Truncamento (palavras incompletas). ⁶	Emprego de barra após o truncamento.	... ca/ casou semana passada...
• Metalinguagem do informante.	Entre "aspas simples"	... o "mesmo" do carioca...
• Citação.	Entre "aspas duplas"	... Armstrong disse "pequeno passo para o homem... gigantesco salto para a humanidade"

Fonte: GONÇALVES; TENANI (2008, p.171)

Quadro 13: Convenção de normas de transcrição do Projeto ALIP: *aspectos morfofonológicos*

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
▪ Inserção de segmentos vocálicos.	Grafia da forma realizada.	alembra(r), avoa(r), drento, despois, revórve
▪ Apagamento de segmentos:	Segmento não realizado entre parênteses. Tonicidade da sílaba final de infinitivos marcada com acento agudo.	
a) segmento vocálico e/ou consonantal em início, meio ou final de palavra.		(a)rrancó(u), tam(b)ém, me(s)mo
b) ditongos.		ca(i)xa, pe(i)xe, po(u)co
c) 's' do morfema de 1ª. pessoa plural.		nós fomo(s), nós pegamo(s)
d) redução de gerúndio.		cantan(d)o, viven(d)o
e) redução de infinitivo de verbos.		cantá(r), vendê(r), sorrí(r)
▪ Uso de preposições:	Indicação da contração com apóstrofo.	
a) contração de <i>com</i> + artigo.		c'a (=com + a), c'o (=com + o), c'um (=com + um) c'uma (=com + uma)
b) contração de <i>de</i> + artigo ou palavra iniciada por vogal.		d'um (=de + um), d'uma (=de + uma), d'eu (= de + eu), d'oeste (=de + Oeste), d'água (=de água), d'onde (de + onde).
c) contração/redução de <i>para</i> + artigo.	Grafia da forma realizada.	pra (sem acento), pa (sem acento), pra (=para + a), pa (=para + a), pro (=pra + o), po (=para + o), pr'um(a) (=pra + um(a)), pum(a) (=pa + um(a)).
d) modificação da preposição <i>em</i> (<i>em</i> > <i>ne</i>).		...a gente vai muito ne rio pa pescá(r)...
e) Inserção/modificação de preposição		eu penso de que ele é o melhor eu perguntei na onde ele ia eu perguntei da onde ele veio

Fonte: GONÇALVES; TENANI (2008, p.172)

Quadro 14: Convenção de normas de transcrição do Projeto ALIP: *elementos prosódicos*

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
▪ Silabação.	Hifen entre as sílabas (sem espaço).	... foi quando ele disse..fi-que-a-qui ...
▪ Pausa (de qualquer extensão).	Reticências.	... ele... voltou feliz...
▪ Ênfase.	Em caixa alta.	... ele almoçou com ELA...
▪ Alongamento (vogais e consoantes).	Dois pontos digitados duas vezes.	... ah:: ele a::cha...
▪ Interrogação.	Ponto de interrogação.	... você vai à festa?...

Fonte: GONÇALVES; TENANI (2008, p.173)

Quadro 15: Convenção de normas de transcrição do Projeto ALIP: *aspectos da interação*

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
▪ Identificação dos participantes da interação.	Documentador (Doc.) Informante (Inf.) Interveniente (Int.)	Doc.: o senhor gosta de pescar? Inf.: eu não sei pescar... Int.: E aquele dia?
▪ Início de turno.	Em letras minúsculas.	Doc.: o senhor gosta de pescar?
▪ Discurso direto.	Travessão e aspas duplos.	... ela disse -- "vamos à festa?" -- eu respondi -- "talvez" --
▪ Sequência de discurso direto.	Travessão e aspas duplos em cada um dos turnos, separados por reticências.	Inf.: aí ele falou -- "cadê o dinheiro" -- ... -- "ta lá atrás" -- o outro falou.
▪ Mudança do fluxo discursivo.	Duplo travessão.	... eu não tinha -- fique quieto ((falando com o cachorro)) -- tempo de estudar...
▪ Superposição/simultaneidade de vozes.	Texto entre colchetes, com índice sobrescrito à esquerda do colchete inicial. As sobreposições devem ser indicadas sequencialmente ao longo da transcrição (1, 2, ..., n).	Inf.1: eu não tinha saído de lá... ¹ [e foi então...] Doc.: ² [cê tava] em casa ³ [ainda]? Inf.1: ² [eu tava]... aí ele ligou...
▪ Intervenção do documentador no fluxo de fala do informante.	Anotação no turno do informante, havendo ou não sobreposição de vozes.	Inf: outro dia eu estava na casa do João [Doc.: ahan] quando... Inf: outro dia eu estava na casa do ¹ [João] ² [Doc.: ahan] quando ...
▪ Risadas simultâneas de documentador e informante.	Registro como comentário.	Doc e Inf: ((risos))
▪ Marcadores de interação não-lexicalizados:		
a) concordância;		Uhum / aham ((concordando))
b) negação;	Grafia proposta, seguida de comentário, quando for o caso.	hum hum / ham ham ((negando))
c) manutenção do fluxo discursivo;		hum / ham
d) pergunta solicitando repetição.		hum? / ham?

Fonte: GONÇALVES; TENANI (2008, p.175)

Quadro 16: Convenção de normas de transcrição do Projeto ALIP: *comentários do transcritor*

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
▪ Comentário descritivo do transcritor.	Entre parênteses duplos.	... eu não gosto de pescar... é que não sei pescar... ((risos)) por isso que não gosto...
▪ Hipótese do que se ouviu.	Entre parênteses simples.	... foi então que ele (fez) a prova...
▪ Trecho ininteligível.	Registro por "Inint." entre parênteses.	... foi então que ele (inint.) aí ele ...

Fonte: GONÇALVES; TENANI (2008, p.176)

4.4. CONTEXTOS INVESTIGADOS: SELEÇÃO DE INFORMANTES E DESCRIÇÃO

A partir dos perfis sociais pareados, 28 de AI e 16 AC, foi realizada a seleção dos informantes cujo desempenho linguístico apresentava variação no uso de *nós* e *a gente*. O número de amostras previamente selecionadas para a análise se tornou significativamente menor, o que ainda não se mostra como fator negativo, pois, nesse primeiro momento, o intuito não é a averiguação direta de dados, mas a verificação da aplicação ou não da regra variável de AP de 1PP nos perfis selecionados, a partir de uma análise mais restrita de AI e AC.

4.4.1. Seleção dos perfis sociais para a alternância pronominal entre *nós* e *a gente*

Conforme tabela 17, a seguir, foram extraídos, de AC e de AI, os dados de AP de 1PP de informantes com os mesmos perfis sociais pareados.

Tabela 17 - Frequência de *nós* e *a gente* nos perfis sociais pareados de AI e AC

Perfil Social	AC			AI		
	Amostra	NÓS	A GENTE	Amostra/ - Inf.	NÓS	A GENTE
001	AC-43	0	6	AI-08 - Inf. 1	1	19
002	AC-45	0	22	AI-08 - Inf. 2	0	1
				AI-08 - Inf. 3	0	0
003	AC-54	0	18	AI-05 - Inf. 1	0	4
				AI-05 - Inf. 2	0	5
				AI-011 - Inf. 1	4	2
004	AC-72	2	27	AI-06 - Inf. 4	0	0
				AI-09 - Inf. 2	4	2
005	AC-81	2	42	AI-09 - Inf. 1	0	8
				AI-010 - Inf. 2	0	0
006	AC-85	2	13	AI-01 - Inf. 4	0	0
				AI-010 - Inf. 1	1	2
007	AC-96	1	24	AI-03 - Inf. 1	3	1
008	AC-98	21	8	AI-06 - Inf. 1	0	0
009	AC-110	0	2	AI-01 - Inf. 3	0	0
010	AC-116	0	22	AI-01 - Inf. 2	1	1
011	AC-117	7	20	AI-01 - Inf. 5	0	0
012	AC-126	4	3	AI-02 - Inf. 1	5	8
				AI-07 - Inf. 1	2	2
013	AC-128	7	24	AI-03 - Inf. 2	0	0
				AI-02 - Inf. 2	5	1
				AI-04 - Inf. 1	13	0
				AI-06 - Inf. 2	1	0
				AI-06 - Inf. 3	0	1
014	AC-130	36	21	AI-01 - Inf. 1	10	0
015	AC-141	0	6	AI-07 - Inf. 2	5	0
016	AC-144	15	69	AI-04 - Inf. 2	9	5
TOTAL		97	327	TOTAL	64	62

Fonte: elaborado pelo autor.

Na tabela 17, apenas os perfis sociais destacados (4, 6, 7, 12, 13 e 16) apresentam informantes em AC e de AI com desempenho linguístico variável. Foram excluídos, portanto, perfis que, em alguma das amostras, não apresentaram variação no uso da IPP ou que simplesmente não usaram a IPP. Seguidos esses passos, nosso *cópus* é constituído pelos perfis sociais mostrados na tabela 18, dos quais resultam, conjuntamente, 60 ocorrências de *nós* (31 em AC e 29 em AI) e 181 de *a gente* (160 em AC e 21 em AI).

Tabela 18 - Perfis sociais selecionados de AC e AI cujos informantes apresentam AP de IPP

PERFIL	AC			AI		
	Amostra	NÓS	A GENTE	Amostra - Inf.	NÓS	A GENTE
004	AC-72 - Inf. 1	2	27	AI-09 - Inf. 2	4	2
006	AC-85 - Inf. 1	2	13	AI-010 - Inf. 1	1	2
007	AC-96 - Inf. 1	1	24	AI-03 - Inf. 1	3	1
012	AC-126 - Inf. 1	4	3	AI-02 - Inf. 1	5	8
				AI-07 - Inf. 1	2	2
013	AC-128 - Inf. 1	7	24	AI-02 - Inf. 2	5	1
016	AC-144 - Inf. 1	15	69	AI-04 - Inf. 2	9	5
TOTAL		31	160	TOTAL	29	21

Fonte: elaborado pelo autor.

4.4.2. Contextos considerados para análise da alternância pronominal de 1PP

Foram consideradas todas as ocorrências cujo pronome de 1PP explícito dentro da oração desempenham as funções sintáticas³⁰ de sujeito (14) e de complemento (verbal ou nominal), como em (15)³¹.

(14) 1PP na função sintática de sujeito

Inf. 1 mas a gente lava a igreja todo fim de semana né?
 Inf.2.: ah:: nós lava... mas vê se povo lava... essa semana é nossa viu?
 (AI-002; Inf. 2; L. 211-212)

(15) 1PP na função sintática de complemento verbal

a) “bom a gente vai embora... se ele começá(r) de novo cês cês chamam a gente”
 (AC-072; NE: L.68-72)

b) “não não o amigo do J. vai levá(r) nós”
 (AI-003; Inf. 1; L. 115-122)

Sobre a alternância entre os pronomes explícitos de 1PP, foram consideradas as ocorrências cujo contexto linguístico permitia verificar clara alternância entre as formas pronominais *nós* e *a gente* explícitas. Isso significa que, dada a possibilidade de alternância entre as formas pronominais, que podem ou não manifestar concordância com o verbo (*a gente/nós* + *estuda* (verbo na 3^a. pessoa singular)) x *a gente/nós* + *estudamos* (verbo na 1^a. pessoa do plural)), casos de sujeito nulo (*vamos* x *vai*) tornam praticamente impossível decidir por uma das formas pronominais (RUBIO, 2012). Assim, essa dificuldade leva-nos a considerar somente casos de sujeito de 1PP explícito, como mostram as ocorrências em (16) a seguir.

(16) 1PP explícita

a) Inf.1: (inint.) **a gente** (vs *nós*) já entrô(u) aqui vai tê(r) que pegá(r) o processo dele [pra vê(r)]
 (AI-010; Inf. 1; L. 162)

b) Inf.2.: eu lembro ... **nós** (vs *a gente*) jogava o DIA inte(i)ro [levantava seis e]
 (AI-007; Inf. 2; L. 178)

³⁰ Não serão consideradas construções possessivas.

³¹ As ocorrências passam a ser identificadas, daqui em diante, pelo Tipo de Amostra e sua identificação no banco de dados (AC-000 ou AI-000), pela identificação do informante que produziu o dado, no caso de AI (Inf. X), e a linha onde se localiza a ocorrência no arquivo de transcrição.

4.4.3. Contextos descartados na análise da AP de 1PP

Considerando os contextos descartados de nossas análises, apresentados nesta seção, e também o pareamento realizado entre as duas amostras do Iboruna, foram descartados 233 dados de AC (66 de *nós* e 167 de *a gente*) e 76 dados de AI (35 de *nós* e 41 de *a gente*), totalizando 309 ocorrências. Do pareamento final entre os perfis sociais de AC e de AI, foram descartadas ocorrências em contextos do tipo dos apresentados a seguir.

(17) Com rupturas discursivas

a) Inf.2.: aí chegô(u) mudô(u) de escola/ (de escolinha) pra Palesti::na... a gente/ a D. catava um:: carvãozinho... e nas parede [Inf.1.: ((risos))] num tinha lo(u)sa nada 7[nas paredes lá ficava desenhan(d)o:]

(AI-004; Inf. 2; L. 43-44)

b) Inf.2.: ah::... nossa... é:: porque... a gente/ igual os meus irmão... esse::... mais novo aí o D.... que:: só fez ... tam(b)ém o ginásio... parô(u)

(AI-004; Inf. 2; L. 171-172)

Ainda que, em trabalhos anteriores, outros pesquisadores tenham feito menção às duas amostras do banco de dados *Iboruna*, neste há de se fazer uma correção: em AI não devem ser considerados 28 informantes, mas 26, pois o documentador das amostras AI-001 (em (17a)) e AI-011 (em (17b)) se classificou como informante, cadastrando-se como participante dos dois contextos. Esse equívoco metodológico influencia na quantidade e qualidade dos resultados das amostras de fala, pois a decisão de se considerar AI como uma amostra secretamente coletada não permitiria a inclusão do documentador como informante. De qualquer forma, esse cuidado metodológico fica por conta do analista. Desse modo, não consideramos dados linguísticos de qualquer documentador, seja de AC, seja de AI, pois tendo consciência de seu papel na interação, seu desempenho linguístico pode não ser fiel ao seu modo cotidiano de fala.

(18) Dados de documentadores

a) Doc.: éh... eu propus pa FAPESP só:: só a::... fazê(r) só da terce(i)ra pessoa... ((Inf. espirra)) e aí a gente tinha conversado né?...

(AI-011; Doc.; L. 93-94)

b) Doc.: ah mas o professor vai cobran(d)o também... se ele ³¹[num] ³¹[Inf.: é] cobra realmente é difícil a gente fazê(r)

(AI-011; Doc.; L. 171–172)

Não foram consideradas as ocorrências de fala que tinham o pronome na função gramatical de pronome possessivo, como, em (19).

(19) Pronome de 1PP na expressão de posse

porque o cabelo da gente... é elástico né?...

AC-072; DE: L.477-480)

Não foram consideradas ocorrências em que a referência à 1PP é recuperada apenas na morfologia do verbo, como em (20a), casos de construções exortativas. Embora a referência de sujeitos de 1PP possa ser realizada com o uso da desinência verbal *-mos*, como em (20b), dada a natureza do fenômeno, a explicitude do pronome *nós* ou *a gente* passa a ser considerada traço obrigatório para o reconhecimento do fenômeno da alternância pronominal.

(20) Sujeito pronominal nulo em referência a 1PP

a) Inf.1.: e ela –“ah... a/o:: bar da M. é o infer::no e a:: igreja é o céu”– ela falava pra mim... ela falava –“vamo(s) passá(r) ali do perto do céu e do inferno
(AI-002; Inf. 1, L. 144-151)

b) Inf.2.: entrei no prime(i)ro... aí::... na cla::/ passamo(s) nós duas... quando foi segunda série... vai lá pra::/ pa Palestina... [...]. aí lá éh/ nós duas repetimo(s) de ano... aí... se/ fizemo(s) o segundo de novo
(AI-004; Inf. 2; L. 56-59)

Não foram consideradas ocorrências em que *nós* não representa caso de alternância com *a gente*, dadas as restrições morfossintáticas do contexto linguístico, como na interação com quantificador/numeral, como em (21).

(21) Construções que não admitem alternância entre nós e a gente

Inf.2.: encontrô(u) lá tudo diferen::te foi o ano que eu repeti tam(b)ém eu c’a minha irmã... **tava nós duas** (vs. **a gente duas*) na/ na segunda série... a minha irmã mais velha né?

(AI-004; Inf. 2; L. 51-52)

4.5. FATORES INVESTIGADOS NA EXPRESSÃO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Nesta dissertação, diferentemente dos trabalhos clássicos da Sociolinguística, o foco é verificar as ocorrências de AP de 1PP sob um viés mais estilístico que considere como variáveis

discursivas atuam sobre o fenômeno, colocando, em segundo plano, resultados de variáveis mais estruturais e sociais. Essa escolha metodológica se justifica com base na existência de farta documentação do mesmo fenômeno nos moldes clássicos da sociolinguística. Logo, acrescentar a esses resultados, aspectos discursivos e estilísticos ligados ao evento de fala pode produzir resultados mais promissores e interessantes. Por isso, variáveis sociais e estruturais são controladas apenas como recurso subsidiário para explicação de resultados das variáveis discursivas. No quadro 17, seguem as variáveis que compõem nosso envelope de variação, as quais seguem explicitadas na sequência.

Quadro 17 - Envelope de variação da AP entre *nós* x *a gente* em AC e AI

Variável dependente	Variáveis independentes		
	Variáveis linguísticas formais	Variáveis linguísticas discursivas	Variáveis sociais
Alternância pronominal entre <i>nós</i> e <i>a gente</i>	Paralelismo linguístico pronominal	Determinação do sujeito	Sexo
	Saliência fônica verbal	Tópico discursivo	Faixa etária
	Tempo e modo verbal	Relação entre os informantes	Escolaridade
		Sequência discursiva	
		Controle da formalidade do discurso	

Fonte: elaborado pelo autor.

Para o processamento dos dados analisados à luz das variáveis apresentadas no quadro 17, utilizamos o programa Goldvarb X, *software* que, bastante empregado nos estudos variacionistas, permite ao pesquisador apurar a quantidade (números absolutos) e a proporção (percentagem) dos dados, cruzar variáveis, extrair peso relativo, dentre outros recursos estatísticos, como cálculo de nível significância, de range, de *log-likelihood*, *chi*-quadrado. Desses recursos, lançaremos mão apenas da apuração da quantidade de dados, em razão da baixo número de ocorrências selecionadas e da opção de realizarmos análises mais qualitativas do que quantitativas.

4.5.1. Variáveis sociais

Nesta seção, serão tratadas das variáveis sociais verificadas para o fenômeno de AP com 1PP no PB falado no interior paulista, pois, baseado no princípio de que a variação não é um processo aleatório e sim regular e sistemático, as características sociais dos falantes das amostras podem oferecer padrões que condicionam o uso de uma determinada variante por diferentes perfis sociais. Por essa razão, serão avaliadas quantitativamente as variáveis sociais

sexo, faixa etária e escolaridade, discutindo as principais hipóteses para cada condicionante. Em decorrência das decisões metodológicas para a delimitação do *cópus* de análise (cf. seção 3.3.), de antemão, chamamos atenção para o desequilíbrio na distribuição dos informantes por entre as variantes das variáveis sociais, ora mais concentrados em uma do que em outra variante. Em princípio, esse desequilíbrio representando pelo maior número de informantes em AI (13 informantes) do que em AC (6 informantes) não nos parece relevante, tendo em vista que a quantidade de material linguístico de um informante de AC é maior do que a de um de AI com perfil social semelhante, em razão da metodologia de coleta diferente para as duas amostras. No entanto, esse fato justifica o menor peso dado nas análises às variáveis sociais, cujos resultados devem ser interpretados com muita cautela.

A relação entre variação linguística e **sexo/gênero** faz referência, além da atribuição de valores positivos ou negativos, à forma como a comunidade está organizada socialmente. Se, por um lado, a tendência de informantes do sexo feminino por uso das variantes mais prestigiadas aponta o conservadorismo linguístico das mulheres, talvez como estratégia de preservar o empoderamento adquirido ao longo dos anos e de várias lutas sociais, por outro, como já sugeriu Labov (1976), são as mulheres as responsáveis pela implementação de formas inovadoras na língua, quando essas são livres de estigma social, como é o caso da variante *a gente*. Nossa hipótese para essa variável, considerando o desempenho individual e as relações interpessoais entre informantes de diferentes perfis representados em AI, é a de que informantes do sexo feminino usem mais *nós*, e do sexo masculino, mais *a gente*.

Recorremos às hipóteses clássicas para a investigação da **faixa etária**, pois nosso estudo não propicia condições de verificação do estado da variação, ou seja, se trata de variação estável ou de mudança em progresso, em razão do desequilíbrio na quantidade de informantes por faixas etárias diferentes. Em vista disso, o pressuposto para este trabalho é apenas o de que perfis sociais de menor idade tendem a usar formas inovadora (*a gente*) e os de maior idade, a usar formas conservadora (*nós*) (LABOV, 2008).

A variável **escolaridade** lida com o fato de que falantes que possuem nível maior de educação escolar evitariam produzir formas que se distanciam da variedade padrão da língua, uma vez que já terem sido expostos a maior contato com as normas gramaticais. Dessa maneira, parte-se do pressuposto de que a escolarização interfere no desempenho linguístico do falante e da comunidade, pois, tanto na fala quanto na escrita, o ensino explícito da norma padrão atua como refreador de processos de mudança, por, em tese, garantir que as construções desviantes das regras prescritivas sejam excluídas da fala e da escrita em um processo contínuo e gradual.

Sob essa consideração, a hipótese assumida para essa variável é a de que perfis sociais com maior escolaridade tenham um desempenho linguístico mais próximo ao padrão culto gramatical (maior frequência de *nós*) do que os perfis com menor escolaridade.

Em vista do nosso recorte metodológico, que investiga 6 perfis sociais representados nas duas amostras, AC conta com 6 informantes e AI, com 13 informantes, cuja distribuição pelas variáveis sociais é a mostrada nos quadros de 18 a 20.

Quadro 18 - Distribuição dos informantes de AC e de AI por sexo/gênero

Amostra/ Sexo/ gênero	AC		AI		Total
	No. de informantes	Procedência dos informantes	No. de Informantes	Procedência dos informantes	
MASC	1	AC - 085	2	AI-001 - Inf.4 AI-010 - Inf.1	3
FEM	5	AC - 072	11	AI-006 - Inf.4 AI-009 - Inf.2	16
		AC - 096		AI-003 - Inf.1	
		AC -126		AI-002 - Inf.1 AI-007 - Inf.1	
		AC - 128		AI-003 - Inf.2 AI-002 - Inf.2 AI-004 - Inf.1 AI-006 - Inf.2 AI-006 - Inf.3	
				AI-004 - Inf.2	
AC - 144					
TOTAL	6		13		19

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 19 - Distribuição dos informantes de AC e de AI por faixa etária

Amostra/ Faixa etária	AC		AI		Total
	N. de informantes	Procedência dos informantes	N. de Informantes	Procedência dos informantes	
26 a 35	2	AC - 072	4	AI-006 - Inf.4 AI-009 - Inf.2	6
		AC - 085		AI-001 - Inf.4 AI-010 - Inf.1	
36 a 55	1	AC - 096	1	AI-003 - Inf.1	2
55 ou +	3	AC -126	8	AI-002 - Inf.1 AI-007 - Inf.1	11
		AC - 128		AI-003 - Inf.2 AI-002 - Inf.2 AI-004 - Inf.1 AI-006 - Inf.2 AI-006 - Inf.3	
				AI-004 - Inf.2	
TOTAL	6		13		19

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 20 - Distribuição dos informantes de AC e de AI por nível de escolaridade

Amostra/ Escolaridade	AC		AI		Total
	No. de informantes	Procedência dos informantes	No. de Informantes	Procedência dos informantes	
1º Ciclo E.F.	4	AC - 072	10	AI-006 - Inf.4 AI-009 - Inf.2	14
		AC - 096		AI-003 - Inf.1	
		AC -126		AI-002 - Inf.1 AI-007 - Inf.1	
		AC - 128		AI-003 - Inf.2 AI-002 - Inf.2 AI-004 - Inf.1 AI-006 - Inf.2 AI-006 - Inf.3	
Ensino Médio	1	AC - 144	1	AI-004 - Inf.2	2
Superior	1	AC - 085	2	AI-001 - Inf.4 AI-010 - Inf.1	3
TOTAL	6		13		19

Fonte: elaborado pelo autor.

Levando em conta as distribuições dos perfis dos informantes por variantes sociais, destacam-se os perfis sociais constituídos pelas variantes *feminino*, com 16/19 informantes (5 em AC e 11 em AI), *mais de 55 anos*, com 11/19 informantes (3 em AC e 8 em AI) e *1º. ciclo do Ensino fundamental*, com 14/19 informantes (4 em AC e 10 em AI).

Com base na apresentação dos contextos de variação descritos acima, ainda que as variáveis sociais sejam importantes para todo trabalho sociolinguístico, frisamos que, para esta dissertação, elas serão avaliadas de modo secundário, uma vez que, a composição de AI teve como objetivo a coleta de amostras de fala mais próximas da fala cotidiana, e não a representatividade social da amostra, como é caso de AC.

A seguir são apresentadas as variáveis linguísticas que servirão para descrever nossas ocorrências, contemplando, também secundariamente, um olhar mais estrutural, e mais centralmente, um olhar discursivo dos dados.

4.5.2. Variáveis linguísticas formais

Embora este trabalho esteja fundamentado nos princípios da Sociolinguística variacionista, não se dedicará exaustivamente à análise das variáveis linguísticas formais e sociais, pois trabalhos anteriores como os de Gonçalves e Rubio (2010; 2011), Rubio (2012) e Nardelli (2017) já apresentaram resultados para essas variáveis.

4.5.2.1. Paralelismo linguístico

Para AP, autores como Omena (1996), Lopes (1993; 1998; 2003), Mendonça (2010), Rubio (2012) e Vianna (2011) verificaram que o princípio do paralelismo é altamente promissor para o aparecimento das formas pronominais. Os resultados obtidos pelos autores confirmaram que o uso de um determinado pronome reflete usos anteriores no mesmo contexto, evidenciando o princípio de que marcas levam a marcas e zero leva a zero. A hipótese para essa variável é de que o uso de *nós* ou *a gente* no início de uma série favoreça sua repetição em contextos anteriores. Serão considerados os seguintes fatores exemplificados de (22) a (24).

(22) forma *nós* ou *a gente* isolada ou primeira de uma série:

a) Doc.: a senhora tava falan(d)o da pane::la
 Inf.: da pane::la né? do Fernando Henri::que que a gente num sabe se ele realmente né?... se ele tava contente com o que ele conseguiu pegá(r) ((risos)) [Inf. e Doc.: ((risos))] (eu só sei que) depois:: [Doc.: ((risos))] depois ele num conseguiu fazê(r) mais nada né? ((fala rindo))...

(AC-144; RO: L. 709-713)

b) Doc.: limpá(r) tudo
 Inf.: eu creio que vai demorá(r) um po(u)co ainda [Doc.: ((risos))] num vai sê(r) agora não... num vai sê(r) agora não... e olha vocês é que tem que vê(r) isso viu? porque nós já num tamo(s) mais assim pra mexê(r) nada não... lógico que a gente tenta né?... mas... mas que tem que vim é da::... da menina agora... [Doc.: é] tem que abrí(r) o olho... se a menina tam(b)ém fica um po(u)co aliena::da e começá(r) a querê(r) num tomá(r) muito conhecimen::to...

(AC-144; RO: L. 647-652)

(23) forma *nós* ou *a gente* precedida de *nós* explícito

Doc.: quais são os pontinhos assim?... cada/ em cada lugar assim na mão?
 Inf.: isso aí é difícil de você lembrá(r) to::dos mas nós temos aqui o meridiano que ele corta o nosso corpo todinho então aqui nós temos o coração... que ele vem... por essa parte aqui e vai até:: mais ou menos nessa área aqui...

(AC-144; RP: L. 587-590)

(24) forma *nós* ou *a gente* precedida de *a gente* explícito

Inf.: ⁴[isso não] faz tanto tempo assim... eu nem sei porque eu me de(i)xei envolvê(r) por isso ⁵[sabe?] ⁵[Doc.: é?] sem procurá(r) a opinião de o(u)tros mé::dico é que também aquela é::poca... eu era uma pessoa sem muito recu::rso né?... então a gente dependia só DAQUELE médico... então hoje não hoje a gente já tem um convê::nio já pode procurá(r) a opinião de o::(u)tros... talvez fosse por isso também né?

(AC-144; NE:L. 55-59)

4.5.2.2. Saliência fônica verbal

Sobre a variável saliência fônica verbal, Naro et. al. (1999) apontam que quanto maior o nível de saliência entre as formas verbais singular e plural, maior a tendência de realização do sujeito de 1PP com *a gente* em lugar de *nós*, pois essa representaria uma estratégia de o falante se desviar de casos de concordância verbal exigida pelo pronome *nós*, mantendo-se no padrão culto da língua. Exemplificaria essa assertiva o caso de concordância esdrúxula que, na oposição singular/plural dos verbos (*cantava/cantávamos*), altera a tonicidade do vocábulo de paroxítona para proparoxítona, um dos casos de saliência fônica de grau máximo. Assim, casos como esse levariam o falante a preferir a forma *a gente* (com verbo em 3PS) em detrimento de *nós* (com verbo em 1PP), por conta da necessidade de flexão do verbo em 1PP (RODRIGUES, 1987; COELHO, 2006).

Sob essa hipótese, para o fenômeno em investigação, a variável, em princípio, só se aplicaria aos casos de *nós*, mas não de *a gente*, que requer flexão do verbo sempre em 3PS.³² No entanto, considerar sua aplicação também aos casos de *a gente* requer que se considere sempre, nesse caso, a possibilidade de ocorrência de *nós* em lugar de *a gente*. Somente assim, na análise de cada uma das ocorrências de *a gente*, torna possível verificar o contraste singular/plural dos verbos, de modo a comprovar se a escolha do falante por *a gente* é uma estratégia de desvio do uso de *nós*. Portanto, níveis mais altos de saliência (saliência esdrúxula e máxima) levariam à escolha de *a gente* e níveis mais baixos (saliências média e baixa), à escolha de *nós* ou de *a gente*. Seguimos Rubio (2012), na proposição de variantes que medem o grau de saliência fônica dos verbos, como apresentado a seguir.

(25) Saliência fônica

a) saliência esdrúxula: quando a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição vogal (3PS)/vogal-mos (1PP) não é tônica nas duas formas (Ex.: *cantava/cantávamos*, *fazia/fazíamos*).

– “nossa... V. do céu”... *a gente achava* (vs. *achávamos*) “que será que aquele rapaz tá fazen(d)o (nela) (inint.)?” – [Doc.: ((risos))] eu dei um grito de pavor mesmo... de susto foi [Doc.: hum] ((risos))

(AC-096; NE: L. 20-24)

³² Como mostra Rubio (2012), a aplicação dessa variável para *nós* e *a gente* é relevante somente na investigação da concordância verbal, que pode variar para os dois pronomes (*a gente cantava/cantávamos* vs. *nós cantava/cantávamos*).

b) saliência máxima: quando ocorre mudança no radical e a oposição vogal (3PS)/vogal-mos (1PP) é tônica em uma ou duas formas. (Ex.: *é/somos, fez/fizemos, veio/viemos*).

a gente só *teve* (vs. *tivemos*) um:: aluno né? [Doc.: uhum ((concordando))] deficiente... (AC-096; DE: L. 196-199)

c) saliência média: quando ocorre uma semivogal na forma de 3PS que não ocorre na forma de 1PP e a oposição vogal (3PS)/vogal-mos (1PP) é tônica nas duas formas (Ex.: *comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos*).

mesmo quando tá choven::do assim a gente fica assim no pátio olhan(d)o... [...] *a gente* até *apelidô(u)* (vs. *apelidamos*)... ahm::...o pátio das pedrinhas (AC-096; DE: L. 155-159)

d) saliência mínima: quando a oposição vogal (3PS)/vogal-mos (1PP) é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. (Ex.: *assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/damos*).

Doc.: e tem muitos banhe(i)ros?
Inf.: tem... vários banhe(i)ros banhe(i)ros pa deficiente... (*a gente*) *precisa* (vs. *precisamos*) tudo... [...] já tudo já... adaptado né? (AC-096; DE: L. 196-199)

4.5.2.3. Tempo e modo verbal

Inúmeros trabalhos já investigaram a relação entre o tempo-modo verbal e o fenômeno de AP de 1PP. Fernandes e Görski (1986), por exemplo, sugerem que a falta de distinção ou a neutralização entre formas de presente e de pretérito perfeito (*nós conta-mos*) é o que reservaria o uso *nós*, com morfologia de 1PP (*nós canta-mos*), na expressão de pretérito, e o uso de *a gente*, com morfema zero de 3PS, na expressão de presente (*a gente canta*), o que indicaria que a desinência -mos em verbos de pretérito perfeito, marca de 1PP, estaria acumulando também a função de marcar tempo. Assim, o emprego de *nós* ou *a gente* seria uma forma de restabelecer a oposição distintiva entre presente (*a gente canta*) e pretérito perfeito (*nós canta-mos*). Essa hipótese das autoras não inclui o pretérito imperfeito ou o futuro do pretérito, que mantêm marcas temporais próprias na oposição distintiva ao presente diante do uso de 1PP (*a gente canta/nós canta-mos* vs. *a gente canta-va/canta-ria, nós cantá-va-mos/canta-ria-mos*). Omena (1986) e Lopes (1998) verificaram que o pretérito imperfeito e o presente favorecem o uso da forma pronominal *a gente*, enquanto o futuro e o pretérito perfeito impelem ao uso de *nós*. Segundo as autoras, o uso de *a gente* estaria ligado a tempos verbais menos marcados, enquanto tempos verbais mais marcados influenciariam a presença do pronome *nós* (VIANNA, 2006 *apud* RUBIO, 2012)

Assim, com base nos resultados já obtidos em trabalhos anteriores, a hipótese para a variável tempo-modo verbal, seguindo Rubio (2012), é que o pronome *nós* tem seu uso mais vinculado a verbos no pretérito (26) e o pronome *a gente* a verbos no presente (27) (FERNANDES; GORSKI, 1986; LOPES, 1998; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999).

(26) Uso de *nós* com verbos no pretérito

(a) Uso de *nós* com verbos no pretérito perfeito

Inf.1.: mês passado não deu *nós* num *conseguiu* dinhe(i)ro pa pagá(r) o aluguel
(AI 002; Inf. 1; L. 180-184)

(b) Uso de *nós* com verbos no pretérito imperfeito

Inf.1: mas *nós* num *tinha* de oitenta e sete?
Int.: num tinha... ¹⁸[(chegô(u) agora)]
Inf.1: ¹⁸[eu peguei] duas procuração ele falô(u)... eu falei que tinha da Ca(i)xa e do banco Real dele
(AI 010; Inf. 1; L.151-159)

(27) Uso de *a gente* com verbos no presente

Inf.1: o dia que ía no banco aqui... ela falô(u) –“J. cê pega tudo que *a gente precisa* aí de papel... éh:: atestado de residência que vai pedí(r) conta de água ou luz cê pega tudinho... pa podê(r) í(r) lá”–... –“aí fui”– chegô(u) lá –“cê pegô(u)?”
(AI 003; Inf. 1; L.177-182)

4.5.3. Variáveis linguísticas discursivas

De modo geral, os estudos estilísticos consideram que os vários modos de “dizer”, as diversas situações e contextos conversacionais são fatores que corroboram a construção dos diferentes *estilos discursivos*. Por isso, os estudos sobre variação têm tratado o estilo como “ajustes” sociolinguísticos do falante que influenciam a construção de diferentes personalidades, justamente por estarem relacionados a formação das identidades, aos significados das formas linguísticas e aos contextos de produção.

Dessa maneira, avaliando os estudos da área, Eckert (2005) ressalta que a escolha de determinados itens linguísticos influencia as atitudes dos falantes dentro de seus grupos sociais, pois o significado da variação focalizaria a construção dos estilos e da maneira como as atitudes do falante influenciariam sua interação com o meio.

Portanto, considerando os fatores discursivos e estilísticos como ponto de partida para a construção dos diferentes estilos, a natureza das gravações do banco de dados Iboruna, as

diferentes características composicionais de AC e AI, AP de IPP será analisada por meio das seguintes das variáveis semântico-discursivas descritas a seguir.

4.5.3.1. Grau de determinação do referente pronominal

Na AP, a variável grau de determinação do pronome pode ser observada a partir da presença das formas pronominais na posição de sujeito sentencial e de suas características semântico-discursivas que indicam diferentes graus de referenciação. Segundo Buescu (1961, *apud* PEREIRA, 2003), o pronome *nós* indica maior concretude e delimita com maior precisão o grupo de indivíduos, enquanto a forma pronominal *a gente* delimita categorias mais genéricas e menos específicas. Trabalhos realizados anteriormente, já confirmaram essa afirmação, pois essa variável se mostrou um importante fator para a alternância pronominal de IPP em posição de sujeito no PB.

Levando em consideração a influência dessa variável, a hipótese é que referentes pronominais mais específicos e definidos propiciam o uso de *nós*, e referentes mais genéricos e indefinidos, o uso de *a gente*. Por essa razão, considerando os trabalhos de Rubio (2012), Omena (1986), Lopes (1999) e Vianna (2006), essa variável será investigada a partir dos fatores elencados em (28).

(28) Grau de determinação do referente pronominal

a) referência genérica e indefinida: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos.

Inf.: piorô(u) e::... e eu como tô te falan(d)o... vai piorá(r) mais pelo que a gente vê né?... lá a gente vê os jovens que... as coisas num
 Doc.: e essa situação éh... como... soa pra você como ela aparece assim como você vê?
 Inf.: eu acho também... Natália que::... um... eu acho que tam(b)ém... tem que tê(r) éh::...
 tem que tê(r) uma parte religiosa tam(b)ém né? eu acho que tem..

(AC-096; RO: L. 425-430)

b) referência genérica e definida: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso, por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, do bairro.

Inf.2.: ah essa sema na eles se reuniram lá... quinta-fe(i)ra se ²⁸[reuniram lá]
 Inf.1.: ²⁸[ai] eu acho o cúmulo (falo) –“gen::te por que que foi fazê(r) isso? largasse lá no planalto... que é duzentos reais... então o padre qué(r) que a gente paga o aluguel... cada um dá um tanto pa pagá(r)... eu dei dez reais

(AI-002; Inf. 1; L. 188-192)

c) referência específica e definida: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores.

Inf.1: você é casada com ele?

Inf.2: não

Inf.1: éh:: ¹³[união] ¹³[Inf.2: não] estável... vocês viviam juntos? é isso?

Inf.2: nós vivia junto o terreno eu que ganhei... a casa quem construiu foi minha menina porque eu não tinha condição e ele::... sempre beben(d)o beben(d)o... mas num bebia tanto igual::... d'uns tempo pra cá

Inf.1: e faz quanto tempo que vocês tão juntos?

Inf.2: faz bastante tempo... assim ¹⁴[largan(d)o e voltan(d)o faz

(AI-009; Inf. 2; 71-78)

4.5.3.2. Sequência discursiva

Com o avanço dos estudos sociolinguísticos, as entrevistas sociolinguísticas semiestruturadas, como é o caso de AC do Banco de dados Iboruna, passam a ser consideradas pouco viáveis para a investigação de estilo. Por esse motivo, nesta investigação, por tratarmos de duas amostras estilisticamente diferentes, delimitamos padrões semelhantes de análise, de modo que ambas possam ser analisadas pelos mesmos critérios.

Partindo de AC, as diferentes gravações foram realizadas a fim de obterem cinco tipos textuais: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de descrição (RE), relato de opinião (RO) e relato de procedimento (RP); para isso, as entrevistas seguiram roteiros previamente elaborados. Ainda que esses tipos textuais não sejam genuínos, mas híbridos, podemos enquadrá-los como predominantes dentro de cada tipo. Em AI, pela sua metodologia de coleta, torna difícil delimitar com exatidão os diferentes tipos textuais (SCHILLING-ESTE, 2007 *apud* FREITAG, 2014), o que é um impeditivo para estender os mesmos tipos textuais predominantes de AC para AI. Por isso, consideramos que ambas as amostras se enquadram no gênero discursivo *conversação*³³, uma vez que elas apresentam características comuns desse gênero (tema, estrutura composicional, etc). Assim, tanto em AC quanto AI, independentemente do tipo textual predominante, podem ser identificadas

³³ Não nos parece adequado classificar as amostras de AI e AC como *conversação espontânea* ou *dirigida*, pois essas classificações especificam uma ou outra amostra; desse modo, optamos pela classificação mais genérica (*conversação*) pois, assim, podemos nos direcionar as duas amostras do banco de dados Iboruna sem contraversões.

sequências discursivas de tipos variados, às quais podemos verificar, a partir do cotexto anterior e posterior à ocorrência do pronome *nós* ou *a gente*, como se comporta a AP de 1PP.

Para a investigação dessa variável, os co(n)textos serão classificados como *sequências discursivas* – “estruturas textuais convencionalizadas de que dispõem os falantes de uma língua para organizar seu discurso” (FREITAG, 2014, p. 125). Conforme Back (2004, p.14), a sequência discursiva “parece bastante evidente nas entrevistas pelo fato de que há muitas perguntas que levam o informante a fazer relatos, contar fatos que se sucederam em determinado tempo e local, envolvendo-o ou que dizem respeito a pessoas de sua convivência.”. Portanto, as ocorrências serão subcategorizadas de modo semelhante à proposta por Oliveira Silva e Macedo (1996), apresentada por Freitag (2014, p.129).

Apesar desses conceitos, de fato, há uma dificuldade na distinção clara entre sequência e tipo discursivo, uma vez que se tratam de construtos abstratos definidos por determinadas propriedades linguísticas e textuais. Então, para nossas análises dessa variável, um primeiro critério para delimitação de sequências discursivas é o próprio tipo textual predominante (narrativo, descritivo, argumentativo, injuntivo), como está estabelecido para AC, em que a atuação do documentador orienta a interação, e as perguntas feitas, o tipo de texto coletado; critério que não pode ser aplicado à AI, porque, sendo a interação livre, não é possível alcançar porções textuais maiores em que predominam um tipo textual. Ainda no caso de AC, mesmo considerando a predominância de tipos textuais, isso não significa coincidência com sequência discursiva, já que tipos textuais não são genuínos, mas híbridos, em termos das sequências discursivas que se manifestam em seu interior. A considerar a necessidade de aplicação dessa variável às duas amostras, AC e AI, o critério que se mostra mais adequado é o de uma análise “micro” das porções textuais onde se encontram as ocorrências dos pronomes de 1PP, de forma a identificar a sequência discursiva em que elas se encontram, observando as propriedades descritas em (29), para cada tipo de sequência.

(29) Sequência discursiva

a) Narrativa: relato verbal de um fato ou de uma história no passado, quase sempre no pretérito.

–“mas o cara disse pra mim que já tava no banco o dinhe(i)ro”– e eu fui c’o J.... *eu tinha DEZ reais fui c’o J.... dez reais a passagem é quatro e quinze... dois... são oito e trinta né?... por causa desse dinhe(i)ro e nós fizemo(s) plano que nós ia almoçá(r) lá e num sei o que que acabava o dinhe(i)ro só sexta-fe(i)ra... [Inf.2: hum] aí sexta-fe(i)ra ela me ligô(u) de novo que ía in(d)o eu falei –“cê tá levan(d)o dinhe(i)ro de ida e volta?”–*

–“não não o amigo do J. vai levá(r) nós”

(AI 003; Inf. 1; L. 115-122)

b) Descritiva: trechos em que um fato, um objeto ou uma pessoa são expostos detalhadamente em suas peculiaridades e contornos, sem progressão temporal.

Doc.: quais são os pontinhos assim?... cada/ em cada lugar assim na mão?
 Inf.: isso aí é difícil de você lembrá(r) to::dos *mas nós temos aqui o meridiano que ele corta o nosso corpo todinho então aqui nós temos o coração... que ele vem... por essa parte aqui e vai até:: mais ou menos nessa área aqui...*

(AC-144; DE: L. 587-590)

c) Argumentativa: trecho em que se fundamentam opiniões ou se defendem pontos de vista. É frequentemente iniciada por construções: “eu acho (que)”, “eu penso (que)”, entre outras.

[...] exemplo... antigamente... *na minha cabeça eu penso assim... eu penso assim óh... por exemplo... antigamente as as mulheres elas não tinham a Informação que a gente tem hoje... cê entendeu? por exemplo... elas nem malemá namorava já casava... nem relava no namorado num be(i)java num podia fazê(r) nada...*

(AC-072; RO: L.540-544)

d) Injuntiva: trechos que caracterizam por orientar ou instruir um procedimento. Essas sequências geralmente apresentam verbos no imperativo, infinitivo ou presente do indicativo com sujeitos não determinados.

[...] *faz assim com o cabelo... ele estica o cabelo... porque o cabelo da gente... é elástico né?... se a gente (pegá(r) o cabelo e fazê(r) assim) pode vê(r) que é ela/... aquilo lá... faz ele ficá(r) mais elástico ainda...*

(AC-072; RP: L.477-480)

e) Expositiva: trechos em que são expostas informações sobre um fato, uma pessoa ou um objeto, enumerando suas características de forma clara.

Inf.1.: então eu num sei onde eles arruma dinhe(i)ro ²⁴[(inint.)]
 Inf.2.: ²⁴[eu num sei se] é o::(u)tras ²⁵[igrejas aju::da]
 -Inf.1.: ²⁵[e nós num tamo(s)] conseguin(d)o o nosso é duzentos reais... mês passado não deu nós num conseguiu dinhe(i)ro pa pagá(r) o aluguel
 Inf.2.: ai quinta-feira bastante ²⁶[gente deu]

(AI 002; Inf. 1; L. 180-184)

Para a análise dessa variável, partimos da hipótese de que em sequências discursivas, cuja estrutura verbal se relaciona com tempos mais marcados (narrativas), a tendência de uso de *a gente* seja maior, enquanto em sequências com tempos verbais menos marcados (descritiva, argumentativa, injuntiva e expositiva) o uso de *nós* seja mais considerável.

4.4.3.3. Tópico discursivo³⁴

Considerando a natureza das amostras do banco de dados Iboruna, pode-se afirmar que de AI e AC derivam contextos discursivos bem diferentes. Em AC, sendo a entrevista orientada, a temática é direcionada para tópicos previamente escolhidos pelo documentador; em AI, pelo contrário, considerando a dinamicidade da troca conversacional, os assuntos surgiam naturalmente ao decorrer da interação verbal, sem nenhuma previsão do documentador.

A ideia proposta aqui, para analisar a variável linguística discursiva “tópico discursivo”, parte da concepção de que determinados assuntos moldam o desempenho linguístico do falante, e avaliando as amostras do banco de dados Iboruna, em AC é possível categorizar os temas em grupos mais ou menos específicos, pois todas as entrevistas seguem as mesmas orientações. Em AI, pelo contrário, o mesmo procedimento se torna inviável, pois quando avaliamos os diferentes turnos de fala (ou sequências discursivas), eles oferecem uma grande possibilidade de tópicos e caracterizá-los, cada um por sua particularidade, tornaria essa averiguação bastante extensa e trabalhosa. Por esse motivo, a variável foi definida com base no trabalho de Berlinck (2019), no qual a autora generaliza os temas encontrados em suas amostras em dois grupos: i) *temas subjetivos* e ii) *temas objetivos*. Vale-nos utilizar a mesma metodologia adotada pela linguista, uma vez que as especificações dos fatores averiguados por ela, também são aplicáveis nas amostras do banco de dados Iboruna (salvo alguns acréscimos necessários). De modo mais específicos, os tópicos serão classificados segundo os fatores descritos em (30).

(30) Modo de desenvolvimento do tópico discursivo

a) temas subjetivos: aqueles cujo o assunto tratado gira em torno de relacionamentos, assuntos amorosos ou de amizade ou família (sentimentos, conselhos, encontros etc.).

Doc.: como foi assim o dia que a senhora conheceu ele assim como aconteceu¹⁰[ceu]?
 Inf.: ¹⁰[não] nós tínhamos/ a gente tinha muita amiza::de... num foi assim uma (inint.)... a gente começô(u) c'uma amiza::de a gente ia nas pale::stra a gente fazia visi::tas né?... éh tinha o nosso traba::lho... eu num sei porque que::/ como que começô(u) acho que dessa amiza::de nasceu essa convivên::cia e um dia ele tam(b)ém era muito sozi::nho e eu tam(b)ém fiquei muito sozi::nha...

(AC-144; NE: L. 104-109)

b) temas objetivos: aqueles encontrados em pedidos, relatos de situações do cotidiano, informações sobre terceiros, assuntos financeiros, assuntos da época ou temas

³⁴ A noção de “tópico discursivo” aqui utilizada não é exatamente a mesma adotada pela Gramática Textual-interativa (JUBRAN, 2006). Tópico discursivo, aqui, retrata temas manifestados na conversação, que podem ser avaliados segundo seu grau de objetividade/subjetividade, como propões Berlinck (2019).

polêmicos (roubo, desarmamento, drogas, assassinatos, trabalho e questões relacionadas ao contexto universitário) (Adaptado de BERLINCK, 2019, p.96).

Doc.: ⁸[é:: se não fosse no médico] a tempo né?
 Inf.: e ela per/ perguntô(u) porque que eu não falei nada e eu falei que eu tinha medo de apanhá(r)... [Doc.: ((risos))]. ... essa (um pouco) eu lembro né?... tem várias mas a gente num lembra agora né?... cê pegô(u) eu muito de surpre::as [Doc.: e Inf.: ((risos))]
 (AC-144; Inf. 1; L. 283-288)

O controle dessa variável tem por objetivo verificar se temas mais objetivos proporcionariam condições para o aparecimento de *nós*, enquanto temas mais subjetivos, o de *a gente*, sob a justificativa de que a aproximação (tópicos subjetivos) ou o distanciamento (tópicos objetivos) do falante de seu tópico discursivo produzam efeito, respectivamente, de menor ou maior cuidado de sua fala, como já propunha Labov (2008), ao sugerir a coleta de narrativas de experiências pessoais como técnica de distração do falante e de minimização do paradoxo do observador, técnica aqui reinterpretada à luz do controle do tópico discursivo, como propõe Berlinck (2019).

4.5.3.4. Relação de proximidade entre os interlocutores

A metodologia dos estudos clássicos da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008, 2006, 2008) vem oferecendo retratos descritivos sobre os processos variáveis da comunidade, mas certos padrões observados nos desempenhos linguísticos individuais dos falantes ainda são encobertos pela indiferenciação do indivíduo do todo de sua comunidade.

Embora o conceito de comunidade de fala reconheça a heterogeneidade da língua, assumi-lo como ponto de partida para a análise do estilo nos parece não conduzir a resultados satisfatórios, pois ainda que os falantes compartilhem as mesmas regras linguísticas, não nos é garantido que todos os perfis sociais, tomados individualmente, a apliquem de maneira semelhante, consideradas suas diferenças sociais. Por isso, conforme aponta Severo (2008), muitas pesquisas têm direcionado suas análises para níveis micros, como redes sociais de interação ou comunidades de prática, de modo contrário ao nível macro, a comunidade de fala. Esse fato corrobora o refinamento das análises sobre estilo, pois no nível micro é possível considerar alguns aspectos que são interessantes para esse tipo de estudo, como, por exemplo, os diferentes papéis dos sujeitos, a relação do sujeito com a comunidade e a construção de diferentes identidades.

Tendo em vista esses argumentos, nesta dissertação, a relação entre os falantes parte da concepção de redes sociais que, segundo Bortoni-Ricardo (2011, p.15), pode ser definida como “um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo”. Serão consideradas relações de maior ou menor/nenhuma proximidade classificadas conforme as características dos falantes, seus diferentes papéis sociais, suas relações de parentesco ou de trabalho e pelas informações oferecidas nos diários de campos e fichas sociais do banco de dados Iboruna. Como exemplo de maior grau de proximidade, consideramos qualquer vínculo de amizade ou familiar, como é o caso da amostra AC-096, em que a informante é tia-avó da documentadora; por outro lado, como fator menor/nenhuma proximidade, consideramos as interações em que os informantes não possuem nenhum vínculo, como é o caso de AI-009, em cuja situação de coleta se deu o primeiro contato presencial entre os interactantes. Esses fatores permitem, então, classificar as ocorrências nos dois contextos descritos em (31).

(31) Relação entre os falantes das amostras

a) maior proximidade: relações de amizade ou vínculo familiar

b) menor/nenhuma proximidade: relações de trabalho, relações acadêmicas ou conversas com desconhecidos.

4.5.3.5. Grau de formalidade do contexto discursivo

Embora consideremos que a composição de AC e AI favoreça dois diferentes contextos discursivos: o primeiro mais formal/de maior atenção e o segundo menos formal, portanto de menor atenção, não podemos desconsiderar que dentro das interações conversacionais, sejam elas orientadas (como AC) ou livres (como AI), não possam emergir contextos variáveis de formalidade. Isso ocorre, pois considerando outros fatores estilísticos³⁵, existem critérios que podem contribuir com o aumento ou com a diminuição do grau de formalidade de um contexto específico ou momentâneo. A título de exemplo, considerando novamente o contexto de um escritório de advocacia, em uma situação hipotética entre dois indivíduos com classes e papéis sociais diferentes (um advogado e um cliente), é possível presumir que a relação entre eles seja fundamentada no profissionalismo, portanto de maior formalidade; entretanto, caso esses dois informantes sejam amigos próximos e exista uma relação profissional envolvida nessa amizade

³⁵ Como, por exemplo, o tema, o papel social dos participantes, o local de gravação, a proximidade ou distanciamento do falante com o tópico e a relação entre os indivíduos.

(que pode ser percebida, por exemplo, através do conteúdo informacional das gravações), podemos considerar que em vários momentos da interação verbal, as reuniões tenham seguido critérios de menor formalidade. Logo, é possível admitir que nesse contexto há pelo menos dois padrões de formalidade: um mais formal, quando a troca conversacional ocorre entre o advogado e o informante (no papel de cliente) - ainda que sejam gravados secretamente, e um menos formal, quando o diálogo ocorre com este mesmo cliente (mas no papel de amigos) - independentemente do tipo de gravação.

Seguindo as mesmas ideias dos trabalhos pioneiros de Labov (1963 e 1966) e com base em Hora (2014), a formalidade pode ser concebida de três modos: o primeiro ligado diretamente ao código, de forma que o discurso esteja sujeito a regras extralinguísticas ou à sua maior produtividade; o segundo relacionado às características da situação social, pois a configuração de cada contexto pode influenciar ou conduzir o discurso, uma vez que “as características relevantes da situação podem ter a ver com um tom afetivo que prevalece; assim, se ela é formal, exige um tom de seriedade, polidez e respeito.”; e o terceiro que diz respeito ao uso do código como um modo técnico de descrição em que o estabelecimento das regras que moldam o discurso é explícito ao máximo. Dessa conceituação do autor, interessa-nos apenas o segundo conceito de formalidade, considerando que a formalidade do contexto (que também pode ser estabelecida a partir de outros fatores estilísticos³⁶) influencia o falante a ter maior ou menor atenção a sua fala.

Desse modo, considerando as configurações das amostras (em especial AI) e a classificação das características do grau de formalidade proposta por Hora (2014), essa variável será avaliada a partir das variantes *maior*, *médio* e *menor controle da formalidade*³⁷, pois, embora reconheçamos que a formalidade se instaura no discurso de modo contínuo, em AI, dada a maior dinamicidade das trocas conversacionais, não é possível considerarmos contextos que não estejam próximos da ocorrência (ou sequência discursiva). Em (32), seguem os descritos dessa variável.

(32) Grau de formalidade

a) maior grau de formalidade: quando, no desempenho individual, é possível perceber, traços de maior polidez, palavras menos cotidianas, metafóricas ou de

³⁶ Idem nota 35.

³⁷ Como destacado, reconhecemos que o grau de formalidade é um conceito subjetivo, contínuo e depende, exclusivamente, do fenômeno e das ocorrências analisadas, por isso, devemos esclarecer que essa variável foi elaborada com base no produto de nossas amostras, o que não impede sua reprodução para a avaliação de outros fenômenos, mas com as devidas adequações.

múltiplos sentidos; estruturas complexas (subordinação); tempos verbais menos comuns (pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo); temas polêmicos que levam os falantes a discussões e argumentações mais conceituais; ambientes institucionais (trabalho ou faculdade) ou contato com desconhecidos.

Discussão sobre armamento na casa de um dos informantes:

[...] *quem é que sabe sob pressão usá(r) uma arma?*

Inf.4.: ¹⁰[o bandido]

Inf.2.: ¹⁰[ninguém] *ninguém... e o(u)tra*

Inf.1.: *na hora do susto*

Inf.4.: *eu acho que o bandido também*

Inf.5.: *uma arma na mão cê tá tremendo cê num vai ¹¹[acertá(r) o tiro]*

Inf.2.: ¹¹[e o(u)tra... a gente TREMe]

Inf.1.: *quem tem uma arma em casa num vai comprá(r) uma arma cara... compra uma coisa assim só pa tê(r)... pra ele falá(r) eu tenho uma ar::ma... resultado... eles TÃO com o melhor armaMENTOo do MUNdo*

(AI-001; Inf. 2; L.7-16)

b) médio grau de controle da formalidade: quando, no desempenho individual, é possível perceber, por exemplo, traços de formalidade representados pelo uso de tempos verbais mais comuns (presente, perfeito, imperfeito), de estruturas complexas (subordinadas), de vocábulos menos usuais ou técnicos; de padrões e estruturas comumente utilizadas no cotidiano, temas envolvendo certa afetividade por parte do falantes (relacionamento amoroso, familiar, mas, também, de trabalho, estudo ou assuntos de maior problematização).

Conversa entre advogado e cliente sobre intervenção de cuidados da filha

Inf.1.: *e:: no conselho tutelar o que que foi feito?... que cê disse que conseguiu*

Inf.2.: *aí no conselho tutelar eu fui... e:/ fui lá no conselho tutelar e eles foram lá... aí ela falô(u) pra mim óh ela falô(u) –“óia como:: a menina tá assim”–... *tava recém operada ela* ⁴⁹[tava] ⁴⁹[Inf.1.: *aham ((concordando))*]... *tinha acabado de sair do Hospital de Base...* [Inf.1.: *sei*] *aí eles falô(u) pra mim –“então nós vai mandá(r) uma intimação pra ele... pa vê(r) que que ele acha porque num é justo ele ficá(r) na casa e a senhora saí(r)... praticamente sem ⁵⁰[tê(r)] pra onde í(r)”–**

(AI-009; Inf. 2; 233-239)

c) menor grau de controle da formalidade: quando, no desempenho linguístico dos falantes, é possível perceber certos traços de maior afetividade: palavras mais cotidianas, menos prestigiadas pelo padrão normativo, ou de cunho pejorativo ou ofensivo (brincadeira entre amigos); padrões ou estruturas simples (orações e períodos curtos); estruturas verbais mais comuns (presente, pretérito perfeito ou imperfeito, futuro [ir + infinitivo]); temas relacionados a eventos sociais (bar, festas, reuniões de amigos, futebol etc.); ambientes não institucionais (casa de amigos ou cônjuge, rua, bar, lanchonete) ou contato com conhecidos.

Relato sobre conversa com terceiro no portão da casa de uma das informantes

Inf.2.: *então aí EU ouVI que falÔ(U)* [Inf. 1: *uhm...*] e liguei aqui na dona F. e a V. atendeu a V. atendeu [Inf. 1: *sei*] eu falei V./ ela falô(u) –“ah dona I. nós tamo(s) assistindo nós vimo(s) também”- eu falei –“ah cês assiste também esse programa?” –

ela falô(u) -“**nós** assiste *TOdo dia...* bom eu quando tô em casa né?... mas meu pai e minha mãe pega todo dia”-

Inf.1.: *talvez eu ponho no no no dois lá no:: no:: na Globo passa em o(u)tro lugar eu nunca pego o lugar* ⁴[e eu] nunca pego o lugar certo ⁵[que passa]

(AI-002; Inf. 2; L. 29-36)

Como destacado neste capítulo, nossa pesquisa tem como foco a verificação dos fatores discursivos no emprego das formas *nós* e *a gente* em AC e AI do banco de dados Iboruna. Conforme aponta Labov (2008, p. 91-92), os fatores relacionados à variação estilística sempre estiveram às margens das pesquisas sociolinguísticas por conta de uma carência de técnicas mais apuradas para sua verificação. De fato, a afirmação do autor é pertinente, pois o trabalho com variáveis estilísticas requer, além de uma série de decisões metodológicas, um rigoroso trabalho de descrição do analista. Diante disso, mesmo havendo dificuldades na elaboração e na verificação de algumas variáveis, consideramos pertinente assumir o papel do discurso e dos diferentes estilos na análise de AP com IPP, de modo a lançar sobre o fenômeno variável um olhar diferenciado e mais apurado do que os já considerados.

Por último, devemos deixar enfatizado que as variáveis discursivas aqui consideradas estão relacionadas de modo complementar, como, por exemplo, *grau de formalidade* e *relação de proximidade entre os interlocutores*, que juntas podem trazer resultados mais confiáveis sobre a atuação da regra variável.

No próximo capítulo, seguem a análise e a discussão de nossos resultados.

5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS

Considerando a organização textual dessa dissertação, nossas análises partem da apresentação dos índices percentuais da AP de 1PP, de modo a reunirmos argumentos para a análise comparativa dos resultados entre AC e AI. Os resultados serão apresentados de modo que consigamos evidenciar como ocorrem os padrões de AP de 1PP nas duas amostras do banco de dados Iboruna. Sobre a análise qualitativa³⁸, partiremos do pressuposto de que diferentes contextos discursivos possibilitam diferentes padrões pronominais em comparação aos já apresentados por Rubio (2012), para a comunidade de fala.

Assim, nosso objetivo último é comprovar se a análise dos desempenhos individuais possibilita a observação de padrões linguísticos que antes eram encobertos pela investigação do fenômeno dentro da comunidade e não de maneira individualizada.

5.1. PADRÕES DE ALTERNÂNCIA PRONOMINAL DE 1º PESSOA DO PLURAL: ANÁLISE DAS INFLUÊNCIAS DOS ESTILOS DISCURSIVOS NOS DESEMPENHOS LINGUÍSTICOS INDIVIDUAIS DE AC E AI

Inicialmente, a proposta desta seção é avaliar se os dois contextos discursivos que emergem das diferenças estruturais e estilísticas das amostras do banco de dados Iboruna interferem no desempenho individual dos informantes de AC e AI. Apresentamos os resultados individuais dos perfis sociais, cujo desempenho linguístico apresentou, ao menos, um contexto de variação no uso do pronome de 1PP (*nós vs. a gente*). Com isso, para fundamentar nosso estudo, os dados das variáveis linguísticas formais e sociais servirão de subsídios para a análise comparativa da AP de 1PP associada as características discursivas de cada ocorrência.

5.1.1. Frequência da AP de 1PP entre os informantes de AC e AI

Avaliando os dados da frequência de *nós* e *a gente* nos desempenhos linguísticos dos informantes selecionados de AI e AC, podemos constatar que a hipótese de que o contexto de gravação secreta favoreceria o uso da variante *a gente* não se confirmou, conforme os resultados da tabela 19, que mostram que em AI a variante *nós* (60% = 29/45) prevalece sobre *a gente*

³⁸ Os resultados das variáveis são apresentados na seguinte ordem: inicialmente, tratamos dos fatores sociais, que, embora tenham sido analisados em segundo plano, ainda contribuíram para a descrição do fenômeno de AP de 1PP; em seguida tratamos das variáveis estruturais e, por fim, as de ordem discursiva.

(40% = 21/45), ao passo que, para AC, esse favorecimento se inverte (83,8% = 160/193, para *a gente*, e 16,2% = 31/191 para *nós*).

Tabela 19 - Comparação da frequência de *nós* e *a gente* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Amostra/ Pronome Perfil social	AI			AC		
	NÓS	A GENTE	TOTAL	NÓS	A GENTE	TOTAL
PERFIL SOCIAL 1 Fem, 26-35a, EFII , >5 SM	AI-009 - Inf.2			AC-072		
	66,7% (4/6)	33,3% (2/6)	100% (6)	6,9% (2/29)	93,1% (27/29)	100% (29)
PERFIL SOCIAL 2 Masc, 26-35a, Sup, 6- 10 SM	AI-010 - Inf.1			AC-085		
	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)	100% (3)	13,3% (2/15)	86,7% (13/15)	100% (15)
PERFIL SOCIAL 3 Fem, 36-55, EF1, >5 SM	AI-003 - Inf. 1			AC-096		
	75% (3/4)	25% (1/4)	100% (4)	4,0% (1/25)	96,0% (24/25)	100% (25)
PERFIL SOCIAL 4 Fem, +55a, EF1, 6-10 SM	AI-002 - Inf. 1			AC-126		
	38,5% (5/13)	61,5% (8/13)	100% (13)	57,1% (4/7)	42,9% (3/7)	100% (7)
	AI-007 - Inf.1					
50% (2/2)	50% (2/2)	100% (4)				
Subtotal	33,3% (7/15)	66,6% (10/15)	100% (17)			
PERFIL SOCIAL 5 Fem, +55a, EF1, >5 SM	AI-002 - Inf. 2			AC-128		
	83,3% (5/6)	16,7% (1/6)	100% (6)	22,5% (7/31)	77,5% (24/31)	100% (31)
PERFIL SOCIAL 6 Fem, +55a, EM, > 5 SM	AI-004 - Inf. 2			AC-144		
	64,2% (9/14)	35,8% (5/14)	100% (14)	17,9% (15/84)	82,1% (69/84)	100% (84)
TOTAL	60% (29/50)	40% (21/50)	100% (60)	16,2% (31/191)	83,8% (160/191)	100% (191)

FONTE: elaborado pelo autor.

Embora a hipótese não tenha se confirmado, como se pode observar nos resultados gerais da tabela 19, apenas os perfis sociais 2 (Masc, 26-35a, Sup, 6-10 SM) e 4 (Fem, +55a, EF1, 6-10 SM) de AI apresentam comportamento semelhante aos seus correspondentes em AC, usando mais *a gente* do que *nós*, o que era nossa previsão inicial. Por outro lado, apenas o informante de perfil 4 de AC (Fem, +55a, EF1, 6-10 SM) equipara-se ao comportamento geral dos informantes de AI, usando mais *nós* do que *a gente*. Esse resultado é um primeiro indício de que *a gente*, como forma inovadora, e *nós*, como conservadora, interagem com outras regras do sistema da língua.

Considerando os diferentes estilos discursivos do banco de dados Iboruna, os resultados obtidos em nossa análise oferecem argumentos para algumas reflexões. Primeiramente,

podemos considerar que os pronomes de 1PP não apresentam traços de maior ou menor valorização ou prestígio social. Alguns autores, como Vieira e Brandão (2007), confirmam que, embora na década de 70 o uso de *nós* tenha sido superior em algumas variedades brasileiras, após meados de 1990, novas pesquisas atestaram que a forma *a gente* ganhou cada vez mais espaço na língua portuguesa e, por isso, seus contextos de usos foram gradualmente sendo expandidos. Dessa maneira, com base nesses estudos, e outros já apresentados nessa dissertação, consideramos que, em princípio, não há diferenças de valor entre os dois pronomes de 1PP, pelo contrário, a substituição do pronome *nós* pela forma pronominal *a gente*, principalmente por falantes mais velhos ou de maior escolarização em contextos de maior formalidade, contribuiu para que não fossem criadas barreiras linguísticas ou sociais que influenciassem o uso de uma ou outra forma, pois várias pesquisas já confirmaram que os dois pronomes se encontram encaixados no sistema linguístico e social de praticamente todas as variedades brasileiras (RUBIO, 2012).

Com isso, e para confirmarmos o argumento anterior, podemos observar que os resultados da avaliação individual mostram que existem frequências variáveis do pronome de 1PP que são observáveis somente em um nível micro, pois, em níveis de análises mais restritos, observamos padrões de uso da variante *nós* que antes eram encobertos pelo uso de *a gente*. Por exemplo, o pronome *a gente* é comumente utilizado como alternativa para que sejam evitados desvios de concordância verbal, uma vez que sua conjugação é associada a formas desinenciais de marca zero (3PS) (*a gente canta vs. nós canta-mos*).

Além disso, outra questão que podemos evidenciar se refere ao fato de que ainda existem certos traços que são exclusivos de uma forma e não de outra, tal como o valor semântico de coletividade, mais afeito à forma *a gente*, por ser traço preservado mesmo após o processo de gramaticalização de *gente*. Assim, determinadas características podem ser determinantes para a escolha de *a gente*, por exemplo, em contextos de referência genérica.

As diferenças observadas na frequência de *nós* e *a gente* também podem estar associadas aos possíveis usos dos pronomes de 1PP no PB; no caso do pronome *nós*, existem outros dois pronomes que exercem outras funções sintáticas: o pronome oblíquo tônico *nós* (33) e o pronome oblíquo átono *nos* (34), ambos na função de complemento. Os dois pronomes citados possuem a mesma grafia (homógrafos), mas não a mesma tonicidade e regras de aplicação (principalmente quando preposicionados), o que os tornam menos propícios a serem escolhidos pelos falantes, pois seu uso demanda maior complexidade de regras, por esse motivo, novamente, o pronome *a gente* se torna uma estratégia do falante para que, em determinados

contextos de uso, a forma *a gente* seja mais favorável, uma vez que as variações (*para gente, na gente, com a gente, sobre a gente*) nos parecem ser estruturas menos complexas para os falantes em uma interação livre, logo, o número de ocorrências de *a gente*, somadas às funções de sujeito e complemento, incontestavelmente, será maior que *nós*.

(33) Uso do pronome *nós* na função de oblíquo tônico

Doc.: já teve uma briga assim:... FEIA assim alguma vez?
 Inf.: (entre *nós*)?
 Doc.: é

(AC-144; Inf. 1; L.165-169)

(34) Uso do pronome *nós* a função de oblíquo átono *nos*

[...] começamo(s) também:... í(r) nas reuniõ::es e aí depois no/ nós (nos) batiza::mo(s)
 aí tem a prime(i)ra comunhão depois... *nos* tornamos Testemunhas de Jeová::...

(AC-064; Inf. 1; L.16-21)

Portanto, como argumentamos anteriormente, a escolha de *nós* ou *a gente*, de fato, não está associada à um suposto valor estrutural das formas variantes, muito menos aos diferentes estilos de AC e AI, uma vez que ambos os pronomes apareceram em ocorrências extraídas dos dois tipos de amostras com diferentes níveis de frequência (conforme tabela 19). Por esse motivo, no que concerne à frequência de *nós* ou *a gente*, nos parece razoável admitir que as diferenças de estilos e o tipo da gravação sociolinguística causam poucos efeitos, para não se dizer nenhum, na escolha pronominal, por isso apostamos nos resultados das variáveis semântico-discursivas, uma vez que fatores de ordem estilísticas podem proporcionar respostas mais assertivas sobre as possíveis referências e inferências do contexto pronominal.

5.1.2. Variáveis sociais

Nas subseções a seguir, apresentaremos os resultados quantitativos das variáveis sociais: *sexo/gênero, faixa etária e escolaridade*. Por se tratar de um estudo cujo objetivo é investigar a relação entre a escolha pronominal e as motivações discursivas/estilísticas, as variáveis sociais apenas servirão de base para verificação em que medida hipóteses clássicas do estudos de comunidade de fala se aplicam ao desempenho de perfis sociais individuais das duas amostras em comparação, sem que seja possível estabelecer generalizações para as variáveis controladas em AC e AI, devido ao desequilíbrio na distribuição dos informantes por variantes das variáveis controladas.

5.1.2.1. Sexo/gênero

Observamos, em princípio, que há uma grande diferença entre a quantidade de homens e mulheres em nosso corpus: dos 13 informantes que compõem os 6 perfis sociais, apenas 2 são homens representativos do perfil social 2 (26 a 35 anos, Ensino Superior, 6 a 10 AM), e 11 são mulheres, representativas dos demais perfis sociais. Por esse motivo, parece-nos mais viável analisar essa variável, considerando as características que aproximam e distanciam o comportamento de homens e mulheres em função dos dois tipos de amostra, AC e AI. Os resultados para esse variável são mostrados na Tabela 20.

Tabela 20 - Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *sexo/gênero* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Perfil social/ Amostra		Sexo/gênero/ Variáveis	MASCULINO		FEMININO	
			NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE
1	Fem 26-35a EFII >5 SM	AI-009 Inf.2	0	0	66,7% (4/6)	33,3% (2/6)
		AC-072	0	0	8,7% (2/23)	91,3% (21/23)
2	Masc 26-35a Sup 6-10 SM	AI-010 Inf.1	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)	0	0
		AC-085	13,3% (2/15)	86,7% (13/15)	0	0
3	Fem 36-55a EF1, >5 SM	AI-003 Inf. 1	0	0	75% (3/4)	25% (1/4)
		AC-096	0	0	4,8% (1/21)	95,2% (20/21)
4	Fem +55a EF1 6-10 SM	AI-002 Inf. 1	0	0	38,5% (5/13)	61,5% (8/13)
		AI-007 Inf.1	0	0	50% (2/2)	50% (2/2)
		AC-126	0	0	57,1% (4/7)	42,9% (3/7)
5	Fem +55a EF1 >5 SM	AI-002 Inf. 2	0	0	83,3% (5/6)	16,7% (1/6)
		AC-128	0	0	23,3% (7/30)	76,7% (23/30)
6	Fem +55a EM >5 SM	AI-004 Inf. 2	0	0	77,8% (7/9)	22,2% (2/9)
		AC-144	0	0	18,5% (15/81)	81,5% (66/81)

Fonte: elaborado pelo autor.

Como se pode observar na tabela, a amplitude da frequência de uso das duas variantes (ou intervalo entre a maior e a menor frequência) é muito menor para os homens (20 pontos percentuais) do que para as mulheres (78,5 pontos percentuais), o que significa, em princípio, que a tendência à variação é muito maior entre as mulheres do que entre homens das duas amostras.

Na comparação do desempenho variável dos mesmos perfis sociais constatamos que, para os homens (perfil social 2), a situação de maior ou menor monitoramento da fala não interfere na escolha da variante, uma vez que nas duas amostras eles preferem usar mais *a gente* (66,7% e 86,7%) do que *nós*, ao passo que, para as mulheres, ao contrário, a tendência é a de que o monitoramento da fala, maior (AC) ou menor (AI), conduz a escolha de uma das variantes, já que se observa entre elas maior tendência de uso de *nós* em AI e de *a gente*, em AC, conforme o seguinte detalhamento dessa asserção: (i) as mulheres dos perfis sociais 1, 3, 5 e 6 tendem a usar mais *nós* em AI (índices entre 66,7 e 83,3%) e mais *a gente* em AC (índices entre 76,7 e 95,2%); (ii) apenas para as do perfil social 4, essa preferência se inverte, com as duas de AI, consideradas juntas, usando mais *a gente* (55,7%), e a de AC, usando mais *nós* (57,1%).

Nossos resultados para a variável *sexo/gênero* nos conduzem a seguinte ponderação: se, por um lado, a constatação de que, em estilos de fala mais monitorados (AC), mulheres tendem a empregar mais *a gente*, aproximando-se do comportamento dos homens, que sempre preferem essa mesma variante, nos levaria a considerar que o *status* social da variante inovadora se ampliou (ou está se ampliando) na comunidade de fala, tornando-se uma variante livre de avaliação social. Por outro lado, se, em estilos de fala menos monitorados e mais fiel ao vernáculo (AI), as mulheres, diferentemente dos homens, usam mais a variante *nós*, essa constatação leva à confirmação da hipótese clássica de que mulheres são mais conservadoras do que os homens. A considerar essas duas ponderações e, assumindo que o estilo de fala de AI reflete com mais fidelidade o uso cotidiano da língua, então, se confirmaria a tendência de que as mulheres, preocupadas com o *status* social, prezam mais o emprego da variante padrão do que os homens, mais preocupados com sua identidade social. Assim, essa última tendência, que nos parece mais razoável, coloca em evidência que o desempenho linguístico individual, em face do estilo de fala (monitoramento), é apagado quando se consideram resultados da comunidade de fala, uma vez que, nossos resultados, para a variável *sexo/gênero*, contrastam com os já verificados para a comunidade de fala (RUBIO, 2012: cf. tabela 16), segundo os quais as mulheres responderiam pela inovação no uso dos pronomes de 1PP. É o que deixamos resumido no quadro 21.

Quadro 21 - Comparativo dos resultados de AP de 1PP no estudo de comunidade e no de estilo para a variável *sexo/gênero*

Tipo de estudo Escolaridade	Estudo de comunidade (RUBIO, 2012)	Estudo de estilo	
		AC [+ monitorado]	AI [- monitorado]
Feminino	<i>A gente</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>
Masculino	<i>Nós</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

5.1.2.2. Faixa etária

Para a variável social *faixa etária*, a distribuição dos informantes pelas variantes se mostra mais equilibrada do que para a variável *sexo/gênero*. São três as faixas etárias resultantes dos 6 perfis sociais selecionados das duas amostras: (i) de 26 a 35 anos, com 2 informantes de AC e 2 de AI do perfil social 1 (ii) de 36 a 55, com 1 informante de AC e 1 de AI do perfil social 3; e, (iii) mais de 55 anos, com 7 informantes distribuídos pelos perfis sociais 4 (2 de AC e 1 de AI), 5 e 6 (cada um com 1 informante de AC e 1 de AI).

Conforme os resultados, dos 4 informantes da faixa etária de 26 - 35 anos, apenas 1 utilizou mais a variante *nós* (Inf. 2 – AI-009), e os demais, a variante *a gente*, o que parece independe do tipo de amostra. Já os informantes das duas faixas etárias mais avançadas se dividem entre o uso de *nós* e de *a gente*, refletindo a tendência, já verificada para *sexo/gênero*, de que a escolha da variante se dá em função do tipo de amostra: na faixa etária de 36 a 55 anos, o informante de AI usa mais *nós*, e o de AC, mais *a gente*, e na faixa etária de mais de 55 anos, 2 informantes preferem *a gente* em estilo de fala mais monitorado (AC), 2 outros preferem o de *nós*, em estilo menos monitorado (AI), e os 3 do perfil social 4 parecem indiferentes quanto ao estilo de fala no emprego das variantes (1 de AI usa mais *a gente*, 1 de AC, mais *nós*, e o terceiro, também de AI, é indiferente à escolha das variantes).

Os resultados da variável *faixa etária* segue na tabela 21.

Tabela 21 - Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *faixa etária* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Perfil social/ Amostra		Faixa etária/ Variáveis	26 A 35 ANOS		36 A 55 ANOS		+ DE 55 ANOS	
			NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE
1	Fem 26-35a EFII >5 SM	AI-009 Inf.2	66,7% (4/6)	33,3% (2/6)	0	0	0	0
		AC-072	8,7% (2/23)	91,3% (21/23)	0	0	0	0
2	Masc 26/35a Sup 6-10 SM	AI-010 Inf.1	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)	0	0	0	0
		AC-085	13,3% (2/15)	86,7% (13/15)	0	0	0	0
3	Fem 36-55a EF1, >5 SM	AI-003 Inf. 1	0	0	75% (3/4)	25% (1/4)	0	0
		AC-096	0	0	4,8% (1/21)	95,2% (20/21)	0	0
4	Fem +55a EF1 6-10 SM	AI-002 Inf. 1	0	0	0	0	38,5% (5/13)	61,5% (8/13)
		AI-007 Inf.1	0	0	0	0	50% (2/2)	50% (2/2)
		AC-126	0	0	0	0	57,1% (4/7)	42,9% (3/7)
5	Fem +55a EF1 >5 SM	AI-002 Inf. 2	0	0	0	0	83,3% (5/6)	16,7% (1/6)
		AC-128	0	0	0	0	23,3% (7/30)	76,7% (23/30)
6	Fem +55a EM >5 SM	AI-004 Inf. 2	0	0	0	0	77,8% (7/9)	22,2% (2/9)
		AC-144	0	0	0	0	18,5% (15/81)	81,5% (66/81)

Fonte: elaborado pelo autor.

Diante desse resultado, podemos destacar a seguinte observação: o estilo de fala é relevante para indivíduos das duas faixas etárias mais velhas, com os de AC preferindo *a gente* e os de AI, preferindo *nós*, contrastando com os resultados da comunidade de fala (RUBIO, 2012: cf. tabela 14), que apagam diferenças individuais dos perfis sociais controlados, ao desconsiderar a natureza contínua do estilo uma vez que constata que *a gente* é variante preferida por indivíduos das faixas etárias dos extremos aqui considerados (26 a 35 e mais de 55 anos) e *nós*, pelos da faixa etária intermediária (36 a 55 anos), conforme se pode observar no quadro contrastivo apresentado abaixo.

Quadro 22 - Comparativo dos resultados de AP de IPP no estudo de comunidade e no de estilo para a variável *faixa etária*

Faixa etária	Tipo de estudo	Estudo de comunidade (RUBIO, 2012)	Estudo de estilo	
			AC [+ monitorado]	AI [- monitorado]
26-35 anos		<i>a gente</i>	<i>nós / a gente</i>	<i>nós / a gente</i>
36-55 anos		<i>nós</i>	<i>a gente</i>	<i>Nós</i>
+ 55 anos		<i>a gente</i>	<i>a gente</i>	<i>Nós</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

5.1.2.3. Escolaridade

Para última variável social *escolaridade*, a hipótese clássica é de que informantes de níveis mais altos de escolaridade teoricamente não produziram, com tanta frequência, formas mais distantes da variedade padrão da língua portuguesa, pois tiveram maior contato com as normas gramaticais no período de escolarização.

Também para essa variável, a distribuição dos 6 perfis sociais é irregular, com maior concentração de informantes no nível mais baixo de escolaridade: 7 informantes dos perfis 3, 4 e 5 têm até 4 anos de escolaridade (1º. ciclo do Ensino Fundamental), os 2 do perfil 1, entre 5 e 8 anos (1º. ciclo do Ensino Fundamental), os 2 do perfil 6, entre 9 e 11 anos (Ensino Médio) e os 2 do perfil 2, mais de 11 anos (Ensino Superior).

Os resultados para essa variável são os apresentados na tabela 22.

Tabela 22 - Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *escolaridade* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Perfil social/ Amostra		Escolaridade/ Variáveis	FUNDAMENTAL I		FUNDAMENTAL II		ENSINO MÉDIO		ENSINO SUPERIOR	
			NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE
1	Fem 26-35a EFII >5 SM	AI-009 Inf.2	0	0	66,7% (4/6)	33,3% (2/6)	0	0	0	0
		AC-072	0	0	8,7% (2/23)	91,3% (21/23)	0	0	0	0
2	Masc 26-35a Sup 6-10 SM	AI-010 Inf.1	0	0	0	0	0	0	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)
		AC-085	0	0	0	0	0	0	13,3% (2/15)	86,7% (13/15)
3	Fem 36-55a EF1 >5 SM	AI-003 Inf. 1	75% (3/4)	25% (1/4)	0	0	0	0	0	0
		AC-096	4,8% (1/21)	95,2% (20/21)	0	0	0	0	0	0
4	Fem +55a EF1 6-10 SM	AI-002 Inf. 1	38,5% (5/13)	61,5% (8/13)	0	0	0	0	0	0
		AI-007 Inf.1	50% (2/2)	50% (2/2)	0	0	0	0	0	0
		AC-126	57,1% (4/7)	42,9% (3/7)	0	0	0	0	0	0
5	Fem +55a EF1 >5 SM	AI-002 Inf. 2	83,3% (5/6)	16,7% (1/6)	0	0	0	0	0	0
		AC-128	23,3% (7/30)	76,7% (23/30)	0	0	0	0	0	0
6	Fem +55a EM >5 SM	AI-004 Inf. 2	0	0	0	0	77,8% (7/9)	22,2% (2/9)	0	0
		AC-144	0	0	0	0	18,5% (15/81)	81,5% (66/81)	0	0

Fonte: elaborado pelo autor.

Os dados da tabela 22 mostram que, dos 4 informantes do EF I de AI, 2 usam mais *nós*, 1 mais *a gente* e 1, igualmente *nós* e *a gente*, enquanto, entre os 3 de AC, 2 usam mais *a gente*

e 1, mais *nós*, com o monitoramento da fala demonstrando pouca regularidade. O efeito do estilo de fala é mais perceptível entre os informantes do EF II e do EM, que claramente optam com mais frequência pelo uso de *a gente* em AC, e de *nós* em AI. Informantes com Ensino Superior são indiferentes ao estilo de fala, usando sempre mais *a gente* do que *nós* em AI e AC. No quadro 23, segue a comparação de resultados do estudo da comunidade de fala (RUBIO, 2012: cf. tabela 15) e do estudo do estilo para a variável escolaridade, a partir da qual destacamos que os resultados do estudo do estilo diferenciam empregos das variantes não captados pelo estudo de comunidade.

Quadro 23 - Comparativo dos resultados de AP de 1PP no estudo de comunidade e no de estilo para a variável *escolaridade*

Tipo de estudo Escolaridade	Estudo de comunidade (RUBIO, 2012)	Estudo de estilo	
		AC [+ monitorado]	AI [- monitorado]
EF I	<i>nós</i>	<i>nós / a gente</i>	<i>nós / a gente</i>
EF II	<i>a gente</i>	<i>a gente</i>	<i>Nós</i>
EM	<i>a gente</i>	<i>a gente</i>	<i>Nós</i>
Superior	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

A comparação exposta no quadro 23 confirma que a forma *a gente*, preponderante nos níveis de escolaridade intermediários para o estudo de comunidade, e nos níveis intermediários e superior de escolaridade, para estilos mais monitorados, de fato não é estigmatizada socialmente. A presença de *nós* nos níveis intermediários de escolaridade e em estilos menos monitorados requer que consideremos como essa variante interage com a CV, o que nos permite apenas especular que esses seriam contextos em que a regra de CV de 1PP não é observada, constituindo construções altamente estigmatizadas.

5.1.3. Variáveis linguísticas formais

Nas próximas seções passamos a apresentar os resultados gerais para as variáveis linguísticas formais, de modo a confrontar hipóteses previstas em estudos de comunidades confirmam com padrões verificados em estudos de estilo. Fazem parte dessa subseção a consideração das variáveis: *paralelismo linguístico*, *saliência fônica verbal*, *tempo/modo verbal* e *função sintática*.

5.1.3.1. Paralelismo linguístico

Na investigação da variável *paralelismo linguístico*, os resultados dos fatores *nós ou a gente precedida de nós explícito* e *nós ou a gente precedida de a gente explícito* confirmam que o princípio de que marca leva marca influenciou a escolha pronominal de 1PP entre os informantes selecionados, conforme se observa na Tabela 23.

Tabela 23 - Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *paralelismo linguístico* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Perfil social / Amostra		Paralelismo / Variáveis			Forma <i>nós</i> ou <i>a gente</i> isolada ou primeira de uma série			Forma <i>nós</i> ou <i>a gente</i> precedida de <i>nós</i> explícito			Forma <i>nós</i> ou <i>a gente</i> precedida de <i>a gente</i> explícito		
		NÓS	A GENTE	TOTAL	NÓS	A GENTE	TOTAL	NÓS	A GENTE	TOTAL			
1 Fem 36-35ª EFII >5 SM	AI-009 Inf.2	66,7% (4/6)	33,3% (2/6)	100% (6)	0	0	0	0	0	0			
	AC-072	6,7% (1/15)	93,3% (14/15)	100% (15)	0	0	0	12,5% (1/8)	87,5% (7/8)	100% (8)			
2 Masc 26-35ª Sup 6-10 SM	AI-010 Inf.1	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)	100% (3)	0	0	0	0	0	0			
	AC-085	25% (2/8)	75% (6/8)	100% (8)	0	0	0	0	100% (7)	100% (7)			
3 Fem 36-55 EFII, >5 SM	AI-003 Inf. 1	50% (1/2)	50% (1/2)	100% (2)	100% (2)	0	100% (2)	0	0	0			
	AC-096	0	100% (12)	100% (12)	100% (1)	0	100% (1)	0	100% (8)	100% (8)			
4 Fem +55ª EFI 6-10 SM	AI-002 Inf. 1	40% (4/10)	60% (6/10)	100% (10)	50% (1/2)	50% (1/2)	100% (2)	0	100% (1)	100% (1)			
	AI-007 Inf.1	50% (2/4)	50% (2/4)	100% (4)	0	0	0	0	0	0			
	AC-126	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)	100% (3)	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	100% (3)	100% (1)	0	100% (1)			
5 Fem +55ª EFI >5 SM	AI-002 Inf. 2	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	100% (3)	100% (2)	0	100% (2)	100% (1)	0	100% (1)			
	AC-128	27,8% (5/18)	72,2% (13/18)	100% (18)	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)	100% (3)	11,1% (1/9)	88,9% (8/9)	100% (9)			
6 Fem +55ª EM > 5 SM	AI-004 Inf. 2	60% (3/5)	40% (2/5)	100% (5)	100% (4)	0	100% (4)	0	0	0			
	AC-144	21,7% (10/46)	78,3% (36/46)	100% (46)	33,3% (2/6)	66,7% (4/6)	100% (6)	10,3% (3/29)	89,7% (26/29)	100% (29)			

Fonte: elaborado pelo autor.

Para o fator *forma nós ou a gente isolada ou primeira de uma série*, podemos observar que existem diferenças bem acentuadas entre os informantes de AI e AC. Dos 13 falantes selecionados das duas amostras, 8 apresentaram índices superiores para *a gente*, 3 para *nós* e 2

apresentaram percentuais iguais para os dois pronomes de 1PP (50%). Os dados da tabela 23, mostram que, dentre os três fatores condicionantes, o primeiro (forma *nós* ou *a gente* isolada ou primeira de uma série) foi o que apresentou mais variação, um reflexo da diferença de frequência dos usos de *nós*, mais frequente em AI, e de *a gente*, mais frequente em AC. Os resultados para as outras duas variantes, *nós* ou *a gente* precedida de *nós* explícito e de *a gente* explícito, mostram a manutenção do princípio do paralelismo na AP, uma vez que há a forte tendência de *nós* e *a gente* explícitos em contexto anterior levarem à escolha dos mesmos pronomes em contexto posterior, sendo raros os casos de um pronome escolhido no contexto anterior alternar-se para o outro, como é o caso dos perfis sociais 5 e 6, que empregam *a gente* quando *nós* está explícito em contexto anterior, e dos perfis 4 e 5, que usam *nós* quando *a gente* está explícito em contexto anterior.

5.1.3.2. Saliência fônica verbal

Com base nos dados observados para a variável *saliência fônica verbal*, a ideia de que quanto maior a diferença de saliência entre as formas verbais singular e plural, maiores seriam as possibilidades do uso de *a gente* se confirmou (NARO, et. al., 1999). Os resultados seguem expostos na tabela 24.

Tabela 24 - Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *saliência fônica verbal* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Saliência fônica/ Variáveis		Saliência esdrúxula		Saliência máxima		Saliência média		Saliência mínima		Não se aplica*	
		NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE
1 Fem 36-35ª EFII >5 SM	AI-009 Inf.2	100% (1)	0	0	0	50% (1/2)	50% (1/2)	50% (1/2)	50% (1/2)	100% (1)	0
	AC-072	0	100% (2)	0	100% (1)	12,5% (1/8)	87,5% (7/8)	20% (1/5)	80% (4/5)	0	100% (7)
2 Masc 26-35ª Sup 6-10 SM	AI-010 Inf.1	100% (1)	0	0	100% (1)	0	0	0	0	0	100% (1)
	AC-085	0	100% (1)	0	100% (1)	0	100% (1)	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	0	100% (1)
3 Fem 36-55 EFI, >5 SM	AI-003 Inf. 1	0	0	100% (1)	0	0	0	50% (1/2)	50% (1/2)	100% (1)	0
	AC-096	0	100% (4)	50% (1/2)	50% (1/2)	0	100% (6)	0	100% (7)	0	100% (2)
4 Fem +55ª EFI 6-10 SM	AI-002 Inf. 1	0	0	100% (1)	0	50% (1/2)	50% (1/2)	37,5% (3/8)	62,5% (5/8)	0	100% (2)
	AI-007 Inf.1	0	0	0	0	100% (2)	0	0	100% (2)	0	0
	AC-126	0	100% (1)	0	0	0	0	66,7% (4/6)	33,3% (2/6)	0	0
5 Fem +55ª EFI >5 SM	AI-002 Inf. 2	0	0	0	0	100% (2)	0	75% (3/4)	25% (1/4)	0	0
	AC-128	0	100% (3)	0	100% (2)	62,5% (5/8)	37,5% (3/8)	20% (2/10)	80% (8/10)	0	100% (7)
6 Fem +55ª EM >5 SM	AI-004 Inf. 2	75% (3/4)	25% (1/4)	100% (1)	0	100% (2)	0	50% (1/2)	50% (1/2)	0	0
	AC-144	4,5% (1/22)	95,5% (21/22)	50% (3/6)	50% (3/6)	41,7% (5/12)	58,3% (7/12)	14,3% (4/28)	85,7% (24/28)	15,4% (2/13)	84,6% (11/13)

* *nós* e *a gente* na função de complemento ou gerúndio.

Fonte: elaborado pelo autor.

Com base nos resultados da tabela acima, os níveis mais baixos de *saliência* apresentaram maior alternância entre *nós* e *a gente*, ao passo que os níveis mais altos apresentaram índices superiores apenas para a variante *a gente*. Dito de outro modo, os resultados comprovam a tendência de que quanto maior a *saliência fônica*, menor a tendência de variação: enquanto na *saliência esdrúxula* a variação ocorre somente em um único perfil social (perfil 6), na *saliência máxima*, ocorre em dois perfis (perfil 3 de AC e perfil 6), na *média*, em 4 perfis (perfil 1, perfil 4, perfil 5 e perfil 6), e na *baixa*, em todos os perfis sociais.

Abaixo seguem exemplos de ocorrências para cada fator considerado para esta variável.

(35) Uso de *a gente* e *nós* com verbos de maior saliência esdrúxula

a) [...] porque todo fim de ano... e/ era um assim... um tormento lá na casa da minha mãe... e:: aí nesse pri/ nesse dia... *a gente tinha* saído né? todo mundo tinha saído...
(AC-072; NE: L.24-27)

b) Inf.1: você é casada com ele?
Inf.2: não
Inf.1: éh:: ¹³[união] ¹³[Inf.2: não] estável... vocês viviam juntos? é isso?
Inf.2: *nós vivia* junto o terreno eu que ganhei... a casa quem construiu foi minha menina porque eu não tinha condição e ele::... sempre beben(d)o beben(d)o... mas num bebia tanto igual::... d'uns tempo pra cá
(AI-009; Inf. 2; 71-78)

(36) Ocorrência com [*nós* + V1PP] e [*a gente* + V3PS] de saliência esdrúxula

Doc.: como foi assim o dia que a senhora conheceu ele assim como aconte¹⁰[ceu]?
Inf.: ¹⁰[não] *nós tínhamos/a gente tinha* muita amiza::de... num foi assim uma (inint.)... a gente começô(u) c'uma amiza::de a gente ia nas pale::stra a gente fazia visi::tas né?... éh tinha o nosso traba::lho...
(AC-144; NE: L. 104-109)

(37) Uso de *a gente* com verbo em 3PS (*vogal vs. vogal -mos*) de saliência esdrúxula

Inf.1.: e eu acho que ela aprende::u foi esse negócio... de enfermagem... porque... criança ficava::... DOENTE... os pais de(i)xava com e::la e ia cuidá(r)... daquela criança a hora que
Inf.2.: *a gente aprendia* (vs. *nós aprendiamos*) de tudo no colégio
(AI-004; Inf. 2; L. 257-263)

(38) Uso de *a gente* com verbos de 3PS em nível de saliência máxima

aí ele pegô(u) falô(u) que... a gente tava provocan(d)o ele mas *a gente num fez* (*nós fizemos*) nada pra ele... ((risos))
(AC-072; NE: L.61-64)

(39) Uso de *nós* com verbos de -mos em nível de saliência máxima

Inf.1.: ²⁵[e *nós num tamo(s)*] conseguin(d)o o nosso é duzentos reais... mês passado não deu nós num conseguiu dinhe(i)ro pa pagá(r) o aluguel
Inf.2.: aí quinta-feira bastante ²⁶[gente deu]
(AI-002; Inf. 1: L. 180-184)

(40) Uso de *nós* com verbos em 3PS em nível de saliência máxima

Inf.1.: ²⁵[e nós num tamo(s)] conseguin(d)o o nosso é duzentos reais... mês passado não deu *nós num conseguiu* dinhe(i)ro pa pagá(r) o aluguel
(AI-002; Inf. 1: L. 180-184)

(41) Uso de *nós* e *a gente* associado a verbos em nível de saliência máxima no desempenho de um mesmo informante

(a) né?... aí ele não ficava... de noite... tinha que fazê(r) um po(u)quinho de café... aí então ela falô(u) – “pode í(r) buscá(r) lá pai?” –... aí ele de(i)xô::(u) a gente í(r)... aí *nós que que fizemo(s)* atravessamo(s) no meio da quermesse ((fala rindo)) foi o/ o.. tanto que eu conheci ele

(AC-096; Inf. 1; L. 30-33)

(b) Doc.: e tem muitos banhe(i)ros?

Inf.: tem... vários banhe(i)ros banhe(i)ros pa deficiente... (a gente) precisa tudo... embora que *a gente só teve* um:: aluno né? [Doc.: uhum ((concordando))] deficiente... mas... já/ já tanto no primário quanto no ginásio já tudo já... adaptado né?

(AC-096; Inf. 1; L. 196-199)

Constatada a verificação da hipótese e avaliando a influência dos diferentes estilos de AI e AC, devemos considerar que todos os desempenhos individuais que apresentaram percentuais iguais para *nós* (50%) ou *a gente* (50%) são provenientes de AI (Inf. 2 – AI 009; Inf. 1 – AI 003; Inf. 1 – AI 002; Inf. 2 – AI 004). À vista disso, esse fato pode ser um indício de que o estilo de menor atenção desse tipo de amostra tenha favorecido a variação entre os dois pronomes de 1PP, mas não podemos restringir essa análise apenas ao efeito de maior ou menor atenção provocado pelos tipos de gravações de AI e AC, pois ainda que os informantes que tenham apresentado resultados iguais sejam de AI, são fatores mais específicos que compõem o que consideramos estilo que podem estar influenciando esses resultados, como exploraremos mais adiante.

5.1.3.3. Tempo/modo verbal

Para a variável tempo/modo verbal, a primeira hipótese a ser verificada é a de Fernandes e Görski (1986), para as quais a desinência verbal de 1PP (*-mos*) é usada com maior frequência na função mórfica de pretérito, enquanto a ausência de marca está mais associada a verbos no presente e, por isso, o pronome *nós* seria mais usado com verbos no pretérito e o pronome *a gente*, com verbos no presente. Os resultados para essa variável é o mostrado na tabela 25.

Tabela 25 - Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *tempo/modo verbal* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Tempo verbal/ Variáveis Perfil/ Amostra		Infinitivo		Presente.indic.		Pret.imperf.indic.		Pret.Perf.indic.		Fut.Pret. indic.		Gerúndio		Pret.imperf.Subj.		Não se aplica		
		<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	
PF1	AI-009 Inf.2	0	0	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	100% (1)	0	0	100% (1)	0	0	100% (1)	0	0	0	0	0	0
	AC-072 Inf. 1	0	100% (1)	0	100% (7)	0	100% (3)	33,3% (2/6)	66,7% (4/6)	0	0	0	100% (1)	0	0	0	0	100% (5)
PF2	AI-010 Inf.1	0	0	0	0	100% (1)	0	0	100% (1)	0	0	0	100% (1)	0	0	0	0	0
	AC-085 Inf. 1	0	100% (1)	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	0	100% (1)	0	100% (10)	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PF3	AI-003 Inf. 1	0	0	0	100% (1)	100% (1)	0	100% (1)	0	0	0	0	0	0	0	0	100% (1)	0
	AC-096 Inf. 1	0	100% (2)	0	100% (8)	0	100% (3)	14,3% (1/6)	85,7% (6/7)	0	0	0	0	0	100% (1)	0	0	0
PF4	AI-002 Inf. 1	0	0	0	100% (2)	0	0	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	0	0	0	0	0	0	0	0	100% (2)
	AI-007 Inf.1	0	0	50% (2/4)	50% (2/4)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	AC-126 Inf. 1	0	0	50% (2/4)	50% (2/4)	0	100% (1)	100% (2)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PF5	AI-002 Inf. 2	0	0	75% (3/4)	25% (1/4)	0	0	100% (2)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	AC-128 Inf. 1	0	100% (3)	25% (4/16)	75% (12/16)	0	100% (3)	75% (3/4)	25% (1/4)	0	0	0	100% (1)	0	0	0	0	100% (3)
PF6	AI-004 Inf. 2	0	0	50% (1/2)	50% (1/2)	80% (4/5)	20% (1/5)	100% (2)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	AC-144 Inf. 1	0	100% (3)	16,7% (4/24)	83,3% (20/24)	4,3% (1/23)	95,7% (22/23)	42,1% (8/19)	57,9% (11/19)	0	100% (2)	0	100% (1)	0	0	22,2% (2/9)	77,8% (7/9)	

Fonte: elaborado pelo autor.

Avaliando nossos dados, verificamos que a hipótese se confirmou em partes, pois, de modo geral, o pronome *a gente* foi mais utilizado com verbos no presente, como em (42); contudo, com verbos no passado (*pretérito perfeito* e *pretérito imperfeito*), o uso de *nós* e *a gente* apresentaram resultados mais variáveis, sendo *nós* mais associado a verbos em -mos, como em (43), e *a gente* com verbos em 3PS (44).

(42) Uso de *a gente* com verbo no presente do indicativo

tá ven(d)o que as coisas vai piorando... cada vez mais cada vez mais cada vez mais...
 éh:: *a gente vai*::..... assim... quando fizé(r) assim... o R.... né? o/... o P. H.... a hora que
 esses meninos (tipo nascê(r)) (inint.) Deus ajude que não né?

(AC-096; Inf. 1; L. 414-418)

(43) Uso de *nós* com verbo em 1PP no pretérito

liguei aqui na dona F. e a V. atendeu a V. atendeu [Inf. 1: sei] eu falei V./ ela falô(u) –
 “ah dona I. *nós tamo(s)* assistindo *nós vimo(s)* também”- eu falei –“ah cês assiste
 também esse programa?” – ela falô(u) -“nós assiste T Odo dia...

(AI 002; Inf. 2; L. 29-36)

(44) Uso de *a gente* com verbo em 3PS no pretérito

Inf.: olha... o meu/ eu conheci o meu esposo numa/ num... barzinho... né?... e:: eu/ tava
 eu uma irmã d’um cunhado meu né?... *a gente às vezes saia* junto e o noivo dela... e ele
 sentô(u) na mesa junto c’o irmão dele e nós começamo(s) a paquerá(r)...

(AC-126; Inf. 1; L.45-50)

Na segunda hipótese apresentada em nossa metodologia, Omena (1986) e Lopes (1998) afirmam que o pretérito imperfeito e o presente do indicativo favorecem o uso de *a gente*, ao passo que verbos no futuro e no pretérito perfeito, o de *nós*. Com isso, segundo as autoras, o uso de *a gente* estaria ligado a tempos verbais menos marcados (*pretérito imperfeito* e *presente*), enquanto tempos verbais mais marcados (*futuro* e *pretérito perfeito*) influenciariam a presença do pronome *nós* (VIANNA, 2006 *apud* RUBIO, 2012).

Levando em consideração o traço de mais ou menos marcado sugerido pelas autoras, para os verbos no presente do indicativo, como em (45), a frequência de *a gente* foi superior a do pronome *nós*, pois dos 12 informantes que apresentaram alguma concordância entre o pronome de 1PP e o verbo no presente, 6 utilizaram *a gente*, 3 *nós* e 3 apresentaram índices de 50% para as duas formas pronominais. Não obstante, para verbos no pretérito imperfeito, como em (46), 10 informantes apresentaram usos categóricos ou variáveis para os pronomes de 1PP, sendo 6 deles com índices superiores para *a gente* e 4 para *nós*.

(45) Uso de *a gente* com verbo no presente do indicativo

– e:: bom... aí se encontramo(s)... éh a partir daquela noite... voltei... descobri onde ela morava e:: desde então há quatro anos *a gente todo dia se vê...*

(AC-085; NE: L.59-64)

(46) Uso de *a gente* com verbo no pretérito imperfeito do indicativo

e eu tava lá... aí ela... nossa... depois que eu peguei amizade... ela falava – “nossa... V. do céu... *a gente achava* que será que aquele rapaz tá fazen(d)o (nela) (inint.)?” –

(AC-096; NE: L. 20-24)

Para os tempos verbais mais marcados, em nosso córpus não registramos nenhum verbo no futuro simples associado aos pronomes de 1PP, somente duas ocorrências no futuro do pretérito foram encontradas. Nesse contexto, a hipótese também não se confirmou. Como podemos observar em (47), o uso dos verbos *poder* está associado à *a gente*, quando, em teoria, deveria ser utilizado com *nós*.

(47) Uso de *a gente* com verbo no futuro do pretérito

Doc.: tá... e:: o::... o dia que a senhora::... resolveu se casá(r) com seu marido a senhora se lembra?

Inf.: lem::bro... ¹³[lem::bro começô(u) muito] ¹³[Doc.: como foi que aconteceu?] antes né? se a gente realmente iria... tê(r) um convivência bo::a né?... com os nossos defei::tos com as nossas qualida::des... que a gente também tem:: né? como que *a gente::... né?... poderia* tê(r) um dia-a-di::a... que o dia-a-dia é triste viu?...

(AC-144; NE: L. 138-143)

Por último, Fernandes e Gorski (1986) admitem que a neutralização entre as formas de presente e de pretérito pode favorecer maiores usos de *nós* no pretérito com verbos em 1PP, como em (48), e de *a gente* no presente com verbos em 3PS, como em (48). De acordo com nossos resultados e de acordo com a proposta das autoras, essa concordância ocorre porque a marca desinencial zero de 1PP (= V-3PS) reserva-se ao uso de *a gente*; de modo contrário, a desinência de 1PP (*-mos*) propiciaria o uso de *nós*, porque além de ser uma marca de plural em verbos de 1PP, no pretérito ela também estaria acumulando a marca de tempo (FERNANDES; GORSKI, 1986; LOPES, 1998; NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999).

(48) Uso de *nós* com verbos em 1PP no pretérito

o meu pensamento é... não/ se prevení(r) pra num tê(r)... não abortá(r)... aí... ela já tava meia assim... aí *nós falamo(s)* que ia ajudá(r) e::la dá(r) uma força pra ela no chá de bebê... aquelas coisa toda

(AC-072; NR: L. 181-183)

(49) Uso de *a gente* com verbos em 3PS no presente em perífrase de futuro

pra lá e pra cá se cê quisé(r) pra onde cê quisé(r) cê vai... porque num tem muro... mas assim... agora *a gente vai* fazê(r) de tudo pra... tentá(r) fazê(r) um muro lá... mas dá pra vê(r) assim a casa do vizinho [...]

(AC-072; DE: L. 321-323)

Por fim, com base nos dados da tabela 25, observamos que a variação entre *nós* e *a gente* teve maiores índices de ocorrência entre os tempos verbais presente e pretérito (perfeito e imperfeito), justamente por serem construções típicas da fala cotidiana dos informantes.

Tentando associar o tempo-modo verbal aos diferentes estilos de AI e AC, não nos parece claro estabelecer uma relação direta entre essa variável e os contextos de maior ou menor atenção, uma vez que a escolha de um tipo de verbo é uma decisão secundária, influenciada por outras variáveis mais relevantes, como, por exemplo, o tipo de sequência discursiva, o tópico, a presença de outros informantes etc. Por esse motivo, entre as hipóteses apresentadas para a variável tempo-modo verbal, a de Omena e Lopes nos parece a mais coerente. As autoras acreditam que o uso de *a gente* estaria ligado a tempos verbais menos marcados (*pretérito imperfeito* e *presente*); por outro lado, tempos verbais mais marcados (*futuro* e *pretérito perfeito*), influenciariam a presença do pronome *nós* (VIANNA, 2006 *apud* RUBIO, 2012). Partindo desse pressuposto, em nossos dados podemos observar que em AI, com verbos no presente do indicativo, *nós* e *a gente* foram utilizados com maior frequência pela mesma quantidade de informantes (2 com maiores percentuais para *nós*, 2 para *a gente* e 2 com 50% para *nós* e *a gente*). Em AC, de modo contrário, 1 informante apresentou 50% de ocorrência para os dois pronomes, 1 apresentou desempenho mais elevado para *nós* e 4 para *a gente*. Com isso, observamos que, em contextos de maior atenção (AC), os informantes optam pelo uso de *a gente*, enquanto, em contextos de menor atenção (AI), o uso de *nós* e *a gente* tem a mesma frequência. Isso prova que o ambiente de maior atenção favoreceu o uso da variante inovadora com verbos no presente, como uma estratégia de se evitar desvios gramaticais, uma vez que esse tipo de construção requer um esforço cognitivo menor, justamente por se tratar de um processo de concordância sem a necessidade de uma marca/desinência na forma verbal.

No que diz respeito ao pretérito imperfeito, em AI, observamos que os falantes optam pelo uso de *nós* (4 informantes), enquanto, em AC, 6 informantes utilizam *a gente*. Essa diferença mostra que os falantes parecem ter consciência das regras de concordância e quando expostos a ambientes em que estão sendo monitorados ou observados por terceiros, preferem evitar alguns desvios, ao passo que, em AI, por não terem consciência da gravação (menor controle gramatical em seus desempenhos), o uso de *nós*, mesmo em casos desviantes, é

justificável. Além disso, a falta de distinção entre as formas de 1PP entre presente e pretérito não impele a escolha pronominal, pois nos dois casos a desinência verbal é *-mos*.

Sobre o uso de *nós* com tempos verbais mais marcados (*futuro e pretérito perfeito*), seríamos levados a pensar que, nesses casos, o uso de *a gente* com 3PS seria mais apropriado, dado que a estrutura verbal com esse tipo de desinência seria complexa a ponto de fazer com que o informante opte por um pronome que facilitasse os processos de concordância. Entretanto, é justamente a marca morfológica dos verbos em 1PP que contribui para a escolha de *nós*, pois essa desinência, além de uma forma de conservar o traço de coletividade no verbo, é uma alternativa de estabelecer uma relação entre o verbo e o pronome em 1PP.

O argumento anterior se confirma em nossos dados. Em AC, por se tratar de uma gravação consentida, o falante deveria, em teoria, fazer mais usos de *nós* com verbos no pretérito perfeito, mas nossos números mostram que apenas 2 informantes utilizaram *nós*, enquanto 4 informantes utilizaram *a gente*. Nesses casos, o informante é forçado a escolher *a gente*, associando-o com verbos de 3PS, como uma tentativa de facilitar o processo de concordância e evitar alguns desvios gramaticais, uma vez que estando exposto a um ambiente de maior atenção, ele procura aplicar a mesma regra dos tempos verbais menos marcados aos mais marcados. Em AI ocorre exatamente o contrário, 4 informantes utilizaram *nós* e 2 *a gente*. Nessa amostra, o estilo de AI influenciou o uso de *nós* com verbos no pretérito perfeito, não pela escolha do tempo verbal em si, mas pelo fato de que, sendo AI uma gravação feita em um ambiente em que se encontravam duas ou mais pessoas, o uso de *nós*, referindo-se aos sujeitos presentes no local ou á pessoas do círculo social do informante, nos parece provável. Além disso, em vários momentos das gravações de AI, os falantes recontavam histórias do passado ou fatos que aconteceram recentemente com eles ou pessoas próximas, logo, o uso de *nós* (com referência menos genérica e mais definida) também é apropriado.

5.1.3.4. Função sintática do pronome

Na investigação da variável *função sintática do pronome*, controlamos todos os casos de *nós* ou *a gente*, nas funções sintáticas de sujeito e de complemento verbal, sendo que, para essa última variante, consideramos somente os contextos em que AP é possível. Os resultados são os mostrados na tabela 26.

Tabela 26 - Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *função sintática do pronome* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Função sintática/ Variáveis		SUJEITO		COMPLEMENTO	
		NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE
1 Fem 36-35a EFII >5 SM	AI-009 Inf.2	66,7% (4/6)	33,3% (2/6)	0	0
	AC-072	11,1% (2/18)	88,9% (16/18)	0	100% (5)
2 Masc 26-35a Sup 6-10 SM	AI-010 Inf.1	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)	0	0
	AC-085	14,3% (2/14)	85,7% (12/14)	0	100% (1)
3 Fem 36-55 EF1, >5 SM	AI-003 Inf. 1	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	100% (1)	0
	AC-096	4,8% (1/21)	95,2% (20/21)	0	0
4 Fem +55a EF1 6-10 SM	AI-002 Inf. 1	45,5% (5/11)	54,5% (6/11)	0	100% (2)
	AI-007 Inf.1	50% (2/4)	50% (2/4)	0	0
	AC-126	57,1% (4/7)	42,9% (3/7)	0	0
5 Fem +55 ^a EF1 >5 SM	AI-002 Inf. 2	83,3% (5/6)	16,7% (1/6)	0	0
	AC-128	29,2% (7/24)	70,8% (17/24)	0	100% (6)
6 Fem +55 ^a EM >5 SM	AI-004 Inf. 2	77,8% (7/9)	22,2% (2/9)	0	0
	AC-144	18,3% (13/71)	81,7% (58/71)	20% (2/10)	80% (8/10)

Fonte: elaborado pelo autor.

Com base nos dados apresentados acima, observamos que a alternância entre *nós* e *a gente* é muito maior para a função de sujeito do que para a de complemento, com *nós* ocorrendo mais em AI e *a gente*, mais em AC, seguindo a distribuição geral dessas alternantes nas duas amostras. Na função de complemento, a escolha dos perfis sociais recai quase que exclusivamente sobre *a gente*, uma variante rara em AI, com apenas 2 ocorrências para o perfil social 4 (inf. 2), e de uso quase exclusivo para os perfis sociais de AC (em 5/6 perfis sociais), que evitam a forma *nós* (apenas 2 ocorrências) nessa função.

Em vista disso, fica claro que a escolha do pronome de 1PP como sujeito depende de outros fatores além da função gramatical, como o estilo da gravação ou a composição discursiva, como discutiremos mais adiante.

Por fim, ainda que nossa hipótese tente confirmar que os diferentes estilos de AI e AC possam favorecer o uso de *nós* em contextos de maior atenção e *a gente* no de menor atenção, os dados mostram o contrário, os pronomes de 1PP como sujeito ou complemento parecem não sofrer influência direta do estilo da amostra, mas de fatores internos a ela.

5.1.4. Variáveis semântico-discursivas

Por fim, nas próximas seções passamos a apresentar os resultados percentuais para as variáveis semântico-discursivas relacionadas ao estilo. Fazem parte desse grupo de fatores: *grau de determinação do referente pronominal; sequência discursiva; tópico discursivo; relação de proximidade entre os interlocutores e grau de formalidade do contexto discursivo.*

5.1.4.1. Grau de determinação do referente pronominal

Considerando a natureza das formas pronominais de 1PP do PB, o grau de determinação da referência do pronome foi avaliado a partir da presença de *nós* ou *a gente* nas funções de sujeito e de complemento.

Considerando as ideias de Buescu (1961, *apud* PEREIRA, 2003), o pronome *nós* é mais associado a referentes de maior concretude, ao passo que *a gente* estaria mais relacionado a processos de referenciação mais genéricos em que o grupo de indivíduos não é bem definido. Assim, a hipótese de que referentes mais específicos e definidos propiciam o uso de *nós*, e referentes mais genéricos e indefinidos, o uso de *a gente*, se confirmou na avaliação dos desempenhos individuais, pois, com base na tabela 27, observamos que o aumento gradual da especificação do referente pronominal favoreceu o uso da variante conservadora (RUBIO, 2012; OMENA, 1986; LOPES, 1999; VIANNA, 2006).

Tabela 27 - Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *grau de determinação do referente pronominal* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Det. do sujeito/ Variáveis		REFERÊNCIA GENÉRICA E INDEFINIDA		REFERÊNCIA GENÉRICA E DEFINIDA		REFERÊNCIA ESPECÍFICA E DEFINIDA	
		NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE
1 Fem 36-35a EFII >5 SM	AI-009 Inf.2	0	100% (1)	100% (2)	0	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)
	AC-072	0	100% (2)	11,1% (1/9)	88,9% (8/9)	8,3% (1/12)	91,7% (11/12)
2 Masc 26-35a Sup 6-10 SM	AI-010	0	0	0	100% (1)	50% (1/2)	50% (1/2)
	AC-085	0	0	0	0	13,3% (2/15)	86,7% (13/15)
3 Fem 36-55 EF1, >5 SM	AI-003 Inf. 1	0	0	0	0	75% (3/4)	25% (1/4)
	AC-096	0	100% (3)	0	100% (8)	10% (1/10)	90% (9/10)
4 Fem +55a EF1 6-10 SM	AI-002 Inf. 1	50% (1/2)	50% (1/2)	40% (4/10)	60% (6/10)	0	100% (1)
	AI-007 Inf.1	0	100% (2)	0	0	100% (2)	0
	AC-126	0	0	50% (2/4)	50% (2/4)	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)
5 Fem +55a EF1 >5 SM	AI-002 Inf. 2	0	100% (1)	100% (2)	0	100% (3)	0
	AC-128	0	100% (10)	18,2% (2/11)	81,8% (9/11)	55,6% (5/9)	44,4% (4/9)
6 Fem +55a EM >5 SM	AI-004 Inf. 2	0	100% (1)	50% (1/2)	50% (1/2)	100% (6)	0
	AC-144	14,3% (2/14)	85,7% (12/14)	14,3% (3/21)	85,7% (18/21)	21,7% (10/46)	78,3% (36/46)

Fonte: elaborado pelo autor.

Sobre o primeiro fator **referência genérica e indefinida**, podemos observar que todos os perfis sociais optaram quase que categoricamente pela variante *a gente*, com apenas 1 informante de AI (Inf. 1 de AI-002) e 1 de AC (AC-144), apresentando variação entre *nós* e *a gente*. Essa tendência é menor para o segundo e terceiro fatores, que apresentam maior variação no uso da 1PP à medida que a referência do pronome vai se tornando mais específica e definida. Enquanto para os casos de *referência genérica e definida* ainda prevalece o uso de *a gente* sobre *nós* (apenas os perfis sociais 1 e 5, de AI, optam pela variante *nós*), no extremo da escala de referência representada por pronomes com *referência específica e definida*, todos os perfis sociais variam na escolha pronominal, com prevalência da variante *nós* sobre *a gente*.

De fato, o uso da forma inovadora está associado a contextos de maior generalização do referente, como em (50), justamente por se tratar de uma forma relativamente nova no paradigma pronominal do PB e por ainda manter traços semânticos de coletividade de sua forma original.

(50) Uso de *a gente* em contextos de referência genérica e indefinida

Doc.: prejudicô(u)... piorô(u)

Inf.: piorô(u) e::... e eu como tô te falan(d)o... vai piorá(r) mais pelo que *a gente* vê né?...

(AC-096; RO: L. 425-430)

A referência mais genérica no uso do pronome *a gente* é resultado do processo de gramaticalização que essa forma sofreu dentro do PB. Hopper (1991) ainda afirma que, na gramaticalização, certos traços da forma fonte podem ser preservados na forma gramaticalizada, enquanto outros são naturalmente excluídos durante o processo (*princípio de persistência*). Sobre o traço de indefinição do substantivo *gente* (*aquela gente*), como marca preservada no pronome *a gente*, Lopes (1993) admite que a forma pronominal *a gente* é uma alternativa disponível ao falante para garantir menos comprometimento com o que está sendo enunciado, tornando seu ato de fala mais genérico e menos preciso para o ouvinte.

Avançando para o fator **referência genérica e definida**, constatamos um aumento no uso do pronome *nós*, devido ao aumento da especificação do processo de referência, mas o uso da variante *a gente* ainda se manteve superior. Dos 10 informantes que apresentaram alguma frequência de *nós* ou *a gente*, 6 optaram pelo uso da variante inovadora, sendo 2 deles categóricos (100%), ao passo que, para variante conservadora, 2 informantes também apresentaram índices de 100%. Além desses, outros 2 informantes apresentaram frequência de 50% para *nós* e *a gente*. Como observamos em (51), o uso de *a gente* foi utilizado em contextos em que não era possível resgatar com precisão a referência do pronome, embora seja possível, nela, incluir o falante.

(51) Uso de *a gente* com referência genérica e definida

a gente ajudava muito e::la mesmo na ro::ça ainda com servi/ mesmo com cinco anos ela contava que antes *a gente* já fazia alguma coisa... [Doc.: uhum ((concordando))].
entã::o é:: *bem criancinha que hoje de quatro cinco anos *a gente* já acha assim é:: uma menininha né?... naquele tempo *a gente* já tinha que trabalhá(r) cedo...*

(AC-144; NR: L.243-247)

Como já mencionamos, nos contextos de referência genérica, o uso da variante *nós* é também admissível, pois, ainda que se tratam referentes de maior abrangência, observamos processos de referenciação a grupos de indivíduos mais delimitados, como, em (52), onde o pronome *a gente* se refere aos habitantes da cidade da informante.

(52) Uso de *a gente* em contextos de referência genérica e definida

então o que acontece? a gente tem esperança que ele continu::e que pelo menos que ele... que ele... começô(u) né? tem um trabalho ligado à saú::de... que a saúde já tá uma né? um caos...

(AC-144; RO: L. 625-630)

Em vista disso, o uso da variante *nós* nesses contextos também é razoável, dada a dualidade características desse segundo fator, ou seja, a oposição de mais genérico vs. mais definido pode ser um fator que favorece o uso das duas variantes. Além disso, esse segundo fator pode ser considerado um entremeio, onde de um lado temos ocorrências com indivíduos indefinidos (*referência genérica e indefinida*) e de outro, sujeitos mais definidos (*referência específica e definida*).

Avaliando os resultados, apenas 2 informantes apresentaram usos categóricos para *nós* (100%), enquanto 2 fizeram usos variáveis com 50% de frequência. Em AC, o uso de *nós* em contexto de referência genérica e definida pode ser observado nos desempenhos dos informantes AC-072, AC-126 e AC-144; apenas o segundo informante apresentou índices superiores para a variante *nós*; os outros dois apresentaram índices inferiores, mas variáveis. Com isso, os dois casos registrados da informante AC-126 podem ser visualizados na ocorrência (53), abaixo.

(53) Uso de *nós* em contextos de referência genérica e definida em AC

então... nós ficamo(s) ali a/ a/... aprecian(d)o o movimento... principalmente na noite de sábado... então costuma até tarde ali nós colocamo(s) a/ as cade(i)ra na calçada e *a gente* fica observan(d)o o movimento da noite ali... eu gosto... principalmente nessas noite assim de calor [Doc.: aham ((concordando))... né?

(AC-126; DE: L.98-105)

Nessa ocorrência, observamos que o uso de *nós* faz referência a sujeitos que são definidos contextualmente, pois quando a informante relata que todos os dias a noite senta na calçada para ver o movimento do bairro, os sujeitos aos quais esse pronome se refere só podem ser definidos diante de determinadas circunstâncias, isto é, quem está na casa naquele determinado momento, se há outros familiares residentes com a informante, colegas ou vizinhos que se reúnem para conversar em frente a sua residência.

Em AI, podemos observar que, na maior parte das ocorrências, as mesmas explicações de AC são válidas. Em (54), o uso de *nós* faz referência a força policial ou até mesmo a organização em si, pois na ocorrência não fica claro se são os policiais que estavam no local ou

a corporação, logo, em casos como esse, o pronome *nós* não possui um sujeito delimitado, mas genérico.

(54) Uso de *nós* em contextos de referência genérica e definida em AI

Inf.1: ⁴⁵[mas eles foi a/ a/ a/]... a polícia foi lá e não ⁴⁶[fez ocorrência?]

Inf.2: ⁴⁶[foi:: lá]... foi... as polícia foi... a única coisa que eles falô(u) pra mim falô(u) –
“óh nós num *pode* tirá(r) ele daqui... senhora cata os filho e sai a senhora”

(AI-009; Inf. 2; 224-230)

Ainda quanto ao segundo fator investigado, comparando os dados de AC e AI, possivelmente os diferentes estilos de gravação tenham influenciado o uso da variante *nós* em AC. Embora tenhamos registrado poucos dados desse tipo, com os que foram obtidos podemos constatar que a variante *nós* está mais associada a contextos em que a regra de CV com 1PP (*nós ficamos / nós colocamos*) é mais aplicada; ao contrário de AI, em que a maior parte dos casos de *nós* ocorre com verbos em 3PS.

Para o fator **referência definida e específica**, todos os informantes apresentaram uso de *nós* ou *a gente*, sendo 5 da forma inovadora e 7 da conservadora (apenas 1 informante apresentou uso semelhante para as duas variantes). Diante dos números, nossos dados mostram que a hipótese se confirmou, pois o maior número de informantes que utilizam a variante *nós* é uma evidência de que em contextos de maior especificação, os falantes optam pelo uso da forma conservadora, como em (55).

(55) Uso de *nós* em contextos de referência específica e definida

conversamos muito e aí resolvemos que a gente... ia morá(r) junto né?...
aí nós resolvemos oficializá(r)... ah foi num dia de uma segunda-fe(i)ra no dia do meu
aniversário no dia vinte e um de setembro... foi:: em:: mil novecentos e noventa e o::ito...
e a gente foi lá e oficializô(u) lá no cartório só com a famí::lia

(AC-144; NE: L. 140-147)

Associando o terceiro fator aos estilos de AC e AI, os dados nos mostram que a diferença no tipo de gravação não afetou diretamente a escolha de *nós* em contextos de referência específica e genérica. Nas gravações de AI, presumia-se que o uso de *a gente* seria superior devido ao menor grau de atenção dos informantes, todavia, 6 informantes utilizaram o pronome *nós* e apenas 2 utilizaram *a gente*, ao passo que em AC, 4 informantes fizeram uso de *a gente* e 2 de *nós*.

A partir desses dados, podemos constatar que os informantes, de fato, reconhecem as especificidades de cada pronome de 1PP e conseguem distingui-los em ambientes de maior ou

menor definição de sujeitos. Com isso, os argumentos já apresentados nessa subseção corroboram a afirmação de que os pronomes de 1PP já não são estigmatizados ou prestigiados por sua natureza gramatical (variante inovadora *vs.* conservadora, coloquial *vs.* culta), mas por contextos em que o informante, influenciado por outros fatores, julga necessário utilizá-los.

Portanto, com base no que expomos anteriormente, os pronomes *nós* e *a gente* com certeza estão ligados a fatores de ordem contextual e discursiva, pois diferentes estilos de gravação não influenciaram diretamente a escolha de um deles, mas fatores provenientes diretamente do informante, principalmente questões subjetivas (*quem deve ser evidenciado?; perante quem?; para quem?; em que momento?; em qual contexto?; em que tópico/tipo de texto?; em que lugar?*, etc.), nos parecem questões mais pertinentes para a escolha de uma ou outra forma.

5.1.4.2. Sequência discursiva

Os dados referentes à *sequência discursiva* foram avaliados a partir da proposta de Oliveira Silva e Macedo (1996), apresentada por Freitag (2014, p.129). A hipótese aqui, com base em Viana (2006, *apud* RUBIO, 2012), é a de que em sequências discursivas, cuja estrutura verbal se relaciona com tempos mais marcados (pretérito perfeito para sequências *narrativas*), a tendência de uso de *nós* seja maior, enquanto em sequências com tempos verbais menos marcados (pretérito imperfeito para sequências *descritivas* e presente para sequências *argumentativas* e *expositivas*) o uso de *a gente* seja mais considerável, e, por fim, em sequências injuntivas, por estarem mais associada a verbos no imperativo, as duas variantes são possíveis, justamente pela variação existente entre algumas formas morfológicas do imperativo e do indicativo na expressões de ordem (BORGES, 2004).

Os resultados para essa variável seguem apresentados na tabela 28.

Tabela 28 - Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *sequência discursiva* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Sequência discursiva/ Variáveis		Narrativa		Descritiva		Argumentativa		Injuntiva		Expositiva	
		NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE
1 Fem 36-35ª EFII >5 SM	AI-009 Inf.2	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	0	0	0	100% (1)	0	0	100% (2)	0
	AC-072	11,8% (2/17)	88,2% (15/17)	0	0	0	100% (3)	0	100% (1)	0	100% (2)
2 Masc 26-35ª Sup 6-10 SM	AI-010	0	0	0	0	0	100% (1)	0	0	50% (1/2)	50% (1/2)
	AC-085	0	100% (12)	100% (2)	0	0	0	0	0	0	100% (1)
3 Fem 36-55 EF1, >5 SM	AI-003 Inf. 1	75% (3/4)	25% (1/4)	0	0	0	0	0	0	0	0
	AC-096	8,3% (1/12)	91,7% (11/12)	0	100% (4)	0	100% (3)	0	0	0	100% (2)
4 Fem +55ª EF1 6-10 SM	AI-002 Inf. 1	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)	0	0	50% (1/2)	50% (1/2)	0	0	37,5% (3/8)	62,5% (5/8)
	AI-007 Inf.1	100% (1)	0	0	0	0	100% (2)	100% (1)	0	0	0
	AC-126	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	50% (2/4)	50% (2/4)	0	0	0	0	0	0
5 Fem +55ª EF1 >5 SM	AI-002 Inf. 2	100% (1)	0	0	0	0	0	0	0	80% (4/5)	20% (1/5)
	AC-128	31,2% (5/16)	68,8% (11/16)	0	0	0	100% (9)	0	100% (3)	100% (2)	0
6 Fem +55ª EM >5 SM	AI-004 Inf. 2	87,5% (7/8)	12,5% (1/8)	0	0	0	100% (1)	0	0	0	0
	AC-144	19,1% (9/47)	80,9% (38/47)	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	13,3% (2/15)	86,7% (13/15)	0	0	12,5% (2/16)	87,5% (14/16)

Fonte: elaborado pelo autor.

Os dados de **sequência narrativa**, diferentemente do esperado, mostram que as duas variantes pronominais de 1PP tiveram a mesma frequência de uso; dos 12 informantes cujo desempenho individual apresentou esse tipo de sequência, 6 utilizaram *nós* e 6 utilizaram *a gente*. Diante dos resultados, a hipótese de que em sequências narrativas o uso de *nós* seria mais favorável (devido ao tipo de verbo mais marcado - pretérito perfeito), se confirmou parcialmente, pois além da variante *nós*, o pronome *a gente* também apresentou índices de aplicação, como exemplificado em (56) e (57).

(56) Uso de *nós* em sequência narrativa

Inf.1.: ¹⁹[e ti::nha] o diplomi::nha ²⁰[da quarta série... agora num tem mais]

Inf.2.: ²⁰[mas eu... eu saí prime(i)ro do que e::la... um ano]... e eu num precisava muito estudá(r) não estudava um po(u)quinho ela corri::a... (**nós** já ia) saía tudo a meninada brincá(r) de no::ite assim... quando eu via a L. sumia do nosso meio...

(AI-004; Inf. 2; L. 103-108)

(57) Uso de *a gente* em sequência narrativa

... falô(u) assim – “*não é melhor vocês levarem ele... porque se não a gente não vai dormí(r)... porque ele vai achá(r) que a gente chamô(u) a polícia pra e::le vai virá(r) um tormento né?*” –... aí cataram e levaram ele pra lá...

(AC-072; NE: L.72-75)

O uso de *nós* e de *a gente* nesse tipo de ocorrência contribuiu para que outros fatores sejam questionados. De modo inicial, acreditamos que a escolha de *nós* ou *a gente* está ligada a outras questões discursivas, como o *tópico* e a presença de informantes com *papeis sociais* diferentes.

Referente a primeira questão, é possível que em discursos narrativos o falante tenha maior ou menor envolvimento com o que está sendo narrado e, nesses casos, o uso da variante pronominal estaria relacionado ao *tópico* e não ao tipo de sequência em si, uma vez que, independentemente do contexto de gravação, tanto em AC como em AI ocorrem variações no grau de envolvimento com o discurso.

Sobre a influência dos *papeis sociais* dos sujeitos que participam da interação, as variantes pronominais de IPP não assumem uma posição de mais ou menos prestigiada. De acordo com Eckert (2003) ao notarmos que uma diferença linguística se torna distintiva, como, por exemplo, a alternância de *nós* e *a gente* em um indivíduo, constatamos que essa distinção é baseada nas relações sociais (e contextuais) em que o indivíduo foi inserido; em outras palavras, é “na interação social do dia a dia que comunidades constroem ideias compartilhadas em si mesmas, nos outros e nas diferenças entre eles.” (CORRÊA, 2016).

Diante disso, o uso de *nós* e *a gente* pode estar relacionado aos efeitos contextuais provocados pela presença de interlocutores com *papeis sociais* diferentes do papel social do locutor, geralmente *papeis* mais prestigiados socialmente. Dessa maneira, assim como Eckert defende, são nessas interações entre informantes de diferentes *papeis sociais* que o significado da variação é construído, sendo, portanto, o uso de uma determinada variante o resultado lógico de uma estratégia feita pelo informante para se aproximar ou se distanciar do discurso do outro. Em nossos dados, essa ideia pode ser observada em algumas interações, como em AI- 009, em que a interação ocorreu entre uma mulher (31 anos/ 2º ciclo do EF), Inf. 2, e um advogado (Inf. 1). A diferença de *papeis sociais* entre os dois indivíduos é evidente e os dados da informante 2 (66,7% de *nós* e 33,3% de *a gente*) mostram que o uso da variante conservadora também foi influenciado pela presença do advogado, pois observando atentamente os dados da inf. 2 de AI 009, o pronome *nós* apareceu somente após a linha 71, enquanto o pronome *a gente* já havia sido usado em linhas anteriores (1ª: 21-29 / 2ª: 64-73).

Comparando os dados com os estilos das amostras, observamos que os tipos de gravação não influenciaram diretamente a escolha do pronome de 1PP associado a sequências narrativas. Em AI, 5 informantes optaram pelo uso de *nós* e 1 por *a gente*, ao contrário de AC, onde 5 informantes optaram por *a gente* e 1 por *nós*. Diante desses números, notamos que os dados se diferenciam em apenas 1 informante para cada tipo de amostra e, curiosamente, esses informantes pertencem ao mesmo perfil social (perfil social 4). Com isso, fica claro que a escolha de *nós* ou *a gente* não está associada ao perfil social dos entrevistados nem ao tipo de sequência discursiva, mas, mais provavelmente, a outros fatores discursivos, principalmente os relacionados ao tópico discursivo e ao papel social dos participantes da interação, que influenciam e determinam a escolha do informante.

Dando prosseguimento à presente análise, sobre a **sequência descritiva** a hipótese era de que, devido a sua relação com verbos no pretérito, principalmente pretérito imperfeito, o uso de *a gente* seria mais favorável (*a gente tinha / nós tínhamos*). Perante os dados, nossa hipótese não se confirmou, pois, dos 4 informantes que fizeram uso desse tipo de sequência, 2 utilizaram *nós*, 1 *a gente* e 1 apresentou índices de 50% para as duas variantes.

Avaliando os dados de *nós*, os dois informantes selecionados apresentaram usos categóricos (100%). A partir deles, notamos que essa variante estava associada a verbos em 1PP, como em (58), mas no presente do indicativo.

(58) **Uso de *a gente* em sequências descritivas**

Doc.: quais são os pontinhos assim?... cada/ em cada lugar assim na mão?

Inf.: *isso aí é difícil de você lembrá(r) to::dos mas **nós temos** aqui o meridiano que ele corta o nosso corpo todinho então aqui nós temos o coração...* que ele vem... por essa parte aqui e vai até:: mais ou menos nessa área aqui...

(AC-144; RP: L. 587-590)

Diante disso, mesmo que nossa hipótese não tenha se confirmado, a escolha de *nós* não foi aleatória se considerarmos alguns fatores. Em primeiro lugar, em sequências descritivas os informantes possuem liberdade para organizar seu discurso no tempo presente ou passado (geralmente no pretérito imperfeito), uma vez que os eventos podem ser sobrepostos em um nível temporal (presente ou passado); assim, a ordem dos eventos/estados descritos e sua organização temporal no enunciado depende, quase exclusivamente, da perspectiva do locutor, que também determina o uso de *nós* (com verbos de 1PP) ou *a gente* (com verbos de 3PS). Em segundo lugar, a falta de distinção ou neutralização entre os verbos de 1PP no presente e no pretérito favorece o uso de *nós* com verbos em 1PP e de *a gente* com verbos em 3PS, como nos

exemplos acima. Por fim, em terceiro lugar, embora tenhamos projetado que as sequências descritivas estariam mais ligadas a verbos no pretérito, não podemos restringi-las dessa forma, pois para esse tipo de sequência o tempo verbal não é algo predominante e, por isso, parece mais razoável aceitarmos que *nós* e *a gente* tenham a mesma probabilidade de uso em sequências descritivas.

Sobre os dados de *a gente*, apenas 1 informante apresentou uso categórico para essa variante (AC-096), enquanto outra informante apresentou uso de 50% (AC-126). Para essa variante registramos pouquíssimos dados, os que obtivemos podem ser justificados principalmente pelo tipo de referência e pelo tempo verbal.

Na ocorrência (59), a seguir, pode-se observar que o pronome *a gente* foi utilizado em contextos descritivos com referência mais genérica e definida, no qual é possível recuperarmos, pelo menos de modo mais amplo, a categoria de sujeitos referenciados pelo locutor. Além disso, o pronome *a gente* está associado a tempos verbais diferentes, no primeiro caso o pronome se relaciona ao verbo no passado (*a gente só teve*) e no segundo com verbo no presente (*a gente fica*), contribuindo com a ideia de que para as sequência do tipo descritivo o tempo verbal não é uma propriedade prototípica ou distintiva, por isso, a alternância entre presente e passado é maior, logo a variação dos elementos que associam a esses verbos também se torna mais proeminente.

(59) **Uso de *a gente* em sequência descritiva associado a referência genérica**

Doc.: e tem muitos banhe(i)ros?

Inf.: *tem... vários banhe(i)ros banhe(i)ros pa deficiente... (a gente) precisa tudo... embora que a gente só teve um:: aluno né?* [Doc.: uhum ((concordando))] deficiente... mas... já/ já tanto no primário quanto no ginásio já tudo já... adaptado né?

(AC-096; DE: L. 196-199)

Por último, apenas a informante 1 de AC-126 apresentou resultados iguais para as duas formas pronominais de 1PP, sendo registradas apenas 4 ocorrências, 2 de *nós* e 2 de *a gente*. Avaliando o desempenho individual da informante constatamos que os 4 pronomes foram realizados dentro do mesmo trecho discursivo, o que é muito curioso, pois a alternância entre os pronomes ocorreu em contextos linguísticos muito próximos e ainda sim justificáveis, como mostra a ocorrência em (60).

(60) **Uso de *nós* e *a gente* em sequência descritiva**

eu AMO... a minha casa... então à noite assim durante a:..: até lá pa meia no::ite meia noite e um po(u)quinho a gente fica lá fora na calçada eu moro na avenida né? [Doc.: aham ((concordando))] então... nós ficamo(s) ali a/ a/... aprecian(d)o o movimento... principalmente na noite de sábado... então costuma até tarde ali nós colocamo(s) a/ as cade(i)ra na calçada e a gente fica observan(d)o o movimento da noite ali... eu gosto... principalmente nessas noite assim de calor

(AC-126; DE: L.98-105)

De modo inicial, devemos considerar que a ocorrência foi realizada em uma entrevista do tipo AC e esse tipo de gravação é discursivamente orientada. Não obstante, as ocorrências acima apareceram no tipo de texto descrição (DE), por isso, dada a funcionalidade dos pronomes, é possível recuperarmos, em partes, os sujeitos aos quais os pronomes se referem, entretanto, o foco do trecho não é a descrição dos sujeitos, mas a casa da informante. Por consequência, os sujeitos referenciados pelos pronomes fazem parte de uma prática social (*interação entre vizinhos*) que também acontece na casa da entrevistada, logo, esses sujeitos fazem parte do objeto descrito e por isso não são focalizados.

Outra questão relevante para a escolha de *nós* ou *a gente* foi a concordância verbal. Embora não tenhamos considerado diretamente esse fator, durante a análise observamos que na maior parte dos dados o pronome *a gente* está associado a verbos em 3PS e *nós* com verbos de 1PP. Como já mencionamos, a CV com *a gente* ocorre pela falta de marca de pluralidade dos verbos de 3PS; além disso, a característica de coletividade preservada de sua forma original é outro fator que favorece o uso do pronome inovador. De modo contrário, a presença da desinência *-mos* (1PP), como marca de coletividade, condiciona a presença de *nós*, justamente por se tratar de um pronome específico para esse tipo de pessoa gramatical. No caso da ocorrência (59), a informante fez CV nos 4 casos registrados; embora se trate de uma pessoa com uma escolaridade baixa (1º EF), a faixa etária é um fator que, em certa medida, influenciou a presença de CV em seu desempenho. Dessa maneira, se considerarmos que falantes de maior faixa etária procuram preservar os traços mais gramaticais da língua, no caso de nossa informante, a sua idade (59 anos) favoreceu a presença desses padrões como uma alternativa de não cometer desvios de CV. Além disso, quando observamos duas ou mais variantes de uma variável em um mesmo contexto, imediatamente associamos ao efeito de paralelismo. De fato, esse efeito está presente nessa ocorrência, principalmente se avaliarmos individualmente os 4 pronomes de 1PP: há entre o primeiro (*a gente fica*) e o segundo (*nós ficamo(s)*) e entre o terceiro (*nós colocamo(s)*) e o quarto (*a gente fica*) a quebra desse efeito e somente entre os dois casos de *nós* em sequência é possível observar certa influência do paralelismo, dado que

se tratam de formas prototípicas e mais gramaticais que expressam 1PP. Portanto, ainda que seja uma ocorrência bastante curiosa, a proximidade e a subta alternância entre os pronomes de 1PP a torna um pouco complexa. Diante disso, podemos levantar duas especulações que de certo modo podem oferecer uma descrição mais subjetiva de nossa parte; a primeira sobre a organização textual da sequência descritiva e a segunda referente a breve interferência feita pelo documentador.

Sobre a primeira, é possível que a alternância entre os pronomes *nós* e *a gente* tenha sido uma estratégia do falante em não repetir a construção [*a gente fica*] durante seu desempenho. Se observarmos com detalhes, o verbo “*ficar*” foi repetido três vezes (*a gente fica; nós ficamo(s); a gente fica*) e, com isso, o uso da construção [*nós + V-mos*] tenha sido uma alternativa discursiva da informante, uma vez que, por se tratar de uma gravação consentida, ela tem consciência de que seu desempenho está sendo observado por um documentador e, assim, essa consciência é o que pode motivar que o uso de *nós* em *nós ficamo(s)* foi uma escolha estilística.

Quanto a segunda questão, por se tratar de AC, não é razoável admitirmos que as escolhas variáveis são totalmente naturais, pois ainda que muito baixo, o nível de consciência do informante, influenciado pelo tipo de gravação, favorece a escolha de alguns elementos linguísticos. Por essa razão, baseados em Labov (2008), vários trabalhos tentam minimizar o monitoramento da fala, com a utilização de perguntas sobre situações de risco de morte, método que, embora possa ser eficiente, pode não cumprir seu efeito em algumas interações, por interferências externas ao falante. Esse mesmo argumento pode ser aplicado aos dois tipos de gravação do banco de dados Iboruna; em AC, por ser uma entrevista individual, o informante tem mais liberdade de fala e por isso é possível observar que, em seu desempenho (eliminando os momentos iniciais e finais da interação), o informante tem um controle maior de seu discurso. Em AI, pelo contrário, por se tratar de contexto de interação livre, nos desempenhos individuais notamos inúmeros traços de retomada de ideia, tentativa de assalto de turno, uso de elementos discursivos como um modo de ganhar tempo; em outras palavras, o falante tem menor controle do seu desempenho discursivo. Por esses motivos, em AI, por estar inserido em um ambiente de maior interação, quando interrompido, o falante pode ou não ser influenciado pela interferência de outros falantes, ao contrário de AC, em que qualquer interferência do documentador ou uma resposta como um estímulo de confirmação podem constituir fatores que sinalizem que o informante reconhece a presença de terceiros.

Por fim, para concluirmos a análise da sequência descritiva, os diferentes estilos de AI e AC interferiram na alternância pronominal de 1PP. Em princípio, devemos evidenciar que não registramos ocorrências em AI, justamente pela maior interação entre os participantes e pela falta de orientação do documentador. Dessa forma, considerando os dados de AC, podemos constatar que o estilo dessa gravação influenciou na escolha pronominal, pois, dos informantes que apresentaram desempenho variável, 2 utilizaram somente ou mais acentuadamente *nós* (AC-085 e AC-144), 1 somente *a gente* (AC-096) e 1 teve índices de 50% para os dois pronomes (AC-126); portanto, o contexto de maior atenção proveniente desse tipo de amostra pode ter influenciado a escolha da variante conservadora.

Partindo para a análise da **sequência argumentativa**, a hipótese era de que para esse tipo de sequência o pronome *a gente* seria mais utilizado devido sua ligação com tempos menos marcados (*presente do indicativo*) (VIANNA, 2006 *apud* RUBIO, 2012). Para esse fator nossa hipótese se confirmou quase categoricamente, pois, de 9 informantes que usaram o pronome de 1PP, 8 apresentaram maiores índices da variante inovadora, sendo 7 deles categóricos (100%), e somente uma informante (AC-144) demonstrou variação com 86,7% (= 13/15) de *a gente* e 13,3% (= 2/15) de *nós*.

Dada as configurações apresentadas no capítulo de metodologia, havíamos considerado como argumentativa toda sequência em que o informante fundamentasse sua opinião ou defendesse um ponto de vista a partir de construções do tipo: “eu acho (que)”, “eu penso (que)”, “eu imagino (que)”, como em (61).

(61) Sequência argumentativa iniciada por “eu acho que”

Inf: programas essas coisa/ num é *eu acho que* é a televisão... é a televisão... o(u)tra... a internet... é instrutiva? É... mas cê tem que sabê(r)... e cê vê tanta coisa que cê vê eles ali que eles... tiram da internet qué(r) dizê(r) que então é... e/ ele... a internet é boa... é::... até um certo PONto... como a televisão... e então... né? tanta coisa que eles... que *a gente* que convive com eles (né? vê::)

(AC-096; RO: L. 408-413)

Poucas foram as ocorrências registradas com esses tipos de construções. O que observamos, na verdade, foi que o teor argumentativo era criado pelos informantes a partir de outros fatores, entre eles, o uso de marcadores discursivos (doravante MD), como em (62), trechos narrativos como forma de ilustração, como em (63), uso de frases interrogativas, como em (64), entre outros.

(62) Sequência argumentativa caracterizada por MD

[...] problema assim de bairro de periferia tem violência tem mesmo né? num adianta falá(r) que num tem... *SÓ que tá melhorando entendeu? a gente tem que pensá(r) assim que vai melhorá(r) né?...* porque todo mundo fala aí periferia é desse jeito...

(AC-072; RO: L.285-288)

(63) Sequência argumentativa caracterizada a partir de trechos narrativos

eu fui junto... eu fiquei admira::da de vê(r) –“pois não minha senhora”– éh:: –“que mais minha senhora”– *aqui no Brasil... a gente é tratado com falta de respeito os lojis/ os:: vendedor trata a gente... ham:: fica lá conversan(d)o e:: cê procuran(d)o eles... então::... a educação nossa tá::... tá pobre pobre pobre mas o culpado tudo são as mães que trabalham fora... porque se elas... antigamente as mães tinham treze filhos...*

(AC-128; RO: L. 372-377)

(64) Sequência argumentativa caracterizada por frases interrogativas

Inf.2.: ah:: é:: fica mesmo

Inf.1.: *porque eu falo –“tudo que eu fiz::”– eu:: num tenho ra::iva porque eu acho que/ quem somos nós pra tê(r) raiva dos o(u)tros?... mas eu acho que num dá certo mais... ela vem ali senta na (sombra) aí num senta?*

(AI-002; Inf. 1; L. 113-117)

De modo geral, conforme observamos na tabela 28, para as sequências argumentativas o uso de *a gente* foi mais elevado, quase categórico. Os índices dessa variante podem estar associados a dois fatores: o primeiro relacionado ao tempo verbal (*presente do indicativo*) e o segundo sobre o comprometimento do informante com o que está sendo argumentado.

Sobre o tempo verbal, como já discutimos, o pronome *nós* é mais usado com verbos no pretérito e o pronome *a gente* com verbos no presente, pois a desinência verbal de 1PP é usada com maior frequência na função mórfica de pretérito, enquanto que a ausência de marca é mais usada com presente (FERNANDES; GÖRSKI, 1986). Além disso, o pronome *a gente* estaria associado a tempos verbais menos marcados, como o presente e pretérito imperfeito, ao passo que tempos verbais mais marcados (pretérito perfeito e futuro) influenciariam a presença do pronome *nós* (VIANNA, 2006 *apud* RUBIO, 2012). Diante dos argumentos acima e considerando nossos resultados, podemos afirmar que o uso de *a gente* em sequências textuais argumentativas foi influenciado pela presença de verbos no presente do indicativo, pois, de modo mais específico, o presente do indicativo é característico da argumentação, porque a partir dele é possível estabelecer uma posição atemporal do enunciado.

Quanto ao comprometimento do informante, retomando Ortiz (1995), a argumentação é um tipo de texto em que, por se tratar de uma exposição de um ponto de vista, o falante procura, de alguma maneira, verificar o grau de atenção e o grau de compreensão dos

interlocutores. Para isso, assim como o MD “né”, nas ocorrências argumentativas notamos que alguns informantes utilizaram o MD “(você) entendeu?”, como em (65).

(65) Sequência argumentativa caracterizada pelo MD “entendeu” com sujeito implícito

por exemplo... elas nem malemá namorava já casava... nem relava no namorado num be(i)java num podia fazê(r) nada... que nem minha mãe mesmo... entendeu?... e elas num ficavam grávida... tudo bem não fazia nada... só que elas num tinha a informação que a gente tem hoje... *entendeu?*... tudo bem que tem muita gente aí que...

(AC-072; RO: L. 542-546)

Dessa forma, devido a natureza desse tipo de discurso, notamos que nas sequências argumentativas existe uma preocupação com o que é dito entre o sujeito e o ouvinte. Em função disso, além da presença dos MD, o uso da forma pronominal *a gente* é uma estratégia do informante em se manter isento de qualquer contestação. Assim, recorrendo às palavras de Lopes (1993), o uso de *a gente* está mais relacionado a uma posição de expectador, isto é, o uso dessa variante seria um gatilho para que o falante possa verificar se seu ouvinte concorda ou discorda do que está sendo argumentado.

Além dos dados de *a gente*, verificamos que as informantes 1 de AI-002 e de AC-144 apresentaram variação no uso dos pronomes de 1PP. Avaliando os dados do primeiro entrevistado, a alternância pronominal ocorreu por conta da posição dos pronomes nas duas ocorrências registradas. Em (66), o pronome *nós* está em posição posterior ao verbo, por uma possível cristalização da construção [*Quem + Verbo Ser + Pro + para X*], em casos do tipo, “*quem somos nós para X*”, “*quem sou eu para X*”, “*quem é você pra X*”. Por outro lado, em (67), o uso de *a gente* em posição anterior ao verbo segue a ordenação não marcada de sujeitos.

(66) Uso de *nós* posposto ao verbo em sequência argumentativa

Inf.1.: porque eu falo –“tudo que eu fiz:”– eu:: num tenho ra::iva porque eu acho que/ quem somos nós pra tê(r) raiva dos o(u)tros?... mas eu acho que num dá certo mais... ela vem ali senta na (sombra) aí num senta?

(AI 002; Inf. 1; L. 113-117)

(67) Uso de *a gente* anteposto ao verbo em sequência argumentativa

uai se eu pego uma criança pa olhá(r) eu tem que sê(r) respon¹¹[sável com aquilo]
¹¹[Inf.2.: uai lógico que é]... só que ela nunca imaginô(u) que um homem vai fazê(r) isso né?... porque a gente num imagina né?

Inf.2.: ah:: num imagina é?

(AI 002; Inf. 1; L.60-64)

Na informante 1 de AC-144, somente 2 ocorrências foram registradas com o pronome *nós*, ambas associadas ao processo de referenciação dos sujeitos, como em (68), em que o pronome se refere ao grupo de pessoas mais velhas que, por inúmeros motivos não conseguem fazer determinadas atividades rotineiras. Além disso, por serem partes fundamentais do enunciado, o pronome *nós* foi utilizado como uma alternativa de enfatizar alguns pontos do argumento da informante.

(68) Uso de *nós* em sequência argumentativa associado a referência genérica e definida

[...] voltan(d)o a falá(r) nele... eu A::cho que e::sse é o ideal polí::tico né? ele é um político NAto... *então ele vai querê(r) seguí(r) a carre(i)ra dele eu acho que ele tem que apresentá(r) o melho::r... [Doc.: é] porque ele vai precisá(r) de **nós**... se ele quisé(r) seguí(r) carre(i)ra... [Doc.: uhum ((concordando))] então eu acho que ele tem que fazê(r) o melho::r que aí ele tem que prepará(r) a cama pa ele deitá(r) num é?*

(AC-144; RO: L. 655-660)

Por fim, examinando a relação das ocorrências de *nós* e *a gente* com os estilos de AI e AC, os tipos de gravações influenciaram parcialmente a escolha pronominal. Nos casos de sequências argumentativas foram os fatores discursivos referentes à verificação do argumento que nos pareceu mais importante para a escolha de *a gente*, pois, considerando que essa variante ocorreu quase categoricamente, seu uso está realmente associado ao contexto interacional seja ele de maior ou menor atenção. Portanto, o que podemos de fato evidenciar, é que as gravações consentidas (AC), em alguma medida, podem favorecer a presença da variante inovadora, não pelo caráter de gravação explícita, mas pela presença de um interactante que molda e orienta o discurso do informante.

Para a análise das **sequências injuntivas**, a hipótese de que, nesse contexto, as duas formas pronominais seriam aceitas se confirmou, pois dos 3 informantes registrados, 1 utilizou *nós* e 2 *a gente*, todos com 100% de frequência.

Inicialmente, devemos evidenciar que as sequências injuntivas são tipos menos comuns em interações livres, pois seu aparecimento depende de um estímulo contextual. Por esse motivo, a probabilidade de aparecimento desse tipo de sequência é maior nas gravações de AC, uma vez que há contexto propício para isso, como nos casos de relato de procedimento.

No tocante à variação entre *nós* e *a gente*, o uso de verbos no imperativo é um fator que propicia a alternância entre as duas formas pronominais, devido a neutralização existente entre o indicativo e o imperativo dos verbos na expressão de 1PP. Além disso, as sequências

injunções são caracterizadas por períodos mais simples e curtos e podem ser expressas por verbos modais, verbos no futuro do presente ou infinitivo (KÖCHE, *et. al.*, 2009).

Considerando a natureza dessa pesquisa, o estudo da CV com injuntivos na expressão de 1PP é uma questão complexa, pois a forma mais prototípica desse modo ocorre justamente com verbos associados a 2PS ou 2PP (*vai tu!*, *vai você!*, *vão vocês!*). Assim, como esse estudo se trata da análise da alternância entre os pronomes de 1PP, quando observamos nossos resultados, notamos que, em praticamente todas as ocorrências, a injunção não foi caracterizada pela escolha do modo imperativo, mas pela sequencialidade das tarefas de um determinado evento no presente do indicativo, como em (69).

(69) Sequência injuntiva caracterizada pela sequencialidade de um evento

Doc.: o molho cachorro-quente

Inf.: *é o molho do cachorro-quente... que a gente vai fazendo fazen(d)o a gente mesmo vai pode sê(r) que tenha receita mas um dia eu falei –“ah... se ele engrossa o creme de milho”–... então quando eu faço o:: o molho do cachorro-quente que é o:: o normal... frita a carne cebo::la o toma::te... é pica:: a::... a salsicha se num quisé(r) pode pôr compridi::nha..*

(AC-128; RP: L. 232-237)

Com base em Scherre (2007 *apud* RUMEU, 2016), que constata usos de imperativo com formas verbais no indicativo de subjuntivo, podemos afirmar que a neutralização entre as formas de 1PP (-*mos*) do imperativo e do indicativo favorece o aparecimento das duas formas pronominais. Diante disso e em consonância com o que expusemos anteriormente, constatamos que em nossos dados o pronome *a gente* foi utilizado com verbos em 3PS, como em (70), e *nós*, com verbos em 1PP, como em (71), ambos em conformidade com as regras de CV do PB.

(70) Uso de *a gente* com verbos em 3PS no indicativo em sequência injuntiva

Inf.: ¹⁰[a tia é a cozinheira] [Doc.: ((risos))] e:: o creme de milho também:: [Doc.: uhum] vai fazê(r) um pernil assado –“não é a tia que vai fazê(r) o creme”–... e inclusive até:: a::... a minha irmã que me ensinô(u) hoje eu que faço pra eles... [Doc.: ((risos))] porque eu o creme de milho ele... **a gente corta** o milho refoga/ refoga ele na mante(i)ga... que eu gosto de tudo com bastante cebola [Doc.: uhum] aí eu ralo a cebola frito a cebola o milho... tempero com caldo Knorr

(AC-128; RP: L.290-295)

(71) Uso de *nós* com verbos em 1PP no indicativo em sequência injuntiva

Inf.1.: ah lá ele tá no portão óh tá aqui óh no meu óh

Inf.2.: ¹[de(i)xa e::le]

Inf.1 ¹[na hora] que ele fô(r) embora nós vamo(s) sentá(r) lá fora um po(u)co...²[tá lo(u)co]
 Doc.: ²[ele tá olhan(d)o] os bichi::nho

(AI-007; Inf. 1; L. 1-8)

Relacionando as sequências injuntivas aos estilos de AC e AI, em um primeiro momento notamos que os tipos de gravações não interferiram na escolha pronominal, pois o informante 1 de AI-007 fez uso da variante *nós*, ao passo que os de AC-072 e AC-128 optaram por *a gente*. Dessa maneira, a forma inovadora, em contexto de maior atenção, e a conservadora, em contextos de interação livre, demonstram que os estilos de maior ou menor monitoramento não influenciaram na escolha de *nós* ou *a gente*. Entretanto, como dito anteriormente, considerando que as sequências injuntivas dificilmente acontecem de modo espontâneo, gravações do tipo AC favorecem seu aparecimento, pois a maior orientação por parte do documentador contribui para sua realização.

Por fim, para a **sequência expositiva**, a hipótese era de que a frequência do pronome *a gente* fosse superior ao de *nós* por conta da relação desse tipo de discurso com tempos verbais menos marcados, como, por exemplo, o presente do indicativo e o pretérito imperfeito. Baseados nos dados, constatamos que nossa hipótese se confirmou, pois dos 9 informantes que usaram uma das formas pronominais, 3 utilizaram somente *a gente*, 2 somente *nós*, e 4 variaram entre os dois pronomes.

Avaliando os dados de *a gente*, sua frequência em sequências expositivas foi maior por conta da própria natureza desse tipo de discurso. Considerando que se trata de fatos ou ideias expostas pelo informante, a predominância de verbos no presente do indicativo é um fato esperado, pois são ideias que surgem no momento da enunciação, logo, a organização lógica-temporal dos fatos ocorre no momento da enunciação.

Na tabela 28, os dados estatísticos mostram que o pronome *a gente* foi utilizado por 7 informantes, sendo 3 (AC-072, AC-085 e AC-096) com índices categóricos de 100%. Esse resultado confirma nossa hipótese, pois o uso de *a gente* em sequências expositivas ocorre por conta da natureza do tipo discursivo e, por essa razão, seu uso, como em (72), está vinculado a outros fatores, tais como: (i) a ideia de *a gente* ser um recurso que o falante usa para evitar desvios de concordância; (ii) pela presença de estruturas menos complexas, justamente por conta da natureza das sequências expositivas; (iii) pela relação do pronome *a gente* com contextos de menor especificação dos sujeitos como forma de garantir um certo distanciamento ou obrigatoriedade com o que está sendo enunciado, devido a instantaneidade desse tipo de sequência.

(72) Uso de *a gente* em sequência expositiva

a. pra lá e pra cá se cê quisé(r) pra onde cê quisé(r) cê vai... porque num tem muro... mas assim... agora a gente vai fazê(r) de tudo pra... tentá(r) fazê(r) um muro lá... mas dá pra vê(r) assim a casa do vizinho [...]

(AC-072; DE: L. 321-323)

O uso de *a gente* também está associado a contextos em que o pronome de 1PP ocupa a posição de complemento, como em (73). Em casos semelhantes, independentemente das influências estruturais ou discursivas/estilísticas observadas no contexto da ocorrência, a função sintática do pronome sempre será um fator primário. Na função de sujeito é possível identificarmos com mais clareza quais os fatores que motivaram o aparecimento do pronome, mas na função de complemento essa característica é, por si só, autônoma, ou seja, o tipo de sequência discursiva não influenciará a escolha de *a gente* na posição de complemento, pois qualquer que fosse o tipo de sequência, o uso desse pronome continuaria sendo mais favorável.

(73) Uso de *a gente* na função de complemento em sequência expositiva

Inf.1: ⁴³[a:i ela tem um amor:: pelo amor de Deus] ⁴³[Inf.2: (inint.) tem dó]] eu falo tem hora que a gente fala assim –“vamos chegá(r) nela”– mas ela é uma menina tão amorosa sabe?... só que ela FAZ assim ela é amoROsa num ponto mas tu::do que ela faz pa gente é na base do cobrado

(AI-002; Inf. 1; L. 241-247)

Sobre aos resultados do pronome *nós*, 6 informantes o utilizaram em seus desempenhos individuais, 2 de forma categórica (Inf. 2 de AI-009 e AC-128) e 4 de forma variável (Inf. 1 de AI-010; Inf. 1 e 2 de AI 002 e AC-144). De acordo com as ocorrências levantadas, o uso de *nós* em sequências expositivas está associado a pelo menos quatro motivos discursivos: (i) uso de *nós* em tópicos discursivos de maior envolvimento emocional; (ii) uso de *nós* por influência de terceiros; (iii) concordância verbal e (iv) *nós* com referência específica.

Em relação as duas primeiras justificativas, embora tenhamos defendido que o maior envolvimento emocional do falante com o tópico favoreça o uso de *a gente*, eventualmente quando o informante narra algum evento, sendo esse evento altamente significativo e ocorrido entre ele e mais alguém, é possível que o pronome *nós* ainda tenha garantia de espaço por conta da maior especificação da ocorrência. Em (74), o pronome *nós* foi usado para se referir a informante e seu companheiro que a agredia; diante disso, o uso de *nós* não foi aleatório, pois se verificamos toda a interação notamos que a história narrada pela informante envolve um grande número de participantes, por isso o pronome foi uma alternativa de especificar em maiores detalhes os principais envolvidos (o casal).

(74) Uso de *nós* influenciado pelo envolvimento com o tópico e pela presença de informante com diferentes papéis sociais em sequências expositivas

Inf.2: eu não entro lá... porque eu tenho medo d'eu/ d'eu entrá(r) lá e ele me agredí(r) porque *nós tan(d)o* largado ele já fica a noite inte(i)ra rondan(d)o a casa... e ele passa a faca deba(i)xo da porta e isso e aquilo.

Inf.1: da ca/ da da/ ²⁹[quando você estava lá?]

(AI-009; Inf. 2; 122-128)

Além disso, outro fator que está associado ao pronome *nós* em (74) é a presença de informantes com diferentes papéis sociais (advogado e cliente) e o local da interação. Por essa razão, o aparecimento desse pronome ocorreu por influência de terceiros, pois para a informante o uso da variante conservadora pode constituir uma tentativa de minimizar as diferenças sociais existentes entre a sua posição/papel social com a de outros participantes da interação.

Ademais, a presença da variante *nós* nesse tipo de sequência também está associada a concordância verbal. Em (75), o uso de verbos com desinência em 1PP (-mos) (*estamos / vimos*) favorece o aparecimento de *nós* como marca do traço de pluralidade.

(75) Uso de *nós* associado a concordância verbal e a reprodução de discursos de outras pessoas

Inf.2.: então aí EU ouVI que falô(U) [Inf. 1: uhm...] e liguei aqui na dona F. e a V. atendeu a V. atendeu [Inf. 1: sei] eu falei V./ ela falô(u) –“ah dona I. *nós tamo(s)* assistindo *nós vimo(s)* também”- eu falei –“ah cês assiste também esse programa?” – ela falô(u) –“nós assiste T Odo dia... bom eu quando tô em casa né?... mas meu pai e minha mãe pega todo dia”–

(AI-002; Inf. 2; L. 29-36)

Por último, constatamos que o uso de *nós* em sequências expositivas também está associado ao grau de referência do pronome. Ainda na ocorrência (75), no trecho –“ah dona I. *nós tamo(s)* assistindo *nós vimo(s)* também”, o uso de *nós* foi uma alternativa do falante em especificar quais eram os participantes do evento. Além disso, por se tratar de um discurso reproduzido de terceiros, o uso dessa variante nos parece ter sido uma forma de especificar quem são os sujeitos referenciados e uma maneira que a informante encontrou para registrar oralmente que aquele trecho não é de sua autoria. É possível que, em ocorrências desse tipo, no instante em que um informante reproduz a fala de outras pessoas, o grau de atenção com o discurso aumente, favorecendo o aparecimento de padrões mais próximos aos prescritos pela gramática, de modo a tentar preservar o produtor do discurso original.

De modo geral, considerando os dados do fator sequência expositiva, os resultados mostram que a diferença de estilo entre AC e AI não interferiu diretamente na escolha

pronominal de *nós* ou *a gente*. Em AI, por ser um ambiente de menor atenção, esperávamos que o pronome *a gente* tivesse uma frequência superior. Em AC, por outro lado, a forma *a gente* apresentou maiores índices de frequência no desempenho individual dos informantes, o que prova que o ambiente de maior atenção não influencia diretamente no uso dessa forma. Diante disso, recuperando toda a análise apresentada para a variável sequência discursiva, concluímos que, nos desempenhos individuais dos informantes pareados, os diferentes usos dos pronomes de 1PP estão associados a fatores mais específicos dos contextos discursivos em que estão inseridos.

Em consonância com as ideias de Rubio (2012), notamos que os dois pronomes de 1PP são utilizados por falantes de todas as faixas etárias, sociais e de escolaridade, corroborando com a afirmação de que *nós* e *a gente*, quando inseridos em contextos dialógicos, não são diferenciados por seus valores sociais, mas o que se destaca, especialmente nesses casos, é o tratamento do desempenho como um todo.

Portanto, as sequências discursivas não interferem na escolha do pronome de 1PP, mas contribuem para a formulação de um ambiente de maior ou menor controle linguístico, onde o surgimento de *nós* ou de *a gente* é reflexo de uma construção estilística ainda mais complexa em que o informante associa os fatores estruturais aos discursivos e estilísticos, para assim, em uma instância secundária, poder escolher a forma pronominal de 1PP que mais se adapta à ocorrência.

5.1.4.3. Tópico discursivo

As variáveis avaliadas até o momento estão mais associadas a natureza estrutural ou discursiva das ocorrências extraídas do Banco de dados Iboruna. Daqui em diante as 3 últimas variáveis (*tópico discursivo*; *controle do grau de formalidade* e *monitoramento*) assumem um papel primordial na compreensão dos diferentes estilos de gravação de AI e AC, porque a intenção é mostrar como os resultados podem influenciar os diferentes desempenhos linguísticos associados aos estilos das amostras e a escolha de *nós* ou *a gente*.

Verificando o tópico discursivo observamos que das amostras do BDI derivam contextos discursivos diferentes. AC, por ser orientada, há um menor controle do tópico por parte do informante. De AI, por outro lado, por se tratar de uma interação mais dinâmica, durante as trocas conversacionais emerge todo e qualquer tipo de tópico.

Para avaliação do tópico discursivo, a metodologia proposta por Berlinck (2019) parte da concepção de que o gênero textual é definido a partir da estrutura composicional, temática e de estilo (BAKHTIN, 1997 *apud* BERLINCK, 2019). Considerando, portanto, AI e AC grandes aglomerados de subgêneros de um gênero maior (*conversação*), a proposta da autora de classificar o tópico/tema como objetivo ou subjetivo é uma boa alternativa que operacionaliza melhor essa variável na avaliação dos dados provenientes das duas amostras. Labov ([1972] 2008), já apontava que o paradoxo do observador é uma das maiores dificuldades da pesquisa sociolinguística, justamente por ser difícil conduzirmos o informante a um ambiente em que ele esteja totalmente desatento a seu próprio desempenho discursivo. A ideia de Berlinck não esgota essas dificuldades, mas é uma boa estratégia para que sejam avaliados contextos linguísticos em um nível micro em que o pesquisador consiga identificar traços de menor controle ou monitoramento linguístico, garantindo a análise de fragmentos mais próximos do vernáculo.

Diante disso, a hipótese de que temas mais objetivos favoreceriam o aparecimento de *nós* e temas mais subjetivos, o de *a gente* se confirmou em partes, conforme mostram os resultados da tabela 29.

Tabela 29 - Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *tópico discursivo* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Perfil social/ Amostra		Tópico discursivo/ Variáveis	TEMA SUBJETIVO		TEMA OBJETIVO	
			NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE
1	Fem 36-35 ^a EFLI >5 SM	AI-009 Inf.2	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)
		AC-072	7,1% (1/14)	92,9% (13/14)	11,1% (1/9)	88,9% (8/9)
2	Masc 26-35 ^a Sup 6-10 SM	AI-010 Inf.1	0	0	33,3% (1/3)	66,7% (2,3)
		AC-085	0	100% (12)	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)
3	Fem 36-55 EFLI, >5 SM	AI-003 Inf. 1	0	0	75% (3/4)	25% (1/4)
		AC-096	11,1% (1/9)	88,9% (8/9)	0	100% (12)
4	Fem +55 ^a EFLI 6-10 SM	AI-002 Inf. 1	0	100% (3)	50% (5/10)	50% (5/10)
		AI-007 Inf.1	0	0	50% (2/4)	50% (2/4)
		AC-126	66,7% (2/3)	33,3% (1/3)	50% (2/4)	50% (2/4)
5	Fem +55 ^a EFLI >5 SM	AI-002 Inf. 2	0	0	83,3% (5/6)	16,7% (1/6)
		AC-128	0	100% (4)	26,9% (7/26)	73,1% (19/26)
6	Fem +55 ^a EM >5 SM	AI-004 Inf. 2	100% (7)	0	0	100% (2)
		AC-144	14% (4/50)	86% (43/50)	25,8% (8/31)	74,2% (23/31)

Fonte: elaborado pelo autor.

Os resultados nos revelam que, para o fator tema objetivo, a hipótese não foi verificada, pois dos seis perfis sociais, todos variaram no uso de *nós* e *a gente*, com apenas dois informantes (o de AC-093 do perfil 3 e o de AI-004 do perfil 6) usando categoricamente *a gente*: desses, 4 utilizaram mais *nós*, 6, mais *a gente*, e 3 apresentaram índices de 50% para as duas variantes. Já para o fator tema subjetivo a hipótese se confirmou, visto que a preferência dos 9 informantes que utilizaram uma das variantes recai majoritariamente sobre *a gente*, com apenas 3 informantes utilizando somente ou mais acentuadamente *nós*, e 6, somente ou mais acentuadamente *a gente*.

Avaliando os dados referentes ao tema subjetivo, a concepção de que o conteúdo temático de determinados tópicos molda o desempenho individual dos informantes foi verificada nesses contextos. As ocorrências de temas subjetivos, por serem caracterizadas pelo maior envolvimento sentimental por parte do informante, favorecem o aparecimento de formas menos complexas, pois nesses tipos de ocorrências encontramos, em sua maioria, temas que ‘[...] giram em torno de relacionamentos, normalmente amorosos ou de amizade (sentimentos, conselhos, encontros, correspondência).’ (BERLINCK, 2019), como em (76), dado na sequência. Logo, com base nos dados verificados nessa pesquisa, constatamos que a aproximação do informante com o conteúdo narrado favorece o seu distanciamento de preocupações gramaticais e estruturais de seu discurso, fazendo emergir um desempenho muito próximo daquele que ele usa diariamente sem controle ou monitoramento (TARALLO, 1991); Vale ressaltar, no entanto, que o grau de objetividade ou subjetividade discursiva não controla inteiramente o monitoramento da fala, mas é um fator relevante que emerge a partir da integração de uma série de condições, tais como o tipo de gravação (consentida ou secreta), a relação entre os participantes da interação, o local de gravação, a interferência de terceiros, o tema abordado, etc., que, quando somadas, podem influenciar a escolha de uma determinada variante.

(76) Uso de *a gente* em ocorrência com tema mais subjetivo

[a::i ela tem um amor:: pelo amor de Deus] ⁴³[Inf.2: (inint.) tem dó] eu falo tem hora que *a gente* fala assim –“vamos chegá(r) nela”– mas ela é uma menina tão amorosa sabe?... só que ela FAZ assim ela é amoROsa num ponto mas tu::do que ela faz *pa gente* é na base do cobrado

(AI-002; Inf. 1; L. 241-247)

Retomando os dados da tabela 29, o uso de *a gente* em ocorrências com tema subjetivo mostrou que, de fato, o estilo de menor monitoramento, relacionado à expressão subjetiva do

informante, favorece o aparecimento do pronome, uma vez que o informante se concentra no conteúdo e não na forma. Entretanto, os resultados também mostram maior alternância entre *nós* e *a gente* no desempenho de alguns informantes (Inf. 2 de AI-009 e informantes AC-072; AC-096; AC-126 e AC-144). Avaliando as ocorrências individualmente, percebe-se que na maioria dos casos o uso de *nós* está associada ao processo de referenciação. À título de exemplo, a ocorrência abaixo mostra que o uso de *nós* em contextos de maior subjetividade foi uma estratégia de o informante garantir maior definição na determinação dos sujeitos, principalmente por serem ocorrências narrativas em que os eventos relatados eram sempre de cunho familiar.

(77) Uso de *nós* em ocorrência com tema mais subjetivo associado à referência específica e ao tipo textual narrativo

Inf.1: ²⁸[e ele não tá permitin(d)o que você ENtre?]

Inf.2: eu não entro lá... porque eu tenho medo d'eu/ d'eu entrá(r) lá e ele me agredí(r) porque *nós* tan(d)o largado ele já fica a noite inte(i)ra rondan(d)o a casa... e ele passa a faca deba(i)xo da porta e isso e aquilo.

(AI-009; Inf. 2; 122-128)

Sobre os resultados do tema objetivo, a hipótese de que o uso de *nós* seria superior não se cumpriu. A ideia de que a objetividade das ocorrências favoreceria o uso de estruturas da norma padrão não foi observada, justamente pelo fato de que as formas *nós* e *a gente* já não possuem valorização positiva ou negativa ou de maior ou menor prestígio social. Por isso, em contextos de maior formalidade ou monitoramento, ocorrem indistintamente o uso de ambas as formas, uma vez que o falante não faz distinção valorativa entre as formas pronominais de 1PP.

Nos resultados da tabela 29, notamos que, para o fator *tema objetivo*, os índices de *nós* e *a gente* é mais variável, com distribuição percentual igual entre os três informantes do mesmo perfil social 4 (Fem, + 55 anos, EF1, 6 a 10 SM), mas com prevalência de um ou outro pronome em informantes individuais dos demais perfis sociais; neste último caso, enquadram-se os informantes de AI-009 (inf.2), de AC-085, de AI-003 e de AI-002, que preferem o uso de *nós*, e os informantes de AC-072, de AI-010 (inf. 1), de AC-128 e de AC-144, que usam mais frequentemente *a gente*. Esses resultados corrobora a ideia de que a objetividade do tema pode contribuir com um grau maior de atenção, mas em outros aspectos estruturais não (tempos verbais mais específicos³⁹, construções subordinada etc.). Diante disso, para os pronomes de

³⁹ Como é o caso do estudo de Berlinck (2019) em que a autora diz que “[...] a hipótese de que o contexto nomeado como mais objetivo seria um espaço mais aberto às construções inovadoras e que, por outro lado, o contexto denominado mais subjetivo abrigaria proporcionalmente mais usos da combinação FS+FI (FUTURO DO SUBJUNTIVO + FUTURO DO INDICATIVO)” (BERLINCK, 2019).

IPP, esse tipo de tema no tópico discursivo não interfere na escolha do falante, uma vez que a preocupação com o tema é muito acentuada, porque o foco está no que está sendo dito. Em (78), segue ocorrência exemplificativa de *nós* quando o tópico discursivo é mais objetivo.

(78) Uso de *nós* em ocorrência com tema mais objetivo

Inf.1: ⁴⁵[mas eles foi a/ a/ a/]... a polícia foi lá e não ⁴⁶[fez ocorrência?]

Inf.2: ⁴⁶[foi:: lá]... foi... as polícia foi... a única coisa que eles falô(u) pra mim falô(u) – “óh *nós* num pode tirá(r) ele daqui... senhora cata os filho e sai a senhora”... ⁴⁷[polícia falô(u)]

(AI 009; Inf. 2; 224-230)

Comparando os estilos de AI e AC, observamos que os tipos de gravação não influenciaram diretamente o tipo de discurso. Para o tipo subjetivo, em AI, a hipótese era de que o uso de *a gente* fosse mais elevado, justamente pela característica de menor atenção dos informantes durante a interação; contudo, os dados apontam que dos 7 informantes de AI, 4 usam mais *nós* do que *a gente*, 1, mais *a gente* do que *nós*, e 2 usam igualmente os dois pronomes. Nesses casos, notamos que a subjetividade não é um fator que contribui para o aparecimento de formas inovadoras, talvez porque o que esteja em evidência sejam outros processos discursivos, como, por exemplo, a referenciação.

Ainda sobre o discurso subjetivo, em AC, a ideia inicial era a de que esse tipo de amostra favoreceria o aparecimento de *nós* por conta do maior grau de monitoramento da fala pelo informante. No entanto, somente 1 informante (AC-085) apresentou índices superiores para essa variante (66,7%), ao passo que, para *a gente*, registramos percentuais superiores a 70% no desempenho de 4/6 informantes, e uso equilibrado no de 1 informante. Portanto, a hipótese também não se confirmou em AC, já que o uso de *a gente* pode ser uma estratégia do informante de preservar o padrão gramatical da CV, confirmando que essa variante, mais do que não estigmatizada socialmente, pode estar se tornando parte da norma culta, por estar suplantando o uso da variante conservadora, considerada parte da norma padrão, típico caso de mudança em progresso na comunidade de fala.

No que concerne a análise do tipo objetivo, as justificativas são semelhantes as anteriores. É possível que o tipo de discurso mais objetivo tenha favorecido o uso da variante *a gente*, pois, embora a hipótese de que, em AI, o uso de *a gente* seria maior não tenha se confirmado, o uso de *nós*, nesse tipo de amostra, pode ser um indício de que, quando os falantes são expostos a situações de interação social livre de monitoramento, a probabilidade de ocorrência de *nós* sem concordância é muito maior, como vimos insistindo, a partir dos nossos

dados. Em AC, pelo contrário, 1 informante utilizou *nós*, 4 *a gente* (3 informantes apresentaram 50% para *nós* e *a gente*). Nesse caso, o estilo de maior atenção de AC somado a natureza objetiva do discurso não condiciona o aparecimento do pronome *nós*, mas cria contextos de maior formalidade discursiva⁴⁰, em que o uso de *a gente* serve como uma alternativa para que o falante evite desvios gramaticais e não tenha que assumir para si as adversidades produzidas pelo o que foi exposto em seu desempenho.

5.1.4.4. Relação de proximidade entre os interlocutores

Uma tentativa de considerar a *relação de proximidade entre os interlocutores* foi proposta por Allan Bell (1984), na verificação do desempenhos dos apresentadores de rádio frente sua audiência. Perspectiva de análise semelhante pode ser aplicada à análise da AP com 1PP nas interações de AI e AC. Embora saibamos que todos os informantes do Banco de dados Iboruna compartilhem entre si as regras do PB falado no interior de São Paulo, não podemos afirmar que todos os informantes, considerados individualmente, apliquem essas regras da mesma maneira. Por isso, a verificação dessa variável se fundamenta em uma análise individual de cada interação, para que assim possamos, conforme defende Severo (2008), restringir nossas análises a um nível micro, de modo que consigamos identificar traços estilísticos que emergem somente na interação do informante com um determinado interlocutor.

Nossa análise parte da ideia de que a gravação de que o informante participa representa uma interação social que pode diferir de outros eventos comunicativos de sua vida diária e que pode ser avaliada pelo grau de proximidade com seu interlocutor. Enquanto em AC, a interação ocorre apenas entre dois interlocutores, de AI, participam de dois até cinco informantes num mesmo contexto dialógico, todos com vínculo familiar, de amizade ou profissional (prestação de serviço).

De modo geral, a hipótese é a de que contextos de maior proximidade entre os interlocutores favoreceriam a presença de *a gente*, enquanto os de menor/nenhuma proximidade, a de *nós*. Com base na tabela 30, os perfis sociais de AC e AI apresentam grau de

⁴⁰ Nesse caso, à formalidade discursiva, associamos a ideia de que quando os falantes estão inseridos em um ambiente de maior objetividade; em contato com terceiros desconhecidos ou em interações em que o conteúdo discursivo é polêmico, inconscientemente os informantes se colocam em uma posição de retaguarda assegurando para si todas as possibilidades linguísticas, gestuais e prosódicas para que tenham um melhor desempenho (exemplo: durante um debate político é comum que os falantes façam uso de formas linguísticas de maior polidez e mantenham o tom de voz em um nível mais assertivo como uma estratégia de convencimento de seu locutor ou para afirmar seu posicionamento).

familiaridade entre os interlocutores diferentes: (i) de 3/6 informantes de AC (072, 096, 126) têm familiaridade com o documentador, e 3/6 não (085, 128 e 144); (ii) de AI, apenas 1/7 informantes (009, Inf. 2) não apresenta familiaridade com seu interlocutor.

Nos **contextos de maior proximidade** entre os interlocutores, de 9 informantes que usam um dos pronomes de 1PP, 4 usam com mais frequência a variante *a gente*, 4, a variante *nós*, e 1 (Inf. 1 de AI-007) faz uso equilibrado das duas variantes, o que revela um certo equilíbrio na distribuição dos informantes para esse fator.

Os casos de *a gente* em contextos de maior proximidade podem estar associados a questões puramente contextuais, além disso, o próximo fator investigado, *grau de controle da formalidade*, também se mostrou fortemente relacionado a esse, pois observamos que quanto maior o grau de proximidade, menor o grau de formalidade e quando menor o grau de proximidade, maior a formalidade.

Os resultados do controle dessa variável estão expostos na tabela 30, dada a seguir.

Tabela 30: Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *relação entre informantes* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Relação entre falantes/ Variáveis		MAIOR PROXIMIDADE		MENOR/NENHUMA PROXIMIDADE	
		NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE
1 Fem 26-35a EFII > 5 SM	AI-009 Inf.2	0	0	66,7% (4/6)	33,3% (2/6)
	AC-072	8,7% (2/23)	91,3% (21/23)	0	0
2 Masc 26-35a Sup 6-10 SM	AI-010 Inf.1	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)		
	AC-085	0	0	13,3% (2/15)	86,7% (13/15)
3 Fem 36-55a EF1, > 5 SM	AI-003 Inf. 1	75% (3/4)	25% (1/4)	0	0
	AC-096	4,8% (1/21)	95,2% (20/21)	0	0
4 Fem +55a EF1 6-10 SM	AI-002 Inf. 1	38,5% (5/13)	61,5% (8/13)	0	0
	AI-007 Inf.1	50% (2/4)	50% (2/4)	0	0
	AC-126	57,1% (4/7)	42,9% (3/7)	0	0
5 Fem +55a EF1 > 5 SM	AI-002 Inf. 2	83,3% (5/6)	16,7% (1/6)	0	0
	AC-128	0	0	23,3% (7/30)	76,7% (23/30)
6 Fem +55a EM > 5 SM	AI-004 Inf. 2	77,8% (7/9)	22,2% (2/9)	0	0
	AC-144	0	0	18,5% (15/81)	81,5% (66/81)

Fonte: elaborado pelo autor.

Para exemplificarmos essa primeira hipótese, se avaliarmos as condições de coleta das gravações referentes ao perfil social 1, verificamos que a informante de AC-072 encontra-se um ambiente de menor formalidade, caso oposto da Inf. 2 de AI-009, como mostra o quadro 24.

Quadro 24: Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 001

AC-072	AI-009
<p>Local de gravação: Casa do Entrevistador</p> <p>Características dos informantes: “A informante trabalha na casa do entrevistador há 4 anos.”</p> <p>Contexto da interação: “A informante mostrou-se muito disposta em colaborar com a pesquisa e foi muito cooperativa no momento da entrevista, tendo ficado completamente à vontade.”</p>	<p>Local de gravação: Tanabi – São Paulo</p> <p>Data da gravação: 23/05/2006</p> <p>Características dos informantes: “São 2 os informantes, sem a presença do documentador, dois jovens, um deles advogado e a outra a cliente.”</p> <p>Contexto da interação: “O contexto de interação é de informalidade média, pois se trata de uma conversa entre o advogado e sua cliente. O ambiente é a sala do escritório do advogado.”</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme o quadro 24, em AC-072, documentador e informante tem forte relação interpessoal, e a gravação foi realizada na casa do documentador, ambiente de trabalho da entrevistada, situação comunicativa que favorece o uso da variante *a gente*, pois o contexto de interação favorece o aparecimento de formas mais cotidianas, principalmente pela relação de proximidade entre os participantes. De modo contrário, AI-009 é um caso típico de menor/nenhuma proximidade entre os interlocutores e de ambiente de gravação não familiar a um deles (a Inf. 1): a inf. 1 é mulher, dona de casa, de baixo nível de escolaridade e de renda, ao passo que seu interlocutor é homem, advogado, de alto nível de escolaridade e renda, e a gravação ocorre no escritório de advocacia. Esses perfis sociais díspares parecem justificar o fato de, nessa variante de menor/nenhuma proximidade, apenas essa informante recorreu mais ao uso de *nós* do que de *a gente* (66,7%), enquanto, para os demais informantes representados nessa mesma variante (todos de AC), a frequência de *a gente* é superiormente mais elevada (86,7% para o inf. de AC-085, 76,7%, para a inf. de AC-128, e 81,9%, para a inf. de AC-144). Assim, a hipótese de que a menor/nenhuma proximidade entre os informantes favoreceria o aparecimento de *nós* não se cumpriu totalmente. A justificativa mais plausível para esses resultados é de que, de fato, o uso de *a gente* é também uma característica da formalidade do contexto, seja por restrições do ambiente da interação seja pela relação de pouco intimidade entre os interlocutores.

Também há disparidade entre os informantes de AC e AI que compõem do perfil social 2 (Inf. de AI-010 e de AC-085), no que se refere ao grau de familiaridade entre eles e seus interlocutores, conforme se pode observar no quadro 25 dado a seguir.

Quadro 25: Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 002

AC-085	AI-010
<p>Local de gravação: Sala do departamento de Estudos Linguísticos e Literários</p> <p>Data da gravação: 18/05/2005</p> <p>Características dos informantes: O informante é esposo de uma das informantes, que é secretária da associação docente de que o entrevistador é tesoureiro.</p> <p>Contexto da interação: “O informante se mostrou bem disposto a fazer a gravação, mas se mostrou um tanto preocupado com o conteúdo da sua entrevista.”</p>	<p>Local de gravação: Tanabi – São Paulo</p> <p>Data da gravação: 03/09/2006</p> <p>Características dos informantes: “São 2 os informantes, dois advogados, um deles, irmão do documentador e o outro, sócio do escritório do primeiro. Os dois se conhecem há mais de 10 anos e desde então são sócios. Nenhum dos dois sabe da gravação.”</p> <p>Contexto da interação: “O contexto de interação é de média informalidade, pois, ainda que em ambiente de trabalho e sobre assunto jurídico, são duas pessoas hierarquicamente semelhantes, com alto grau de amizade.”</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme informações do quadro acima, há entre os interlocutores de AI-010 relação de proximidade (os dois são amigos e sócios num escritório de advocacia e de mesma idade) e, entre o documentador e o informante de AC-085, há um maior distanciamento (o informante é trabalhador dos correios, com idade entre 26 a 35 anos e renda de 6 a 10 SM; o documentador é professor universitário, com idade entre 36 e 55 anos e renda de 11 a 24 SM). Essa disparidade na relação interlocutiva pode justificar a diferença de uso das variantes de IPP por esses dois informantes: enquanto o informante de AI usa mais frequentemente *nós* (33,3%) do que o de AC (12,3%), o uso de *a gente* é mais frequente para este (86,7%) do que para aquele (66,7%). Embora os dois ambientes de coleta possam ser considerados formais (universidade para o informante de AC e escritório de advocacia, para o de AI), para o informante de AI ele é familiar, mas para o de AC, não, fato que pode ter refletido na tensão que representou para este a situação de gravação, conforme informações constantes no quadro 25 (o informante se mostrou disposto, mas preocupado com seu desempenho na entrevista).

Por fim, também registramos contextos de interação em que tanto AC como AI apontaram índices de maior aproximação entre os interlocutores. No perfil social 3, composto pelo informante de AC-096 e pelo inf. 1 de AI-003, todos os interlocutores das duas amostras apresentaram relação de parentesco, conforme informações no quadro 26.

Quadro 26: Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 003

AC-096	AI-003
<p>Local de gravação: A própria casa da informante Data da gravação: 26/02/2005 Características dos informantes: “A informante é minha tia – avó” Contexto da interação: “A escolha foi da própria informante.”</p>	<p>Local de gravação: São José do Rio Preto Data da gravação: 18/02/2006 Características dos informantes: “São todos parentes. A inf-1 é irmã e a inf-2 é tia do documentador.” Contexto da interação: “O contexto de interação refere-se a uma conversa após o almoço, ocorrida no quintal da casa da mãe do documentador.”</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

Embora o ambiente de gravação e a relação de proximidade entre os interlocutores sejam favoráveis ao aparecimento de formas linguísticas mais coloquiais, para a informante de AI-003 prevalece o uso de *nós* (75%) e, para a de AC-096, o uso de *a gente* (95,2%), quando nossa hipótese previa resultado contrário dada o grau de monitoramento da fala em um e outro tipo de amostra. Para os demais perfis sociais (4, 5 e 6), contextos de maior familiaridade entre os interlocutores parecem manter tendência de informantes de AI preferirem usar mais *nós*, e de AC, mais *a gente*, à exceção da inf. 2 de AI-002 (perfil 4), que empregou mais *a gente* do que *nós*.

Diante desses resultados, é razoável concluir que, em contextos de maior relação de proximidade entre os interlocutores não há preferência por uma das formas pronominais de 1PP, fato que corrobora a ideia de que não há mais diferença de valor social entre *nós* e *a gente*, ou seja, ambas as formas podem e são utilizadas nos diversos contextos de interação (de maior ou menor familiaridade entre os interlocutores).

5.1.4.5. Grau de formalidade do contexto discursivo

Em nossa pesquisa, por se tratar de uma análise do desempenho linguístico de perfis sociais individuais, não nos parece viável categorizar AC e AI como duas amostras com características estilísticas bem definidas quanto ao grau de formalidade, mas como dois contextos de interação que se distribuem por graus contínuos de formalidade no uso de padrões linguísticos. Diante disso, consideramos que o grau de formalidade se constitui a partir das características da situação específica de interação entre os interlocutores, principalmente seus papéis sociais e o espaço (ambiente) da interação, conforme destacado por Labov em suas pesquisas na ilha de Martha’s Vineyard e nas lojas de departamento de Nova York. Por isso, assim como Hora (2014), acreditamos que essas características podem influenciar a conduta

linguística dos falantes. Como exposto no capítulo de metodologia deste trabalho, os diferentes graus de formalidade são definidos como já mostrados em (31) e aqui repetido em (79), por conveniência.

(79) Grau de formalidade⁴¹

a) **maior grau de formalidade:** quando, no desempenho individual, é possível perceber, traços de maior polidez, palavras menos cotidianas, metafóricas ou de múltiplos sentidos; estruturas complexas (subordinação); tempos verbais menos comuns (pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo); temas polêmicos que levam os falantes a discussões e argumentações mais conceituais; ambientes institucionais (trabalho ou faculdade) ou contato com desconhecidos.

b) **médio grau de controle da formalidade:** quando, no desempenho individual, é possível perceber, por exemplo, traços de formalidade representados pelo uso de tempos verbos mais comuns (presente, perfeito, imperfeito), de estruturas complexas (subordinadas), de vocábulos menos usuais ou técnicos; de padrões e estruturas comumente utilizadas no cotidiano, temas envolvendo certa afetividade por parte do falantes (relacionamento amoroso, familiar, mas, também, de trabalho, estudo ou assuntos de maior problematização).

c) **menor grau de controle da formalidade:** quando, no desempenho linguístico dos falantes, é possível perceber certos traços de maior afetividade: palavras mais cotidianas, menos prestigiadas pelo padrão normativo, ou de cunho pejorativo ou ofensivo (brincadeira entre amigos); padrões ou estruturas simples (orações e períodos curtos); estruturas verbais mais comuns (presente, pretérito perfeito ou imperfeito, futuro [ir + infinitivo]); temas relacionados a interatividade social (bar, festas, reuniões de amigos, futebol ou fatos passados); ambientes não institucionais (casa de amigos ou cônjuge, rua, bar, lanchonete) ou contado com conhecidos.

Com isso, a hipótese para essa variável era a de que quanto mais alto o grau de formalidade, maior a probabilidade do aparecimento de formas mais próximas aos padrões gramaticais (*nós*), ao passo que, quanto mais baixo o grau de formalidade, maiores as chances de aparecimento de *a gente*. O resultado para essa variável é o mostrado na tabela 31.

⁴¹ Confira nota 37.

Tabela 31: Frequência de *nós* e *a gente* para a variável *controle linguístico* nos desempenhos linguísticos individuais dos informantes de AC e AI

Controle linguístico/ Variáveis		ALTO GRAU DE FORMALIDADE		MÉDIO GRAU DE FORMALIDADE		BAIXO GRAU DE FORMALIDADE		
		NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE	
Perfil social/ Amostra								
1	Fem 26-35a EFII	AI-009 Inf.2	0	0	66,7% (4/6)	33,3% (2/6)	0	0
		AC-072	0	0	0	0	8,7% (2/23)	91,3% (21/23)
2	Masc 26-35a Sup	AI-010 Inf.1	0	0	33,3% (1/3)	66,7% (2/3)	0	0
		AC-085	0	0	13,3% (2/15)	86,7% (13/15)	0	0
3	Fem 36-55a EF1,	AI-003 Inf. 1	0	0	0	0	75% (3/4)	25% (1/4)
		AC-096	0	0	0	0	4,8% (1/21)	95,2% (20/21)
4	Fem +55a EF1	AI-002 Inf. 1	0	0	0	0	38,5% (5/13)	61,5% (8/13)
		AI-007 Inf.1	0	0	0	0	50% (2/4)	50% (2/4)
		AC-126	0	0	57,1% (4/7)	42,9% (3/7)	0	0
5	Fem +55a EF1	AI-002 Inf. 2	0	0	0	0	83,3% (5/6)	16,7% (1/6)
		AC-128	0	0	0	0	23,3% (7/30)	76,7% (23/30)
6	Fem +55a EM	AI-004 Inf. 2	0	0	0	0	77,8% (7/9)	22,2% (2/9)
		AC-144	0	0	0	0	18,5% (15/81)	81,5% (66/81)

Fonte: elaborado pelo autor.

Como mostram os resultados da tabela acima, sobre a formalidade dos contextos de interação envolvendo os informantes dos seis perfis sociais, destacamos: (i) o envolvimento de 4 informantes em contextos com grau médio de formalidade; (ii) o de 9 informantes, em contextos com grau baixo de formalidade; (iii) nenhum deles envolvidos em contextos com grau alto de formalidade, em razão da tentativa de sempre atuante de amenizar o paradoxo do observador, conforme metodologia para a coleta das entrevistas (GASPARINI-BASTOS; GONÇALVES, 2004); (iv) dentre de um mesmo perfil social, caso dos perfis 1 e 4, os informantes estão envolvidos em contextos com graus diferentes de formalidade. Em vista de nenhum informante estar inserido em contextos de alto grau de formalidade, a expectativa, então, passa a ser de que contextos de grau médio favoreceriam mais o aparecimento de *nós*, e contextos de grau baixo de formalidade favoreceriam mais o aparecimento de *a gente*.

Para a variante *grau médio de formalidade*, 2 informantes (Inf. 2 de AI-009 e Inf. de AC-126) dos perfis sociais 1 e 4 utilizaram mais frequentemente *nós* e dois (Inf. 1 de AI-010 e de AC-085) do perfil 2, mais *a gente*. Esses números indicam que nos contextos de grau *médio*

de formalidade as duas variantes podem ocorrer naturalmente, justamente por serem elementos já desprovidos de valores de prestígio ou estigma.

Para o fator *grau baixo de formalidade*, a hipótese de que o uso da variante *a gente* seria maior se confirmou. Nos dados da tabela 31 registramos: (i) 3 informantes de AI com perfis sociais diferentes (003, 002-Inf.2, e 004) fizeram uso mais frequente de *nós*, com frequência entre 75% e 83%; (ii) 4 informantes de AC (072, 096, 128 e 144) e apenas 1 de AI (002 - Inf. 1) utilizaram mais *a gente*, com frequência entre 76% e 95%; (iii) apenas um informante de AI (007- Inf 1) usou de modo equilibrado as duas variantes. Esses resultados apontam que, em interações de menor grau de formalidade, os falantes realmente parecem não se preocupar com a escolha da variante considerada padrão, justamente porque a maior parte dos casos está associada a contextos dialógicos em que os informantes estão mais envolvidos com o tema do que com a forma como falam, favorecendo o uso de *a gente* e de outros elementos mais distantes da norma culta do PB.

Considerando o grau de monitoramento dos ambientes de gravação, podemos admitir que o comportamento dos informantes se altera conforme as configurações da interação que ocorre entre eles. Para caracterizarmos essas diferenças, podemos, antes de tudo, observar a disposição do local da gravação, os participantes e a presença de terceiros (inclusive a do documentador). As informações expostas nos três quadros dados a seguir são resultados de uma análise da descrição feita pelos próprios documentadores e que compõem a documentação linguística das amostras do banco de dados Iboruna. Para ilustrarmos esses contextos, apresentamos trechos que exemplificam nossos apontamentos, mas ressaltamos que nossa categorização não se restringe ao que está apresentado a seguir; os exemplos apenas representam alguns dos aspectos considerados para a classificação das ocorrências em baixo, médio ou alto grau de formalidade.

Quadro 27: Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 004

AI-002 - Inf. 1 (80)	AI-007 - Inf.1 (81)	AC-126 (82)
<p>Baixo grau de formalidade. Gravação realizada na frente da casa de uma das informantes. Durante a interação, observa-se o uso de marcadores discursivos (p.ex., “né” e “aí”), que podem ser considerados elementos discursivos característicos de fala com menor formalidade. Além disso, a informante faz pouca concordância verbal e nominal e usa constantemente expressões típicas da oralidade (“poh”, “caramba”) e com sentidos alterados (“pra olhar” = cuidar).</p>	<p>Baixo grau formalidade. Gravação realizada em ambiente familiar da própria informante. Ocorrem usos de expressões menos formais, típicas de maior relação de proximidade entre os interlocutores (p. ex.: “bichinho” e “veinha” (com valor afetivo). Outra característica que contribuem para a menor atenção da informante são os temas da interação dialógica, que, em sua maioria, retratam o cotidiano (doença, futebol encontro, baralho).</p>	<p>Grau médio de formalidade. Ainda que, na entrevista apareçam períodos mais simples e pouca concordância verbal, as respostas às perguntas do documentador eram curtas, simples e objetivas, o que decorre de um sentimento de insegurança ou de tensão da entrevistada, pois no áudio percebe-se ela estava monitorando seu desempenho, principalmente pelo modo como os fatos eram narrados.</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

(80) Ocorrência que ilustra grau baixo de formalidade em AI-002

Inf.1.: nossa mas o que ela achá(r) na frente ela ela

Doc.: (inint.) tinha que tê(r) respondido ⁵⁰[num tá trabalhan(d)o de graça]

Inf.1.: ⁵⁰[*MOEDINHA* dona I.] *moeEda moEda* moeda de ovo que a gente paga ovo lá pa minha mãe... de dois e cinqüenta... ela pega... não te/ cê num sabe onde guardá(r) moeda mais

Doc.: conta a história ⁵¹[conta a história conta a história dos bombom] ((rindo))

(AI-002; Inf. 1; L. 268-273)

(81) Ocorrência que ilustra baixo grau de formalidade em AI-007

Inf.1.: ah lá ele tá no portão *óh* tá aqui *óh* no meu *óh*

Inf.2.: 1[de(i)xa e::le]

Inf.1 1[na hora] que ele fô(r) embora nós vamo(s) sentá(r) lá fora um po(u)co...2[tá lo(u)co]

Doc.: 2[ele tá olhan(d)o] os *bichi::nho*

Inf.1.: ai num acredito tá... ele faz isso A. daqui a po(u)co ele vai chamá(r) e/ encosta essa porta aí

Inf.2.: não:: de(i)xa chamá::(r) (inint) num faz mal *pa* ninguém (inint.)

Inf.1.: normal me(s)mo

(AI-007; L. 1-10)

(82) Ocorrência que ilustra grau médio de formalidade de AC-126

Doc.: tá certo... e assim a gente costuma entrevistá(r) né? e todo mundo conta é quem é [casado] 1[Inf.: sei] né? como é que foi o encontro com o mari::do... e você como conheceu seu esposo?

Inf.: olha... o meu/ eu conheci o meu esposo numa/ num... barzinho... né?... e:: eu/ tava eu uma irmã d'um cunhado meu né?... a gente às vezes saía junto e o noivo dela... e ele sentô(u) na mesa junto c'o irmão dele e nós começamo(s) a paquerá(r)... isso foi éh:: dia prime(i)ro de maio de setenta e sete... né?... começamo(s) a namorá(r)... e no::/ no dia seis de/ de maio de setenta e oito nós casamo(s)

Doc.: ah foi bem rá2[pido]
 Inf.: 2[foi ra]pidinho... foi rapidinho sim
 Doc.: tá certo (o)brigada
 Inf.: de nada

(AC 126; L. 45-55)

Quadro 28: Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 005

AI-002 - Inf. 2 (83)	AC-128 - Inf. 1 (84)
<p>Baixo grau de formalidade. A gravação foi realizada na calçada de uma das informantes e durante a interação podemos observar o uso de marcadores discursivos: “né” e “ai”, que podem ser considerados elementos discursivos característicos do discurso oral, portanto, de menor formalidade. Além disso, a informante faz pouca concordância verbal e nominal, mas faz usos constantes de expressões típicas do discurso oral (“poh”, “caramba”) e expressões com sentidos alterados (“pra olhar” = cuidar).</p>	<p>Baixo grau de formalidade. Na gravação notamos que a informante fez uso excessivos de marcadores discursivos: “ai”, “né”, “sabe?” e “então né?”), elementos típicos da linguagem coloquial e da modalidade oral. Além disso, constatamos várias estruturas de repetição, típicas de uma linguagem mais fluida e, portanto, mais natural (“ai vai né, vai, vai, vai [...]”). Além do mais, a informante fez uso de estrutura menos complexas, períodos simples e os temas narrados, na maior parte dos casos, eram histórias de sua vida pessoal (nascimento de seus filhos) ou casos que ela presenciou (dois acidentes de carro com vítimas fatais).</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

(83) Ocorrência que ilustra grau baixo de formalidade de AI-002

⁴³[a::i ela tem um amor:: pelo amor de Deus] ⁴³[Inf.2: (inint.) tem dó] eu falo tem hora que a gente fala assim –“vamos chegá(r) nela”– mas ela é uma menina tão amorosa *sabe?*... só que ela FAZ assim ela é amoROsa num ponto mas tu::do que ela faz pa gente é na base do cobrado

Inf.2.: *ah sei...* ela tem muito amor... ⁴⁴[eu sei aonde]

Inf.1.: ⁴⁴[ela tem uma coisa] ⁴⁵[por dinhe(i)ro ela tem um/um vício] ⁴⁶[um/uma doença... mas num qué(r) trabalhá(r) né?]

(AI 002; Inf. 1; L. 241-247)

(84) Ocorrência que ilustra grau baixo de formalidade de AC-128

Doc.: ((risos)) mas depois no o(u)tro dia a senhora frita ela que tam(b)ém fica uma delícia ((risos))

Inf.: *ai::* pra fritá(r) eu num sei se fica bom porque *vai* a cebo::la *vai...* diz que pra fritá(r) num pode tê(r) tempero 9[nenhum né?]

Doc.: [ah::] minha mãe frita quando sobra assim ela... fica gostoso

Inf.: bom embora diz que tem o molho do cachorro-quente também [Doc.: ham] que todo mundo fala... tem uma festinha –“ah não chama a tia pra fazê(r) o cachorroquente”–

(AC 128 – L. 281-287)

Quadro 29: Ambiente de gravação das entrevistas do perfil social 006

AI-004 - Inf. 2 (85)	AC-144 (86)
<p>Baixo grau de formalidade. Durante a interação, é possível observar que o tema influenciou o desempenho da informante, pois se trata de lembranças de seu passado. No áudio, é possível perceber que a informante dá ênfase a certas avaliações de conteúdo (p. ex., “aaaaah que gostoso”), aumentando ou diminuindo o tom da voz. Além disso, a informante fez uso de construção mais distantes das normas gramaticais (falta de CV), uso de períodos simples e uso excessivo de marcadores discursivos (ex.: né?).</p>	<p>Baixo grau formalidade. No primeiro contato, a informante se recusou a conceder a entrevista. No dia combinado com a documentadora, ela estava se sentindo mal, mas preferiu contribuir com o projeto mesmo assim. Por estar se sentindo mal (dor de cabeça), é provável que a informante não tenha dedicado atenção ao seu modo de fala. Em seu desempenho, a informante faz pouca concordância verbal, usa marcadores discursivos e períodos simples.</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

(85) Ocorrências que ilustram grau baixo de formalidade de AI-004 e AC-144

Doc.2.: dona D. que gostava de mudá(r)

Inf.1.: *EU GOSTAVA* mas a minha professora nossa foi 10[baca::na (lá de Palesti::na)]

Inf.2.: 10[a:: mas professor aquela época era o(u)tra coi::sa né?]

Inf.1.: *E::LA senTA::va...* ela por::/ punha::... é::... eu *aQUI* meu irmão *aQUI*... e ela sentava na o(u)tra carte(i)ra e ali óh::... ela ficava... explican(d)o... –“mas cês num sabe fazê(r) isso?”– nós falava assim –“não”– ... e aí óh:: negócio de Aritmética que:: te::m de porcentagem *NÓS NUM SABIA NADA DAQUI::lo de 11[porcenTA::GEM... de nada]*

(AI 004 – L. 59-66)

(86) Ocorrências que ilustram grau baixo de formalidade de AC-144

Doc.: como a senhora descobriu que tinha essa lesão cerebral?

Inf.: um dia eu fui (fazê(r)) um:: um eLEtro

Doc.: assim:: exames assim de rotina?

Inf.: exames de roti::na... eu tinha muita dor de cabe::ça assim dores de cabeça que HOje eu considero NORMAL que muitas pessoas têm dores de cabeça TODOS os dias... [Doc: eh] e num têm uma doença gra::ve... eu 30 acho que ((ruído)) uma dor de cabe::ça (proveniente) de alguma o(u)tra::... de alguma o(u)tra coisa qualqué(r) que os médicos na época num tinha como descobrí(r)... que com o tem::po... né? foram surgin(d)o dor de cabeça por motivo articula::r dores de cabeça de colu::na essas coisa assim que foram sen(d)o estuDAdas né?... eu creio que foi i::sso... que aí eu procurei um/ um neurologista que explicô(u) o que AQUEla minha dor de cabe::ça e aquela lesão que dava no eletro...

(AC 144 – L. 25-36)

Por fim, com base nas ocorrências apresentadas anteriormente, frizamos que o grau de monitoramento se altera conforme o contexto de interação em que o informante está inserido, o que torna possível considerarmos que algumas características discursivas, como as apresentadas nesse capítulo, moldam o desempenho do informante, de modo que a cada ambiente um novo estilo/desempenho é criado.

Por essa razão, os resultados apresentados em nossa análise corroboram a ideia de que o estilo linguístico se define em contínuo de correlação entre fatores de ordem social, linguística e discursiva. A exemplo do fenômeno variável investigado nesta dissertação, a inclusão de variáveis discursivas, como as aqui consideradas, entre fatores condicionantes podem tornar mais completa a descrição de diferentes fenômenos variáveis do PB, contribuindo, assim, com o avanço desse campo de pesquisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas fundamentações sociolinguísticas (LABOV, 1972; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; MOLLICA; BRAGA, 2003), nos estudos sobre variação estilística/discursiva (HORA, 2014; GÖRSKI et. al., 2014; FREITAG, 2009) e sobre estilo (LABOV, 1972; ECKERT, 1989; 2005; 2012), o presente trabalho teve como objetivo investigar a variação pronominal entre *nós* e *a gente* em interações dialógicas estilisticamente diferentes que compõem o banco de dados Iboruna, sob a hipótese de que contextos de interação com menor atenção à fala (AI) favoreceriam o uso da variante inovadora *a gente*, e os de maior atenção (AC), o uso de *nós*. Investigamos se o grau de monitoramento que emerge das diferenças estilísticas/discursivas das duas amostras (AC e AI) do banco de dados influenciariam a escolha de algum dos pronomes de 1PP (*nós* ou *a gente*).

Como parte da metodologia da pesquisa, caracterizamos estilisticamente as duas amostras do banco de dados, AC e AI, tomando como critério principal, mas não único, o grau de monitoramento da fala por parte do informante, e procedemos ao pareamento de perfis sociais dos informantes de AC e de AI, de modo que pudéssemos obter um conjunto de dados comparáveis produzidos por falantes de mesmos perfis sociais das duas amostras. Os dados coletados foram submetidos aos pacotes estatísticos do programa *Goldvarb* e, posteriormente, os resultados obtidos para AC e de AI foram analisados e comparados com resultados de estudos de comunidade já realizados anteriormente.

Por se tratar de uma análise comparativa entre duas amostras estilisticamente diferentes, investigamos variáveis linguísticas e sociais que já se mostraram pertinentes em estudo da AP de 1PP realizado para a variedade falada do interior paulista, com foco na comunidade de fala (RUBIO, 2012). Embora nossos resultados tenham sido satisfatórios, a metodologia imposta ao trabalho interferiu na quantidade de dados recolhidos, nos impedindo de aplicar com rigor o método estatístico comumente empregado em estudos de fenômenos variáveis, o que exigiu certa cautela na interpretação dos resultados estatísticos, que foram apresentados apenas em termos de proporção (ou porcentagem), mas não de peso relativo para cálculos probabilísticos. Assim, procuramos analisar os resultados mais qualitativa do que quantitativamente, considerando a frequência de uso apenas como indícios de tendências.

O pareamento dos perfis sociais partiu daqueles encontrados em AI que encontravam correspondentes em AC e que, de fato, apresentavam variação no uso das alternantes pronominais de 1PP. Ao final, foram selecionados das duas amostras seis perfis sociais, mais

concentrados em torno das variantes: *feminino* (11/13 informantes, com 6 de AI e 5 de AC), *mais de 55 anos* (7/13 informantes, com 4 de AI e 3 de AC), *1º. ciclo do ensino fundamental* (7/13 informantes, com 4 de AI e 3 de AC) e *renda familiar de até 5 salários mínimos* (8/13 informantes, com 4 de AI e 4 de AC). A variável renda familiar, embora usada no pareamento dos informantes, foi excluída das análises, porque também não tem sido considerada nos estudos sociolinguísticos da variedade do interior paulista.

Como resultado geral, constatamos que, contrariamente ao estabelecido em nossa hipótese de investigação, os informantes de AI, imersos em contextos de menor monitoramento da fala, empregam mais recorrentemente a variante *nós* (60%), por *nós* prevista inicialmente como variante padrão, enquanto os de AC, contexto de maior monitoramento da fala, usam majoritariamente *a gente* (83,9%), variante considerada inovadora.

Das variáveis linguísticas formais investigadas, *paralelismo linguístico*, *saliência fônica verbal*, *tempo/modo verbal* e *função sintática*, num balanço geral, nossa conclusão é de que seus efeitos na investigação do estilo não difere daqueles já observados em estudos de comunidade de fala, o que significa que a diferença estilística das amostras é pouco relevante diante da atuação dessas variáveis. Os resultados, para essas variáveis, nos permitiram: (i) a confirmação da tendência geral, nas duas amostras, de manutenção do princípio de que marca leva à marca, ou seja, de que *nós* e *a gente* explícitos em contexto anterior levam à escolha dos mesmos pronomes em contexto posterior, sendo raros os casos de um pronome escolhido no contexto anterior alternar-se para o outro; (ii) a confirmação da tendência geral, nas duas amostras, de grau máximo de saliência fônica dos verbos associar-se a *a gente* e graus mais baixos, à *nós* ou a qualquer das duas variantes, sem diferença relevante entre elas; (iii) a confirmação parcial da tendência geral, nas duas amostras, de *a gente* ocorrer mais com formas verbais de presente e de pretérito; em casos de neutralização dos morfemas de passado e de presente, o pronome *nós* ocorre mais associado à desinência verbal de 1PP (-mos), e *a gente*, à de 3PS; (iv) a confirmação da tendência de AP ocorrer majoritariamente associada à função sintática de sujeito.

Como variáveis semântico-discursivas, foram controlados: *grau de determinação do sujeito*; *sequência discursiva*; *tópico discursivo*; *relação entre falantes* e *grau de formalidade*, sob a expectativa de que essas variáveis fossem mais reveladoras da correlação com os estilos das duas amostras do que variáveis estruturais e sociais. No balanço geral, apenas a variável *grau de determinação do sujeito* e *tópico discursivo* comprovam que o grau de monitoramento da fala (estilo) é fator também a ser considerado no estudo da AP de 1PP. Os resultados revelam:

(i) a confirmação da hipótese de que o aumento gradual da especificação do referente pronominal favorece o uso da variante conservadora, com referentes específicos e definidos mais associados ao uso de *nós*, e referentes mais genéricos e indefinidos, ao de *a gente*, havendo, nesses casos, indiferença dos padrões de estilo de fala mais e menos monitorados; (ii) pouco efeito dos estilos da gravação no controle da variável *sequência discursiva*, embora tenhamos confirmado correlações já previstas entre a maioria das sequências discursivas e as variantes pronominais (sequências injuntivas está para o uso de *nós/a gente*; expositivas e argumentativas, para o uso de *a gente*), outras correlações, no entanto, não se confirmaram (sequências narrativas, para o uso de *nós*; e descritivas, para o uso de *a gente*); (iii) o cumprimento parcial da expectativa de que *tópicos discursivos* mais objetivos estivessem mais associados ao uso de *a gente* e os de teor mais subjetivo, ao uso de *nós*, uma vez que os resultados mostraram que a objetividade do tópico é indiferente à escolha do pronome, mas a subjetividade, de fato, leva mais à escolha de *a gente*, variante menos formal, do que de *nós*; (iv) a não verificação da hipótese de que contextos de maior proximidade entre interlocutores favoreceriam a presença de *a gente*, e os de menor/nenhuma proximidade, a de *nós*; os resultados mostram que, em interações de maior proximidade entre os interlocutores e de menor monitoramento da fala (AI), o uso de *nós* prevalece sobre o de *a gente*, e que, em contextos de menor/nenhuma proximidade e de maior monitoramento da fala (AC), a escolha pode recair tanto sobre *a gente* quanto sobre *nós*, o que mostra que a variante *a gente*, como inovadora, é também característica de contextos de maior formalidade; (v) para *grau de formalidade* (analisado em função do contexto específico de interação, e não, necessariamente, dos tipos de amostras), a hipótese de que a variante *nós* seria empregada em contextos mais formais e, *a gente*, em contextos menos formais, confirmou-se parcialmente, uma vez que os resultados mostram que, no grau médio de formalidade, as duas variantes ocorrem igualmente, e, no grau mais baixo, a escolha recai sobre *a gente*, não tendo sido verificado contextos de alto grau de formalidade.

Resultados para o controle de variáveis sociais contribuíram pouco com esse estudo, em razão das restrições metodológicas impostas à investigação, as quais, como já apontado, restringiram a quantidade de dados e, por consequência, uma distribuição mais equilibrada dos dados por entre as variantes das variáveis sociais. Mesmo diante dessas restrições, testamos nossas hipóteses para essas variáveis e procedemos à comparação dos resultados da investigação do estilo aos do estudo da comunidade de fala (RUBIO, 2012), tendo sido possível constatar as seguintes tendências: (i) na escolha das variantes pronominais, homens são

indiferentes ao maior ou menor grau de monitoramento da fala, usando com mais frequência a variante *a gente*, ao passo que, entre as mulheres, há tendência de uso de *nós*, em estilo menos monitorado (AI) e de *a gente*, em estilo mais monitorado (AC), contrariando a hipótese clássica e também o resultado do estudo da comunidade de fala, no qual se verifica que as mulheres empregam mais *nós* do que *a gente*; (ii) na análise da variável *faixa etária*, o estilo de fala é relevante para falantes das duas faixas etárias mais velhas, com os de AC preferindo *a gente* e os de AI, preferindo *nós*, resultado que confronta os resultados da comunidade de fala, por meio dos quais se constata que *a gente* prevalece na fala de indivíduos das faixas etárias extremas, e *nós*, na dos de faixa etária intermediária (36 a 55 anos); (iii) no que respeita à análise da escolaridade, o efeito do estilo é mais perceptível entre os informantes do EF II e do EM, que usam mais *a gente* em fala mais monitorada, e *nós*, em fala menos monitorada, ao passo que informantes do EFI e Ensino Superior são indiferentes ao estilo de fala, os primeiros usando mais *nós* e os segundos, mais *gente* nas duas amostras consideradas; esses resultados confirmam apenas em parte os resultados do estudo de comunidade de fala, que correlaciona a variante *nós* a grupos de informantes com mínima e máxima escolaridade, e *a gente*, a grupos de informantes com escolaridade intermediária (EFII e EM).

Diante de nossos resultados da AP de 1PP associada a estilos de fala mais e menos monitorados, e considerando o problema do *encaixamento* da variação na matriz linguística e social, o problema da *avaliação* dos usos variantes e o dos *fatores condicionantes* propostos por Weinreich, Labov e Herzog (1968), é possível afirmar que: (i) a variante inovadora *a gente* está completamente encaixada no sistema linguístico e social da variedade falada no interior paulista, tendo em vista que os resultados para as variáveis formais em nosso estudo não diferem daqueles alcançados para o estudo de comunidade de fala, o que, nos leva a supor também que, (ii) dadas as restrições de nossa investigação das variáveis sociais, a variante inovadora frente à conservadora já não possa ser mais usada como um indexador social; (iii) quanto à avaliação social, não é mais possível sustentar que haja diferença de *status* entre as variantes *nós* e *a gente*, como fomos guiados a acreditar durante a formulação de nossas hipóteses, tentando ajustar a variante *nós* aos conceitos de padrão, culta e prestigiada, e *a gente*, a não-padrão, coloquial e menos prestigiada socialmente; (iv) sobre os fatores condicionantes, a inclusão de variáveis discursivas na análise da AP de 1PP permitem conferir ao fenômeno uma abordagem sócioestilística nem sempre considerada nos estudos variacionistas.

Diante disso, nossos resultados sugerem que, mesmo o conceito de variante padrão, calcado em prescrições gramaticais, precisaria ser revisto, a depender do fenômeno variável em

análise, uma vez que constatamos que, diante de variáveis que controlam o grau de formalidade amparado por pistas linguísticas e sociointeracionais, parece não haver diferenças, constatação mais geral a que o trabalho Rubio (2012) também conduz.

O segundo ponto a destacar, nessas considerações finais, é a necessidade de estudos de variação estilística extrapolar o grau de monitoramento da fala, passando a incluir a interferência de outras variáveis discursivas, a exemplo das aqui analisadas, que, embora precisem de maior refinamento, serviram para colocar em destaque diferenças de uso das variantes pronominais que se apagam ou são minimizados em estudos de comunidade de fala. Em outras palavras, os resultados do estudo do estilo diferenciam empregos das variantes nem sempre captados por estudo de comunidade de fala. Assim como defende Eckert (2005), o estilo deve deixar de ser visto como mero ajuste que o indivíduo faz com relação ao uso de determinadas variáveis em dadas situações sociais e deve passar a ser compreendido como as maneiras como os falantes se comportam linguisticamente no contexto de interação, um vasto campo ainda a ser mais bem explorado.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, S. S. F. O embate norma popular/ norma culta/ norma padrão: implicações no trabalho com análise linguística para falantes do português rural afro-brasileiro. In: *III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino e I Colóquio de Linguística, Discurso e Identidade*. UESC, 2008
- BACK, A. C. P.; ROST, C. A.; MAGO, D. D.; FREITAG, R. M. Ko. Classificação das seqüências discursivas em entrevistas sociolinguísticas. In: 6º Encontro CELSUL - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2004, Florianópolis: UFSC. *Anais [...]*. Florianópolis, 2004.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico – o que é, como se faz*. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.
- BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*, Cambridge: Cambridge University Press, n. 13, v. 2, p. 145 – 204, 1984.
- BERLINCK, R. A. “Se outro amor surgir um dia, a valsa perde o ar”: um estudo sobre a variação (e mudança) da morfologia verbal em construções condicionais. *Guavira Letras*, Três Lagoas -MS, v. 15, n. 31, p. 88-107, 2019.
- BIAZOLLI, C. C. *Clíticos pronominais de São Paulo: 1880 a 1920: uma análise sócio-histórico-linguística*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Araraquara, 2010.
- BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de A Gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Tradução: Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BUESCU, M. L. C. *Monsanto, Etnografia e Linguagem*, Lisboa, 1961.
- COELHO, R. *É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010
- ECKERT, P. *Jocks and burnouts: Social categories and identity in the high school*. New York: Teachers College Press, 1989.
- ECKERT, P. *Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation*. Annual Review of Anthropology, 2012.

ECKERT, P. *Variation, convention and social meaning*. Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. *Palestra*. Oakland, 2005.

FERNANDES, E. A. *Nós x a gente: variação estável ou mudança em progresso?* In: SOARES, M. E.; ARAGÃO, M. S. S. (Ed.). XVI Jornada de Estudos Linguísticos. Fortaleza: UFC/GELNE. *Anais* [...]. Fortaleza, 1999. p. 331-334.

FERNANDES, E. Fenômeno variável: nós e a gente. In: HORA, D. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004. p. 149-162.

FERNANDES, E.; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos *nós e a gente*: um mecanismo do discurso em mudança. In: I Simpósio sobre a diversidade lingüística no Brasil, Salvador. *Atas* [...]. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, p.175-183.

FERNÁNDEZ, F. M. *Principios de Sociolingüística y Sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel Lingüística, 1998.

FERREIRA, J. S. *O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

FREITAG, R. M. Ko. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: GORSKI, E., COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. (ed.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014, p. 125-141.

FREITAG, R. M. Ko. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. Ko.; SEVERO, C. G. (ed.). *Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015, p. 17-74.

GASPARINI-BASTOS, S. D.; GONÇALVES, S.C.L. *Roteiro de entrevista do Projeto ALIP*. 2004.

GONÇALVES, S. C. L. et. al. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, S. C. L. Variação e gramaticalização de preposições em verbos de movimento. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; REZENDE, T. F. (org). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017. p. 95-129.

GONÇALVES, S. C. L.; RUBIO, C.F. Variação nos usos de primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA, D.P. (Org.) *Estudos linguísticos: gramática e variação*. 1. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2011, v. 1, p. 111-135.

GONÇALVES, S. C. L.; TENANI, L.E. Problemas teórico-metodológicos na elaboração de um sistema de transcrição de dados interacionais: o caso do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). *Gragoatá* (UFF), v. 25, 2008, p. 165-183.

GONÇALVES, S.C.L. Balanço crítico da Sociolinguística variacionista no estado de São Paulo e a proposição de uma frente programática de investigação. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n.1, 2012, p. 869-844.

GONÇALVES, S.C.L. *Banco de dados Iboruna: amostras do português falado no interior paulista*. 2007.

GONÇALVES, S. C. L.; TENANI, L. E. Problemas teórico-metodológicos na elaboração de um sistema de transcrição de dados interacionais: o caso do projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista). *Gragoatá*. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói: EdUFF, 2008

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. (Orgs.). *Variação estilística - reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. v.3. Florianópolis: Insular, 2014.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas Sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. (Orgs.). *Variação estilística - reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. V.3. Florianópolis: Insular, 2014.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E & HEINE, B. *A approaches to grammaticalization*, v.1 Amsterdan: Benjamins, 17-37, 1991.

HORA, D. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. (Orgs.). *Variação estilística - reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. V.3. Florianópolis: Insular, 2014.

HORA, D. WETZELS, L. A variação linguística as restrições estilísticas. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, p. 147-188, 2011.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1982.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Oxford: Wiley Blackwell, 2010.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factor*. Cambridge: Blackwell, 2001.

LABOV, W. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. v. 5, n. 9, 2007.

LABOV, W. *Sociolinguistique*. Paris: Minuit, 1976

LABOV, W. The social motivation of a sound change. *Word*, 1963, p. 273-309.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge: University Press, 2006 [1966].

LOPES, C. R. S. A gramaticalização de *a gente* em português em tempo real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, v. 4, n.1, p. 47-80, 2004.

LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

MACHADO, R. V. Abordagens sobre o estilo nos estudos variacionistas. In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2012, EDUFRN - Natal. *Anais [...]*. Natal, 2012.

MAIA, F. P. S. *A variação nós e a gente no dialeto mineiro: investigando a transição*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2003.

MAIA, F. P. S. A variação *nós/a gente* no dialeto mineiro: investigando a transição. *Revista da ABRALIN*, v.8, n.2, p.45-70, 2009.

MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2013.

MENDES, R. *O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte do português popular no interior da Bahia*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2007.

MENDONÇA, A. K. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MENON, O. P. S. ‘A gente’: um processo de gramaticalização. *Estudos Linguísticos*, n. 25, p. 622-628, 1996.

MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MUNIZ, L. On the Use of “a gente” in Brazilian Portuguese. *Independent Study*, Fall, 2007.

NARDELLI, A. J. S. Variação pronominal nós x a gente em interações dialógicas do interior paulista. 2017. Relatório de Iniciação Científica II – Universidade Estadual Paulista – UNESP, São José do Rio Preto, 2017.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2, 1999, p. 197-211.

NARO, A. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

NOGUEIRA, C. M. A. *Significados sociais da variação linguística em esquetes de rádio*. 2010. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2010.

O TEATRO MÁGICO. *Sintaxe à vontade*. Gravadora: Independente, 2003. Acesso: www.oteatromagico.mus.br

OLIVEIRA E SILVA, G. MACEDO, G. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A., RONCARATI, C.; MOLLICA, M. (Orgs.). *Variação e discurso*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.11-49.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. de C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

OMENA, N. P. A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural. In: NARO, A. J. et al.: *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986, p.286-319.

OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M.M.P. *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 309-323.

PEREIRA, S.M.B. *Gramática Comparada de a gente: variação no Português Europeu*. Lisboa, 2003. Dissertação (Mestrado em Gramática Comparada) – Universidade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo - USP, Lisboa, 2003.

PODESVA, R. J.; ROBERTS, S. J.; CAMPBELL-KIBLER, K. Sharing resources and indexing meanings in the production of gay styles. In: PODESVA, R. J. et al. (Ed.). *Language and sexuality: contesting meaning in theory and practice*. Stanford: CSLI Press, 2002. p.175–90.

RODRIGUES, A.C.S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. 1987. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 1987.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista - UNESP, São José do Rio Preto, 2012.

RUBIO, C. F.; GONÇALVES, S. C. L. A fala do interior paulista no cenário da Sociolinguística brasileira: panorama da concordância verbal e da alternância pronominal. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 56, p. 1003-1034, 2012.

RUBIO, C. F.; GONÇALVES, S. C. L. Opções metodológicas para o estudo de fenômenos variáveis relacionados à 1ª pessoa do discurso. *Gragoatá* (UFF), v. 29, p. 161-182, 2010.

SALOMÃO, M. H. *A variação de pluralidade nas estruturas predicativas da variedade falada na região de São José do Rio Preto*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual Paulista - UNESP, São José do Rio Preto, 2010

SANTOS, R. M. A. *A alternância indicativo/subjuntivo em estruturas complexas*. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista - UNESP, São José do Rio Preto, 2005.

SARDINHA, T. B. “Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução”. In: Tagnin, S. E. O. (Org.). *Cadernos de Tradução: Corpora e Tradução*. Florianópolis: NUT, 2002, v. 1, n. 9, p. 15-59.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916]

SCHERRE, M. M. P. et al. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M.A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; YACOVENCO, L. C. Nós e a gente em quatro amostras do Português Brasileiro: revisitando a escala da saliência fônica. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, p. 428-457, 2018.

SEARA, I. C. A variação do sujeito “nós” e “a gente” na fala florianopolitana. *Organon*, v.14, n. 28/29, p.179-194, 2000.

SEVERO, C. G. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. *Rev. Concórdia*, Santa Catarina, Universidade do Contestado, número 9, 2008.

SEVERO, C. G. Estilo, variação e discurso. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. (Orgs.). *Variação estilística - reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. V.3. Florianópolis: Insular, p. 31-49, 2014.

SEVERO, C. G. Linguagem e sociedade: algumas reflexões sobre determinismo. *Ver. Working Papers em Linguística*, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, n. 8, 2004.

TARALLO, F. *A pesquisa sócio-lingüística*. São Paulo: Ática, 1991.

TAVARES, M. A. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E.M.; COELHO, I.L., SOUZA, C.M.N. (orgs.); *Variação estilística: reflexes teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014.

VIANNA, J.; LOPES, C. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VIANNA, J.; LOPES, C. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

VIANNA, J.B.S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

VIANNA, J.B.S. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes nós e a gente na cidade de Maceió/AL. *Rer. Matruga*, Rio de Janeiro, v.24, n.40, 2017.

VOTRE, S. J. Escolaridade. In: MOLLICA, M. C. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos. 2. ed. Rio de Janeiro-RJ: UFRJ, 1992, p. 51-58.

VOTRE, S. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M, C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

VOTRE, S., OLIVEIRA, M.R. *A Língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LHEMAN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, p. 95-195, 1968.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? *Letras de Hoje*: Porto Alegre, v. 42, n. 2, p.27-44, 2007.

ZILLES, A. M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v.17, n.1, p.19-53, 2005.